



MORGAN RICE

EM BUSCA DE HERÓIS

LIVRO #1 O ANEL DO FETICEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

EM BUSCA DE H E R Ó I S

(LIVRO #1 O ANEL DO FEITICEIRO)

Morgan Rice

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série de Best-seller #1 - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); a série número um de vendas, O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, checo e eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Amazon!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar www.morganricebooks.com faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter, permaneça em contato!

Crítica aclamada sobre Morgan Rice

“O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e florescentes relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia.”

--*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

“Rice faz um trabalho magnífico ao atrair você para a história desde o início, utilizando uma grande qualidade descritiva que transcende a mera imagem do cenário... Muito bem escrito e de uma leitura extremamente rápida.”

--*Black Lagoon Reviews* (referindo-se a *Turned*)

“Uma história ideal para jovens leitores. Morgan Rice fez um bom trabalho, dando uma interessante reviravolta na trama... Refrescante e original. As séries giram em torno de uma garota... Uma jovem extraordinária!... Fácil de ler, mas com um ritmo de leitura extremamente acelerado... Classificação 10 pelo MJ/DEJUS.”

--*The Romance Reviews* (referindo-se a *Turned*)

“Captou a minha atenção desde o início e eu não pude soltá-lo... Esta é uma história de aventura incrível que combina agilidade e ação desde o início. Você não encontrará nela nenhum momento maçante.”

--*Paranormal Romance Guild* (referindo-se a *Turned*)

“Carregado de ação, romance, aventura e suspense. Ponha suas mãos nele e apaixone-se novamente.”

--*Vampirebooksite.com* (referindo-se a *Turned*)

Uma ótima trama, este é especialmente o tipo de livro que lhe dará trabalho soltar à noite. O final é tão intrigante e espetacular que fará com que você queira comprar imediatamente o livro seguinte, só para ver o que acontecerá.

--*The Dallas Examiner* (referindo-se a *Loved*)

“Um livro que é um rival digno de CREPÚSCULO (TWILIGHT) e AS CRÔNICAS VAMPIRESCAS (VAMPIRE DIARIES) e que fará com que você deseje continuar lendo sem parar até a última página! Se você curte aventura, amor e vampiros este é o livro ideal para você!”

--*Vampirebooksite.com* (referindo-se a *Turned*)

“Morgan Rice mais uma vez mostra ser uma narradora extremamente talentosa... Esta narrativa atrairá uma grande variedade de público, incluindo os fãs mais jovens do gênero vampiro/fantasia. Terminou com uma situação de suspense tão inesperada que o deixará chocado.”

--*The Romance Reviews* (referindo-se a *Loved*)

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
- UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
- ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro #1)
- AMADA (Livro #2)
- TRAÍDA (Livro #3)
- DESTINADA (Livro #4)
- DESEJADA (Livro #5)
- PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)
- JURADA (Livro #7)
- ENCONTRADA (Livro #8)
- RESSUSCITADA (Livro #9)
- SUPLICADA (Livro #10)
- DESTINADA (Livro #11)

[Baixe agora livros de Morgan Rice books na Amazon !](#)

THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals





[Ouçã](#) o audiobook O ANEL DO FEITICEIRO!

Agora disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTunes](#)

Copyright © Morgan Rice 2012

Todos os direitos reservados. Exceto os permitidos, sujeitos à Lei de direitos autorais dos Estados Unidos de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida; distribuída; ou transmitida, em qualquer forma ou por qualquer meio; ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a prévia autorização da autora.

Este e-book é licenciado unicamente para seu usufruto pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Caso você deseje compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia extra para cada uma delas. Se você estiver lendo este livro sem o haver comprado, ou o mesmo não foi adquirido para seu uso exclusivo, por gentileza, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigada por respeitar o trabalho árduo desta autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes ou são o produto da imaginação da autora ou são utilizados ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

A imagem de capa é de propriedade de RazoomGame e usada sob licença da Shutterstock.com.

ÍNDICE

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

“Inquieta fica a cabeça que usa a coroa.”

—William Shakespeare
Henrique IV- Parte II

CAPÍTULO UM

O garoto estava no monte mais alto da parte baixa do campo no reino ocidental do Anel, fitando o Norte, observando os raios do primeiro sol nascente. Até onde sua vista alcançava se estendiam as colinas verdejantes e onduladas, como as corcovas dos camelos, descendo e subindo em uma série de vales e montes. Os primeiros raios ardentes e alaranjados do sol pairavam na névoa matinal, fazendo tudo reluzir, proporcionando à luz uma magia que combinava perfeitamente com o estado de ânimo do garoto. Ele raramente despertava assim tão cedo ou se aventurava a estar tão longe de casa — e nunca havia subido a tais alturas, já que sabia que isso despertaria a fúria de seu pai. Porém, nesse dia ele não se importava com isso. Nesse dia, ele desconsiderou os milhões de regras e obrigações que o tinham oprimido durante seus quatorze anos, já que esse dia era diferente. Era o dia em que o seu destino havia chegado.

O garoto — Thorgrin do Reino ocidental da província do Sul do clã McLeod — conhecido por todos, tal como ele gostava, simplesmente como Thor — era o caçula dos quatro filhos e o menos preferido por seu pai. Ele tinha ficado acordado a noite inteira, antecipando esse dia. Ele tinha dado voltas na cama, sem poder pregar os olhos, aguardando, desejoso, que os primeiros raios de sol despontassem. Visto que um dia como esse tomava lugar apenas a cada sete anos, caso ele o perdesse, teria de permanecer varado nessa vila, condenado a pastorear o rebanho de seu pai pelo resto da vida. Esse era um pensamento que ele simplesmente não podia suportar. Dia de alistamento. Era o dia no qual o exército real percorria a províncias e recrutava os voluntários para a legião do rei. Desde que Thor tivera consciência do mundo, ele não havia sonhado com outra coisa. Para ele, a vida significava apenas uma coisa: alistar-se no Exército Prata, a força de elite dos cavaleiros do rei, revestidos com as melhores armaduras e os mais seletos braços de todas as partes dos dois reinos. E ninguém poderia ingressar no Exército Prata, a menos que se unisse antes à Legião, a companhia de escudeiros, cujas idades variavam entre quatorze e dezenove anos de idade. A menos que alguém fosse filho de um nobre ou um guerreiro famoso, não havia outra maneira de unir-se à Legião.

O dia do alistamento era a única exceção, esse era um evento raro, ocorrido com pouca frequência, geralmente quando o contingente da Legião se reduzia e os seus homens percorriam a terra em busca de novos recrutas.

Todos sabiam que poucos plebeus tinham chance de ser selecionados e que apenas uns poucos realmente entrariam na Legião.

Thor estava lá, estudando o horizonte atentamente, à procura de qualquer sinal de movimento. Ele sabia que o Exército Prata teria de tomar a única rota para o seu vilarejo e ele seria o primeiro a detectá-lo. Seu rebanho de ovelhas protestava ao seu redor, elevando-se em um coro de grunhidos irritantes, pressionando-o a trazê-las de volta montanha abaixo onde o pasto era melhor. Ele tratou de bloquear o ruído e o fedor. Ele tinha de concentrar-se.

O que tinha tornado tudo isso suportável, durante todos esses anos de cuidar do rebanho, de ser o desprezado por seus pais e seus irmãos, de ser aquele com quem menos se importavam e o mais carregado com obrigações, era a ideia de que um dia ele deixaria este lugar. Um dia, quando o Exército Prata viesse, ele surpreenderia a todos aqueles que o haviam subestimado e seria selecionado. Em um só movimento, ele subiria a sua carruagem e diria adeus a todos eles.

O pai de Thor, é claro, nunca considerou seriamente que ele pudesse ser um candidato para a Legião; de fato, seu pai nunca o considerou um bom candidato para coisa alguma. Em vez disso, seu pai devotava todo seu carinho e afeto aos três irmãos mais velhos de Thor. O mais velho deles tinha dezenove anos e os outros dois tinham dezoito e dezessete anos respectivamente, sendo Thor três anos mais jovem que o seu irmão mais velho. Talvez, porque a diferença de idade entre seus irmãos mais velhos era menor, ou talvez porque eles se pareciam muito entre si e em nada se pareciam a Thor, os três irmãos eram muito unidos, raramente estavam conscientes da existência de Thor.

Para piorar as coisas, eles eram altos, fornidos e mais fortes do que ele. Thor sabia que ele não era baixo, mas mesmo assim se sentia pequeno ao lado deles, sentia que suas pernas musculosas eram frágeis, comparadas com as pernas do tipo barril de carvalho de seus irmãos. Seu pai não fazia nada para retificar isso — na verdade, parecia desfrutar disso — delegando a Thor o cuidado do rebanho e o trabalho de afiar as armas, enquanto que seus irmãos tinham toda a permissão para treinar. Nunca se expressava isso abertamente, mas estava implícito que Thor passaria sua vida relegado;

sendo forçado a observar seus irmãos conquistar grandes coisas. Seu destino, no que dependesse de seu pai e de seus irmãos, era que ele permanecesse ali, engolido por seu vilarejo e provesse o necessário para satisfazer às demandas de sua família.

Pior ainda, era o fato contraditório de que Thor percebia que seus irmãos se sentiam ameaçados por ele, talvez até mesmo o odiassem. Thor podia ver isso em cada um dos seus olhares, em cada um dos seus gestos. Ele não entendia como, mas ele despertava algo como temor ou ciúmes em seus irmãos. Talvez fosse porque ele era muito diferente deles, não se parecia fisicamente com eles, não falava da mesma maneira que eles; ele nem mesmo se vestia igual a eles; seu pai sempre reservava o melhor — as túnicas de cor púrpura e vermelha — as armas mais reluzentes para os seus irmãos — ao passo que a Thor só restava usar os mais ásperos dos trapos.

Mesmo assim, Thor fazia o melhor que podia com o que ele tinha, encontrando uma maneira de fazer com que suas roupas lhe servissem. Ajustou sua túnica com uma faixa ao redor dos seus quadris e agora que o verão havia chegado, ele cortou as mangas para permitir que seus braços tonificados fossem acariciados pela brisa.

Suas túnicas combinavam com calças de tecido áspero, seu único par, suas botas estavam feitas do couro de mais baixa qualidade, amarradas às suas pernas. O couro de suas botas dificilmente poderia se comparar ao couro dos calçados de seus irmãos, mas ele lhe servia. Thor usava a típica vestimenta de um pastor.

Porém sua postura dificilmente era a típica de um pastor. Thor se erguia alto e firme com o queixo orgulhoso e nobre, pômulos destacados e olhos cinza, parecendo um guerreiro fora do seu elemento. Seu cabelo liso e marrom caía em ondas em sua cabeça, por suas orelhas e detrás delas. Seus olhos brilhavam como um peixinho sob a luz.

Os irmãos de Thor tiveram permissão para dormir um pouco mais esta manhã, tomar um café da manhã farto, eles seriam enviados para a seleção com as melhores armas e a benção de seu pai. Thor, por outro lado nem sequer tinha permissão para se apresentar. Thor quis discutir esse assunto com seu pai, mas não teve êxito. Seu pai finalizou rapidamente a conversação, Thor não havia tentado abordar esta questão novamente. Simplesmente não era justo.

Thor estava determinado a rejeitar o destino que o seu pai havia traçado para ele: ao primeiro sinal da caravana real, ele correria até a sua casa, confrontaria o seu pai, e, gostando ele ou não, Thor se daria a conhecer aos homens do rei. Ele se postularia para seleção com os outros. Seu pai não poderia detê-lo. Sentia um nó no estômago só de pensar nisso.

Os primeiros raios de sol se elevaram bem alto e os segundos raios, de uma tonalidade verde menta, começaram a surgir, acrescentando uma capa de luz ao céu de cor púrpura. Foi quando Thor os viu.

Ele permaneceu erguido, cabelos arrepiados, eletrizado. Ali no horizonte surgia a silhueta turva de uma carruagem, suas rodas lançando poeira ao céu. Seu coração batia mais rápido quando outra apareceu; e logo, mais outra. Mesmo dali, as carruagens douradas cintilavam ao sol, como um peixe prateado ao saltar da água.

Para quando ele contou doze delas, já não pôde esperar mais. Seu coração batia descompassado no peito, esquecendo seu rebanho pela primeira vez na vida, Thor deu a volta e tropeadamente desceu a colina, determinado a não parar diante de nada até que ele pudesse dar-se a conhecer.

*

Thor quase não parou para tomar fôlego, enquanto corria colina abaixo, através das árvores, cujos galhos o arranhavam sem que ele se importasse. Ele chegou a uma clareira e viu sua aldeia que se estendia abaixo: uma cidade pacata com casas de apenas um andar, feitas de argila, pintadas de branco e com tetos de palha. Não havia mais do que algumas dezenas de famílias entre elas. A fumaça subia das chaminés, visto que a maioria estava levantada desde cedo para preparar seu café da manhã. Era um lugar paradisíaco, longe o suficiente — um dia de viagem inteiro — de distância da corte do rei, para dissuadir os transeuntes. Era apenas mais uma aldeia agrícola na borda do Anel, outra engrenagem na roda do Reino Ocidental. Thor precipitou-se pela reta final irrompendo na praça da aldeia, levantando poeira enquanto prosseguia. Galinhas e cachorros fugiam de seu caminho. Uma mulher idosa, que estava do lado de fora de sua casa diante de um caldeirão de água borbulhante, murmurou algo para ele.

“Mais devagar, menino!” Ela gritou quando ele passou correndo, lançando poeira em seu fogo.

Porém, Thor não reduziria a marcha — nem por ela, nem por ninguém. Ele passou por uma rua, depois por outra, dobrando e virando em direção ao

caminho que ele sabia de cor, até que ele chegou em casa.

Era uma moradia pequena, modesta, como todas as outras, com suas paredes de argila branca e telhado de palha em ângulo. Como todas as demais, seu espaço único estava dividido, seu pai dormia em um lado e seus três irmãos do outro; a diferença das demais casas, a dele tinha um pequeno galinheiro nos fundos, e ali Thor foi exilado para dormir. A princípio ele dormia em um beliche com seus irmãos; mas com o tempo, eles tinham se tornado maiores; mais cruéis e mais seletivos e armaram toda uma cena para privá-lo de seu espaço. Thor tinha sido ferido, mas agora ele apreciava seu próprio espaço, preferindo ficar longe da presença deles. O incidente apenas confirmou o que ele já sabia: que ele havia sido desterrado por sua família.

Thor correu para a porta da frente e irrompeu por ela sem parar.

“Pai!” Ele gritou, tentando recuperar o fôlego. “O Exército Prata! Eles estão chegando!”

Seu pai e três irmãos estavam sentados curvados sobre a mesa do café, já vestidos com suas melhores vestes. Ao ouvir suas palavras pularam e correram atrás dele, esbarrando entre si enquanto corriam para fora da casa em direção à estrada.

Thor seguiu-os para fora e todos ficaram ali olhando o horizonte.

“Não vejo ninguém.” Drake, o mais velho, respondeu com sua voz grave. Com os ombros mais fortes, o cabelo cortado curto como seus irmãos, olhos castanhos e lábios finos cheios de desaprovação, ele fez uma careta para Thor, como de costume.

“Nem eu.” Ecoou Dross, apenas um ano mais novo que Drake, mas sempre tomando seu partido.

“Eles estão vindo!” Thor gritou de volta. “Eu juro!”

Seu pai virou-se para ele e agarrou-lhe os ombros severamente.

“E como é que você sabe?” Ele exigiu...

“Eu os vi.”

“Como? Desde onde?”

Thor hesitou; seu pai o havia apanhado. Ele sabia, é claro, que o único lugar desde onde Thor poderia ter avistado o Exército Prata era o topo da colina. Agora, Thor estava inseguro sobre o que responder.

“Eu subi a colina.”

“Com o rebanho? Você sabe que ele não deve ir tão longe.”

“Mas hoje era diferente. Eu tinha de ver.”

O pai disse rispidamente.

“Vá para dentro de uma vez e traga as espadas de seus irmãos e lustre suas bainhas, para que elas se vejam o melhor possível, antes que cheguem os homens do rei.”

Seu pai, já farto dele, voltou-se para seus irmãos, que estavam todos na estrada olhando.

“Você acha que eles vão nos escolher?” Perguntou Durs, o mais novo dos três, um total de três anos à frente do Thor.

“Eles seriam tolos se não o fizessem.” Disse o pai deles. “Eles estão com poucos homens este ano. Deve ter ocorrido uma redução nas filas — ou do contrário eles não se incomodariam em vir. Fiquem alinhados, vocês três, mantenham seu queixo erguido e peito aberto. Não olhem para eles diretamente nos olhos, mas tampouco desviem o olhar. Sejam fortes e confiantes. Não demonstrem fraqueza. Se vocês quiserem estar na Legião do rei, vocês devem agir como se já estivessem nela.”

“Sim, Pai.” Seus três rapazes responderam em uníssono, ficando em posição.

Ele se virou e encarou Thor.

“O que você ainda está fazendo aí?” Ele perguntou. “Vá para dentro!”

Thor estava ali, indeciso. Ele não queria desobedecer a seu pai, mas tinha de falar com ele. Seu coração batia descompassado enquanto ele debatia isso. Ele decidiu que seria melhor obedecer, trazer as espadas e então, enfrentaria seu pai. Desobedecer abertamente a seu pai, não o ajudaria.

Thor correu para dentro de casa, cruzou pela parte de trás para o galpão de armas. Ele encontrou as três espadas de seus irmãos, objetos de culto de todos eles, coroadas com os melhores punhos de prata.

Ele correu para os seus irmãos, entregou a cada um uma espada, em seguida, virou-se para seu pai.

“O quê! Não estão polidas?” Disse Drake.

Seu pai virou-se para ele com desaprovação, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Thor falou.

“Pai, por favor. Eu preciso falar com você!”

“Eu lhe disse para polir.”

“*Por favor, Pai!*”

O pai o olhou de volta, vacilante. Ele deve ter visto a seriedade no rosto de Thor, porque, finalmente, disse, “E então?”

“Eu quero me alistar com os outros... Na Legião.”

Seus irmãos, atrás dele, caíram na risada fazendo com que seu rosto ficasse vermelho, ardendo de raiva...

Mas seu pai não riu; ao contrário, sua carranca se fechou mais ainda.

“Você quer mesmo?” Ele perguntou.

Thor assentiu vigorosamente com um movimento de cabeça.

“Tenho 14 anos. Eu sou elegível.”

“A idade mínima é quatorze anos.” Drake disse com desprezo, por cima do ombro. “Se eles o aceitassem, você seria o mais jovem. Você acha que eles escolheriam você em lugar de mim, alguém que é cinco anos mais velho do que você?”

“Você é um insolente.” Disse Durs. “Sempre foi.”

Thor virou-se para eles e disse: “Eu não estou perguntando para vocês.”

Ele voltou-se para seu pai, que ainda estava carrancudo.

“Pai, por favor.” Ele disse. “Permita-me ter uma chance. Isso é tudo que eu peço. Eu sei que sou jovem, mas eu vou me pôr à prova ao longo do tempo.”

Seu pai abanou a cabeça.

“Você não é um soldado, rapaz. Você não é como seus irmãos. Você é um pastor. Sua vida está aqui. Comigo. Você vai cumprir com suas obrigações e cumpri-las bem. Ninguém deve sonhar alto demais. Abrace a sua vida e aprenda a amá-la.”

Thor sentiu seu coração partir quando viu sua vida desmoronar diante de seus olhos.

Não, ele pensou. Isso não pode ser verdade.

“Mas, Pai!...”

“Silêncio!” Ele deu um grito tão agudo que cortou o ar. “Já tive suficiente. Aí vêm eles. Fique fora do caminho e melhore suas maneiras enquanto eles estiverem aqui.”

Seu pai se aproximou e com uma mão empurrou Thor para o lado, como se ele fosse um objeto que era melhor não ser visto. Sua palma corpulenta espetou o peito de Thor.

Um grande estrondo se ouviu, os habitantes debandaram de suas casas, ganhando as ruas. Uma nuvem de poeira crescente anunciava a caravana, momentos depois, chegou uma dúzia de carruagens puxadas por cavalos, fazendo um barulho como o de um grande trovão.

Eles chegaram à cidade como um exército repentino, parando perto de casa de Thor. Os seus cavalos, empinando no lugar, bufando. Levou muito tempo para que a nuvem de poeira assentasse. Thor ansiosamente tentava vislumbrar suas armaduras, suas armas. Ele nunca tinha estado tão perto do Exército Prata antes e seu coração batia acelerado.

O soldado que cavalgava sobre o garanhão cor de chumbo desmontou. Ali estava ele, um membro real do Exército Prata, coberto com sua cota de malha com seus elos brilhantes, uma longa espada em seu cinto. Ele parecia estar na casa dos trinta, um homem de verdade, barba por fazer, cicatrizes no rosto e um nariz quebrado durante alguma batalha. Ele era o homem mais substancial que Thor já tinha visto — duas vezes maior do que os outros — com um semblante que indicava que ele estava no comando.

O soldado saltou para a estrada de terra, as esporas tilintando quando ele se aproximou dos rapazes enfileirados.

Rapazes de todas as partes da vila permaneciam atentos, expectantes. Juntar-se ao Exército Prata significava uma vida de honra, de batalha, de renome, de glória — juntamente com terras, títulos e riquezas. Representava a melhor noiva, a terra mais seleta, uma vida de glória. Significava honra para sua família, e ingressar na legião era o primeiro passo.

Thor estudou as carruagens grandes, douradas, sabia que elas só podiam abrigar os muitos recrutas. Era um reino amplo e havia ainda muitas cidades para visitar. Ele engoliu em seco, dando-se conta de que suas chances eram ainda mais remotas do que ele pensava. Ele teria de vencer a todos esses outros rapazes — muitos deles eram consideráveis lutadores, juntamente com os seus três próprios irmãos. Ele foi invadido por um sentimento de abatimento.

Thor mal conseguia respirar enquanto o soldado passeava em silêncio, observando as linhas de candidatos. Ele começou do outro lado da rua, então lentamente fechou o círculo. Thor conhecia todos os outros rapazes, é claro. Ele também sabia que alguns deles secretamente não queriam ser escolhidos, mesmo que suas famílias desejassem enviá-los. Eles estavam com medo; eles não dariam bons soldados.

Thor ardia de indignação. Ele sentia que merecia ser escolhido tanto quanto qualquer um deles. O fato de que seus irmãos fossem mais velhos, maiores e mais fortes não significava que ele não tivesse direito de

apresentar-se e de ser escolhido. Ele ardia de ódio por seu pai e quase saltou de sua pele quando o soldado se aproximou.

O soldado parou, pela primeira vez, diante de seus irmãos. Olhou para eles de cima a baixo e parecia impressionado. Ele estendeu a mão, pegou uma das suas bainhas e a arrancou, como se quisesse testar que tão firme estava.

Ele abriu um sorriso.

“Você ainda não usou sua espada em uma batalha, não é mesmo?” Ele perguntou a Drake.

Thor viu Drake nervoso pela primeira vez em sua vida. Drake engoliu em seco.

“Não, meu senhor. Mas eu usei muitas vezes em práticas e espero que...”

“*Em prática!*”

O soldado rugiu com um riso e virou-se para os outros soldados que se juntaram, rindo da cara de Drake.

Drake virou vermelho como um tomate. Era a primeira vez Thor o via tão envergonhado — normalmente, era Drake quem fazia com que os outros se sentissem envergonhados.

“Bem, então eu certamente direi aos nossos inimigos para temerem você — você que empunha sua espada *em práticas!*”

A multidão de soldados riu novamente.

O soldado, em seguida, dirigiu-se aos outros irmãos de Thor.

“Três rapazes do mesmo estoque.” Ele disse, esfregando a barba em seu queixo. “Isso pode ser útil. Todos são de bom tamanho, embora sem experiência. Vocês vão precisar de muito treinamento se quiserem avançar as etapas.”

Ele fez uma pausa...

“Acho que podemos encontrar lugar.”

Ele assentiu com a cabeça em direção ao vagão traseiro.

“Entrem e sejam rápidos. Antes que eu mude de ideia.”

Os três irmãos de Thor correram para o transporte, radiantes. Thor notou que seu pai estava radiante também.

Mas ele estava cabisbaixo, ao vê-los partir.

O soldado virou-se e foi em direção a próxima casa. Thor já não pôde aguentar mais.

“Senhor!” Thor gritou.

Seu pai se virou e olhou para ele, mas Thor já não se importava.

O soldado parou de costas para ele e virou-se lentamente.

Thor deu dois passos à frente, seu coração batia descompassado, estufou o peito tanto como lhe era possível.

“Não fui levado em consideração, Senhor.” Disse ele.

O soldado, atônito, olhou Thor de cima a baixo como se tivesse contado uma piada.

“É mesmo?” Ele perguntou e explodiu em uma gargalhada.

Seus homens caíram na risada também. Mas Thor não se importou... esse era o seu momento. Era agora ou nunca.

“Eu quero me juntar à Legião!” Disse Thor.

O soldado avançou em direção de Thor.

“Agora?”

Ele parecia divertido.

“E você, por acaso, já chegou a cumprir quatorze anos?”

“Eu cumpri senhor. Há duas semanas...”

“*Há duas semanas!*”

O soldado quase chorou de rir e o mesmo sucedeu com os homens que estavam atrás dele.

“Nesse caso, nossos inimigos certamente tremerão de medo simplesmente ao ver você.”

Thor sentiu-se queimando de raiva. Ele tinha de fazer algo. Não podia deixar que tudo acabasse assim. O soldado se virou para ir embora — mas Thor não podia permitir isso.

Thor deu um passo à frente e gritou: “Senhor! O senhor está cometendo um erro!”

Um suspiro de horror se espalhou através da multidão, no momento em que o soldado parou e virou-se lentamente, mais uma vez.

Agora ele estava carrancudo.

“Garoto estúpido.” Seu pai disse, agarrando Thor pelo ombro. — “Volte para dentro!”

“Eu não vou!” Gritou Thor, tentando se desvencilhar de seu pai.

O soldado deu um passo em direção de Thor e seu pai retrocedeu.

“Você sabe qual é o castigo por insultar o Exército Prata?” O soldado perguntou com rispidez.

O coração de Thor batia forte, mas ele sabia que não podia recuar.

“Por favor, perdoe-o, Senhor.” Rogou seu pai. “Ele é ainda é uma criança e...”

“Eu não estou falando com você.” Disse o soldado. Com um olhar fulminante que forçou o pai de Thor a recuar.

O soldado voltou-se novamente para Thor.

“Responda-me!” Disse ele.

Thor engoliu saliva, incapaz de falar. Isso não era o que ele tinha tido em mente.

“Insultar o Exército Prata é insultar o próprio rei.” Thor disse humildemente, recitando o que ele tinha aprendido de memória.

“Sim.” Disse o soldado. “Isso significa que eu posso dar-lhe quarenta chicotadas, seu eu quiser.”

“Eu não desejo insultá-lo, senhor.” Disse Thor. “Eu quero apenas ser recrutado. Por favor! Tenho sonhado com isso toda a minha vida. Por favor! Deixe-me acompanhá-lo.”

O soldado olhou para ele e lentamente, sua expressão suavizou-se. Depois de um longo tempo, ele balançou a cabeça.

“Você é jovem, rapaz. Você tem um coração valente. Mas você não está pronto. Volte para nós quando você for desmamado.”

Ao dizer isso, ele se virou e saiu, mal olhou para os outros rapazes. Montou rapidamente em seu cavalo.

Thor, cabisbaixo, viu como a caravana punha-se em marcha; ela se foi tão rápido como tinha chegado.

A última coisa que Thor viu foi seus irmãos, sentados no fundo da última carruagem, olhando para ele com desaprovação e zombaria. Eles estavam sendo levados embora diante de seus olhos, para longe dali, para uma vida melhor.

Thor sentiu-se morrer por dentro.

Como a excitação em torno dele se desvaneceu, os aldeões regressaram às suas casas.

“Você percebe o quão estúpido você foi, garoto tolo?” O pai de Thor falou, agarrando seus ombros. “Você se dá conta de que poderia ter arruinado a oportunidade dos seus irmãos?”

Thor se desvencilhou das mãos de seu pai, seu pai o agarrou de volta e golpeou-lhe o rosto com as costas da mão.

Thor sentiu o ardor do golpe e olhou de volta para seu pai. Uma parte dele, pela primeira vez, na vida, quis revidar e bater em seu pai. Mas ele se conteve.

“Pegue minhas ovelhas e traga-as de volta. Já! E quando você voltar, não espere obter comida de mim. Você vai ficar sem jantar hoje à noite e vai pensar sobre o que você fez.”

“Talvez eu não volte nunca mais!” Thor gritou quando ele se virou e saiu para longe de sua casa, em direção as colinas.

“Thor!” seu pai gritou. Alguns dos moradores que tinham permanecido na estrada, pararam e assistiram à cena.

Thor acelerou o passo, logo começou a correr desejando distanciar-se desse lugar o máximo possível. Mal se dava conta de que estava chorando, as lágrimas estavam inundando o seu rosto, pois todos os sonhos que ele havia abrigado tinham sido despedaçados.

CAPÍTULO DOIS

Thor vagou por horas nas colinas, furioso, até que finalmente ele escolheu uma delas e sentou-se, com os braços cruzados ao redor de suas pernas, observando o horizonte. Ele observava as carruagens desaparecerem à distância e observava a nuvem de poeira que permaneceu atrás delas por horas.

Não haveria não mais visitas. Agora ele estava destinado a permanecer ali naquela aldeia por anos, aguardando outra oportunidade — se acaso, alguma vez, o Exército Prata regressasse e se seu pai lhe permitisse. Agora, seriam apenas ele e o pai, sós na casa, o pai dele certamente descarregaria toda a extensão da sua ira sobre ele. Ele continuaria a ser o laçao do pai, os anos passariam e Thor acabaria como ele, preso ali, vivendo uma vida insignificante e servil — enquanto seus irmãos conquistavam glória e fama. As veias dele queimavam devido à indignação causada por tudo isso. Essa não era a vida que ele estava destinado a viver. Ele sabia disso muito bem.

Thor pensou desesperadamente em algo que pudesse ser feito, de que maneira ele poderia mudar sua situação. Porém, nada podia ser feito. As cartas da vida já estavam traçadas para ele.

Depois de estar sentado por horas, ele levantou-se desanimado e começou a percorrer seu caminho para o alto das colinas tão familiares, cada vez mais alto. Inevitavelmente, ele se afastou, voltando para o rebanho, para a colina mais alta. Enquanto ele subia, os primeiros raios de sol caíam no céu e logo os segundos atingiam o seu ponto alto, lançando um tom esverdeado. Thor tomou seu tempo enquanto caminhava descuidadamente, retirando seu estilingue de sua cintura, sua laçada de couro bem desgastada por anos de uso. Ele enfiou a mão no saquinho amarrado ao seu quadril e tocou sua coleção de pedras, cada uma mais suave do que a outra, escolhidas a dedo nos mais seletos riachos. Às vezes, ele atirava em pássaros; outras vezes em roedores. Era um hábito que ele tinha assimilado com os anos. A princípio ele errava o alvo sempre; então, uma vez, ele acertou um alvo em movimento. Desde então, sua pontaria era certa. Agora, arremessar pedras tornara-se uma parte dele — e isso ajudava a descarregar a sua raiva. Seus irmãos poderiam ser capazes de

cortar um tronco com a espada — mas eles nunca poderiam abater com uma pedra, um pássaro em pleno voo.

Thor descuidadamente colocou uma pedra na atiradeira, inclinou-se e atirou-a com todas as suas forças, fingindo que ele estava atirando no pai dele. Ela atingiu o galho de uma árvore distante, destroçando-o por completo. Uma vez que ele tinha descoberto que realmente podia matar animais em movimento, ele tinha parado de apontar para eles, com medo do seu próprio poder, já que não desejava causar-lhes nenhum dano; seus alvos agora eram os galhos. A não ser, é claro, quando raposas perseguiriam seu rebanho. Ao longo do tempo, elas aprenderam a tomar distância e as ovelhas do Thor, como resultado, eram as mais seguras da aldeia.

Thor pensou em seus irmãos, em por onde eles estariam agora e se enfureceu. Após um dia de viagem eles chegariam à corte do rei. Ele podia apenas imaginar isso. Ele os viu chegando com grande alarde, as pessoas com seus melhores trajes, cumprimentando-os. Os guerreiros saudando-os, os membros do Exército Prata. Eles seriam admitidos, receberiam um lugar para morar no quartel da Legião, um lugar para treinar nos campos do rei usando as melhores armas. Cada um seria nomeado escudeiro de um famoso cavaleiro. Um dia, eles mesmos se tornariam cavaleiros, com seu próprio cavalo, seu próprio brasão de armas e teriam os seus próprios escudeiros. Eles participariam de todos os festivais e jantariam à mesa do rei. Era uma vida encantadora. E tinha escorregado das mãos dele.

Thor se sentia fisicamente doente e tentou tirar tudo isso da sua mente. Mas ele não podia. Havia uma parte dele, uma parte bem no seu íntimo, que gritava para ele. Ela dizia-lhe para não desistir, que ele tinha um destino melhor do que esse. Ele não sabia ainda qual era, Mas ele sabia que seu destino não estava ali. Ele sentia que era diferente. Talvez até mesmo especial. Que ninguém o compreendia. E que todos eles o subestimavam.

Thor alcançou a colina mais alta e viu seu rebanho. Bem treinadas, as ovelhas estavam ainda todas reunidas, remoendo satisfeitas qualquer grama que encontrassem. Ele as contou, olhando para as marcas vermelhas que ele tinha feito em suas costas. Ele congelou quando terminou de contar... Faltava uma ovelha.

Ele contou uma vez trás outra. Ele não podia acreditar: uma se havia ido.

Thor nunca tinha perdido uma ovelha antes e o pai dele nunca iria deixá-lo viver com isso. Pior ainda, Thor odiava a ideia de ter uma de suas

ovelhas perdidas, sozinha, vulnerável no ermo. Ele odiava ver uma criatura inocente sofrer.

Thor correu para o topo da colina e perscrutou o horizonte até que ele avistou, lá longe, a várias colinas de distância: a ovelha solitária, com a marca vermelha nas costas. Era a selvagem do grupo. O coração dele se agitou quando ele percebeu que a ovelha, não só tinha fugido como também tinha escolhido entre todos os lugares, ir para oeste, para Darkwood.

Thor engoliu em seco. Darkwood era um lugar proibido — não só para os ovinos, mas também para os seres humanos. Localizava-se além dos limites da aldeia e do tempo de caminhada, Thor sabia que não deveria aventurar-se a ir ali. Ele nunca tinha ido. Ir ali, segundo a lenda, significava uma morte certa em seus bosques impenetráveis e repletos de animais ferozes.

Thor olhou para o céu que ia escurecendo e debatia. Ele não podia abandonar sua ovelha. Ele imaginou que se pudesse mover-se rápido, ele podia recuperá-la a tempo.

Depois de um último olhar para trás, ele deu a volta e começou a correr indo para o oeste, para Darkwood. Espessas nuvens se formavam nos céus acima. Ele se sentia totalmente abatido, mesmo assim suas pernas pareciam carregá-lo por conta própria. Ele sentia que já não havia mais volta, mesmo que ele quisesse.

Era como ir em direção a um pesadelo...

*

Thor se apressou em descer uma série de colinas, sem parar, sob o dossel espesso da vegetação de Darkwood. As trilhas terminavam onde o bosque começava e ele penetrou no território ainda não demarcado, folhas secas estalavam sob seus pés.

No instante em que ele entrou no bosque que ele foi envolvido pelas trevas, a luz estava bloqueada por imponentes pinheiros. Era mais frio ali dentro também e quando ele cruzou o limiar, ele sentiu um calafrio. Não foi apenas devido à escuridão, ou ao frio — foi devido a outra coisa. Uma coisa que ele não poderia nomear. Foi devido a uma sensação de... Estar sendo vigiado.

Thor olhou para cima, para os antigos galhos, retorcidos, mais robustos do que ele, balançando e rangendo com a brisa. Ele mal tinha dado cinquenta passos pelo bosque quando começou a ouvir ruídos estranhos de animais. Ele se virou e quase não podia ver a abertura pela qual ele tinha

entrado; ele já tinha a sensação de que talvez não pudesse mais sair dali... Ele hesitou.

Darkwood sempre se situou na periferia da cidade e na periferia da consciência do Thor, como algo profundo e misterioso. Qualquer pastor que tivesse perdido uma ovelha no bosque nunca se aventurara em buscá-la ali. Nem mesmo seu pai. Os contos sobre esse lugar eram muito tenebrosos, muito persistentes.

Mas hoje, havia algo diferente que fez com que Thor já não se importasse com isso, que o fez jogar toda a precaução ao vento. Uma parte dele queria ir além dos limites, ir para tão longe de casa quanto fosse possível e assim permitir que a vida o levasse para onde ela quisesse...

Aventurou-se mais longe e então fez uma pausa, incerto sobre qual rumo tomar. Ele notou as marcas dos galhos dobrados por onde sua ovelha devia ter passado e tomou essa direção. Depois de algum tempo, deu a volta novamente.

Antes que mais uma hora tivesse passado, ele já estava irremediavelmente perdido. Tentou lembrar a direção por onde tinha vindo — mas já não tinha certeza. Uma sensação esquisita apoderou-se de seu estômago, mas ele achou que a única saída era seguir adiante, de modo que seguiu em frente.

À distância, Thor viu um fecho de luz solar e o seguiu. Encontrou-se diante de uma pequena clareira, ele parou à beira dela assombrado — ele não podia acreditar no que estava diante de seus olhos.

Parado ali de pé, de costas para Thor, vestido com uma longa túnica de cetim azul, havia um homem. Não, não era apenas homem — Thor podia sentir isso de onde estava. Ele era muito mais do que isso. Um Druida, talvez. Ele permanecia alto e erguido, sua cabeça coberta por um capuz, perfeitamente tranquilo, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Thor não sabia o que fazer. Ele já tinha ouvido falar dos Druidas, mas nunca tinha encontrado um. Pelas marcas do seu manto e suas elaboradas terminações de ouro, dava para perceber que aquele não era um simples Druida: essas eram as marcas reais. Da corte do rei. Thor não podia compreender. O que fazia um Druida real ali?

Após o que parecia uma eternidade, o Druida, lentamente, virou-se e o encarou e quando ele o fez, Thor reconheceu sua face. Ela tirou-lhe o fôlego. Era um dos rostos mais famosos do Reino: o Druida pessoal do rei.

Argon, o conselheiro dos reis do Reino Ocidental há séculos. O que ele estava fazendo ali, longe da corte real, no centro de Darkwood, era um mistério. Thor se perguntou se ele podia imaginar isso.

“Seus olhos não o enganam.” Disse Argon, fitando Thor.

Sua voz era profunda, remota, como se falada pelas próprias árvores. Seus olhos grandes, translúcidos pareciam penetrar Thor, perscrutando-o. Thor sentiu uma intensa energia que provinha do Druida — era como se ele estivesse de pé, de frente para o sol.

Thor, imediatamente, dobrou um joelho e curvou sua cabeça.

“Meu senhor.” Disse. “Perdoe-me se eu o incomodei.”

O desrespeito para com o conselheiro do rei resultaria em prisão ou morte. Esse fato tinha sido inculcado em Thor desde o momento em que ele nasceu.

“Levante-se, filho!” Disse Argon. “Se eu quisesse que você se ajoelhasse, Eu teria lhe dito.”

Lentamente, Thor levantou-se e olhou para ele. Argon se aproximou de Thor. Ele parou e olhou fixamente para Thor, que começou a se sentir incômodo.

Argon disse-lhe: — “Você tem os olhos de sua mãe.”

Thor ficou totalmente surpreso. Ele nunca conheceu sua mãe e nunca tinha conhecido ninguém, além de seu pai, que a tivesse conhecido. Disseram-lhe que sua mãe havia morrido durante o parto, algo pelo qual Thor sempre tinha um sentimento de culpa. Ele achava que era por isso que sua família o odiava.

“Acho que está me confundindo com outra pessoa.” Disse Thor. “Eu não tenho mãe.”

“Não mesmo?” Argon perguntou com um sorriso. “Então você nasceu de um homem?”

“O que eu quero dizer, senhor, é que minha mãe morreu de parto. Eu acho que há um engano.”

“Você é Thorgrin, do clã McLeod. O caçula de quatro irmãos. O que não foi escolhido.”

Thor arregalou os olhos. Ele mal sabia o que pensar disso. Que alguém tão importante como Argon soubesse quem ele era — estava além de sua compreensão. Ele jamais imaginou que fosse conhecido por alguém de fora da sua aldeia.

“Como... Sabe de tudo isso?”

Argon sorriu novamente, porém não lhe respondeu.

Thor ficou subitamente cheio de curiosidade.

“Como...” Thor acrescentou, buscando as palavras certas “... Como sabe sobre minha mãe? O senhor a conheceu? Como ela era?”

Argon virou-se e afastou-se.

“Deixemos as perguntas para depois.” Disse ele.

Thor via-o afastar-se, perplexo. Era um encontro tão estonteante e misterioso e tudo estava sucedendo tão rápido. Ele decidiu que não podia deixar que Argon fosse embora e apressou-se em ir atrás dele.

“O que está fazendo aqui?” Thor perguntou, apressando o passo para alcançá-lo. Argon, usando seu cajado, uma coisa de marfim antiga, caminhava incrivelmente rápido. “O senhor não estava esperando por mim, estava?”

“Por quem mais?” Perguntou Argon.

Thor apressou-se em alcançá-lo, seguindo-o pelo bosque, deixando atrás a clareira.

“Mas por que eu? Como sabia que eu estaria aqui? O que quer de mim?”

“São perguntas demais.” Disse Argon. “Você satura o ar. Em lugar disso, você deveria ouvir.”

Thor o seguia, quando eles continuaram através do denso bosque, fazendo o melhor que podia para permanecer em silêncio.

“Você veio em busca de sua ovelha perdida.” Argon falou. “Um esforço nobre. Mas você perdeu seu tempo. Ela não sobreviverá.”

Os olhos de Thor se arregalaram.

“Como sabe isso?”

“Eu conheço mundos que você jamais conhecerá garoto. Pelo menos não ainda.”

Thor se perguntava muitas coisas enquanto caminhava para acompanhá-lo.

“No entanto, você não escuta. Essa é sua natureza. Teimoso. Como sua mãe. Você continuará buscando sua ovelha, determinado a regatá-la.”

Thor enrubesceu, já que Argon tinha lido os seus pensamentos.

“Você é um garoto entusiasta.” Ele acrescentou. “Com uma vontade de ferro. Muito valente. Qualidades positivas. Mas um dia elas poderão ser a sua ruína.”

Argon começou a caminhar até uma ladeira musgosa, seguido por Thor.

“Você quer se juntar a Legião do rei.” Disse Argon.

“Sim!” Thor respondeu, animadamente. “Eu tenho alguma chance? O senhor pode fazer com que isso aconteça?”

Argon riu com um som profundo e ecoante que enviou um arrepio pela espinha de Thor.

“Eu posso fazer com que tudo e nada aconteça. Seu destino já estava escrito. Porém depende de você escolhê-lo.”

Thor não compreendia.

Eles chegaram ao topo da ladeira, onde Argon parou e encarou-o. Thor ficou apenas a alguns passos de distância e a energia de Argon queimava através dele.

“Seu destino é um destino importante.” Ele disse. “Não o abandone.”

Thor arregalou os olhos. Seu destino? Importante? Ele sentiu encher-se de orgulho.

“Eu não entendo, o senhor fala por enigmas. Por favor, conte-me mais.”

Argon desapareceu.

Thor ficou de queixo caído. Ele olhava para cada um dos caminhos, ouvindo, perguntando-se. Tinha ele imaginado tudo? Havia sido uma ilusão?

Thor voltou-se e examinou o bosque; desde sua posição vantajosa, de cima da ladeira, ele podia enxergar mais longe que antes. Quando ele olhou, detectou movimento à distância. Ele ouviu um barulho e estava seguro de que era sua ovelha.

Ele caminhava com dificuldade na ladeira musgosa e apressou-se em direção do som, de volta ao bosque. Enquanto ele seguia, não podia interpretar seu encontro com Argon. Mal podia conceber que isso havia acontecido. O que o Druida do rei estava fazendo ali, naquele lugar? Ele tinha esperado por ele. Mas por quê? E o que ele quis dizer sobre o seu destino?

Quanto mais Thor tentava desvendar isso, menos ele entendia. Argon havia lhe avisado para não continuar, ao mesmo tempo em que o incitou a fazer isso. Agora, ao prosseguir Thor tinha um forte pressentimento, era como se algo importante estivesse para acontecer.

Ele virou uma curva e parou em seco na trilha, ao deparar com a vista diante dele. Todos os seus piores pesadelos foram confirmados em um único momento. Estava de cabelo em pé, percebeu que ele tinha cometido um erro grave a entrar tão profundamente em Darkwood.

Em frente dele, a escassos trinta passos de distância, estava um Sybold. Vigoroso, musculoso, de pé sobre as quatro patas, quase do tamanho de um cavalo, era o animal mais temido de Darkwood, talvez até de todo o reino. Thor nunca tinha visto um, Mas tinha ouvido as lendas. Se parecia a um leão, mas era maior, mais largo, sua pele era de uma cor escarlate profundo e seus olhos de um amarelo brilhante. Dizia a lenda que sua cor carmesim provinha do sangue de crianças inocentes.

Thor tinha ouvido falar de alguns avistamentos dessa fera, toda a sua vida e mesmo assim, se pensava que eram duvidosos. Talvez fosse porque ninguém nunca realmente tinha sobrevivido a um encontro. Alguns consideravam Sybold como o deus dos bosques, ou um presságio. Sobre qual era o presságio, Thor não tinha a menor ideia.

Ele deu cuidadosamente um passo atrás.

O Sybold, suas mandíbulas enormes entreabertas, seus caninos gotejando saliva, devolveu o olhar com seus olhos amarelos. Em sua boca estava a ovelha perdida de Thor: balindo, pendurada de cabeça para baixo, a metade de seu corpo atravessada pelos caninos. Já quase morta. O Sybold parecia deleitar-se em matar, tomando seu tempo; parecia ter prazer em torturá-la.

Thor não pôde resistir aos gritos. A ovelha se retorcia indefesa e ele se sentia responsável.

O primeiro impulso de Thor foi dar a volta e correr, porém ele sabia que isso seria inútil. Essa besta poderia ultrapassar qualquer coisa. Correr iria apenas provocá-la. E ele não podia permitir que sua ovelha morresse assim.

Ele ficou congelado de medo e sabia que de algum modo tinha de entrar em ação.

Seus reflexos se apoderaram dele. Ele lentamente se inclinou e da bolsa dele, extraiu uma pedra, colocando-a em sua atiradeira. Com a mão trêmula a enrolou, deu um passo adiante e atirou.

A pedra navegou pelo ar e alcançou seu objetivo. Um tiro perfeito. Atingiu a ovelha em seu globo ocular, indo direto para seu cérebro.

A ovelha se desvaneceu. Morta. Thor tinha poupado o animal de seu sofrimento.

O Sybold olhava enfurecido porque Thor havia matado seu brinquedo. Ele lentamente abriu suas imensas mandíbulas e soltou a ovelha, que caiu com um baque no chão da floresta. Então o Sybold pôs seus olhos em Thor.

Ele rugiu, era um profundo e maligno som que procedia da sua barriga.

Quando se dirigiu para atacá-lo, Thor, com o coração batendo forte, colocou outra pedra em seu estilingue, retrocedeu e se preparou para disparar mais uma vez.

O Sybold irrompeu a correr, movendo-se mais rápido do que qualquer coisa Thor já tinha visto em sua vida. Thor deu um passo à frente e atirou a pedra, rogando para que ela acertasse, sabendo que não teria tempo de atirar outra antes que a fera o alcançasse.

A pedra atingiu o olho direito da fera, estraçalhando-o. Foi um tremendo lançamento, do tipo que deixaria um animal menor abatido.

Mas esse não era nenhum animal menor. A fera era imparável. Urrava pelo dano sofrido, Mas nunca sequer abrandou. Mesmo sem um olho, mesmo com a pedra alojada em seu cérebro, continuou a investir despreocupadamente contra Thor. Não havia nada que Thor pudesse fazer.

Um momento depois, a fera estava sobre ele. Acabou com suas enormes garras golpeando seu ombro.

Thor gritava. Era como se três facas estivessem cortando sua carne ao mesmo tempo, o sangue quente jorrava dela imediatamente.

A besta o derrubou no chão, apoiando suas quatro patas sobre ele. Seu peso era imenso, era como ter um elefante sobre seu peito. Thor sentia que sua caixa torácica se esmagaria.

A besta jogou sua cabeça para trás, abriu bem as mandíbulas enormes, exibindo seus caninos e começou a baixá-los em direção à garganta de Thor.

Quando ela fez isso, Thor estendeu a mão e agarrou seu pescoço; era como agarrar um sólido músculo. Thor mal podia aguentar. Seus braços começaram a tremer quando as presas desceram ainda mais. Ele sentiu o hálito quente da fera em sua cara. Sentiu a saliva gotejando pelo seu pescoço. Um barulho veio de dentro do peito do animal, queimando as orelhas do Thor. Ele sabia que morreria.

Thor fechou os olhos.

Por favor, Deus. Dá-me forças. Permite-me lutar contra esta criatura. Por favor. Eu te imploro. Eu farei qualquer coisa que me pedires. Eu estarei sempre em dívida.

E então algo aconteceu. Thor sentiu um calor tremendo brotar de dentro de seu corpo, correndo em suas veias como um campo de energia fluindo através dele. Ele abriu os olhos e viu algo que o surpreendeu: das palmas de suas mãos emanava uma luz amarela e com elas ele empurrou para trás a

garganta da fera, inacreditavelmente, ele foi capaz de igualar sua força e mantê-la à margem. Thor continuou a empurrar até que ele na verdade estava empurrando a fera para trás. Sua força crescia e ele sentiu a energia disparar como uma bala de canhão — instantes mais tarde, a besta saiu voando para trás, Thor, tinha enviado-a a uma distância de uns trinta metros. Ela caiu de costas.

Thor sentou-se, ainda não compreendia o que tinha acontecido...

A besta recuperou-se e ficou de pé. Então, em um acesso de ira, arremeteu novamente — Mas dessa vez, Thor se sentia diferente. A energia fluía através dele; sentiu-se mais poderoso do que ele jamais tinha sido.

Quando a fera saltou no ar, Thor agachou-se, agarrou-a pela barriga e jogou-a pelos ares, deixando seu próprio ímpeto propulsá-la.

A fera voou através do bosque, colidiu com uma árvore e desabou no chão.

Thor olhava, espantado. Ele tinha acabado de arremessar um Sybold?

A fera piscou duas vezes, então olhou para Thor, levantou-se e investiu novamente.

Dessa vez, quando a besta atacou, Thor agarrou-a pela garganta. Ambos caíram no chão, a besta em cima de Thor. Mas Thor rolou e ficou em cima dela. Thor a sujeitou, esganando-a com ambas as mãos; a besta continuou tentando levantar a cabeça e cravar suas presas nele. Mas falhou. Thor, sentindo uma nova força, aferrou suas mãos e não a deixou livrar-se. Ele deixou o curso de energia seguir através dele. E logo, surpreendentemente, ele sentiu-se mais forte do que a fera.

Ele estava estrangulando o Sybold até a morte. Finalmente, a besta se extinguiu.

Thor não a largou antes que passasse mais um minuto.

Ele levantou-se lentamente, sem fôlego, olhando para baixo, olhos arregalados, sustentando seu braço ferido. O que havia acabado de acontecer? Teria ele, Thor, realmente matado um Sybold?

Ele sentiu que era um sinal, desse dia e de todos os dias vindouros. Ele sentiu que algo memorável tinha acontecido. Ele tinha acabado de matar a fera mais famosa e temível de seu Reino. Sozinho. Desarmado. Não parecia verdade. Ninguém iria acreditar nele.

Ele sentiu o mundo girar enquanto se perguntava que classe de poder havia tomado conta dele, o que isso significava; quem ele realmente era... As únicas pessoas conhecidas que possuíam um poder assim eram os

Druidas. Mas seu pai e sua mãe não eram Druidas, Então ele não poderia ser um.

Ou poderia?

Sentindo a presença de alguém atrás dele, Thor virou-se e viu Argon ali parado, olhando para o animal. “Como chegou aqui?” Thor perguntou, espantado...

Argon ignorou-o.

“Você presenciou o que aconteceu?” Thor perguntou ainda descrente. “Eu não sei como consegui fazer isso.”

“Mas você sabe.” Argon respondeu. “Bem no fundo, você sabe. Você é diferente dos outros.”

“Foi como... uma onda de energia.” Disse Thor. “Como uma força que eu não sabia que tinha.”

“O campo de energia.” Disse Argon. “Um dia você irá conhecê-lo muito bem. Você até mesmo poderá aprender a controlá-lo.”

Thor apertou o ombro; a dor era insuportável... Ele olhou para baixo e viu sua mão, coberta de sangue. Ele se sentia um pouco tonto, preocupado com o que aconteceria se ele não conseguisse ajuda.

Argon deu três passos para frente, estendeu a mão, agarrou a mão livre de Thor e colocou-a firmemente na ferida. Ele a manteve ali, inclinou-se para trás e fechou os olhos.

Thor sentiu uma cálida sensação percorrer seu braço. Dentro de segundos, o sangue pegajoso da sua mão se secou e ele sentiu que sua dor começava a desaparecer.

Ele olhou para baixo e não compreendia isso: ele estava curado... Tudo o que restava eram três cicatrizes no lugar que havia sido cortado pelas garras — mas elas estavam fechadas e parecia que já tinham muitos dias. Não havia mais sangue.

Thor olhou para Argon com total espanto.

“Como fez isso?” Ele perguntou.

Argon sorriu.

“Eu não fiz. *Você* fez. Eu apenas guiei o seu poder.”

“Mas eu não tenho o poder de curar.” Thor respondeu perplexo.

“Não tem?” Argon replicou.

“Eu não entendo. Nada disso faz sentido.” Thor disse cada vez mais impaciente... “Por favor, diga-me.”

Argon desviou o olhar.

“Algumas coisas você deverá aprender ao longo do tempo.”

Thor pensou em algo.

“Isso significa que eu posso se unir à Legião do rei?” Ele perguntou, animadamente.

“Certamente, se eu posso matar um Sybold, então eu posso me sair bem junto com os outros meninos.”

“Certamente você pode.” Ele respondeu.

“Mas eles escolheram meus irmãos — eles não me escolheram...”

“Seus irmãos não poderiam ter matado esta fera.”

Thor olhou em volta, pensando.

“Mas eles já me rejeitaram... Como posso me juntar a eles?”

“Desde quando um guerreiro precisa de convite?” Argon perguntou.

Suas palavras mergulharam bem no íntimo de Thor. Thor sentiu seu corpo aquecer-se.

“Você está dizendo que eu deveria simplesmente aparecer? “Sem ser convidado?”

Argon sorriu.

“Você cria o seu destino. Os outros não o fazem.”

Thor piscou — e um momento depois, Argon já se havia ido. Outra vez.

Thor girou ao redor, olhando em todas as direções, mas não havia nenhum vestígio dele.

“Por aqui!” ouviu-se uma voz.

Thor se virou e viu uma enorme rocha diante dele. Ele sentiu que a voz vinha de lá em cima e imediatamente escalou a pedra gigantesca.

Ele subiu até o topo e ficou confuso ao não ver nenhum sinal de Argon.

Porém, desde essa posição vantajosa, ele era capaz de ver por cima das copas das árvores de Darkwood. Ele via onde terminava Darkwood, viu o segundo sol de um verde escuro e mais além, a estrada que levava até a corte do rei.

“Esse é o seu caminho.” Disse a voz. “Se você se atrever.”

Thor virou-se, mas não viu nada. Era só uma voz ecoando. Mas ele sabia que Argon estava, em algum lugar, incitando-o. E sentia, bem no fundo, que ele estava certo.

Sem hesitar por mais um momento, Thor desceu da rocha e tomou o rumo do bosque, em direção à estrada distante.

Ele corria para o seu destino.

CAPÍTULO TRÊS

O Rei MacGil — corpulento, o peito forte como um barril, de barba cinzenta e espessa, com a qual seu longo cabelo combinava perfeitamente e uma testa larga, marcada por muitas batalhas — estava de pé nas muralhas mais altas do seu castelo e ao lado dele estava a rainha, ele presenciava as florescentes festividades do dia. Os jardins reais se estendiam abaixo em toda a sua glória, chegando até onde a vista podia alcançar, uma cidade próspera, amuralhada por antigas fortificações de pedra. A Corte do Rei. Interligados por um labirinto de ruas sinuosas assentavam-se edifícios de pedras de todas as formas e tamanhos. — destinavam-se aos guerreiros, zeladores, cavalos, ao Exército Prata, à Legião, aos guardas do quartel, à Casa de Armas, ao arsenal — e entre eles, havia centenas de moradias para a multidão de pessoas que tinha escolhido viver dentro das muralhas da cidade. Entre essas ruas se estendiam hectares de grama, jardins reais, praças pavimentadas, fontes transbordantes. A corte do rei havia melhorado durante os séculos, graças a seu pai e ao pai dele — e encontrava-se agora no auge de sua glória. Sem dúvida, era agora a fortaleza mais segura no seio do Reino Ocidental do Anel.

MacGil foi abençoado com os melhores e mais leais guerreiros que qualquer rei já tinha conhecido e em sua vida, ninguém tinha ousado um ataque. O sétimo MacGil a ocupar o trono. Ele o havia ocupado bem por trinta e dois anos de reinado, tinha sido um rei bom e sábio. A terra tinha prosperado grandemente em seu reinado. Ele havia duplicado o seu exército, expandido suas cidades, brindando ao seu povo muitos benefícios e nem uma única reclamação poderia ser ouvida entre o seu povo. Ele era conhecido como o rei generoso e nunca tinha havido um período de graça e paz assim, desde que ele assumira o trono.

O que, paradoxalmente, era precisamente o que mantinha MacGil desperto à noite. Visto que MacGil conhecia sua história: em todas as épocas, nunca houve uma fase tão longa sem uma guerra. Ele já não se perguntava *se* haveria um ataque — mas quando ocorreria. E de quem seria.

A grande ameaça, claro, provinha de mais além dos limites do Anel, do império de selvagens que governava as regiões selvagens mais afastadas, os quais tinham subjugado todos os povos de fora do Anel, além do Canyon.

Para MacGil e as sete gerações anteriores a ele, os selvagens nunca representaram uma ameaça direta. Devido à geografia única de seu reino, em forma de perfeito círculo — um anel— separado do resto do mundo por um profundo desfiladeiro de uma milha de largura e protegido por um escudo de energia que tinha estado ativo desde que o primeiro MacGil governou. Eles tinham pouco a temer os selvagens. Eles tinham tentado atacar muitas vezes e penetrar o escudo, cruzar o desfiladeiro; nunca foram bem sucedidos. Enquanto ele e seu povo permanecessem dentro do Anel, não haveria nenhuma ameaça externa.

No entanto, isso não significava que não houvesse nenhuma ameaça interna. E isso era o que mantinha MacGil em vigília à noite, ultimamente. Esse, na verdade, era o propósito das festividades do dia de hoje: o casamento de sua filha mais velha. Um casamento arranjado especificamente para apaziguar seus inimigos, para manter a frágil paz entre os Reinos do lado Oriental e Ocidental do Anel.

Enquanto o Anel estendia-se por cerca de quinhentas milhas em cada sentido, estava dividido ao meio por uma cadeia de montanhas. As Highlands. Do outro lado das Highlands situava-se o Reino Oriental, o qual governava a outra metade do Anel. E esse reino, governado por séculos por seus rivais, os McClouds, sempre tentou quebrar sua frágil trégua com os MacGils. Os McClouds estavam descontentes, insatisfeitos com a sua sorte, convencidos de que as terras do seu lado do reino eram menos férteis. Eles contestaram as Highlands também, insistindo que toda a cadeia de montanhas lhes pertencia, quando pelo menos metade dela era propriedade dos MacGils. Havia atritos perpétuos na fronteira e constantes ameaças de invasão.

Quando MacGil ponderava sobre tudo isso, ele se irritava. Os McClouds deveriam estar felizes; eles estavam seguros dentro do Anel, protegidos pelo desfiladeiro; eles situavam-se em terras privilegiadas e não tinham nada a temer. Por que eles não podiam contentar-se com sua própria metade do Anel? Pela primeira vez na história, os McClouds não tinham ousado realizar um ataque, mas isso era apenas porque MacGil tinha constituído um exército muito poderoso. Porém MacGil, como rei sábio que era, sentia algo no horizonte; ele sabia que essa paz não poderia durar por muito tempo... Assim, ele tinha arranjado esse casamento: o de sua filha mais velha com o príncipe mais velho dos McClouds. E agora havia chegado o dia.

Quando ele olhou para baixo, viu espalhados milhares de súditos vestidos com túnicas coloridas, em grupos de todos os cantos do reino, de ambos os lados das Highlands. Praticamente todo o Anel afluía à suas fortificações. Seu povo tinha se preparado durante meses, ele mandou fazer tudo parecer próspero e forte. Esse não era apenas o dia de um casamento; era um dia para enviar uma mensagem para os McClouds.

MacGil supervisionou suas centenas de soldados alinhados estrategicamente ao longo das muralhas, nas ruas, ao longo dos muros, mais soldados do que ele jamais poderia precisar — e se sentiu satisfeito. Era a demonstração de força que ele desejava. Mas ele também se sentia a beira de um conflito; o ambiente estava carregado, pronto para uma escaramuça. Ele esperava que ninguém de cabeça quente, exaltado pela bebida, se levantasse em nenhum dos lados.

Ele examinou os campos de torneios, campos de jogos e pensou no dia seguinte, cheio de jogos, torneios e todos os tipos de festas. Eles seriam intensos. Os McClouds certamente apareceriam com o seu próprio pequeno exército e cada duelo, cada luta, cada competição, seria significativa. Se uma que fosse desse errado, ela poderia evoluir para uma batalha.

“Meu Rei?”

Ele sentiu uma mão macia sobre a sua e virou-se para ver a sua rainha, Krea, ainda a mulher mais bonita que já tinha conhecido. Sua devota esposa durante todo o seu reinado. Ela havia dado a luz a cinco filhos, entre eles três filhos homens e jamais havia feito uma queixa. Além disso, ela havia se tornado “o seu conselheiro” mais confiável. Com o passar dos anos, ele veio a reconhecer que ela era muito mais sábia que todos os seus homens. Na verdade, mais sábia do que ele mesmo.

“É um dia político”. Disse ela. “Mas também é o dia do casamento da nossa filha. Tente se divertir. Isso não vai acontecer duas vezes.”

“Eu me preocupava menos quando eu não tinha nada”. Ele respondeu. “Agora que temos tudo, tudo me preocupa. Estamos seguros. Mas eu não me sinto seguro.”

Ela olhou para ele com olhos compassivos, grandes e castanhos; eles pareciam possuir toda a sabedoria do mundo. Suas pálpebras caíram, como sempre faziam, fazendo-a parecer um pouco sonolenta, seu rosto estava emoldurado por seu belo cabelo liso castanho, já com alguns fios grisalhos, que caía dos dois lados do rosto. Ela tinha algumas linhas no rosto, mas não tinha mudado nem um pouco.

“Isso é porque você não está a salvo.” Ela disse. “Nenhum rei o está. Há mais espiões em nossa corte do que alguma vez vai querer saber. E é assim que as coisas são.”

Ela se inclinou, beijou-o e sorriu.

“Tente desfrutar.” Ela disse. “Depois de tudo é um casamento.”

Com isso, ela se virou e se afastou das muralhas. Ele observou-a ir, em seguida virou-se e olhou para sua corte. Ela estava certa; ela estava sempre certa. Ele queria se divertir. Ele amava sua filha mais velha e era um casamento depois de tudo. Era o dia mais bonito da época mais bonita do ano; o auge da primavera, com o amanhecer de verão; os dois sóis perfeitos no céu e a mais leve das brisas a soprar. Tudo estava em plena floração. As árvores em todos os lugares estavam banhadas em uma ampla paleta de rosas, roxos, laranjas e brancos.

Não havia nada que ele desejasse mais do que descer e sentar-se com os seus homens, ver sua filha se casar e beber litros de cerveja até não poder mais. Mas ele não podia. Ele tinha uma longa lista de deveres para cumprir, antes mesmo que pudesse pisar fora do seu castelo. Afinal de contas, o dia do casamento de uma filha representava obrigações para um rei: ele tinha de cumprir com o seu conselho; com seus filhos e com uma longa linha de suplicantes que tinham o direito de ver o rei neste dia. Ele teria sorte se pudesse deixar seu castelo a tempo para a cerimônia do pôr do sol.

*

MacGil estava vestido com seu melhor traje real: calças de veludo pretas; um cinto de ouro; uma túnica real feita da mais fina seda púrpura e ouro; um manto branco; botas de couro brilhantes cobrindo até suas panturrilhas e usando sua coroa de ouro ornamentada com um grande conjunto de rubis no centro. Ele desfilou pelos corredores do castelo, ladeado por seus servos. Caminhou através das salas uma após outra, descendo as escadas do parapeito, cruzando seus aposentos reais através do grande salão abobadado, com seu teto elevado e painéis de vitrais. Finalmente, ele chegou a uma porta de carvalho antigo, grossa como um tronco de árvore, que foi aberta por seus assistentes antes que ele ingressasse. A Sala do Trono.

Seus conselheiros ficaram atentos quando MacGil entrou, batendo a porta atrás de si.

“Sentem-se.” Ele disse, de maneira mais abrupta do que o habitual. Ele estava cansado, especialmente nesse dia, das formalidades sem fim de

governar o Reino e hoje queria acabar com elas rápido.

Ele caminhou através da sala do trono, que nunca deixava de impressioná-lo. Seus tetos se elevavam a cinquenta metros de altura, uma parede inteira de vitrais, pisos e paredes feitos de pedras de trinta centímetros de espessura. A sala poderia facilmente alojar uma centena de dignitários. Mas em dias como hoje, quando seu Conselho o convocava, era só ele e um punhado de conselheiros no cenário cavernoso. A sala era dominada por uma vasta mesa em forma de semicírculo, atrás da qual seus conselheiros se encontravam sentados.

Ele desfilou pelo meio da ala, em direção ao seu trono. Subiu os degraus de pedra, passou pelos leões dourados esculpidos e afundou-se na almofada de veludo vermelho que revestia o trono, feito inteiramente de ouro. Seu pai havia se sentado naquele trono, como também tinha feito o pai *dele* e todos os MacGils antes dele. Quando se sentou, MacGil sentiu o peso de seus ancestrais, de todas as gerações, sobre ele.

Ele supervisionou os assessores presentes. Ali estava Brom, seu general e seu assessor em assuntos militares; Kolk, o general da Legião dos rapazes; Aberthol, o mais velho do grupo, um estudioso e historiador, mentor dos reis por três gerações; Firth, seu assessor dos assuntos internos da corte, um homem magro com cabelo curto cinza e olhos fundos que nunca ficavam quietos. Firth não era um homem em quem MacGil tivesse confiança e ele nunca entendeu seu título. Mas o pai dele e o rei seu avô, mantiveram um assessor para assuntos da corte e então ele o manteve no cargo por respeito a eles. Havia Owen, seu tesoureiro; Bradaigh, seu assessor de assuntos externos; Earnan, o cobrador de impostos; Duwayne, seu assessor para as massas; e Kelvin, o representante dos nobres.

É claro que o rei tinha autoridade absoluta. Mas o seu reino era liberal e seus pais sempre tinham tido orgulho em permitir que os nobres tivessem voz em todos os assuntos, por intermédio do seu representante. Tinha sido historicamente um equilíbrio de poder desconfortável entre a realeza e os nobres. Agora havia harmonia, mas durante outras épocas houve revoltas e lutas de poder entre os nobres e a realeza. Era um bom equilíbrio. Quando MacGil inspecionou a sala notou que faltava alguém: o próprio homem com quem ele mais desejava falar, Argon. Como de costume, quando e onde ele apareceria não se podia dizer com precisão. Ele enfurecia MacGil infinitamente, mas ele não tinha escolha a não ser aceitá-lo. A maneira dos Druidas era inescrutável para ele. Sem ele presente, MacGil sentia ainda

mais pressa. Ele queria passar por isso rápido, chegar aos milhares de outras coisas que o esperavam antes do casamento.

O grupo de conselheiros sentou-se de frente para ele em volta da mesa semicircular, distribuídos a cada dez metros, cada qual, sentado em uma cadeira de carvalho antigo com braços de madeira finamente esculpidos.

“Vossa Majestade, me permite começar?” Owen indagou.

“Tem minha permissão. E seja breve. Meu tempo é curto hoje.”

“Vossa filha vai receber um grande número de presentes hoje, com os quais esperamos encher vossos cofres. Milhares de pessoas pagam tributo, apresentando pessoalmente presentes para Vossa Majestade, além de encher nossos bordéis e tabernas, isso encherá os cofres do reino também. E ainda assim, a preparação para as festividades de hoje vão esgotar uma boa parte do tesouro real. Eu recomendo um aumento sobre o imposto dos plebeus e sobre o dos nobres. Um imposto único, para aliviar as pressões desse grande evento.”

MacGil viu a preocupação no rosto do seu tesoureiro e seu estômago encolheu-se diante da ideia de redução do tesouro. Contudo, ele não aumentaria os impostos novamente.

“É melhor ter súditos leais, mesmo com um tesouro pobre.” MacGil replicou. “Nossas riquezas provêm da felicidade dos nossos súditos. Nós não devemos impor mais cargas.”

“Mas meu senhor, se não o fizermos...”

“Já está decidido. Algo mais?”

Owen afundou na cadeira, cabisbaixo.

“Meu rei.” Brom disse em sua voz grave. “Sob seu comando, posicionamos o grosso das nossas forças na corte para o evento de hoje. A demonstração de poder será impressionante. Porém, estamos escassos de homens. Se houver um ataque em outros lugares do Reino, estaremos vulneráveis.”

MacGil assentiu com a cabeça, pensando a respeito.

“Nossos inimigos não nos atacarão enquanto os alimentarmos.”

Os homens riram.

“E quais são as notícias das Highlands?”

“Não houve nenhuma atividade relatada durante semanas. Parece que suas tropas se esgotaram com os preparativos para o casamento. Talvez eles estejam prontos para fazer as pazes.”

MacGil não estava tão seguro.

“Isso significa: ou que o casamento arranjado deu resultado ou que eles esperam para atacar-nos em outra oportunidade. E qual você acha que é, meu caro ancião?” MacGil perguntou, dirigindo-se a Aberthol.

Aberthol limpou a garganta, sua voz rouca saiu: “Meu senhor, seu pai e o pai dele nunca confiaram nos McClouds. Só porque eles jazem adormecidos, não significa que não acordarão.”

MacGil assentiu com a cabeça, apreciando o sentimento.

“E que tal a Legião?” Ele perguntou, virando-se para Kolk.

“Hoje demos as boas vindas aos novos recrutas.” Kolk respondeu, com um aceno rápido.

“Meu filho entre eles?” MacGil perguntou.

“Ele se ergue orgulhosamente entre todos eles, como o bom rapaz que é.”

MacGil assentiu com a cabeça e então se virou para Bradaigh.

“E o quais são as novidades de mais além do Desfiladeiro?”

“Meu senhor, as nossas patrulhas têm visto mais tentativas para cruzar o Desfiladeiro nas últimas semanas. Pode haver indícios de que os selvagens estão se mobilizando para um ataque.”

Um sussurro se espalhou entre os homens. MacGil sentiu seu estômago se contrair com esse pensamento. O escudo de energia era invencível; ainda assim, MacGil não augurava nada de bom.

“E que tal se houvesse um ataque em grande escala?” Ele perguntou.

“Enquanto o escudo estiver ativo, não teremos nada a temer. Os selvagens têm tentado transpor o desfiladeiro por séculos, sem êxito. Não há nenhuma razão para pensar o contrário.”

MacGil não estava tão seguro. Um ataque de fora era esperado há tempos e ele não podia deixar de pensar quando isso poderia ocorrer.

“Meu senhor.” Firth disse com sua voz fanhosa. “Sinto-me obrigado a acrescentar que hoje, nossa corte está lotada com muitos dignitários do Reino McCloud. Seria considerado um insulto não entretê-los, sejam eles rivais ou não. Eu aconselho que use seu horário da tarde para cumprimentar cada um. Eles trouxeram um grande séquito, muitos presentes — e dizem por aí: muitos espiões.”

“Quem foi que disse que os espiões já não estão aqui?” MacGil replicou, olhando atentamente para Firth como ele fazia — e imaginando, como sempre, se o próprio Firth não seria também um espião.

Firth abriu a boca para responder, mas MacGil suspirou e levantou a mão, já tinha tido o suficiente. “Se isso é tudo, me retiro agora para participar do casamento da minha filha.”

“Meu senhor.” Kelvin disse, limpando sua garganta. “Claro, há ainda mais uma coisa. A tradição manda que no dia do casamento primogênito, cada MacGil nomeie um sucessor. As pessoas esperam que Vossa Majestade faça o mesmo. O povo tem estado especulando. Não seria aconselhável decepcioná-lo. Especialmente com a Espada do Destino ainda imóvel.”

“Você me faria nomear um herdeiro, enquanto eu ainda estou no meu auge?” MacGil retrucou.

“Meu senhor, não houve intenção de ofender.” Kelvin tropeçou com as palavras, demonstrando preocupação.

MacGil ergueu uma mão. “Sei que é a tradição. E de fato, designarei um herdeiro hoje.”

“Pode informar-nos sobre quem será?” Firth indagou.

MacGil olhou duramente para ele, irritado. Firth era um mexeriqueiro, ele não confiava nesse homem.

“Você será informado ao seu devido tempo.”

MacGil levantou-se e os demais fizeram o mesmo. Eles fizeram uma reverência, viraram-se e se apressaram em sair da sala.

MacGil permaneceu ali pensando, por quanto tempo, ele não sabia. Em dias como esse, ele desejava não ser rei.

*

MacGil desceu do seu trono, suas botas ecoando no silêncio, cruzou a sala. Ele mesmo abriu a porta de carvalho antiga, puxou o trinco de ferro e entrou em uma câmara lateral.

Ele desfrutou da paz e solidão dessa sala aconchegante, como sempre fazia. A distância entre suas paredes dificilmente chegava a vinte passos em cada direção, apesar de ter um impressionante teto arqueado. O quarto era feito inteiramente de pedra, com um pequeno vitral redondo em uma parede. A luz derramava-se através de amarelos e vermelhos, iluminando um único objeto na sala, que se não fosse por ele, estaria vazia. A Espada do Destino.

Ela ficava ali, no centro da câmara, jazia em posição horizontal sobre suportes de ferro em forma de forquilha, bela como uma mulher sedutora. Como tinha feito desde que era garoto MacGil caminhou em volta dela, examinando-a. A Espada do Destino. A espada da lenda, a fonte da força e o

poder de todo o seu reino, de geração em geração. Aquele que tivesse a força para levantá-lo seria o escolhido. Aquele destinado a governar o Reino por toda a vida, aquele destinado a livrar o reino de todas as suas ameaças, dentro e fora do Anel. Tinha sido uma bela lenda com a qual crescer, nem bem ele tinha sido ungido como rei, MacGil havia tentado levantá-la, tal como era permitido unicamente aos reis MacGil. Os reis anteriores a ele, todos eles haviam falhado. Ele tinha certeza que com ele seria diferente. Ele tinha certeza que seria o único escolhido.

Mas ele estava errado. Como também estiveram todos os reis MacGil antes dele. E seu fracasso tinha maculado sua realeza, desde então.

Ao olhar para ela agora, ele examinou sua longa lâmina, feita de um metal misterioso que ninguém nunca tinha decifrado. A origem da espada era ainda mais obscura, os rumores diziam que ela emergiu da terra no meio de um terremoto.

Ao examiná-la, ele mais uma vez sentiu a ferroadada do fracasso. Ele poderia ser um bom rei, mas ele não era o escolhido. Seu povo sabia disso. Seus inimigos sabiam disso. Ele podia ser um bom rei, mas sem importar o que ele fizesse, ele nunca seria o escolhido.

Se fosse assim, ele suspeitava de que haveria menos perturbações entre sua corte, menos confabulações. Seu próprio povo confiaria mais nele, seus inimigos não considerariam atacá-lo. Uma parte dele desejava que a espada simplesmente desaparecesse, e com ela — a lenda. Mas ele sabia que não seria assim. Essa era a maldição e o poder de uma lenda. Mais forte até mesmo do que um exército.

Quando MacGil olhou para ela pela milésima vez, não pode evitar mais uma vez pensar em quem poderia ser. Quem da sua linhagem estaria destinado a empunhá-la? Quando ele pensou sobre o que tinha diante de si, sua tarefa de nomear um herdeiro, ele se indagava quem, se é que alguém estaria destinado a levantá-la.

“O peso da espada é grande.” Ouviu-se uma voz dizer.

MacGil girou em seus calcanhares, surpreso de ter companhia naquela pequena sala.

Ali, de pé à entrada da sala, estava Argon. MacGil reconheceu a voz antes mesmo de vê-lo. Estava contente de vê-lo agora, mas ao mesmo tempo, irritado por sua ausência durante a audiência com os conselheiros.

“Você está atrasado.” MacGil disse.

“Sua noção do tempo não se aplica a mim.” Argon retrucou.

MacGil voltou sua atenção para a espada.

“Você pensou alguma vez que eu teria sido capaz de levantá-la? Ele perguntou pensativamente. No dia em que eu me tornei rei?”

“Não.” Argon respondeu secamente.

MacGil virou-se e o encarou.

“Você sabia que eu não seria capaz. Você percebeu isso, não foi?”

“Sim.”

MacGil ponderou a resposta.

“Eu me assusto quando você responde assim em forma tão direta. Você não é assim.”

Argon permaneceu em silêncio, finalmente MacGil percebeu que ele não diria mais nada.

“Eu nomeio meu sucessor hoje.” MacGil disse. “Parece fútil nomear um herdeiro neste dia. Isso tira a alegria de um rei no casamento da sua filha.”

“Talvez tal alegria deva ser moderada.”

“Mas eu tenho tantos anos para reinar.” MacGil declarou.

“Talvez não tantos quanto você pensa.” Argon respondeu.

MacGil estreitou os olhos, pensando. Qual era a mensagem?

Porém Argon não acrescentou nada mais.

“Seis filhos. A qual devo escolher?” MacGil indagou.

“Por que me pergunta? Você já fez sua escolha.”

MacGil olhou para ele. “Você vê muito. Sim, já fiz. Mas eu ainda desejo saber o que você pensa.”

“Eu creio que você fez uma escolha sábia.” Argon disse. “Porém lembre-se: um rei não pode governar desde o túmulo. Independentemente de quem você achar que escolheu, o destino tem a sua própria maneira de escolher.”

“Eu viverei muito Argon?” MacGil perguntou seriamente, fazendo a pergunta cuja resposta ele desejava saber, desde que ele tinha despertado de um horrível pesadelo na noite anterior.

“Ontem à noite eu sonhei com um corvo.” Ele acrescentou. “Ele veio e roubou a minha coroa. Então veio outro e me levou. Quando ele fez isso, eu vi o meu reino espalhar-se debaixo de mim. Se tornou negro quando eu fui levado. Desolado. Um ermo.”

Ele olhou para Argon, seus olhos estavam cheios d’água.

“Seria um sonho? Ou algo mais?”

“Os sonhos são sempre algo a mais, não são?” Perguntou Argon.

MacGil foi atingido por um sentimento de desânimo.

“Onde está o perigo? Apenas diga-me que tão perto está.

Argon se aproximou e olhou-o nos olhos com muita intensidade, MacGil sentia como se estivesse olhando para outro reino.

Argon se inclinou para frente, sussurrou:

“Sempre mais perto do que você pensa.”

CAPÍTULO QUATRO

Thor se ocultou no meio da palha na traseira de uma carroça, quando ela passou perto dele ao longo da estrada do país. Ele fez o caminho para a estrada na noite anterior e esperou pacientemente até que aparecesse uma carroça grande o suficiente para que ele a abordasse sem ser notado. Estava escuro naquele momento e a carroça marchava lentamente, apenas o suficiente para que ele pudesse correr a um ritmo que lhe permitisse saltar dentro dela pela parte de trás. Ele pousou no feno e meteu-se dentro dele cobrindo-se totalmente. Felizmente, o cocheiro não o tinha visto. Thor não sabia com certeza se a carroça estava indo para a corte do rei, mas estava indo naquela direção e uma carroça desse tamanho com essas marcas, poderia ir a poucos lugares. Enquanto Thor andava durante toda a noite, ele tinha permanecido acordado durante horas, pensava em seu encontro com o Sybold e com Argon; em seu destino; na casa que havia deixado e em sua mãe. Ele sentiu que o universo havia lhe respondido, tinha lhe dito que ele tinha outro destino. Ele jazia ali deitado, mãos atrás da cabeça e fitava o céu noturno, visível através da lona esfarrapada. Ele observava o universo, tão brilhante, suas estrelas vermelhas tão distantes. Ele estava eufórico. Pela primeira vez na sua vida, ele estava em uma viagem. Ele não sabia para onde, mas ele estava viajando. De um jeito ou de outro, ele chegaria à corte do rei.

Quando Thor abriu os olhos já era manhã, a luz natural inundava o dia e ele percebeu que tinha caído no sono. Ele sentou-se rapidamente, olhando ao redor, repreendendo-se por dormir. Ele deveria ter sido mais vigilante, teve muita sorte de não ter sido descoberto.

A carroça ainda se movia, mas já não sacudia tanto. Isso podia significar uma coisa: uma estrada melhor. Eles deviam estar perto de uma cidade. Thor olhou para baixo e viu como a estrada era suave, livre de pedras, de buracos e bordejada com belas e brancas conchas marinhas. Seu coração acelerou; eles estavam se aproximando da corte do rei.

Thor olhou para fora da parte traseira da carroça e estava avassalado. As ruas imaculadas estavam fervilhando de atividade. Dezenas de charretes, de todas as formas e tamanhos e carregando todos os tipos de coisas, enchiam as estradas. Uma estava carregada com peles; outra com tapetes; e ainda

outra com galinhas. Entre elas caminhavam centenas de comerciantes, alguns conduziam gado, outros carregavam cestas de mercadorias em suas cabeças. Quatro homens carregavam rolos de sedas, equilibrando-os em seus suportes. Era um exército de pessoas, indo na mesma direção.

Thor se sentia vivo. Ele nunca tinha visto tantas pessoas ao mesmo tempo, tantas mercadorias, tanta coisa acontecendo. Ele tinha estado em uma pequena aldeia sua vida inteira e agora ele estava no centro das atividades, tragado pela humanidade.

Ele ouviu um barulho forte, um ruído produzido por correntes, a batida de um enorme pedaço de madeira, que de tão forte fez a terra tremer. Momentos depois, se ouviu um som diferente, era o dos cascos dos cavalos batendo na madeira. Ele olhou para baixo e percebeu que estavam atravessando uma ponte; abaixo deles havia um fosso. Uma ponte levadiça.

Thor colocou a cabeça para fora e viu os imensos pilares de pedra e o portão de ferro recoberto por espigões. Eles estavam passando pelo Portão do Rei.

Era o maior portão que ele já tinha visto. Ele olhou para os espigões, imaginado que se eles viessem abaixo, poderiam cortá-lo ao meio. Ele detectou quatro dos soldados do Exército Prata guardando a entrada e seu coração acelerou.

Eles passaram por um longo túnel de pedra e então, momentos depois o céu abriu novamente. Eles estavam dentro da corte do rei.

Thor mal podia crer. Havia ainda mais atividade ali, se é que isso era possível — o que parecia ser milhares de pessoas, em todas as direções. Havia grandes extensões de grama, perfeitamente cortada, flores desabrochando em todos os lugares. O caminho se ampliava e ao longo dele barracas, vendedores e edifícios de pedra. E no meio de todos eles, os homens do rei. Soldados, revestidos com suas armaduras. Thor havia conseguido. Em seu entusiasmo, ele se levantou involuntariamente; quando ele fez isso, a carroça freou bruscamente, lançando-o para trás fazendo o cair e desabar de costas na palha. Antes que ele pudesse levantar-se, ouviu o som da madeira arriando, ele olhou para cima para ver um velho zangado, careca, vestido com trapos e bem carrancudo. O cocheiro se aproximou, agarrou Thor pelos tornozelos com suas mãos ossudas e o arrastou para fora.

Thor foi arremessado, caindo pesadamente de costas na estrada poeirenta, levantando uma nuvem de poeira. Ao redor dele todos davam

gargalhadas.

“Da próxima vez que você pegar carona na minha carroça garoto, haverá um par de algemas esperando por você! Você tem sorte de que eu não chame o Exército Prata agora!”

O velho virou-se e cuspiu. Então voltou apressado para sua carroça, chicoteando os seus cavalos.

Envergonhado, Thor lentamente recobrou-se do vexame e levantou-se. Olhou ao redor. Um ou dois transeuntes riam e Thor olhou para eles com desprezo fazendo-os desviar o olhar. Ele sacudiu o pó e esfregou os braços; seu orgulho estava ferido, mas seu corpo não.

Ele recobrou o ânimo ao olhar em volta, maravilhado, dando-se conta de que ele deveria estar feliz já que pelo menos tinha chegado muito longe. Agora que ele estava fora da carroça, podia olhar ao redor livremente e a vista era extraordinária: a corte se estendia até onde os olhos podiam ver. Em seu centro, erguia-se um magnífico palácio de pedra, cercado por imponentes muros fortificados; coroados por parapeitos sobre os quais, o exército do rei patrulhava em toda a sua extensão. Em todo o seu redor havia jardins verdejantes, perfeitamente cuidados, praças de pedra, fontes e bosques de árvores. Era uma cidade; e estava abarrotada de pessoas.

Por toda parte fluíam pessoas de todo tipo: comerciantes, soldados, dignitários — todos com pressa. Thor levou vários minutos para entender que algo especial estava acontecendo. Enquanto deambulava por ali, ele viu que faziam preparativos: colocavam cadeiras; levantavam um altar. Parecia que estavam se preparando para um casamento.

Seu coração disparou quando ele viu, à distância, uma pista de torneios, com seu longo e poeirento caminho e sua linha divisória. Em outro campo, ele viu os soldados atirando lanças em alvos distantes; em outro, arqueiros apontando para alvos feitos de palha. Era como se por toda parte houvesse jogos e torneios. Também havia música: alaúdes, flautas e címbalos, bandas de músicos perambulavam; e vinho, barris enormes sendo rolados; e comida, mesas sendo preparadas ...Banquetes estendendo-se até onde a vista podia alcançar. Era como se ele tivesse pousado no meio de uma grande celebração.

Por mais maravilhoso que tudo isso fosse, Thor sentia a urgência de encontrar a Legião. Ele já estava atrasado e precisava apresentar-se.

Ele correu na direção da primeira pessoa que viu, um homem de idade, que parecia, por sua túnica manchada de sangue, ser um açougueiro,

caminhando apressado rua abaixo. Todo mundo ali estava tão apressado!

“Desculpe-me, senhor.” Disse Thor, pegando-o pelo braço.

O homem olhou para a mão de Thor com desdém.

“O que é isso, rapaz?”

“Eu estou procurando a Legião do Rei. O senhor sabe onde eles treinam?”

“Por acaso eu pareço um mapa?” O homem retrucou asperamente e se foi resmungando.

Thor ficou surpreso por sua rudeza...

Ele correu para a próxima pessoa a quem viu, uma mulher sovando uma massa em uma longa mesa. Havia várias mulheres à mesa, todas trabalhando arduamente e Thor tentava descobrir qual delas poderia saber.

“Desculpe-me, senhorita.” Disse ele. “Por acaso sabe onde a Legião do Reino costuma treinar?”

Elas se olharam entre si e riram, algumas delas eram apenas uns anos mais velhas do que ele.

A mais velha se virou e olhou para ele.

“Você está procurando no lugar errado.” disse ela. “Aqui, nós estamos fazendo os preparativos para as festividades.”

“Mas me disseram que eles treinam na corte do rei.” Thor disse confuso.

As mulheres desataram a rir novamente. A mais velha colocou suas mãos em seus quadris e sacudiu a cabeça.

“Você atua como se esta fosse sua primeira vez na corte. Por acaso tem uma ideia de quão grande é tudo isso?”

Thor ficou todo vermelho ao ver as mulheres rirem, então se marchou. Ele não gostava que se divertissem às suas custas.

Ele viu a sua frente uma dúzia de caminhos, torcendo e girando cada qual cruzando a corte do rei. Distribuídas entre os muros de pedra, havia pelo menos uma dúzia de entradas. O tamanho e a área deste lugar eram impressionantes. Thor tinha a triste impressão de que poderia passar dias procurando e mesmo assim não encontraria o lugar.

De repente, teve uma ideia: com certeza, um soldado saberia onde os demais treinavam. Ele estava nervoso por abordar um autêntico soldado real, mas percebeu que era isso o que deveria fazer.

Ele virou-se e correu para a muralha, para o soldado de guarda na entrada mais próxima, esperando que ele não o jogasse longe. O soldado

erguia-se firme, olhando fixamente para a frente.

“Estou procurando pela Legião do Rei.” Thor disse, expressando a maior valentia possível em sua voz.

O soldado continuou a olhar para a frente, ignorando-o totalmente.

“Eu disse que estou procurando pela Legião do Rei!” Thor insistiu com voz mais alta, determinado a ser reconhecido.

Após alguns segundos, o soldado olhou para baixo, com desdém.

“Pode me dizer onde fica?” Thor insistiu.

“E que tipo de negócio você tem com eles?”

“Um assunto muito importante.” Thor urgiu, esperando que o soldado não o pressionasse.

O soldado novamente passou a olhar fixamente para a frente, ignorando-o mais uma vez. Thor sentiu seu coração afundar-se, com medo de não receber jamais, uma resposta.

Porém, depois do que pareceu ser uma eternidade, o soldado lhe respondeu: “Siga pelo portão ao leste, em seguida, siga pelo Norte tanto quanto você puder. Pegue o terceiro portão à esquerda, depois a bifurcação à direita e mais uma bifurcação à direita. Passe pelo segundo arco de pedra, o campo de treinamento estará logo depois do portão. Mas eu lhe aviso, você perde seu tempo. Eles não recebem visitantes.”

Era tudo o Thor precisava ouvir. Sem perder um segundo, ele se virou e correu pelo campo, seguindo as instruções, repetindo-as em sua cabeça, tentando memorizá-las. Ele notou o sol alto no céu e só rezava para que, quando ele chegasse, não fosse já tarde demais.

*

Thor correu pelos caminhos imaculados, bordejados com conchas marinhas, dando voltas e percorrendo seu caminho através da corte do rei. Ele tentou o melhor possível seguir as direções, esperando não desviar-se do caminho. No outro extremo do pátio, ele viu todos os portões e escolheu o terceiro da esquerda. Passou por ele e em seguida, seguiu pelas bifurcações, percorrendo cada etapa do caminho. Ele correu contra o tráfico, entre milhares de pessoas que abarrotavam a cidade, a multidão crescia a cada minuto. Ele esbarrava nos tocadores de alaúde, malabaristas, bobos da corte e artistas de todo tipo, todos eles vestidos com muita elegância.

Thor não podia suportar a ideia de que a seleção começasse sem ele e tentou o melhor que podia concentrar-se enquanto percorria cada trecho do

caminho, à procura de qualquer sinal do campo de treinamento. Ele passou por um arco, virou-se na direção indicada e então, lá longe, avistou o que só poderia ser o seu destino: um mini coliseu, construído com pedras, em um círculo perfeito. Soldados guardavam o portão enorme, localizado no centro. Thor ouviu o ruído da plateia abafado pelas paredes e seu coração acelerou. Esse era o lugar.

Ele correu, seus pulmões explodiam. Quando ele alcançou o portão, dois guardas se adiantaram e baixaram suas lanças, barrando o caminho. Um terceiro guarda deu um passo adiante e fez um gesto com a mão, indicando-lhe que se detivesse.

“Pare aí!” Ele ordenou.

Thor parou em seco, tratando de recuperar o fôlego, mal podia conter sua agitação.

“O senhor... não... entende.” Ele disparou as palavras, saltando entre as respirações. “Eu tenho de entrar. Estou atrasado.”

“Tarde para quê?”

“O alistamento.”

O guarda, um homem pesado, baixo com a pele esburacada, se virou e olhou para os outros, quem lhe devolveram o olhar zombeteiro. Ele se virou e perscrutou Thor com um olhar depreciativo. “Os recrutas ingressaram horas atrás, no transporte real. Se você não foi convidado, você não pode entrar...”

“Mas o senhor não entende. Eu devo...”

O guarda estendeu a mão e agarrou Thor pela camisa.

“*Você*, não entende, *você*, seu moleque insolente! Como ousa vir aqui e tentar forçar a entrada? Agora vá embora, antes que eu lhe prenda.”

Ele empurrou Thor, que cambaleou para trás vários metros.

Thor sentiu uma pontada no peito, onde a mão do guarda havia tocado, porém, mais do que isso, ele sentia a dor da rejeição. Ele estava indignado. Ele não tinha ido até ali para ser rejeitado por um guarda, sem sequer ser visto. Ele estava determinado a entrar.

O guarda voltou-se para seus homens e Thor lentamente afastou-se, indo no sentido horário em torno do edifício circular. Ele tinha um plano. Ele andou até que estivesse fora da vista, então irrompeu a correr, traçando seu caminho ao longo das paredes. Ele assegurou-se de que os guardas não estivessem observando, então aumentou a velocidade até correr mais velozmente. Quando ele estava do outro lado do edifício ele avistou outra

entrada para a arena — no alto havia aberturas em arco na pedra, bloqueadas por barras de ferro. Em uma dessas aberturas estava faltando uma barra. Ele ouviu outro rugido, subiu o parapeito da janela e olhou.

Seu coração se acelerou. Espalhados dentro do enorme campo de treinamento em forma de círculo se encontravam dezenas de recrutas — incluindo seus irmãos. Alinhados, todos eles diante de pelo menos uma dúzia de soldados do Exército Prata. Os homens do rei caminhavam entre eles, contando-os.

Outro grupo de recrutas permanecia separado sob o olhar atento de um soldado, atirando lanças um em alvo distante. Um deles errou.

As veias de Thor ardiavam de indignação. Ele poderia ter batido essas marcas; ele era tão bom quanto qualquer um deles. Só porque ele era mais jovem, um pouco menor, não era justo que ele fosse deixado fora.

De repente, Thor sentiu uma mão em suas costas ao mesmo tempo em que foi puxado para trás e jogado pelos ares. Ele aterrissou com força no chão, sem fôlego.

Ele olhou para cima e viu o guarda do portão, zombando dele.

“O que foi que eu disse, rapaz?”

Antes que ele pudesse reagir, o guarda se inclinou para trás e o chutou com força.

Thor sentiu um golpe forte em suas costelas, enquanto o guarda começou a chutá-lo novamente.

Desta vez, Thor conseguiu agarrar o pé do guarda ainda no ar; ele puxou-o, deixando-o sem equilíbrio e fazendo-o cair.

Thor e o guarda se levantaram ao mesmo tempo. Thor olhou para ele chocado com o que havia acabado de fazer. A sua frente, o guarda o olhava furiosamente.

“Eu não vou apenas prendê-lo.” O guarda disse com voz ríspida. “Mas vou fazer com que você pague caro por isso. Ninguém toca um guarda do rei! Esqueça a Legião — Agora você vai é chafurdar na masmorra! Você vai ter sorte se algum dia for visto novamente!”

O guarda puxou uma corrente com um grilhão em sua extremidade. Ele se aproximou de Thor, a vingança se refletia em seu rosto.

A mente de Thor voava. Ele não podia permitir que o prendessem — ainda assim, ele não queria ferir um membro da guarda do rei. Ele tinha de pensar em alguma coisa, e rápido.

Ele se lembrou de seu estilingue. Os reflexos se apoderaram dele quando o agarrou, o carregou com uma pedra, fez pontaria e atirou.

A pedra cruzou o ar e atingiu os grillhões que o guarda atordoado havia estado agarrando; a pedra também tinha atingido os dedos do guarda. O guarda se afastou e apertou sua mão, gritando de dor quando as correntes caíram no chão com seu barulho característico.

O guarda, dando a Thor um olhar mortal, desembainhou a espada. Ela saiu com um som diferenciado, metálico.

“Esse foi o seu último erro.” ele ameaçou sombriamente e investiu contra Thor.

Thor não tinha escolha; esse homem simplesmente não iria deixá-lo viver. Ele colocou mais uma pedra em sua funda e atirou nele. Apontou deliberadamente, ele não queria matar o guarda, mas tinha de pará-lo. Então, em vez de apontar para o seu coração, nariz, olhos ou cabeça, Thor apontado para o lugar que sabia que iria detê-lo, mas não matá-lo.

Apontou entre as pernas do guarda.

Ele deixou a pedra voar, não com força total, mas apenas o suficiente para colocar o homem no chão.

Foi um lançamento perfeito.

O guarda tombou, deixando cair sua espada, agarrando sua virilha enquanto caía no chão e se enrolava como uma bola.

“Você será enforcado por isso!” Ele gemeu em meio a grunhidos de dor. “Guardas! Guardas!”

Thor olhou para cima e ao longe viu vários dos guardas do rei que corriam em sua direção.

Era agora ou nunca. Sem perder um instante, ele correu para o parapeito da janela.

Ele teria de saltar através dele, para a arena e tornar-se conhecido. E ele iria lutar contra qualquer um que se interpusesse em seu caminho.

CAPÍTULO CINCO

MacGil sentou-se na sala superior de seu castelo, sua sala de reunião íntima, a qual ele usava para assuntos pessoais. Ele sentou-se no seu trono íntimo, esculpido em madeira e olhou para quatro de seus filhos em pé diante dele. Ali estava seu filho mais velho, Kendrick, com vinte e cinco anos um belo guerreiro e um verdadeiro cavaleiro. Ele, de todos os seus filhos, era o que mais se assemelhava MacGil, o que era irônico, já que ele era um filho bastardo, fruto do único envolvimento de MacGil com outra mulher. Uma mulher que ele há muito tempo já tinha esquecido. MacGil tinha criado Kendrick como seu filho legítimo, apesar dos protestos iniciais da rainha, com a condição de que ele nunca ocupasse o trono. Isso causava sofrimento a MacGil agora, visto que Kendrick era o melhor homem que ele havia conhecido; um filho que estava orgulhoso de ter procriado. Depois dele, jamais haveria um herdeiro mais apropriado para o reino.

Ao lado dele, em nítido contraste, estava o segundo filho, ainda seu legítimo primogênito, Gareth, vinte e três anos, magro, com rosto encovado e grandes olhos castanhos que nunca estavam quietos. Seu caráter não poderia ser mais diferente do caráter do seu irmão mais velho. A natureza de Gareth era tudo o que a de Kendrick não era: enquanto seu irmão era franco, Gareth escondia seus verdadeiros pensamentos; enquanto seu irmão era orgulhoso e nobre, Gareth era desonesto e enganoso. MacGil sofria por não poder gostar de seu próprio filho e já havia tentado várias vezes corrigir sua natureza; mas depois de algum tempo, durante a fase da adolescência do rapaz, ele tinha compreendido que sua natureza já estava predestinada: ele sempre seria dado a intrigas, sedento de poder e ambicioso em todos os sentidos negativos da palavra. MacGil sabia também que Gareth não sentia atração por mulheres e tinha muitos amantes do sexo masculino. Outros reis teriam deserdado um filho assim, mas MacGil era de mente mais aberta e para ele, essa não era uma razão para não amá-lo. Ele não o julgava por isso. Ele o julgava mesmo era por sua maldade, sua natureza intrigante, algo que não se podia ignorar.

Alinhada ao lado de Gareth estava a segunda filha de MacGil, Gwendolyn. Ela tinha acabado de chegar ao décimo sexto ano e era a jovem mais bonita que alguém jamais poderia ver em sua vida; sua bela natureza ofuscava até

mesmo sua aparência. Ela era gentil, generosa e honesta, a melhor jovem que ele já tinha conhecido. Nesse sentido, ela era semelhante a Kendrick. Ela sempre olhava para MacGil com o olhar amoroso de uma filha por seu pai, e ele sempre sentia sua lealdade em cada olhar. Ele estava ainda mais orgulho dela do que de seus filhos.

De pé ao lado de Gwendolyn estava Reece o filho mais novo de MacGil, um jovem rapaz orgulhoso e animado, que aos quatorze anos, estava se tornando um homem. MacGil tinha assistido com grande prazer sua iniciação na Legião e já podia ver o homem que ele viria a ser. Um dia, MacGil não tinha dúvida, Reece seria seu filho mais estimado e um grande governante. Mas aquele dia não havia chegado ainda. Ele era muito jovem e ainda tinha muito que aprender.

MacGil tinha sentimentos mistos enquanto escrutava estes quatro jovens; seus três filhos e a filha, de pé diante dele. Ele sentia orgulho misturado com decepção. Ele também sentia raiva e aborrecimento por causa de dois de seus filhos ausentes. A mais velha, sua filha Luanda, claro estava se preparando para seu próprio casamento e já que ela estaria casada com outro reino, ela não tinha parte nesta discussão de herdeiros. Mas seu outro filho Godfrey, o do meio, com seus dezoito anos, não estava presente. MacGil enrubesceu de desprezo.

Desde que ele era um menino, Godfrey tinha mostrado enorme desrespeito para com a realeza; sempre deixando claro que ele não se importava com nada e que nunca iria governar. Para grande decepção de MacGil.

Godfrey, no entanto, havia escolhido desperdiçar seus dias em tabernas em companhia de amigos meliantes, causando cada vez mais vergonha e desonra a família real. Ele era um preguiçoso, dormia durante a maior parte dos dias e preenchia os demais com a bebida. Por um lado, MacGil estava contente de que ele não estivesse ali; por outro, sua ausência era um insulto que ele não podia sofrer. De fato, ele já esperava por isso e tinha enviado seus homens para vasculhar todas as tabernas e trazê-lo de volta. MacGil permanecia sentado, esperando até que eles chegassem.

A pesada porta de carvalho finalmente abriu-se e por ela entraram os guardas reais arrastando Godfrey entre eles. Deram-lhe um empurrão e quando Godfrey entrou cambaleante na sala, a porta atrás dele bateu.

Seus irmãos e irmã se viraram e o olharam. Godfrey estava desleixado, cheirando a cerveja, com a barba por fazer, mal vestido. Ele sorriu de volta.

Insolente. Como sempre.

“Olá, Pai.” Godfrey disse. “Acaso perdi a diversão?”

“Você vai ficar ao lado de seus irmãos e esperar permissão para dirigir-se a mim. Do contrário, que Deus me ajude, vou acorrentá-lo nas masmorras com o resto dos prisioneiros comuns, e você não vai ver a comida — muito menos bebida — por três dias inteiros.”

Desafiante, Godfrey olhou de volta para seu pai. Naquele olhar, MacGil detectara alguma profunda reserva de forças, algo de si mesmo, uma centelha de algo que poderia um dia servir a Godfrey muito bem. Isto é, se ele pudesse superar sua própria personalidade.

Rebelde até o fim, Godfrey esperou uns bons dez segundos antes de finalmente obedecer e a passos lentos juntar-se aos seus irmãos.

MacGil escrutava esses cinco filhos de pé diante dele: o bastardo, o perverso, o beberrão, sua filha e seu filho caçula. Era uma mistura estranha e ele mal podia acreditar que tinham brotado dele. E agora, no dia do casamento de sua filha mais velha, a tarefa de escolher um herdeiro dentre esse grupo, tinha recaído sobre ele. Como isso era possível?

Era um exercício de futilidade; depois de tudo, ele estava em seu apogeu e podia governar por mais trinta anos. Qualquer herdeiro que ele escolhesse hoje não poderia subir ao trono em décadas. A tradição inteira o irritava. Isso poderia ter sido relevante nos tempos de seus pais, Mas não tinha nenhum lugar agora.

Ele limpou a garganta.

“Estamos hoje aqui reunidos pelo legado da tradição. Como vocês sabem, no dia de hoje, o dia do casamento de meu primogênito, eu estou incumbido da tarefa de nomear um sucessor. Um herdeiro deste reino. Caso eu morresse, não haveria ninguém mais indicado para governar do que a sua mãe. Mas as leis do nosso Reino ditam que apenas a prole de um rei pode sucedê-lo. Portanto, eu devo escolher.”

MacGil recuperou seu fôlego, pensando. Um pesado silêncio pairava no ar e ele podia sentir o peso da antecipação. Ele olhava os filhos nos olhos e via expressões diferentes em cada um. O bastardo parecia resignado, sabendo que não seria escolhido. Os olhos do depravado estavam brilhando de ambição, como se esperasse que a escolha recaísse naturalmente sobre ele. O beberrão olhava pela janela; ele não se importava. Sua filha o olhava com amor, sabendo que ela não fazia parte desta discussão, mas amando o pai dela, da mesma maneira. O mesmo sucedia com seu filho mais novo.

“Kendrick, eu sempre considereirei você como um filho legítimo. Porém as leis do nosso Reino me impedem de passar a realeza para alguém com menos do que a verdadeira legitimidade.”

Kendrick curvou-se. “Pai, eu não esperava que o fizesse. Estou satisfeito com o que me toca. Por favor, não deixe que isso o confunda.”

MacGil se afligiou com sua resposta, ao sentir quão genuíno ele era, desejou nomeá-lo herdeiro mais que nunca.

“Isso nos deixa com vocês quatro. Reece, você é um bom homem, o melhor que já vi. Mas você é muito jovem para ser parte desta discussão.”

“Eu não esperava tanto, pai.” Reece respondeu, com uma ligeira reverência.

“Godfrey, você é um dos meus três filhos legítimos — ainda assim você opta por desperdiçar seus dias na taberna junto com a escória. A você foram entregues muitos privilégios na vida e você rejeitou cada um deles. Se existe uma grande decepção em minha vida, ela é você.”

Godfrey fez uma careta, mexendo-se desconfortavelmente.

“Bem, então, acho que já terminei aqui e agora posso voltar para a taberna, não posso Pai?”

Com uma brusca e irônica reverência, Godfrey se virou e começou a atravessar o salão.

“Volte aqui!” MacGil retrucou. “JÁ!”

Godfrey continuou a andar, ignorando-o. Ele atravessou a sala e abriu a porta. Dois guardas permaneciam ali.

MacGil fervia de raiva, enquanto os guardas olhavam para ele interrogativamente.

Mas Godfrey não esperou; ele abriu caminho aos empurrões para o corredor aberto.

“Detenham-no!” MacGil gritou. “E mantenham-no longe da vista da rainha. Eu não quero ver a mãe perturbada por vê-lo assim, no dia do casamento de sua filha.”

“Sim, meu senhor.” eles disseram, fechando a porta e correndo ao encalço dele.

MacGil permanecia sentado, respirando agitado, com o rosto vermelho, tentando se acalmar. Pela milésima vez, ele se perguntou o que tinha feito para merecer um filho assim.

Ele olhou para seus filhos restantes. Os quatro o olhavam também, esperando naquele profundo silêncio. MacGil respirou profundamente,

tentando se concentrar.

“Isso fica apenas entre vocês dois agora.” Ele continuou. “E entre os dois eu escolhi meu sucessor.”

MacGil dirigiu-se a sua filha.

“Gwendolyn, será você.”

Houve um suspiro na sala; todos os seus filhos pareciam chocados, principalmente Gwendolyn.

“O senhor falou corretamente, pai?” Gareth perguntou. “O senhor disse Gwendolyn?”

“Pai, sinto-me honrada.” Gwendolyn disse. “Mas não posso aceitar. Sou uma mulher.”

“É verdade, uma mulher nunca havia ocupado antes o trono dos MacGils. Mas eu decidi que já é tempo de mudar esta tradição. Gwendolyn, você possui o melhor espírito e mente de qualquer jovem que eu já conheci. Você é jovem, mas queira Deus, que eu não morra tão cedo, e quando isso acontecer, você já será sábia o suficiente para governar. O reino será seu.”

“Mas pai!” Gareth gritou, seu rosto estava pálido. “Eu sou o primogênito, nascido legítimo! Sempre, em toda a história dos MacGils, o título de realeza é herdado pelo primogênito!”

“Eu sou o rei.” MacGil respondeu sombriamente: “Eu dito a tradição.”

“Mas isso não é *justo*!” Gareth declarou com sua voz queixosa. “Eu sou quem deveria ser o rei. Não minha irmã. Não uma mulher!”

“Cale-se!” MacGil gritou tremendo de raiva. “Você se atreve a desafiar minhas opiniões?”

“Eu estou sendo preterido, por uma mulher? É isso que pensa de mim?”

“Eu já tomei minha decisão.” MacGil disse. “Você irá respeitá-la e segui-la obedientemente, como qualquer outro súdito do meu reino.

Agora, todos podem se retirar.”

Seus filhos curvaram suas cabeças rapidamente e saíram apressados da sala.

Mas Gareth parou na porta, incapaz retirar-se.

Ele voltou-se e uma vez sozinho, enfrentou seu pai.

MacGil podia ver a decepção em seu rosto. Estava claro que ele tinha esperado ser nomeado herdeiro hoje. Mais do que isso: ele tinha desejado muito isso. Desesperadamente. O qual não surpreendia MacGil o mais mínimo — e essa era a principal razão pela qual ele não havia sido escolhido.

“Por que me odeia tanto, Pai?” Ele perguntou.

“Eu não o odeio. Eu apenas não creio que seja o indicado para governar o meu reino.”

“E por que não sou?” Gareth insistiu.

“Porque é precisamente a coisa que você mais quer...”

O rosto de Gareth foi invadido por sombra vermelho escura. Claramente, MacGil tinha lhe dado um opinião perspicaz sobre sua verdadeira natureza. MacGil observava seus olhos, viu-os queimar com um ódio por ele que jamais havia imaginado possível.

Sem mais uma palavra, Gareth saiu da sala e bateu a porta atrás dele.

Com o eco reverberando, MacGil estremeceu. Ele lembrou o olhar do seu filho e sentiu seu ódio tão profundo, mais profundo até mesmo que o de seus inimigos. Naquele momento, ele pensou em Argon, em sua afirmação de que o perigo estava por perto.

Poderia estar tão perto assim?

CAPÍTULO SEIS

Thor correu através do vasto campo da arena, com todas as forças que ele tinha. Atrás dele podia ouvir os passos dos guardas do rei, no seu encalço. Eles o perseguiam através da calorosa e poeirenta paisagem, insultando-o enquanto prosseguiam. Diante dele se espalhavam os membros — e novos recrutas — da Legião, dezenas de rapazes, como ele, porém mais velhos e mais fortes. Eles estavam sendo treinados e testados em diversas formações, alguns atirando lanças, outros arremessando dardos, alguns praticando para empunhar lanças. Eles apontavam para alvos distantes e raras vezes erravam. Eles eram seus rivais e pareciam formidáveis.

Entre eles estavam dezenas de cavaleiros reais, membros do Exército Prata, de pé em um largo semicírculo assistindo a ação. Avaliando. Decidindo quem ficaria e quem seria enviado para casa.

Thor sabia que tinha de submeter-se à prova, tinha de impressionar esses homens. Dentro de momentos, os guardas estariam sobre ele e se ele tivesse alguma chance de causar uma boa impressão, essa era a vez. Mas como? A mente dele voava enquanto ele corria velozmente pelo pátio, determinado a não ser descartado.

Enquanto Thor corria por todo o campo, os demais começaram notá-lo. Alguns dos recrutas pararam o que estavam fazendo e viraram-se para ele, tal como fizeram alguns dos cavaleiros. Dentro de instantes, Thor sentia toda a atenção voltada para ele. Eles o olhavam perplexos e ele percebeu que todos deviam estar se perguntando quem ele era, correndo através de seu campo, com três homens da guarda do rei a persegui-lo. Não era assim que ele queria causar uma boa impressão. Toda a sua vida — quando ele havia sonhado em se juntar a Legião — essa não era a maneira como ele tinha imaginado que isso aconteceria.

Durante o tempo em que Thor corria, debatendo sobre o que fazer, seu curso de ação se abriu diante ele. Um rapaz grande, um recruta, decidiu tomar o assunto para si a fim de impressionar os outros, detendo Thor. Alto, musculoso e quase o dobro do tamanho de Thor, ele levantou a espada de madeira para bloquear-lhe o caminho. Thor podia ver que ele estava

determinado a derrubá-lo, para fazê-lo de bobo na frente de todos, e assim, obter vantagem sobre os outros recrutas.

Isso fez com que Thor ficasse furioso. Ele não tinha motivos para disputar com esse rapaz e essa não era a sua batalha. Mas ele estava fazendo sua essa luta, só para ganhar vantagem com os outros.

Ao se aproximar, Thor mal podia acreditar no tamanho do jovem: ele se impunha sobre Thor, fez um gesto de desprezo para Thor com suas mechas de cabelo preto e espesso que lhe cobriam a testa e a maior e mais quadrada mandíbula que Thor já tinha visto. Thor não via como ele poderia causar dano a esse rapaz.

O rapaz sacou sua espada de madeira e Thor sabia que se não agisse rapidamente, seria nocauteado.

Os reflexos de Thor brotaram. Ele instintivamente pegou sua funda, a carregou e atirou uma pedra na mão do rapaz. Ela atingiu o seu alvo derrubou a espada da mão dele, justo quando o rapaz ia desferi-la. Ela saiu voando da mão do rapaz, que gritava apertando os dedos.

Thor não perdeu tempo. Ele investiu, aproveitando o momento, saltou no ar e chutou o rapaz, plantando seus dois pés em cheio no peito do rapaz. Mas o rapaz era tão robusto, chutá-lo era como chutar um carvalho, ele apenas cambaleou para trás alguns centímetros, já Thor parou frio em seus passos e caiu aos pés do jovem recruta.

Isto não augurava nada de bom, Thor pensou, enquanto desabava no chão com um baque surdo, seus ouvidos tinindo.

Thor tentou ficar de pé, mas o menino estava um passo à frente dele. Ele se abaixou, pegou Thor pelas costas e atirou-o, fazendo-o voar e cair de cara contra a sujeira.

Uma multidão de rapazes rapidamente reuniu-se em um círculo à sua volta e aplaudiu. Thor ficou vermelho, sentindo-se totalmente, humilhado.

Thor virou-se para se levantar, mas o rapaz era muito rápido, já estava em cima dele, imobilizando-o. Antes que Thor percebesse, tudo tinha se transformado em uma luta e o peso do garoto era imenso.

Thor podia ouvir os gritos abafados dos outros recrutas quando eles formaram um círculo, gritando, ansiosos por sangue. O rosto do rapaz se contraiu em uma careta; o rapaz estendeu os polegares e baixou até os olhos de Thor. Thor não podia acreditar, parecia que o rapaz realmente queria machucá-lo. Será que ele realmente queria ganhar vantagem assim tão desesperadamente?

No último segundo, Thor rolou a cabeça para fora do caminho e as mãos do rapaz passaram voando, mergulhando na sujeira. Thor teve a chance de rolar para o lado e sair de debaixo dele.

Thor se levantou e encarou o garoto, que também se levantou. O rapaz avançou com ímpeto lançando um golpe contra o rosto de Thor, quem se abaixou no último segundo; o ar golpeou seu rosto e ele percebeu que, se o punho do rapaz tivesse batido nele, teria quebrado sua mandíbula. Thor estendeu a mão e lhe deu um soco no ventre, mas isso foi de pouco proveito; era como golpear uma árvore.

Antes de Thor pudesse reagir, o garoto lhe deu uma cotovelada no rosto. Thor cambaleou para trás, vacilando com o golpe. Era como ser atropelado por um martelo, os seus ouvidos retumbavam.

Enquanto Thor cambaleava, ainda tentando recuperar o fôlego, o rapaz arremeteu contra ele e chutou-o com força no peito. Thor saiu voando para trás e desabou chão, caindo de costas. Os outros garotos aplaudiram.

Thor, tonto, começou a sentar-se, mas o rapaz investiu mais uma vez, balançou o corpo e socou-o novamente, bem forte no rosto, de novo derrubando-o de costas no chão, de uma vez por todas.

Thor estava lá, ouvindo os gritos abafados dos outros, sentindo o gosto salgado do sangue que corria de seu nariz, o vergão no rosto. Ele gemia de dor. Olhou para cima e pôde ver o rapaz enorme virar as costas e caminhar de volta para seus amigos, já comemorando sua vitória.

Thor queria desistir. Este rapaz era enorme, lutar contra ele era inútil e ele não aguentava mais tanto castigo. Mas algo dentro dele o instigava. Ele não podia perder. Não na frente de todas essas pessoas.

Não desista. Levante-se. Levante-se!

Thor de alguma forma reuniu forças. Gemendo, ele rolou, ficou de quatro e lentamente conseguiu ficar de pé. Ele encarou o rapaz, sangrando, com os olhos inchados, quase sem poder ver e respirando com dificuldade levantou os punhos.

O rapaz enorme virou-se e olhou para Thor. Ele balançou a cabeça em descrença.

“Você deveria ter ficado no chão, garoto”. Ameaçou enquanto começava a caminhar de volta para Thor.

“BASTA!” Gritou uma voz. “Elden, retroceda!”

Um cavaleiro se aproximou repentinamente, interpondo-se entre eles, estendendo a palma da mão e impedindo Elden de ficar mais perto de Thor.

A multidão silenciou quando todos olharam para o cavaleiro; claramente este era um homem que exigia respeito.

Thor olhou para cima, com admiração pela presença do cavaleiro. Ele estava em seus vinte anos, alto, com ombros largos, um queixo quadrado e cabelos castanhos, bem conservados. Thor gostou dele imediatamente. Sua armadura era de primeira, sua cota de malha feita de prata polida, estava coberta de marcas reais: o emblema do falcão da família MacGil. A garganta de Thor secou: ele estava de pé diante de um membro da família real. Ele mal podia acreditar.

“Explique-se garoto!” Disse ele a Thor. “Por que você irrompeu em nossa arena sem ser convidado?”

Antes que Thor pudesse responder, subitamente os três membros da guarda do rei romperam o círculo. O guarda líder ficou ali, respirando com dificuldade, apontando o dedo para Thor.

“Ele desafiou nossas ordens!” O guarda gritou. “Eu vou prendê-lo e levá-lo ao calabouço do Rei!”

“Eu não fiz nada errado!” Protestou Thor.

“Não o fez agora?” O guarda gritou. “Invadir propriedade do Rei, entrando sem ser convidado?”

“Tudo o que eu queria era uma oportunidade!” Thor gritou, virando-se, pedindo ao cavaleiro de pé diante dele, o membro da família real. “Tudo o que eu queria era uma chance de unir-me à Legião!”

“Este campo de treinamento é apenas para os convocados, rapaz.” Disse uma voz rouca.

Dentro do círculo entrou um guerreiro, estava em seus cinquenta anos, forte, robusto, com sua cabeça careca, barba curta e uma cicatriz que percorria o seu nariz. Ele dava a impressão de ter sido um soldado profissional toda a sua vida — e pelas as marcas da sua armadura, a medalha de ouro no peito, ele parecia para ser o seu comandante. O coração de Thor acelerou no peito dele: um general.

“Eu não fui convidado, senhor.” Thor falou. “Isso é verdade. Mas tenho sonhado toda minha vida com estar aqui. Tudo o que eu desejo é uma chance de mostrar-lhe do que eu sou capaz. Eu sou tão bom quanto todos estes recrutas. Dê-me apenas uma chance e eu lhe provarei isso. Por favor. Juntar-me à Legião é tudo o que sempre sonhei.”

“Este campo de batalha não é para os sonhadores, rapaz.” Foi a resposta áspera. “É para lutadores. Não há exceções às nossas regras: só recrutas são

escolhidos.”

O general assentiu com a cabeça e o guarda do rei se aproximou de Thor, algemas em mãos.

Mas de repente, o cavaleiro, o membro da família real, deu um passo à frente e estirou o braço bloqueando o guarda.

“Talvez, de vez em quando, uma exceção possa ser feita.” falou ele.

O guarda olhou para ele consternado, desejando claramente responder, porém devia refrear sua língua em deferência a um membro da família real.

“Admiro seu espírito rapaz.” O cavaleiro prosseguiu dizendo. “Antes que você seja levado embora, eu gostaria de ver o que você é capaz de fazer.”

“Mas Kendrick, nós temos regras.” Disse o general, claramente descontente.

“A família real faz as regras.” Kendrick respondeu severamente. “E a Legião responde à família real.”

“Nós respondemos ao seu pai, o Rei — não a você.” Retrucou o general, igualmente desafiante.

Houve um impasse, era possível apalpar a tensão no ar. Thor mal podia acreditar no que ele tinha provocado. “Eu conheço meu pai, e eu sei o que ele desejaria; ele desejaria dar uma chance a este jovem. E é isso o que nós faremos.”

O general, depois de vários momentos tensos, finalmente recuou.

Kendrick virou-se para Thor, os olhos castanhos e intensos fixos nos dele, o rosto de um príncipe, mas também de um guerreiro.

“Eu vou lhe dar uma chance.” Ele disse para Thor. “Vamos ver se você pode acertar aquela marca.”

Ele apontou para um fardo de feno, ao longe, do outro lado do campo, com uma marca vermelha em seu centro. Várias lanças estavam cravadas no feno, mas nenhuma estava na marca vermelha.

“Se você puder fazer o que nenhum dos outros rapazes foi capaz de fazer — se você puder acertar a marca daí onde está — então você poderá unir-se a nós.”

O cavaleiro se afastou, Thor podia sentir os olhos de todos fixos nele.

Ele viu um suporte com lanças e as examinou cuidadosamente. Elas eram da melhor qualidade que ele já tinha visto, feitas de carvalho sólido, envoltas no couro mais delicado. Seu coração bateu descompassado quando ele deu um passo à frente, limpando o sangue do seu nariz com as costas da

mão, sentindo-se mais nervoso do que nunca antes em sua vida. A ele tinha sido dada, claramente, uma tarefa quase impossível. Mas ele tinha de tentar realizá-la.

Thor se aproximou e pegou uma lança, nem muito longa, nem muito curta. Ele sentiu o peso dela em sua mão, era pesada, substancial. Não como as que ele usava em casa. Mas lhe parecia boa. Ele sentiu que talvez, quem sabe, ele poderia acertar o alvo. Depois de tudo, ele era quase tão bom arremessando lanças, quanto atirando pedras com a funda, e os muitos dias de andar pelos bosques tinham lhe proporcionando alvos consideráveis. Ele sempre tinha sido capaz de acertar o alvo, mesmo quando seus irmãos não podiam.

Thor fechou os olhos e respirou profundamente. Se ele falhasse, os guardas saltariam sobre ele e o arrastariam até a prisão e suas chances de entrar para a Legião seriam arruinadas para sempre. Esse momento único reunia tudo o que ele sempre sonhou.

Ele orou a Deus com toda a sua alma.

Sem hesitar, Thor abriu os olhos, deu dois passos a frente, recuou, e arremessou a lança.

Ele segurou a respiração enquanto a via atravessar o ar.

Por favor, Deus. Por favor...

A lança atravessou o denso e mortal silêncio e Thor podia sentir as centenas de olhos postos sobre ele.

Então, depois de uma eternidade, se ouviu um ruído, o inconfundível ruído da ponta de uma lança atravessando o feno. Thor, nem sequer teve de olhar. Ele sabia, ele simplesmente sabia, havia sido um arremesso perfeito. Foram a maneira que ele sentiu como a lança se desprende de sua mão e o ângulo de seu pulso que lhe disseram que ele tinha acertado.

Thor se atreveu a olhar — e viu, com grande alívio, que ele estava certo. A lança tinha encontrado seu lugar no centro da marca vermelha — a única lança no centro da marca. Ele foi capaz de fazer o que os outros recrutas não puderam.

Um silêncio atordoante o envolveu quando ele percebeu que os outros recrutas — e cavaleiros — todos olhavam para ele.

Finalmente, Kendrick aproximou-se e felicitou Thor, dando-lhe vigorosas tapas nas costas como mostra de satisfação. Ele sorria de orelha a orelha.

“Eu estava certo!” Ele disse. “Você vai ficar!”

“O quê, meu senhor?!” Exclamou o guarda do rei. “Isso não é justo! Este garoto se apresentou sem ser convocado!”

“Ele acertou o alvo. Isso é suficiente para mim.”

“Ele é muito mais jovem e menor do que os outros. Esta não é uma tropa de guris.” Disse o general.

“Eu prefiro um soldado menor que atinge sua marca do que um tolo que não pode fazê-lo.” O cavaleiro replicou.

“Foi um lance de sorte!” Gritou o grandalhão contra quem Thor havia lutado. “Se nós tivéssemos mais oportunidades, acertaríamos também!”

O cavaleiro se virou e olhou para o rapaz que tinha gritado.

“Você acertaria?” Ele perguntou. “Que tal você fazer isso agora? Apostamos sua estada aqui contra isso?”

O rapaz, perturbado, abaixou a cabeça com vergonha, claramente demonstrando que não estava disposto a aceitar a oferta.

“Mas esse garoto é um estranho.” Protestou o general. “Nós nem sequer sabemos de onde ele vem.”

“Ele vem das terras baixas.” Disse uma voz.

Os outros se viraram para ver quem falava, mas Thor não precisou fazer isso — ele reconheceu a voz. Era a voz que havia atormentado toda a sua infância. A voz de seu irmão mais velho: Drake.

Drake deu um passo à frente junto com seus outros dois irmãos e olhou fixamente para Thor com um olhar de desaprovação.

“Seu nome é Thorgrin, do clã dos McCleod do Sul da província do Reino Oriental. Ele é o mais jovem dos quatro filhos. Todos nós somos oriundos da mesma família. Ele cuidava das ovelhas de nosso pai!”

Todo o grupo de rapazes e cavaleiros rompeu em um coro de risadas.

Thor sentiu seu rosto avermelhar; ele desejava morrer naquele momento. Ele nunca tinha estado mais envergonhado. Isso era bem próprio de seu irmão, roubar o seu momento de glória, fazer o que fosse possível para abatê-lo.

“Cuida das ovelhas, não é?” Ecoou o general.

“Então nossos inimigos certamente terão de tomar cuidado com ele!” Gritou outro rapaz.

Houve outro coro de risadas e a humilhação de Thor aumentou.

“Basta!” Gritou Kendrick, com firmeza.

Gradualmente, as risadas diminuíram.

“Eu prefiro ter um pastor que pode acertar um alvo facilmente, do que ter muitos de vocês — que parecem ser bons nada mais que para dar risadas.” Kendrick acrescentou.

Com isso, um silêncio desceu sobre os rapazes, quem já não estavam rindo mais.

Thor estava infinitamente grato a Kendrick. Ele jurou recompensá-lo de qualquer forma que pudesse. Independentemente do que acontecera com Thor, este homem tinha, pelo menos, restaurado sua honra.

“Você não sabe, rapaz, que não é próprio de um guerreiro ser indiscreto para com seus amigos — e menos ainda para com a sua família, seu próprio sangue?” O cavaleiro perguntou a Drake.

Drake olhou para baixo, perturbado, um dos raros momentos em que Thor via seu irmão tão constrangido.

Mas outro de seus irmãos, Dross, deu um passo adiante e protestou: “Mas Thor não foi sequer escolhido. *Nós* fomos”. “Ele está apenas seguindo a gente até aqui.”

“Eu não estou seguindo vocês.” Insistiu Thor, finalmente se manifestando. “Estou aqui pela Legião. Não por vocês.”

“Não importa porque ele está aqui”. Disse o general, irritado, dando um passo a frente. “Ele está nos fazendo perder tempo. Sim, foi um bom golpe de lança, mas ele ainda não pode se juntar a nós. Ele não tem nenhum cavaleiro para patrociná-lo e nenhum escudeiro disposto a formar par com ele.”

“Eu posso formar par com ele.” Exclamou uma voz.

Thor virou-se, juntamente com os outros. Ele ficou surpreso ao ver, de pé a poucos metros de distância, um garoto de sua idade, que realmente parecia com ele, a não ser pelos cabelos loiros e olhos verdes brilhantes, usando a mais bela armadura real: uma cota de malha coberta com símbolos de cor escarlate e pretos — outro membro da família do rei.

“Impossível!” Disse o General. “A família real não socializa com plebeus.”

“Eu posso fazer o que eu escolher”. O rapaz retrucou. “E eu digo que Thorgrin será meu parceiro.”

“Mesmo que nós sancionássemos isso.” Disse o general... “Não importaria. Ele não tem nenhum cavaleiro para patrociná-lo”.

“Eu vou apoiá-lo.” Disse uma voz.

Todo mundo se virou para o lado, e se ouviu suspiro abafado entre os outros.

Thor se virou para ver um cavaleiro montado em um cavalo, enfeitado com sua bela armadura reluzente e usando todo tipo de armas em seu cinto. Ele positivamente brilhava. Era como olhar para o sol. Thor podia dizer pela sua conduta, seu porte e pelos símbolos do seu capacete, que ele era diferente dos outros. Ele era um campeão.

Thor reconheceu esse cavaleiro. Ele tinha visto pinturas dele e tinha ouvido falar de sua lenda. Erec. Ele não podia acreditar. Ele era o cavaleiro mais destacado do Anel.

“Mas meu senhor, o senhor já tem um escudeiro.” Protestou o general.

“Então eu terei dois.” Respondeu Erec, com uma voz profunda, confiante.

Um silêncio atordoante permeava o grupo.

“Então não há mais nada a dizer.” Disse Kendrick. “Thorgrin tem um patrocinador e um parceiro. O assunto está resolvido. Ele agora é um membro da Legião.”

“Mas estão se esquecendo de nós!” Gritaram os guardas do rei, dando um passo à frente. “Nada disso justifica o fato de que o garoto atacou um membro da guarda do rei e deva ser punido. A justiça deve ser feita!”

“A justiça será feita.” A dureza voz de Kendrick poderia ter cortado o aço. “Porém segundo o meu critério. Não o seu.”

“Mas, meu senhor, Ele deve ser colocado no tronco! Para servir de exemplo!”

“Se você continuar falando assim, será *você* quem será colocado no tronco.” Disse Kendrick ao guarda, olhando duramente para ele.

Finalmente, o guarda recuou com relutância; se virou e afastou-se, seu rosto vermelho de raiva, olhando fixamente para Thor.

“Então é oficial.” Kendrick exclamou. “Thorgrin, bem-vindo à Legião do Rei!”

A multidão de cavaleiros e rapazes celebrou com vivas e então se virou, voltando para seu treinamento.

Thor se sentia estarecido, em choque. Ele mal podia crer. Ele agora era um membro da Legião do Rei. Era como viver um sonho.

Thor voltou-se para Kendrick, mais grato a ele do que jamais poderia expressar. Nunca antes teve alguém em sua vida que se preocupasse com

ele, alguém que havia feito coisas inusuais para olhar por ele, para protegê-lo. Era um sentimento estranho. Ele já se sentia mais achegado a esse homem do que a seu próprio pai.

“Eu não sei como agradecer-lhe...” Disse Thor. “Eu estarei eternamente em dívida com o senhor.”

Kendrick sorriu. “Meu nome é Kendrick. Você agora já deve saber bem. Eu sou o filho mais velho do Rei. Eu admiro a sua coragem. Você será uma boa contribuição para este grupo.”

Kendrick virou-se e se foi apressadamente, e quando ele se foi, Elden, o grandalhão contra quem Thor tinha lutado, apareceu.

“Cuide suas costas...” O rapaz falou... “Nós dormimos no mesmo quartel, você sabe. E não pense, nem por um momento, que você está a salvo.”

O rapaz deu a volta e se foi antes que Thor pudesse responder-lhe; Thor já tinha feito um inimigo.

Thor já estava começando a imaginar o que mais estaria reservado para ele, quando o filho mais velho do Rei veio apressado em sua direção.

“Não ligue para ele...” Ele disse para Thor... “Ele está sempre comprando briga. Eu sou Reece.”

“Obrigado...” Thor disse, estendendo sua mão... “Por haver me escolhido como seu par. Eu não sei o que eu teria feito sem sua ajuda.”

“Estou feliz de escolher alguém capaz de enfrentar aqueles brutamontes.” Reece disse alegremente. “Aquela foi uma boa briga.”

“Está brincando?” Thor perguntou, limpando o sangue seco de seu rosto e sentindo seu vergão inchar. “Ele quase acabou comigo.”

“Mas você não se rendeu.” Disse Reece. “Impressionante. Qualquer um dos outros, de nós teria simplesmente se deixado abater. E aquele foi um belo de um arremesso de lança. Como você aprendeu a arremessar assim? Nós seremos parceiros para toda a vida!” Ele olhou para Thor com sinceridade quando apertou sua mão. “E amigos também. Eu posso sentir isso.”

Quando Thor apertou sua mão, não pôde evitar sentir que ele estava fazendo um amigo para o resto da vida.

De repente, alguém o cutucou de um lado.

Ele voltou-se e viu um rapaz mais velho, ali de pé, com a pele esburacada e um rosto longo e estreito.

“Eu sou Feithgold. O escudeiro de Erec. Você agora é o *segundo* escudeiro. O que significa que deverá responder a mim. E temos um torneio em poucos minutos. Você vai ficar aí parado, quando fizeram de você o escudeiro do cavaleiro mais famoso do Reino? Siga-me! Rápido!”

Reece já tinha se virado e se afastado. Thor virou-se e seguiu apressadamente o escudeiro enquanto ele corria através do campo. Ele não tinha a menor ideia sobre para onde os dois estavam indo — mas ele não se importava. Ele estava cantando por dentro.

Ele tinha triunfado.

CAPÍTULO SETE

Gareth apressou-se em direção à corte do rei, vestido com suas melhores vestes reais, abrindo seu caminho entre as massas que se derramavam em todas as direções devido à boda de sua irmã. Espumava de raiva. Ainda estava se acalmado do confronto com seu pai. Como era possível que ele fosse passado por alto? Que seu pai não o escolhesse como rei? Isso não fazia sentido. Ele era o primogênito legítimo. Era assim que as coisas funcionavam. Ele sempre teve — desde o momento em que nasceu — a ideia de que um dia reinaria — ele não tinha nenhuma razão para pensar o contrário.

Era inconcebível. Ser deixado de lado e substituído nada menos do que pela irmã menor. Quando a notícia se espalhasse, ele seria motivo de zombaria de todo o Reino. Enquanto caminhava, ele sentia como se o ar tivesse sido tirado de seus pulmões, respirava ofegante tentando, sem saber como, recuperar o fôlego.

Ele cambaleava durante o seu caminho, entre as massas, em direção à cerimônia de casamento de sua irmã mais velha. Ele olhava ao redor, via a multidão de vestes coloridas, o infindável fluxo de pessoas, gente diferente, de todas as diferentes províncias. Ele odiava estar no meio dos plebeus. Essa era a única vez em os pobres podiam misturar-se com os ricos, a única vez em que aqueles selvagens do reino oriental, do lado mais distante das Highlands, tinham permissão para ingressar também. Gareth ainda não podia conceber que sua irmã estaria casada com um deles. Era apenas uma jogada política por parte de seu pai, uma tentativa patética de fazer as pazes entre os reinos.

Era mais estranho ainda, que de alguma maneira, sua irmã na verdade parecesse gostar dessa criatura. Gareth dificilmente poderia conceber o porquê. Se a conhecia bem, não era do futuro esposo que ela gostava, mais sim do título, da chance de ser a rainha de sua própria província. Ela teria o que merecia; eles eram todos uns selvagens, aqueles lá do outro lado das Highlands. Na mente de Gareth, eles careciam de sua educação, de sua delicadeza; de sua sofisticação. Esse não era problema dele. Se sua irmã estava feliz assim, que se casasse. Era um dos irmãos a menos em seu

caminho, competindo pelo trono. De fato, quanto mais longe ela estivesse, melhor.

Não era que isso representasse mais um motivo de preocupação para ele. Depois de hoje, ele nunca seria rei. Agora, ele seria um relegado, apenas mais um príncipe anônimo no Reino do seu pai. Agora, ele não tinha mais acesso ao poder; agora, estava condenado a uma vida de mediocridade.

Seu pai o havia subestimado — sempre tinha feito isso. Seu pai se considerava politicamente astuto — porém Gareth era muito mais astuto e sempre tinha sido. Por exemplo: por casar Luanda com um McCloud, seu pai se considerava um mestre político. Mas Gareth era mais perspicaz do que o seu pai, era capaz de considerar muitas outras ramificações e já estava, como sempre, enxergando mais longe. Ele sabia aonde isso ia chegar. Em última instância, esse casamento não apaziguaria os McClouds, ao contrário, lhes deixaria ainda mais soberbos. Eles eram brutos, então veriam essa oferenda de paz, não como um sinal de força, mas de fraqueza. Eles não se importariam com os laços entre as famílias e assim que sua irmã fosse levada com eles, Gareth tinha a certeza de que planejariam um ataque. Era tudo um artil. Ele tentou falar com seu pai, mas ele não lhe deu ouvidos.

Não que isso representasse mais um motivo de preocupação para ele. Afinal, agora ele era só mais um príncipe, apenas mais uma engrenagem no Reino. Gareth, positivamente, ardia de cólera com esse pensamento e odiava seu pai nesse momento com um ódio que ele nunca soube que era possível. Enquanto ele se apinhava, ombro a ombro com as massas, imaginava de que maneiras poderia se vingar e em maneiras de obter a realeza afinal. Uma coisa era certa: ele não podia ficar sentado sem fazer nada. Ele não podia deixar a realeza passar para sua irmã mais nova.

“Aqui está você.” Disse uma voz.

Era Firth, caminhando ao seu lado com um sorriso alegre, revelando seus dentes perfeitos. Dezoito anos, alto, magro, com uma voz forte, pele lisa e bochechas coradas, Firth era o seu amante da vez. Gareth geralmente estava feliz de vê-lo, contudo hoje não estava de humor para isso.

“Eu acho que você esteve me evitando todo o dia.” Firth acrescentou, passando um braço em torno dele enquanto caminhava. Gareth imediatamente se livrou de seu braço, assegurando-se de que ninguém tivesse visto. “Você é idiota?” Gareth castigou-o. “Nunca mais passe o braço ao meu redor em público. *Nunca.*”

Firth olhou para baixo com o rosto vermelho. “Desculpe...” ele disse... “foi sem pensar.”

“É isso mesmo! Você não pensou. Faça isso de novo e eu nunca mais verei você novamente.” Gareth repreendeu-o.

Firth ficou ainda mais vermelho e parecia verdadeiramente pesaroso. “Desculpe-me.” Ele repetiu.

Gareth olhou em volta novamente, sentiu-se seguro de que não tinham sido visto abraçado por Firth e se sentiu um pouco melhor.

“O que se comenta entre o povo?” Gareth perguntou, desejando mudar de assunto, para espantar seus pensamentos sombrios.

Firth imediatamente animou-se e recuperou o sorriso.

“Todo mundo está expectante. Todos esperam o anúncio de que você foi nomeado sucessor.”

O semblante de Gareth se nublou. Firth o examinou.

“Você não foi?!” Firth perguntou incrédulo.

Gareth enrubesceu enquanto caminhava, evitando olhar nos olhos de Firth.

“Não.”

Firth engasgou.

“Ele me preteriu! Você pode imaginar?! Por minha irmã! Minha irmã mais nova!”

Agora foi o semblante de Firth que se nublou. Ele olhou espantado.

“Isso é impossível...” Ele disse... “Você é o primogênito. Ela é uma mulher. Isso não é possível.” Ele repetiu.

Gareth olhou para ele, frio como uma pedra. “Eu não minto.”

Os dois caminharam por algum tempo em silêncio e como a multidão crescia cada vez mais, Gareth olhou ao redor, começando a perceber onde ele estava e a situação ao seu redor. A Corte do Rei estava abarrotada — deveria haver milhares de pessoas, que pululavam em cada entrada possível. Eles todos traçavam seu caminho em direção ao elaborado palco de casamento, em torno do qual foram colocadas pelo menos mil das mais belas cadeiras com almofadas grossas cobertas de veludo vermelho e contornos dourados. Um exército de servos subia e descia os corredores, acomodando as pessoas, carregando bebidas.

Em ambos os lados do corredor infinitamente longo e todo adornado com flores, que conduzia à cerimônia de casamento, sentavam-se as duas famílias — os MacGils e McClouds — a linha nitidamente demarcada.

Havia centenas de ambos os lados, cada um com suas melhores vestes, os MacGils vestidos de púrpura, a cor de seu clã, e o McClouds em sua cor laranja escuro. Aos olhos de Gareth, os dois clãs não poderiam mostrar-se mais diferentes: embora cada um deles estivesse ricamente adornado, ele sentia que os McClouds estavam bem vestidos, porém meramente fingindo. Debaixo daquelas roupas finas, ocultavam sua brutalidade. Ele podia captar isso por suas expressões faciais, pela forma como eles se moviam, empurravam uns aos outros, pela maneira como eles riam tão alto. Havia algo sob sua superfície que sua roupa real não poderia esconder. Ele estava desgostoso de tê-los ali entre os seus portões. Ele estava desgostoso com o casamento. Era mais uma decisão tola tomada por seu pai.

Se Gareth fosse o rei, ele teria executado um plano diferente. Ele teria considerado o casamento, também. Porém, ele teria esperado até tarde da noite e quando os McClouds estivessem mergulhados na bebida, bloquearia as portas de acesso do salão e queimaria todos eles em um grande incêndio, matando-os em um só golpe certo.

“Brutos.” Disse Firth, ao examinar o outro lado do corredor matrimonial. “Eu não consigo imaginar como o seu pai os deixou entrar.”

“Isso tudo vai proporcionar jogos interessantes mais tarde.” Gareth disse. “Ele convida o nosso inimigo para entrar por nossos portões, organiza competições de bodas. Não é essa a receita para uma escaramuça?”

“O que você acha?” Firth perguntou. “Uma batalha? Onde? Com todos esses soldados? No dia do casamento dela?”

Gareth deu de ombros. Ele não se interpunha entre os McClouds.

“A honra de um dia de casamento não significa nada para eles.”

“Mas aqui temos milhares de soldados.”

“Tal como eles.”

Gareth se virou e viu uma longa fila de soldados — MacGils e McClouds — alinhados em ambos os lados das ameias. Eles não teriam trazido tantos soldados, Gareth sabia, a menos que eles estivessem esperando uma escaramuça. Apesar da ocasião, apesar da vestimenta elegante; apesar do luxo do cenário; dos banquetes intermináveis de alimentos; do solstício de verão em pleno apogeu; das flores — apesar de tudo, ainda pairava uma forte tensão no ar. Todos estavam à flor da pele — Gareth poderia sentir isso pela maneira como erguiam seus ombros, estendiam seus cotovelos. Eles não confiavam uns nos outros.

Talvez ele tivesse sorte, Gareth pensou, e um deles apunhalaria o seu pai no coração. Então, talvez, depois de tudo, ele poderia chegar a ser o Rei.

“Eu pensei que nós nos sentaríamos juntos.” Disse Firth, revelando o desapontamento em sua voz, enquanto eles se aproximavam da área onde estavam os assentos.

Gareth lhe disparou um olhar de desprezo. “Que tão estúpido você é?” Ele destilava veneno em sua voz.

Ele estava começando a perguntar-se seriamente se tinha sido uma boa ideia escolher esse rapaz dos estábulos como amante. Se ele não mudasse esse jeito estúpido de ser, os dois poderiam acabar sendo descobertos.

Firth olhou para baixo envergonhado.

“Vejo você depois, nos estábulos. Agora, vá embora!” Ordenou Gareth, e deu-lhe um pequeno empurrão. Firth desapareceu na multidão.

De repente, Gareth sentiu um aperto gelado no braço. Por um momento o coração dele parou, pois ele imaginou que havia sido descoberto, porém, quando ele sentiu as unhas compridas, os dedos finos, incrustando-se em sua pele, ele soube em seguida que se tratava de sua esposa, Helena.

“Não me envergonhe hoje.” Ela sussurrou, com ódio em sua voz.

Ele virou-se e a estudou. Ela estava linda, toda arrumada, vestindo um vestido de cetim branco, o cabelo em um belo penteado sujeito com grampos. Ela usava seu melhor colar de diamantes e o seu rosto estava realçado por uma maquiagem suave. Gareth podia ver objetivamente que ela era muito bela, tão bela como ela estava no dia que ele casou-se com ela. Mas, mesmo assim, ele não sentia nenhuma atração por ela. Tinha sido outra ideia do seu pai — tentar casá-lo com alguém diferente de sua natureza. Porém, tudo o que ele tinha feito, havia sido proporcionar-lhe uma companheira perpetuamente amargurada — e agitar ainda mais as especulações da corte sobre suas verdadeiras inclinações.

“Hoje é o dia do casamento de sua irmã...” Ela o repreendeu... “Você poderia agir como se fôssemos um casal — pelo menos por uma vez.”

Ela entrelaçou seu braço no dele e os dois caminharam para uma área reservada, demarcada com veludo. Dois guardas reais deixaram-nos passar e eles se misturaram com o resto da realeza na extremidade do corredor.

Sopraram uma trombeta e lentamente, a multidão se acomodou. Logo, se ouviu a música suave de um cravo, mais flores foram espalhadas ao longo do corredor e o cortejo real começou a andar, os casais de braços dados. Gareth foi puxado por Helena, os dois começaram a marchar em direção ao

altar. Gareth se sentia mais exposto, mais estranho que nunca, não sabendo como fazer com que seu amor parecesse genuíno. Sentia centenas de olhos sobre ele e não podia evitar sentir que o estavam avaliando, mesmo sabendo que ninguém o estava. O corredor não podia ser mais longo; ele mal podia aguentar para chegar até o fim; ficar perto de sua irmã no altar e terminar logo com tudo isso. Ele também não podia parar de pensar sobre seu encontro com o pai e se perguntava se todos esses espectadores já não sabiam da notícia.

“Hoje recebi más notícias.” Ele sussurrou para Helena quando finalmente chegou até o fim e os olhos de todos já não estavam sobre ele.

“Você pensa que eu já não sei?” Ela disse abruptamente.

Ele se virou e olhou para ela, surpreso.

Ela lhe devolveu o olhar com desdém. “Eu tenho os meus espiões.” Disse ela.

Ele estreitou os olhos, querendo machucá-la. Como ela podia ser tão indiferente?

“Se eu não for um rei, então você nunca será uma rainha.” Ele disse.

“Eu nunca quis ser rainha.” Ela respondeu.

Isso o surpreendeu ainda mais.

“Eu nunca esperei que ele nomeasse você.” Acrescentou ela. “Por que ele faria isso? Você não é um líder. Você é um amante. Mas não o *meu* amante.”

Gareth sentiu-se enrubescer.

“Nem você é a minha.” Ele disse para ela.

Foi a vez de ela enrubescer. Ela não era a única que tinha um amante secreto. Gareth tinha seus próprios espiões os quais lhe informavam sobre as façanhas de sua esposa. Ele a tinha deixado impune até agora — contanto que ela fosse discreta e o deixasse em paz.

“Você não me deixa muita escolha.” Ela respondeu. “Você espera que eu permaneça célibe pelo resto de minha vida?”

“Você sabia quem eu era.” Ele replicou. “E ainda assim, escolheu casar-se comigo. Você escolheu o poder, não amor. Não atue como se estivesse surpresa.”

“Nosso casamento foi arranjado.” Disse ela. “Eu não escolhi nada.”

“Mas você não protestou.” Respondeu ele.

Gareth carecia de energia para discutir com ela hoje. Ela era um acessório útil, uma mulher fantoche. Ele podia tolerá-la e ela podia ser útil

em algumas ocasiões — desde que ela não o irritasse demais.

Gareth observava com um enorme cinismo quando todo mundo se voltou para ver sua irmã mais velha sendo escoltada pelo corredor, por seu pai, aquela criatura. Era muita ousadia. Ele ainda tinha a coragem de fingir tristeza, enxugando uma lágrima enquanto a acompanhava. Um ator de primeira. Mas aos olhos de Gareth, ele era apenas um tolo trapalhão. Ele não podia imaginar que seu pai sentia tristeza genuína por casar sua filha, Afinal de contas, ele a estava lançando aos lobos do reino McCloud. Gareth sentiu um desprezo igual para com Luanda, ela parecia estar gostando de tudo isso. Ela parecia pouco importar-se com o fato de que estava casando-se com alguém de um povo inferior. Ela, também, estava atrás de poder era de sangue frio, calculista. Dessa maneira, ela, entre todos os seus irmãos, era a mais similar a ele. De certa forma ele até poderia entender-se com ela, mas nunca teriam muita afeição um pelo outro.

Gareth estava num pé e noutro, impaciente, esperando que tudo isso terminasse.

Ele sofreu durante toda a cerimônia, Argon presidindo as bênçãos, recitando os votos, realizando os rituais. Era tudo uma farsa e isso o deixava doente. Era apenas a união de duas famílias, por razões políticas. Por que não poderiam simplesmente chamar as coisas pelo seu nome?

Logo, graças a Deus, tinha acabado. A multidão levantou-se com gritos de júbilo quando os dois noivos se beijaram. Ouviu-se o toque de uma trombeta e a perfeita ordem da boda se dissolveu em um caos controlado. A família real retirou-se do altar e tomou o caminho em direção à área da recepção.

Até mesmo Gareth, cínico como era, estava impressionado com a visão. Seu pai não havia medido os gastos desta vez. Estendendo-se diante deles estavam todos os tipos de mesas de banquetes, barris de vinho, uma infindável variedade de porcos, ovelhas e cordeiros assados.

Atrás deles, eles já estavam se preparando para o evento principal: os jogos. Havia alvos sendo preparados para tiros com fundas, arremesso de lanças, arco e flecha — e no centro de tudo, a pista de torneios. A multidão já estava se aglomerando em torno a ela.

Multidões já estavam divididas em apoio aos cavaleiros de ambos os lados. Pelos MacGils, — os primeiros a entrar — é claro, estava Kendrick, montado em seu cavalo e enfeitado com sua armadura, seguido por dezenas de soldados do Exército Prata. Mas não foi até que Erec apareceu,

destacando-se dos outros em seu cavalo branco, que a multidão se conteve com admiração. Ele era como um ímã atraindo a atenção, até mesmo Helena se inclinou para vê-lo e Gareth observou sua luxúria por ele, como todas as outras mulheres.

“Ele já está na idade de ser escolhido, no entanto ainda não está casado. Qualquer mulher do reino se casaria com ele. Por que ele não escolhe nenhuma delas?”

“E o que você tem a ver com isso?” Gareth perguntou, sentindo ciúmes apesar de si mesmo. Ele também queria estar lá com sua armadura, montado num cavalo, participando dos torneios em nome do pai. Mas ele não era um guerreiro. E todos sabiam disso.

Helena ignorou-o com um gesto desconsiderado de sua mão. “Você não é um homem.” Ela disse, ironicamente. “Você não entende dessas coisas.”

Gareth enrubesceu. Ele lhe daria um castigo merecido, porém agora não era o momento. Em vez disso, ele acompanhou-a quando ela ocupou um assento na arquibancada junto com os outros, para assistir às festividades do dia. Esse dia estava indo de mal a pior e Gareth já sentia um buraco no estômago. Seria um longo dia, um dia de cavalheirismo sem fim, de pompa, de fingimento. De homens, ferindo ou matando uns aos outros. Um dia do qual ele tinha sido completamente excluído. Um dia que representava tudo o que ele mais odiava.

Enquanto permanecia sentado ali, ele meditava. Ele desejou, silenciosamente, que as festividades entrassem em erupção convertendo-se em uma batalha campal; que houvesse derramamento de sangue em grande escala diante dele; que tudo de bom que houvesse nesse lugar fosse destruído em pedacinhos.

Um dia ele se sairia com a sua. Um dia ele seria rei.

Um dia.

CAPÍTULO OITO

Thor fez o seu melhor para acompanhar o escudeiro de Erec, correndo para acompanhá-lo enquanto ele traçava seu caminho através das massas. Tinha sido tudo como um redemoinho ali na arena, ele dificilmente poderia processar o que estava acontecendo ao seu redor. Ele ainda estava a tremer por dentro, mal podia acreditar que tinha sido aceito na Legião e que tinha sido nomeado o segundo escudeiro de Erec.

“Eu lhe disse garoto — mantenha o ritmo!” Feithgold exclamou.

Thor não gostava de ser chamado “garoto.” Especialmente porque o escudeiro era apenas um pouco mais velho do que ele. Feithgold ia em disparada no meio da multidão, era quase como se ele estivesse tentando perder Thor. “É sempre tão lotado aqui?” Thor gritou, tentando acompanhá-lo.

“Claro que não!” Feithgold gritou de volta. “Hoje não é só o solstício de verão, o dia mais longo do ano, mas também, o dia escolhido pelo rei para o casamento da filha — e o único dia na história em que nós abrimos nossos portões para os McClouds. Nunca houve uma multidão assim aqui antes. É inédito. Eu não esperava por isso! Eu receio que nós estejamos atrasados!” Ele disse, todo apressado enquanto corria através da multidão.

“Para onde estamos indo?” Thor perguntou.

“Nós estamos indo fazer o que todo bom escudeiro faz: ajudar nosso cavaleiro a preparar-se!”

“Preparar-se para o quê?” Thor insistiu, quase sem fôlego. O clima ficava mais quente a cada minuto e ele limpou o suor de sua testa.

“O torneio real!”

Eles finalmente chegaram ao fim da multidão e pararam diante de um dos guardas do Rei, quem reconheceu Feithgold e fez um gesto para os outros para que os deixassem passar.

Eles passaram por baixo de uma corda e entraram em uma clareira, livres das massas. Thor mal podia crer: ali, bem perto, estavam as pistas de torneios. Atrás das cordas ficavam as multidões de espectadores, ao longo da pista poeirenta viam-se enormes cavalos de guerra — os maiores que Thor já havia visto — montados por cavaleiros em todo o tipo de armadura. Misturados entre o Exército Prata estavam cavaleiros dos dois reinos, de

todas as províncias, alguns em armadura preta, outros em branca, usando elmos e portando armas de todas as formas e tamanhos. Parecia que o mundo inteiro tinha descido para essas pistas de torneio.

Já havia algumas competições em andamento, cavaleiros de lugares que Thor não reconhecia, investindo uns contra os outros, golpeando lanças e escudos, seguidos sempre por um grito animado da multidão. De perto, Thor não podia crer na força e na velocidade dos cavalos, no som que as armas faziam. Era uma arte mortal.

“Isso dificilmente parece um esporte!” Thor disse a Feithgold, enquanto o seguia ao longo do perímetro das pistas.

“Isso é porque não é.” Feithgold gritou de volta, sobre o som de um choque de lanças. “É um negócio sério, disfarçado de jogo. As pessoas morrem aqui a cada dia. É uma batalha. Sortudos são aqueles que saem daqui ilesos. Há poucos deles e estão longe.”

Thor olhou para cima quando dois cavaleiros investiram um contra o outro e colidiram em alta velocidade. Houve um terrível estrondo metálico, então um deles saiu despedido de seu cavalo e caiu de costas, a poucos metros de Thor.

A multidão estava boquiaberta. O cavaleiro não se mexia e Thor viu o pedaço de um cabo de madeira metido nas costelas, perfurando sua armadura. Ele gritava de dor e o sangue derramava-se pela sua boca. Vários escudeiros correram para cuidar dele, arrastando-o para fora do campo. O cavaleiro vencedor desfilava lentamente, levantando sua lança para a alegria da multidão.

Thor estava espantado. Ele não tinha visualizado o esporte como sendo algo tão mortal.

“O que aqueles rapazes fizeram — agora é também o seu trabalho.” Feithgold disse. “Agora você é um escudeiro. Mais precisamente, o segundo escudeiro.”

Ele parou e chegou mais perto — tão perto que Thor pôde sentir o mau hálito dele.

“E não se esqueça disso. Eu respondo a Erec. E você responde a mim. Seu trabalho é ajudar-me. Está me entendendo?”

Thor acenou de volta, ainda tentando assimilar tudo. Ele tinha imaginado tudo de maneira diferente em sua cabeça e ainda assim, não sabia o que estava reservado para ele. Ele podia perceber que Feithgold se sentia ameaçado por sua presença e sentia que havia feito um inimigo.

“Não é minha intenção interferir com sua posição de escudeiro de Erec.” Thor disse.

Feithgold soltou uma risada curta e irônica.

“Você não poderia interferir comigo garoto, mesmo que tentasse. Apenas saia do meu caminho e faça o que eu lhe disser.”

Com isso, Feithgold virou-se e correu por uma série de caminhos sinuosos por trás das cordas. Thor o seguiu tão rápido como pôde e logo se encontrou em um labirinto de estábulos. Ele caminhou por um corredor estreito, ao redor dele cavalos circulando pomposamente, os escudeiros nervosamente atendendo-os. Feithgold deu uma volta, virou-se e finalmente parou diante de um cavalo gigante, magnífico. Thor teve de recuperar o fôlego. Ele mal podia acreditar que algo tão grande e bonito assim fosse real, muito menos que podia ser contido atrás das grades. Parecia pronto para a guerra.

“Warkfin.” Feithgold disse. “O cavalo de Erec. Ou um deles — o que ele prefere para os torneios. Não é um animal fácil de domar. Mas Erec conseguiu. Abra o portão!” Feithgold ordenou.

Thor olhou para ele, perplexo, então olhou para o portão, tentando descobrir como abri-lo. Ele avançou, puxou a trava entre as ripas e não aconteceu nada. Ele puxou com mais força, até que o portão de madeira se moveu e ele suavemente começou a abri-lo.

No segundo em que ele fez isso, Warkfin relinchou, se inclinou para trás, e deu um coice na trava de madeira, acertando a ponta do dedo de Thor. Thor puxou sua mão de volta, cheio de dor.

Feithgold riu.

“Foi por isso que eu lhe pedi para abrir. Da próxima vez seja mais rápido garoto. Warkfin não espera por ninguém. Menos ainda por você.”

Thor estava furioso, Feithgold estava dando nos seus nervos e ele achava que dificilmente seria capaz de aguentá-lo.

Ele abriu os portões de madeira rapidamente, dessa vez ficando fora do caminho das patas agitadas do cavalo. “Trago-o para fora?” Thor perguntou com ansiedade, mesmo não querendo agarrar as rédeas enquanto Warkfin pisava firme e balançava.

“Claro que não.” Feithgold disse. “Essa é tarefa minha. Sua tarefa é alimentá-lo — quando eu lhe disser. E recolher o excremento dele.”

Feithgold tomou as rédeas de Warkfin e começou a guiá-lo pelo estábulo. Thor engoliu saliva assistindo. Essa não era a iniciação que ele

tinha em mente. Ele sabia que tinha de começar em algum lugar, mas isso era degradante. Ele havia imaginado guerra, glória e batalhas, treinando e competindo entre rapazes da idade dele. Ele nunca se viu como um laçao. Ele estava começando a se perguntar se tinha tomado a decisão certa.

Eles finalmente deixaram os estábulos escuros saindo para a luz brilhante do dia, de volta para as pistas de torneio. Os olhos Thor se adaptavam à mudança e ele foi momentaneamente sobrepujado por milhares de pessoas celebrando o barulho dos cavaleiros adversários, quando eles chocavam entre si. Ele nunca tinha ouvido tanto barulho de metal contra metal e a terra tremia sobre a massiva marcha dos cavalos.

Ao redor, estavam dezenas de cavaleiros e seus escudeiros, preparando-os. Os escudeiros poliam as armaduras dos cavaleiros, lubrificavam suas armas, verificavam as selas e cintos e verificavam novamente as armas enquanto os cavaleiros montavam seus corcéis e esperavam ser chamados pelo nome.

“Elmalkin!” Chamou um anunciante.

Um cavaleiro de uma província que Thor não reconhecia, um homem grande em armadura vermelha, galopou portão afora. Thor virou-se e saltou para fora do caminho na hora certa. O cavaleiro se lançou pela pista estreita e a lança dele rebateu o escudo do adversário, produzindo um ruído metálico, a lança do outro cavaleiro o acertou e Elmalkin saiu voando de costas, desabando no chão. A multidão gritou de alegria.

Elmalkin se recuperou, levantou-se, girou ao redor e estendeu a mão para seu escudeiro que estava de pé ao lado de Thor.

“Minha clava!” O cavaleiro gritou.

O escudeiro ao lado de Thor entrou em ação, agarrando a clava da prateleira das armas e correndo velozmente para o centro da pista. Ele corria para Elmalkin, mas o outro cavaleiro o tinha cercado por trás e estava investindo novamente. Antes que o escudeiro pudesse colocar a clava na mão do seu cavaleiro, o outro cavaleiro veio para cima deles. O escudeiro não chegou a Elmalkin a tempo. O outro cavaleiro derrubou a lança dele — e quando fez isso, sua lança ao cair atingiu um lado da cabeça do escudeiro. O escudeiro, gemendo com o golpe, girou rapidamente e caiu de cara no chão...

Ele não se movia. Thor podia ver mesmo dali de onde estava, o sangue escorrendo da cabeça dele manchando o solo. Thor engoliu em seco.

“Não é uma visão bonita, não é?”

Thor se virou para ver Feithgold de pé ao lado dele, olhando-o também. “Fique frio, garoto. Esta é uma batalha. E nós estamos bem no meio dela.”

A multidão de repente ficou quieta quando a principal pista de torneio foi aberta. Thor podia sentir a expectativa no ar, quando todos os outros torneios pararam em antecipação desse. De um lado em seu cavalo, lança em mão, vinha Kendrick.

Do outro lado, encarando-o, vinha um cavaleiro com a distintiva armadura dos McClouds.

“MacGils versus McClouds.” Feithgold sussurrou para Thor. “Temos estado em guerra há mil anos e eu duvido muito que este jogo vá resolver isso.”

Cada cavaleiro abaixou sua viseira, uma buzina soou e com um grito, os dois investiram um contra o outro.

Thor estava espantado com a velocidade que eles tinham ganhado antes que momentos depois eles colidissem com um estrondo metálico. Thor quase levou as mãos às orelhas. A multidão ficou boquiaberta quando ambos lutadores caíram de seus cavalos.

Ambos ficaram de pé rapidamente e tiraram seus capacetes, enquanto os seus escudeiros corriam até eles para entregar-lhes suas espadas. Os dois brandiram suas espadas com todas as forças. Ver os movimentos de Kendrick hipnotizava Thor: era beleza pura.

Mas o McCloud também era um excelente guerreiro. Os dois se moviam para a frente e para trás, cada um esgotando o oponente, nenhum dava trégua.

Finalmente suas espadas se cruzaram em um confronto memorável e cada um deles derrubou a espada da mão do outro. Seus escudeiros correram, clavas em mão, mas quando Kendrick estendeu a mão para pegar sua clava, o escudeiro do McCloud correu atrás dele e golpeou-o nas costas com sua própria arma, o golpe mandou-o para o chão, para o suspiro horrorizado da multidão.

O cavaleiro McCloud pegou sua espada, deu um passo adiante, e apontou-a para a garganta de Kendrick, prendendo-o ao chão. Kendrick não teve escolha.

“Eu me rendo.” Ele gritou.

Houve um grito vitorioso entre os McClouds, mas um grito de raiva dos MacGils.

“Ele trapaceou!” Gritaram os MacGils.

“Ele trapaceou! Ele trapaceou!” Ecoou um coro de gritos raivosos.

A multidão estava ficando mais e mais furiosa, e logo houve tal coro de protestos que todos começaram a se dispersar, de ambos os lados — os MacGils e McClouds — começaram a se aproximar uns dos outros a pé.

“Isso não é nada bom.” Disse Feithgold a Thor, enquanto eles estavam de lado observando.

Momentos depois, a multidão entrou em erupção, lançando golpes uns contra os outros, e tudo se transformou uma briga genuína. Era um caos. Homens estavam se agarrando e balançando freneticamente, atacando uns aos outros com golpes de chave, lançando-os ao chão. A multidão se enfunava e a briga ameaçava explodir em uma guerra total.

A buzina soou e os guardas de ambos os lados marcharam, conseguindo dividir a multidão. Outra buzina soou mais alto e caiu o silêncio quando Rei MacGil levantou-se de seu trono.

“Não haverá escaramuças hoje!” Ele explodiu em sua voz real. “Não neste dia de celebração! E não em minha corte!”

Lentamente, a multidão se acalmou.

“Se o que você deseja é um concurso entre nossos dois grandes clãs, ele será decidido por um lutador, um campeão, de cada lado.”

MacGil olhou para o Rei McCloud, que estava sentado do outro lado, com sua comitiva.

“De acordo?” MacGil gritou.

McCloud se levantou solenemente.

“De acordo.” Ele repetiu.

A multidão aplaudiu de ambos os lados.

“Escolha o seu melhor homem!” MacGil gritou.

“Eu já tenho!” Disse McCloud.

Surgiu do lado dos McCloud um cavaleiro formidável, o maior homem que Thor já tinha visto, montado em seu cavalo. Ele parecia um rochedo, corpulento, com uma longa barba e uma carranca que parecia permanente.

Thor sentiu movimento ao seu lado e ao lado dele surgiu Erec montando Warkfin, avançando pela pista. Thor engoliu saliva. Ele mal podia acreditar que aquilo estava acontecendo ao seu redor. Ele se encheu de orgulho por Erec.

Em seguida, ele foi superado pela ansiedade quando percebeu que estava ali para servir. Afinal de contas, ele era escudeiro e seu cavaleiro estava

prestes a lutar.

“O que vamos faremos?” Thor perguntou a Feithgold apressadamente.

“Simplesmente fique atrás e faça o que eu mandar.” Respondeu ele.

Erec avançou para a pista de torneio e os dois cavaleiros ficaram lá, um de frente para o outro, os seus cavalos pisando firme em um impasse tenso. O coração de Thor batia acelerado em seu peito enquanto ele esperava e assistia.

A buzina tocou e os dois se travaram em combate.

Thor não podia acreditar na beleza e graça de Warkfin — era como assistir a um peixe saltar no mar. O outro cavaleiro era enorme, mas Erec era um lutador gracioso e elegante. Ele cortava o ar, sua cabeça baixa, sua armadura de prata ondulando, mais polida do que qualquer armadura na qual Thor tinha posto os olhos.

Quando os dois homens se encontraram, Erec inclinou-se para o lado e apontou sua lança com precisão. Ele conseguiu atingir o centro do escudo do cavaleiro ao mesmo tempo em que evitava seu golpe.

O homem, enorme como uma montanha, caiu de costas no chão. Era como a queda de um enorme rochedo.

A multidão MacGil aplaudiu quando Erec passou e deu a volta completando um círculo. Ele levantou a viseira de seu elmo e apontou com sua lança para a garganta do homem.

“Renda-se!” Erec gritou.

O cavaleiro cuspiu.

“Nunca!”

O cavaleiro, então, tomou uma sacola escondida na cintura, tirou dela um punhado de pó e antes que Erec pudesse reagir, lançou o pó no rosto dele.

Erec, atordoado, levou as mãos aos olhos, deixando cair sua lança e caindo de seu cavalo.

A multidão MacGil vaiou, assobiou e gritou de indignação quando Erec caiu, apertando os olhos. O cavaleiro, sem perder tempo, correu para ele e golpeou-lhe as costelas.

Erec rolou no chão, o cavaleiro agarrou uma pedra enorme, levantou-a bem alto e preparava-se para jogá-la sobre o crânio de Erec.

“NÃO!” Thor gritou, avançando, incapaz de controlar-se.

Thor assistiu horrorizado quando o cavaleiro jogou a pedra. No último instante, Erec de alguma maneira rolou para um lado e saiu de sua

trajetória. A pedra impactou profundamente no chão, no lugar exato em que a cabeça de Erec tinha estado.

Thor estava espantado com a destreza de Erec. Ele já estava de pé, enfrentando este lutador sujo.

“Espadas curtas!” Gritaram os cavaleiros.

Feithgold de repente correu e olhou para Thor, com olhos arregalados.

“Dê-me a espada!” Ele gritou.

O coração de Thor batia em pânico. Girou ao redor, procurando o jogo de armas de Erec, procurando desesperadamente a espada. Havia uma variedade estonteante de armas diante dele. Ele estendeu a mão, agarrou a espada com força e a pôs na mão do Feithgold.

“Garoto estúpido! Essa é uma espada média!” Feithgold gritou.

A garanta de Thor ficou seca e ele sentia que o reino inteiro estava olhando para ele. Sua visão estava embaçada pela ansiedade, sua cabeça dava voltas em pânico, sem saber que espada escolher. Ele mal podia enxergar.

Feithgold avançou, empurrou Thor para fora de seu caminho e pegou a espada curta. Então, correu para a pista de torneio.

Thor via-o a seguir, sentindo-se inútil, horrível. Ele também tentou imaginar como seria se fosse ele mesmo quem estivesse correndo lá fora, na frente de todos, e os seus joelhos enfraqueceram.

O escudeiro do outro cavaleiro chegou primeiro e Erec teve de saltar para fora do caminho, quando o cavaleiro balançou-se para ele, quase acertando-o. Finalmente, Feithgold alcançou Erec e colocou a espada curta em sua mão. Quando ele fez isso, o cavaleiro arremeteu contra Erec. Mas Erec era muito inteligente. Ele esperou até o último momento e, em seguida, deu um salto, ficando fora do seu alcance.

Apesar disso, o cavaleiro continuou investindo e deu de cara com Feithgold, parado, para sua desgraça, no lugar onde Erec havia estado. O cavaleiro, enfurecido por não ter acertado Erec, continuou avançando, agarrou Feithgold pelos cabelos com suas duas mãos e lhe aplicou uma forte cabeçada no rosto.

Ouviu-se o ruído de ossos quebrando enquanto o sangue esguichava do nariz do Feithgold e ele caiu no chão, desvanecido.

Thor ficou lá, boquiaberto em estado de choque. Ele não podia acreditar. Tampouco podia a multidão, que vaiava e assobiava.

Os dois cavaleiros se enfrentavam novamente, Erec lutava com sua espada, quase não errava seus golpes.

Thor de repente se deu conta de algo: ele era o escudeiro de Erec agora. Ele engoliu em seco. O que ele iria fazer? Ele não estava preparado para isso. E o reino inteiro estava observando.

Os dois cavaleiros se atacavam violentamente, indo de golpe a golpe. Claramente, o cavaleiro de McCloud era muito mais forte do Erec — no entanto, Erec era o melhor lutador, mais rápido e mais ágil. Eles balançavam e desferiam golpes, porém nenhum deles era capaz de ganhar vantagem.

Finalmente, o rei MacGil levantou-se.

“Lanças longas!” Ele exclamou.

O coração de Thor deu um pulo. Ele sabia que se dirigiam a ele, era ele quem estava a serviço.

Ele virou-se e olhou para a prateleira com as armas, tomando a arma que parecia a mais apropriada. Quando a desembainhou, rezou para que tivesse escolhido a indicada.

Ele irrompeu na pista e pôde sentir milhares de olhos sobre ele. Ele correu por tudo o que era mais sagrado, desejando alcançar Erec tão rápido quanto o possível e finalmente colocar a lança na mão dele. Ele estava orgulhoso de ver que tinha alcançado seu cavaleiro primeiro.

Erec pegou a lança e girou, preparado para enfrentar o cavaleiro adversário. Como um guerreiro honorável que era, Erec esperou até que o outro cavaleiro estivesse armado antes de atacar. Thor apressou-se para sair do caminho dos dois homens, não desejando repetir o erro cometido por Feithgold. Ao retirar-se, ele arrastou o corpo inerte de Feithgold levando para um lugar onde ele não pudesse sofrer mais danos.

Enquanto Thor assistia, ele sentiu que algo estava errado. O adversário de Erec tirou sua lança, levantou-a, em seguida, começou a baixá-la realizando um movimento estranho. Quando ele fez isso, Thor, de repente, sentiu seu mundo ficar claro, de uma forma que nunca tinha estado antes. Ele intuía que algo estava errado. Seus olhos fixos na ponta da lança do cavaleiro McCloud e quando ele olhou mais de perto, notou que estava solta. O cavaleiro estava prestes a usar a ponta de sua lança como uma faca de arremesso.

Quando o cavaleiro baixou a lança, a ponta se desprende e viajou pelo ar até o outro lado da pista, indo na direção do coração de Erec. Em

segundos, Erec estaria morto — não havia forma de que ele pudesse reagir a tempo. Pela aparência irregular da lâmina, ela poderia perfeitamente ser capaz de perfurar uma armadura.

Naquele momento, Thor sentiu um calor por todo o corpo. Ele sentiu uma sensação de formigamento — era a mesma sensação que ele tinha experimentado lá em Darkwood quando lutou contra o Sybold. Seu mundo alenteceu. Ele foi capaz de ver a ponta da lança girando em câmera lenta, foi capaz de sentir uma energia; um calor emanando dele — algo que ele não sabia que tinha.

Ele deu um passo adiante e se sentia maior que a ponta de lança. Em sua mente, ele quis detê-la. Ele ordenou que ela parasse. Ele não queria ver Erec ferido. Especialmente não dessa forma.

“NÃO!” Thor clamou.

Ele deu mais um passo e estendeu a palma da mão em direção à trajetória da ponta da lança.

Ela parou e ficou lá pairando no ar, justo antes de poder atingir o coração de Erec. E então caiu inofensivamente no solo.

Os dois cavaleiros se viraram e olharam para Thor — assim fizeram também os dois reis e os milhares de espectadores presentes. Thor sentiu o mundo inteiro olhando para ele e percebeu que todos eles tinham acabado de testemunhar tudo o que ele havia feito. Todos sabiam que ele não era alguém comum, sabiam que ele tinha algum tipo de poder; que ele tinha influenciado os jogos; tinha salvado Erec — e mudado o destino do Reino.

Thor estava paralisado no lugar, querendo saber o que tinha acontecido.

Ele agora tinha a certeza de que não era igual a todas essas pessoas. Ele era diferente.

Mas quem era ele?

CAPÍTULO NOVE

Thor se viu arrastado, conduzido no meio da multidão por Reece, o filho mais novo do rei e seu novo parceiro de treino. Desde a partida do torneio, tudo parecia desfocado. Qualquer coisa que tivesse feito ali; qualquer que fosse o poder que ele tinha usado para impedir que a ponta da lança matasse Erec, tudo isso tinha atraído a atenção de todo o Reino. A partida havia sido interrompida depois disso, cancelada por ambos Reis e uma trégua foi declarada. Cada cavaleiro retirou-se para o seu lado, as massas se separaram em um rebuliço e Thor tinha sido levado pelo braço e conduzido para fora por Reece.

Ele tinha sido arrastado por uma comitiva real que abria o caminho através das massas, Reece puxando-o pelo braço todo o caminho. Thor ainda tremia devido aos acontecimentos do dia. Ele quase não entendia o que ele tinha acabado de fazer lá atrás, como ele tinha influenciado as coisas. Ele só queria ser anônimo, apenas mais um da Legião do rei. Ele não queria ser o centro das atenções.

Pior, ele não sabia para onde ele estava sendo levado, se ele ia ser punido de alguma forma por interferir. Claro, ele tinha salvado a vida de Erec, mas ele também tinha interferido com a batalha de um cavaleiro, coisa que um escudeiro estava proibido de fazer. Ele não tinha certeza se ele seria recompensado ou repreendido.

“Como você fez aquilo?” Reece perguntou, enquanto o puxava para perto. Thor o seguia cegamente, tentando processar tudo. Enquanto ele prosseguia, as massas olhavam para ele estarecidas, como se ele fosse algum tipo de aberração.

“Eu não sei.” Thor respondeu sinceramente. “Eu só queria ajudá-lo e... aconteceu.”

Reece abanou a cabeça.

“Você salvou a vida de Erec. Se dá conta disso? Ele é o nosso cavaleiro mais famoso. E você o salvou.”

Thor se sentia bem com as palavras de Reece dando voltas em sua cabeça, sentiu uma onda de alívio. Ele tinha gostado de Reece desde o momento em que o havia conhecido, ele tinha um efeito calmante; sempre sabia o que dizer. Enquanto Thor ponderava isso, percebeu que talvez ele

não fosse punido depois de tudo. Talvez, de certa forma, eles o vissem como uma espécie de herói.

“Eu não tentei fazer nada”. Disse Thor. “Eu só queria que ele vivesse. Foi apenas... natural. Não foi grande coisa...”

“Não foi grande coisa?” Reece repetiu. “Eu não teria conseguido fazer isso. Nenhum de nós poderia.”

Viraram a esquina e Thor viu diante de si o castelo do Rei estendendo-se, atingindo o alto do céu. Parecia monumental. O exército do rei permanecia atento enfileirado ao lado da estrada de paralelepípedos que conduzia à ponte levadiça, mantendo as massas na baía. Eles se afastaram para permitir que Reece e Thor passassem.

Os dois seguiram pela estrada, com os soldados de ambos os lados, até as enormes portas em arco, cobertas de parafusos de ferro. Quatro soldados abriram-na e deram um passo para o lado, em posição de sentido. Thor não podia acreditar no tratamento que estava recebendo: era como se ele fosse um membro da família real.

Ao entrar no castelo, as portas se fecharam atrás deles, Thor estava admirado com a vista diante dele: o interior era imenso, com elevadas paredes de pelo menos trinta centímetros de espessura e vastas salas abertas. Diante dele, centenas de membros da corte real conversavam animadamente em meio ao burburinho. Ele podia sentir o zumbido e a emoção no ar, todos os olhos se viraram em sua direção e o fitaram quando ele entrou. Ele estava avassalado pela atenção.

Todos eles se amontoavam e pareciam boquiabertos quando Thor entrou com Reece pelos corredores do castelo. Ele nunca tinha visto tantas pessoas vestidas com roupas tão finas. Ele viu dezenas de jovens de todas as idades, vestidas em trajes elaborados, de braços dados cochichando entre si e rindo ao vê-lo entrar. Sentiu-se constrangido. Ele não sabia dizer se as pessoas gostavam dele ou se estavam caçoando dele. Ele não estava acostumado a ser o centro das atenções, muito menos em uma corte real e quase não sabia como comportar-se.

“Por que eles estão rindo de mim?” Ele perguntou a Reece.

Reece virou-se e riu. “Eles não estão rindo de você.” Disse ele. “Eles se afeiçoaram a você. Você é famoso.”

“Famoso?” Ele perguntou, chocado. “O que você quer dizer? Eu acabei de chegar aqui.”

Reece riu e pôs a mão no ombro dele apertando-o. Ele claramente se divertia com Thor.

“As notícias se espalham mais rápido na corte real do que você imagina. E um recém-chegado como você — bem, isso não acontece todos os dias.”

“Para onde estamos indo?” Thor perguntou, percebendo que ele estava sendo conduzido a algum lugar.

“Meus pais desejam conhecê-lo.” Disse ele ao descer por um novo corredor.

Thor engoliu em seco.

“Vosso pai? Quer dizer... o Rei?” De repente, ele estava nervoso. Por que ele desejaria me conhecer? Tem certeza?”

Reece riu.

“Certeza plena. Não precisa ficar tão nervoso... é apenas o meu pai.”

“Apenas o vosso pai?” Thor disse com descrença. “Ele é o rei!”

“Ele não é tão mau assim. Tenho um pressentimento que vai ser uma audiência feliz. Afinal, você salvou a vida de Erec.”

Thor engoliu em seco, as palmas das mãos suadas, quando outra grande porta se abriu e eles entraram em um vasto salão. Ele olhou com admiração para o teto em arco, com sua altura bem elevada, forrado com um desenho elaborado. As paredes estavam revestidas com janelas de vitrais em forma arco. Mais pessoas estavam amontoadas nessa sala, se é que isso era possível. Deveria haver milhares delas ali, já que a sala estava definitivamente lotada, Mesas de banquete estavam distribuídas através da sala até onde os olhos podiam ver e as pessoas, sentadas em bancos infinitamente longos, estavam jantando. Entre eles havia um corredor estreito com um longo tapete vermelho, que levava a uma plataforma, sobre a qual estava situado o trono real. A multidão abriu caminho quando Reece e Thor caminharam pelo tapete em direção ao Rei.

“Para onde você pensa que o está levando?” Ouviu-se voz anasalada e hostil.

Thor olhou para o lugar de onde vinha a voz e viu um homem de pé ao lado dele, não muito mais velho do que ele, vestido com um traje real, claramente, um príncipe, bloqueando seu caminho e carrancudo.

“São ordens do Pai.” Reece rebateu. “É melhor sair do nosso caminho, a menos que você queira desafiá-lo.”

O príncipe se manteve firme, franzindo a testa, olhando como se tivesse mordido algo podre, enquanto examinava Thor. Thor não gostava dele nem

um pouco. Havia algo nele que despertava desconfiança por suas feições desagradáveis e seus olhos sempre furtivos.

“Este não é um salão para os plebeus.” O príncipe replicou. “Você deve deixar a gentilha lá fora, no lugar de onde ela não devia ter saído.”

Thor sentiu seu peito se apertar. Claramente esse homem o odiava e ele não sabia o porquê.

“Eu conto para o Pai que você disse isso?” Reece defendeu, mantendo sua posição.

Relutantemente, o príncipe se virou e foi embora.

“Quem era aquele?” Thor perguntou a Reece enquanto eles continuaram a caminhar.

“Não ligue para ele.” Reece replicou. “Ele é apenas meu irmão mais velho — ou um deles. Gareth. O mais velho. Bem, não é realmente o mais velho — ele é apenas o primogênito legítimo. Kendrick, quem você conheceu no campo de batalha — ele é realmente o mais velho.”

“Por que Gareth me odeia? Eu nem sequer o conheço.”

“Não se preocupe — ele não reserva seu ódio só para você. Ele odeia todo mundo. Qualquer um que se achega à família é visto por ele como uma ameaça. Não se preocupe com ele. Ele é apenas um dos muitos.”

Enquanto eles continuavam caminhando, Thor se sentia cada vez mais grato a Reece, quem, ele estava percebendo, estava se tornando um verdadeiro amigo.

“Por que me defendeu?” Thor perguntou curioso.

Reece deu de ombros.

“Recebi a ordem de trazer você até meu pai. Além disso, você é meu parceiro de treino e tem passado um longo tempo sem que alguém de minha idade aparecesse por aqui, alguém por quem valesse pena tudo isso.”

“Mas por que eu valho a pena?” Thor perguntou.

“Você tem espírito de luta. É impossível fingi-lo.”

Enquanto eles continuavam a caminhar pelo corredor em direção ao rei, Thor sentia que era como se os dois já se conhecessem de longa data — o que era estranho. Mas de certa forma, ele via a Reece como se ele fosse seu próprio irmão. Ele nunca tinha tido um irmão, não um verdadeiro irmão. Era bom ter um irmão como Reece.

“Meus outros irmãos não são como ele, não se preocupe.” Reece disse quando as pessoas reuniram-se em torno deles, tentando vislumbrar Thor. “Meu irmão Kendrick, aquele que você conheceu — ele é o melhor de

todos. Ele é meu meio-irmão, mas eu o considero um verdadeiro irmão — muito mais que Gareth. Kendrick é como um segundo pai para mim. Ele o será para você, também, tenho certeza disso. Não há nada que ele não faria por mim — ou por qualquer pessoa. Ele é o mais amado de nossa família real, entre todas as pessoas. O fato de que ele não possa tornar-se rei é uma grande perda.”

“Vossa Alteza disse ‘irmãos’. Vossa Alteza tem outro irmão também?” Thor indagou.

Reece respirou fundo.

“Eu tenho outro irmão, sim. Nós não somos muito unidos. Godfrey. Infelizmente, ele desperdiça seus dias na taberna, com os plebeus. Ele não é um lutador, como nós. Ele não está interessado nisso — ele não está interessado em nada, realmente. Exceto na bebida — e nas mulheres.”

De repente, eles pararam quando uma jovem bloqueou seu caminho. Thor ficou ali, paralisado. Talvez ela fosse um par de anos mais velha do que ele, ela olhou para trás com seus olhos azuis amendoados, a pele perfeita e os cabelos longos, ruivos. Estava vestida com um vestido de cetim branco com finas terminações de rendas e seus olhos brilhavam de forma positiva, dançando com alegria e malícia. Ela fixou seus olhos nos dele e o mantinha completamente cativado. Ele não poderia mover-se mesmo que quisesse. Ela era a pessoa mais bela que Thor já havia visto.

Ela sorriu, exibindo dentes perfeitos — e como se Thor não estivesse paralisado o suficiente, o sorriso dela o manteve ali, iluminando o coração dele com um simples gesto. Ele nunca tinha se sentido tão vivo.

Thor estava parado diante dela, incapaz de falar. Incapaz de respirar. Era a primeira vez em sua vida que ele se sentia assim.

“Você não vai me apresentar?” A jovem perguntou a Reece. A voz dela penetrou Thor — era ainda mais doce do que a sua aparência.

Reece suspirou.

“E depois há a minha irmã...” Ele disse com um sorriso. “Gwen, este é Thor. Thor, Gwen.”

Gwen fez uma reverência.

“Como vai?” Ela perguntou com um sorriso.

Thor ficou parado, congelado. Finalmente, Gwen deu uma risadinha.

“Não diga tantas palavras de uma só vez, por favor.” Ela disse com uma risada.

Thor sentiu-se corar. Ele limpou a garganta.

“Eu sou... eu... desculpe.” Ele disse. “Eu sou Thor.”

Gwen deu uma risadinha.

“Eu já sei disso.” Ela disse. Ela virou-se para seu irmão. “Nossa Reece! Seu amigo, certamente, é bom de conversa.”

“O Pai quer conhecê-lo.” Ele disse com impaciência. “Nós vamos nos atrasar.”

Thor queria falar com ela, para dizer-lhe como ela era bonita, como ele estava feliz em conhecê-la; como ele estava agradecido por ela ter parado para cumprimentá-lo. Mas a língua dele estava completamente atada. Ele nunca tinha estado tão nervoso em sua vida. Então, em vez disso, tudo o que saiu foi:

“Obrigado.”

Gwen deu uma risadinha, riu com força.

“Obrigado pelo quê?” Ela perguntou. Os olhos dela se iluminaram. Ela estava gostando.

Thor ficou vermelho novamente.

“Humm... Eu não sei.” Ele murmurou.

Gwen riu ainda mais e Thor se sentiu humilhado. Reece lhe deu uma cotovelada, cutucando-o, os dois continuaram a caminhar. Depois de alguns passos, Thor olhou por cima do ombro. Gwen ainda estava ali, olhando para ele.

Thor sentiu seu coração batendo forte. Ele queria falar com ela, para descobrir tudo sobre ela. Ele estava tão envergonhado por sua escassez de palavras. Mas ele nunca tinha sido exposto às jovens em sua pequena aldeia, nunca mesmo, certamente, nunca a uma jovem tão bonita. Ele nunca tinha sido ensinado sobre exatamente o que dizer ou como agir.

“Ela fala muito.” Disse Reece, enquanto eles continuavam, aproximando-se do rei. “Não ligue.”

“Qual é o nome dela?” Thor perguntou.

Reece deu-lhe um olhar divertido. “Ela acabou de lhe dizer!” Ele disse com uma risada.

“Desculpe-me... eu... eu... Eu esqueci.” Thor disse embaraçado.

“Gwendolyn. Mas todo mundo a chama Gwen.”

Gwendolyn. O nome dela dava voltas várias vezes na mente de Thor. Gwendolyn. *Gwen*. Ele não queria deixá-lo ir. Ele queria que perdurasse na sua consciência... Ele se perguntava se teria a chance de vê-la novamente.

Ele imaginava que provavelmente não, visto que ele era um plebeu. Esse pensamento o fez sofrer.

A multidão ficou em silêncio, quando Thor olhou para cima ele percebeu que estavam agora perto do rei. O Rei MacGil sentado no seu trono, vestido com seu manto púrpura; portando sua coroa, se via majestoso.

Reece ajoelhou-se diante dele e a multidão aquietou-se. Thor seguiu o exemplo. Um manto de silêncio cobriu a sala.

O rei limpou a garganta, um ruído profundo, vigoroso. Enquanto ele falava, sua voz ecoava por toda a sala.

“Thorgrin das Lowlands do Sul da província do Reino Ocidental.” Ele começou. “Você percebe que hoje interferiu com o torneio real do rei?”

Thor sentiu sua garganta seca. Ele mal sabia como responder. Não era uma boa maneira de começar. Ele imaginava se seria punido.

“Desculpe-me, Majestade.” Ele finalmente disse. “Não era minha intenção.”

MacGil inclinou-se e levantou uma sobrancelha.

“Não era sua intenção? Você está dizendo que não tinha a intenção de salvar a vida de Erec?”

Thor estava constrangido. Ele percebeu que só estava piorando as coisas.

“Não, Majestade. Eu tinha a intenção...”

“Então, você admite que queria interferir?”

Thor sentia seu coração batendo. O que ele poderia dizer?

“Desculpe-me, Majestade. Acho que eu só... queria ajudar.”

“Queriu *ajudar*?” MacGil repetiu e então se inclinou para trás e riu com vontade.

“Você queria ajudar Erec! Nosso melhor e mais famoso cavaleiro!”

A sala irrompeu em risos e Thor sentiu seu rosto ficar vermelho, demasiadas vezes para um só dia. Será que ele não podia fazer nada direito ali?

“Levante-se e chegue mais perto.” MacGil ordenou.

Thor olhou com surpresa ao ver o Rei sorrindo, estudando-o, enquanto ele ficava de pé e se aproximava.

“Eu consigo ver nobreza em sua face. Você não é um jovem comum. Não, não é comum, mesmo.”

MacGil limpou a garganta.

“Erec é nosso cavaleiro mais amado. O que você fez hoje foi algo grandioso. Algo grandioso para todos nós. Como recompensa, de hoje em

diante, eu recebo você como parte da minha família, outorgando-lhe o mesmo respeito e a mesma honra que são devidos a qualquer um dos meus filhos.”

O rei se inclinou para trás e exclamou com voz forte: “Que seja do conhecimento de todos!”

Houve uma enorme alegria e ouviu-se o barulho dos pés saltitando de júbilo, em toda a sala.

Thor olhou à sua volta, perturbado, incapaz de processar tudo o que estava acontecendo com ele. Ele agora era parte da família do rei. Isso estava além de seus sonhos mais loucos. Tudo o que ele queria era ser aceito, obter um posto na Legião. E agora, isso. Ele estava tão cheio de gratidão, de alegria que ele mal sabia o que fazer.

Antes que ele pudesse responder, de repente, todos na sala começaram a cantar, a dançar e a festejar, todos celebrando à sua volta. Era uma loucura. Ele olhou para o rei, viu o amor em seus olhos, a adoração e aceitação. Ele nunca havia sentido o amor de uma figura paterna em sua vida e agora, ali, ele era amado não apenas por um homem, mas por ninguém menos do que o próprio Rei. Em um só dia, seu mundo tinha mudado. Ele rezou para que tudo isso fosse real.

*

Gwendolyn abriu caminho através da multidão, querendo avistar o rapaz antes que ele fosse levado para fora da corte real. *Thor*. Seu coração batia forte ao pensar nele e ela não podia tirar o nome dele de sua cabeça. Ela tinha sido incapaz de parar de pensar nele a partir do momento que o havia conhecido. Ele era mais jovem do que ela, mas não mais de um ano ou dois — além disso, havia algo nele que o fazia parecer mais velho; mais maduro do que os outros; mais profundo. Desde que ela o tinha visto, ela sentiu que já o conhecia de longa data. Ela sorriu para si mesma quando recordou como o conhecera. Quão embaraçado ele estava. Ela podia ver nos olhos dele que ele sentia o mesmo por ela.

Claro, ela não conhecia bem o rapaz. Mas ela tinha testemunhado o que ele tinha feito na pista de torneios, tinha visto como seu irmão mais novo havia se afeiçoado a ele. Ela tinha estado observando-o desde então, sentindo que ele tinha algo de especial, algo diferente dos outros. Conhecê-lo havia apenas confirmado isso. Ele era diferente de todos os da realeza, de todas as pessoas nascidas e criadas ali. Havia algo revigorante e genuíno sobre ele. Ele era um forasteiro. Um plebeu. Mas estranhamente, tinha um

porte real. Era como se ele tivesse orgulho demais para ser o que ele realmente era.

Gwen fez seu caminho até a borda superior do balcão e olhou para baixo. Abaixo estava espalhada a corte real, e ela avistou brevemente Thor enquanto ele era conduzido para fora, Reece estava ao lado dele. Eles certamente estavam indo para o quartel, para treinar com os outros rapazes. Ela sentiu uma pontada de pena, já imaginando, planejando, como ela poderia fazer para vê-lo novamente.

Gwen tinha de saber mais sobre ele. Ela tinha de averiguar. Para isso, ela teria de falar com a única mulher que sabia tudo sobre todos e tudo o que acontecia no Reino: sua mãe.

Gwen virou-se e abriu seu caminho de volta através da multidão, girando pelos corredores do castelo que ela conhecia de cor. Sua cabeça dava voltas. Tinha sido um dia estonteante. Em primeiro lugar, a reunião matinal com o pai dela, sua notícia chocante de que ele a havia escolhido como a herdeira do Reino. Ela foi apanhada completamente desprevenida, nunca teria esperado por isso nem em um milhão de anos. Ela mal podia processar isso agora. Como poderia ela realmente governar um reino? Ela afastou a ideia de sua mente, esperando que esse dia nunca chegasse. Depois de tudo, seu pai era saudável e forte, e tudo o que ela mais queria era que ele tivesse vida longa. Para estar ali com ela. Para ser feliz.

Mas ela não podia afastar a reunião da sua mente. Em algum lugar lá, à espreita, estava plantada a semente com a ideia de que um dia, qualquer que fosse esse dia, *ela* seria a próxima. Ela sucederia seu pai. Não qualquer um dos seus irmãos. Mas sim ela. Isso a aterrorizava, mas ao mesmo tempo lhe dava um sentido de importância, de confiança, diferente de tudo o que ela tinha sentido. Seu pai acreditava que ela — *ela* — estava apta para governar, para ser a mais sábia de todos eles. Ela se perguntava por que.

Isso também, de alguma maneira, a preocupava. Ela concluía que iria causar um enorme ressentimento e inveja — ela, uma jovem, ser escolhida para governar. Já podia sentir a inveja de Gareth e isso a assustava. Ela sabia que seu irmão mais velho podia ser terrivelmente manipulador e completamente implacável. Ele não se deteria diante de nada até obter o que desejava e ela odiava a ideia de estar na sua mira. Ela tentou falar com ele após a reunião, Mas ele nem sequer olhou para ela.

Gwen desceu correndo as escadas em espiral, os sapatos dela ecoando na pedra. Ela desceu por outro corredor, passou pela capela traseira; passou por

outra porta; passou por vários guardas e entrou nos aposentos privados do castelo. Ela tinha de falar com sua mãe, quem ela sabia que estaria descansando ali. A mãe já não tinha tanta tolerância para os assuntos sociais. Ela gostava de escapar para os seus aposentos e descansar sempre que possível.

Gwen passou por outro guarda, foi por outro corredor, então finalmente parou antes da porta dos aposentos de sua mãe. Ela estava prestes a abrir a porta, mas parou. Por trás da porta, ela ouvia vozes abafadas, subindo o tom e sentiu que algo andava mal. Era sua mãe discutindo. Ela escutava atentamente e ouviu a voz de seu pai. Eles estavam brigando. Mas, por quê?

Gwen sabia que não devia estar escutando — porém ela não podia evitar. Ela estendeu a mão e gentilmente abriu a pesada porta de carvalho, segurando-a pela sua aldrava de ferro. Ela abriu apenas uma fresta e ouviu. “Ele não vai ficar na minha casa.” A mãe dela falou ríspidamente.

“Você se precipita em julgar sem conhecer toda a história.”

“Eu conheço a história.” Ela retrucou. “O suficiente.”

Gwen sentiu o veneno na voz da mãe e ficou surpresa. Ela raramente ouvia seus pais brigarem — muito poucas vezes em sua vida — e nunca ouvira sua mãe tão exaltada. Ela não podia entender o por quê.

“Ele vai ficar no quartel com os outros meninos. Eu não quero que ele permaneça debaixo do meu teto. Você entende?” Ela pressionou-o.

“Este é um castelo grande.” Seu pai contestou. “Você não notará a presença dele.”

“Não importa se posso notá-la ou não. Eu não o quero aqui. Ele é problema seu. Foi você quem decidiu trazê-lo para cá.”

“Você não é tão inocente tampouco.” Retorquiou o pai dela.

Ela ouviu passos, observou seu pai cruzar o quarto pisando firme e sair por uma porta lateral, batendo-a atrás dele tão forte que sacudiu o quarto. Sua mãe ficou sozinha no centro da sala e começou a chorar.

Gwen se sentia muito mal. Ela não sabia o que fazer. Por um lado, ela achava melhor escapar, por outro, ela não podia suportar ver sua mãe chorar assim. Ela também, pela vida dela, não conseguia entender sobre o que eles estavam discutindo. Supôs que era sobre Thor. Mas por quê? Por que sua mãe se importava tanto? Dezenas de pessoas viviam no castelo.

Gwen não podia simplesmente ir embora, não com a mãe naquele estado. Ela tinha de confortá-la. Ela estendeu a mão e empurrou a porta aberta.

A porta rangeu e a mãe dela virou-se rapidamente, pega de surpresa. Ela olhou para a filha carrancuda.

“Você não costuma bater à porta?” Disse rispidamente. Gwen podia ver quão chateada ela estava e se sentiu péssima. “O que houve mãe?” Gwen perguntou, caminhando em direção a ela gentilmente. “Eu não quero me intrometer, mas eu ouvi você discutindo com o pai.”

“Você está certa, você não deveria se meter.” Replicou sua mãe.

Gwen estava surpresa. A mãe dela era muitas vezes difícil de tratar, mas raramente era assim. A força de sua raiva fez Gwen parar sobre seus passos, a poucos metros de distância, insegura.

“É por causa do forasteiro? Thor?” Ela perguntou.

A mãe virou-se e afastou o olhar, enxugando uma lágrima.

“Eu não entendo.” Gwen insistiu. “Por que você se incomodaria se ele ficasse aqui?”

“Meus assuntos não lhe dizem respeito.” Ela disse friamente, desejando claramente pôr um ponto final no assunto. “O que você quer? Por que veio aqui?”

Agora Gwen estava nervosa. Ela queria que sua mãe lhe contasse tudo sobre Thor, porém não poderia ter escolhido um momento pior. Ela limpou a garganta, hesitante.

“Eu... na verdade, queria perguntar sobre ele. O que sabe sobre ele?”

A mãe virou-se e estreitou os olhos para ela, desconfiada.

“Por quê?” Ela perguntou, com seriedade mortal. Gwen podia sentir que sua mãe a estava sondando, vendo através dela, e vendo com sua percepção inquietante que Gwen gostava dele. Ela tentou esconder seus sentimentos dela, mas sabia que era inútil.

“Eu tenho apenas curiosidade.” Ela disse, sem muita convicção.

De repente, a rainha deu três passos em sua direção, agarrou os braços dela com força e olhou-a com firmeza.

“Escute bem.” Ela falou entre dentes. “Eu vou lhe dizer isto apenas uma vez: Fique longe daquele rapaz. Está me ouvindo? Eu não quero você perto dele, em nenhuma circunstância.”

Gwen estava horrorizada.

“Mas por quê? Ele é um herói.”

“Ele não é um de nós.” Sua mãe respondeu. “Apesar do que o seu pai possa pensar. Eu quero que você fique longe dele. Está me ouvindo? Jure que vai ficar longe dele. Jure para mim, agora!”

“Eu não vou jurar.” Gwen disse, puxando seu braço para longe do aperto tão forte das mãos de sua mãe.

“Ele é um homem comum, um plebeu e você é uma princesa.” Sua mãe gritou. “Você é uma *princesa*. Entendeu? Se você chegar perto dele, eu farei com que ele seja exilado daqui. Está me entendendo?”

Gwen não sabia como responder. Ela nunca tinha visto a mãe assim.

“Não me diga o que fazer, Mãe.” Ela disse, finalmente.

Gwen fez o melhor que pôde para demonstrar coragem em sua voz, mas por dentro ela estava tremendo. Ela tinha ido ali desejando saber tudo, agora, ela se sentia aterrorizada. Ela não entendia o que estava acontecendo.

“Faça como quiser.” Sua mãe lhe disse. “Porém o destino dele está em suas mãos. Não se esqueça disso.”

Com isso, sua mãe virou-se e atravessou a sala pisando o chão com força e bateu a porta atrás de si, deixando Gwen completamente só envolvida em um silêncio sombrio. Seu bom humor estava despedaçado. Que coisa poderia provocar uma reação tão forte por parte de sua mãe e do pai dela?

Quem era esse rapaz?

CAPÍTULO DEZ

MacGil estava sentado na sala do banquete, observando seus súditos, ele em uma cabeceira da mesa e o rei McCloud na outra, centenas de homens de ambos os clãs entre eles. As festividades da boda haviam prosseguido por horas até que finalmente a tensão do dia do torneio entre os dois clãs tinha se dissipado. Tal como MacGil suspeitava, todos os homens precisavam de vinho, carne e... mulheres, para fazer com que eles esquecessem suas diferenças. Agora todos eles se misturavam à mesma mesa, como irmãos de armas. Na verdade, olhando para eles agora, MacGil já não podia nem mesmo dizer que eles eram de dois clãs separados.

MacGil se sentia vindicado; seu grande plano estava funcionando depois de tudo. Os dois clãs já pareciam estar mais unidos. Ele conseguiu fazer o que uma longa linhagem de reis MacGil antes dele nunca tinha conseguido: unificar ambos os lados do Reino do Anel, fazer deles, senão amigos, pelo menos vizinhos pacíficos. Sua filha Luanda estava de braços dados com seu flamante marido, o príncipe McCloud e ela parecia estar feliz. Seu sentimento de culpa diminuiu. Ele podia ter entregado Luanda para eles — mas ele, pelo menos, lhe garantia o título de rainha.

MacGil lembrou de todo o planejamento que precedeu este evento, lembrou-se dos dias longos de discussões com seus conselheiros. Ele tinha ido contra os conselhos de todos os seus conselheiros ao organizar esta união. Não foi uma paz fácil e com o tempo, os McClouds iriam instalar-se em seu lado das terras altas, com o tempo este casamento seria esquecido e um dia eles se agitariam novamente. Ele não era ingênuo. Mas agora, pelo menos, havia um laço de sangue entre os dois clãs — e especialmente se nascesse um filho, isso não poderia ser ignorado tão facilmente. Se essa criança florescesse e um dia governasse — uma criança nascida dos dois lados do reino do Anel — então, quem sabe, um dia, o Reino inteiro, estaria unido; as Highlands já não seriam mais uma fronteira de contendidas e a terra poderia prosperar sob um novo governo. Esse era seu sonho. Um sonho não apenas para si mesmo, mas para os seus descendentes. Depois de tudo, o Anel tinha de permanecer forte, unificado, para proteger o Canyon, para combater as hordas do mundo além dele. Enquanto os dois clãs

permanecessem divididos, eles estariam enfraquecidos diante do resto do mundo.

“Um brinde.” MacGil gritou e ficou de pé.

A mesa silenciou quando centenas de homens ficaram de pé também, levantando suas taças.

“Ao casamento da minha filha mais velha! À união entre os MacGils e McClouds! À paz em todo o anel!”

“SAÚDE SAÚDE!” Ouviu-se um coro de vozes. Todo mundo brindou e a sala, mais uma vez foi preenchida com o barulho de risos e de festa.

MacGil se sentou de volta e examinou a sala, procurando por seus outros filhos. Ali, é claro, estava Godfrey, bebendo, uma taça em cada mão e uma garota em cada ombro, rodeado por sua corja de amigos. Esse era provavelmente o único evento real ao qual ele tinha assistido de bom grado. Ali estava Gareth, sentado ao lado de seu amante Firth, sussurrando em seu ouvido; MacGil podia ver por seus olhos furtivos e inquietos, que ele estava tramando alguma coisa. Só de pensar nisso, seu estômago dava voltas e ele desviou o olhar. Lá, do outro lado da sala, estava seu filho mais novo, Reece, banqueteadando-se sentado à mesa reservada para os escudeiros com o novo rapaz, Thor. Ele já considerava Thor como um filho e ficou satisfeito ao ver que seu filho mais novo tinha travado amizade com ele.

Ele examinou os rostos em busca de sua filha mais nova, Gwendolyn, e finalmente encontrou-a sentada em um dos lados da sala, rodeada por suas servas, rindo. Ele seguiu o olhar dela e notou que ela estava observando Thor. Ele examinou-a por um longo tempo e percebeu que ela estava apaixonada. Ele não tinha previsto isso e não tinha certeza do que pensar a respeito. Ele pressentiu problemas ali. Especialmente com sua esposa.

“Nem tudo é o que parece.” Ouviu-se uma voz dizer.

MacGil virou-se para ver Argon, sentado ao seu lado, observando os dois clãs jantando juntos.

“O que acha de tudo isso?” MacGil perguntou. “Haverá paz entre os dois reinos?”

“A paz nunca é estática.” Argon disse. “Ela vaza e flui como as marés. O que Vossa Majestade está vendo é uma paz aparente. O que vê apenas um lado da face dela. Vossa Majestade está tratando de edificar a paz sobre uma rivalidade antiga. Porém, existem centenas de anos de derramamento de sangue. As almas clamam por vingança. Isso não pode ser apaziguado por um simples casamento.”

“O que está dizendo?” MacGil perguntou, tomando outro gole do seu vinho, sentindo-se nervoso, como sempre se sentia em presença de Argon.

Argon virou-se e olhou para ele com uma intensidade tão forte, que fez o pânico apoderar-se do coração de MacGil.

“Haverá guerras. Os McClouds atacarão. Prepare-se. Todos os convidados que Vossa Majestade vê agora diante de si, em breve, estarão fazendo tudo que puderem para matar vossa família.”

MacGil engoliu em seco.

“Eu tomei uma decisão errada ao casá-la com um deles?”

Argon ficou em silêncio por um tempo, até que finalmente disse: “Não necessariamente.”

Argon desviou o olhar e MacGil pôde ver que o assunto estava encerrado. Havia um milhão de perguntas que ele queria fazer, mas ele sabia que seu feiticeiro não poderia respondê-las, até que ele estivesse pronto. Em lugar disso, ele observou os olhos de Argon e seguiu seu olhar que ia de Gwendolyn para Thor.

“Pode vê-los juntos?” MacGil perguntou de repente, curioso para saber.

“Talvez.” Argon respondeu. “Ainda há muito a ser decidido.”

“Você fala por enigmas.”

Argon deu de ombros, desviou o olhar e MacGil percebeu que não obteria mais nada dele.

“Você viu o que aconteceu hoje no campo?” MacGil cutucou. “Com o garoto?”

“Eu vi antes que acontecesse.” Argon replicou.

“O que você acha de tudo isso? Qual é a fonte dos poderes do menino? Ele é como você?”

Argon se virou e olhou nos olhos de MacGil mais uma vez, com uma intensidade que quase fez com que ele desviasse o olhar.

“Ele é muitíssimo mais poderoso do que eu.”

MacGil olhou de volta, chocado. Ele nunca tinha ouvido Argon falar assim.

“*Mais* poderoso? Do que você? Como é possível? Você é um feiticeiro do rei — não há ninguém mais poderoso que você em toda a terra.”

Argon deu de ombros.

“O poder não se apresenta em uma única forma.” Ele disse. “O garoto tem poderes além do que Vossa Majestade pode imaginar. Poderes além do

que ele mesmo sabe. Ele não tem ideia de quem ele é ou de onde ele provém.”

Argon se virou e olhou fixamente para MacGil.

“Mas Vossa Majestade sim.” Ele acrescentou.

MacGil olhou em volta, pensando.

“Eu tenho?” MacGil perguntou. “Diga-me. Eu preciso saber.”

Argon abanou sua cabeça.

“Examine os seus sentimentos. Eles são sinceros.”

“O que será dele?” MacGil indagou.

“Ele se tornará um grande líder. Um grande guerreiro. Ele governará reinos por direito próprio. Reinos muito mais grandiosos do que o seu. Ele será um rei ainda mais grandioso do que Vossa Majestade. Este é o destino dele.”

Por um breve momento, MacGil ardeu de inveja. Ele virou-se e observou o menino, rindo inocentemente com Reece, sentado à mesa dos escudeiros, o plebeu; o forasteiro franzino; o mais jovem do grupo. Ele não imaginava como isso seria possível. Olhando para ele agora, dificilmente ele se veria como alguém elegível para a Legião. Ele se perguntava se por um momento, Argon não estaria errado.

Mas Argon nunca estava errado e nunca fazia pronunciamentos sem uma razão.

“Por que está me dizendo tudo isso?” MacGil perguntou.

Argon se virou e olhou para ele.

“Porque agora é a vossa vez de preparar-se. O garoto necessita ser treinado. Ele precisa receber o melhor de tudo. É vossa responsabilidade.”

“Minha? O que foi feito do seu pai?”

“O que tem o pai dele?” Argon replicou.

CAPÍTULO ONZE

Thor tentava despregar os olhos, desorientado, perguntando-se onde estava. Ele estava deitado no chão, sobre um monte de palha, seu rosto de lado, seus braços dobrados sobre a cabeça. Ele levantou seu rosto, limpando a baba da boca e imediatamente sentiu uma pontada de dor na cabeça, bem detrás dos olhos. Era a pior dor de cabeça da sua vida. Lembrou-se da noite anterior, o banquete do rei, a bebida, seu primeiro trago. A sala estava girando. Sua garganta estava seca e naquele momento ele jurou que nunca mais na vida iria beber.

Thor olhou à sua volta, tentando achar seu rumo no quartel cavernoso. Em todos os lugares havia corpos deitados sobre montes de palha, por todos os lados se ouviam roncos. Ele olhou para o outro lado e viu Reece a poucos metros, desacordado também. Foi então que ele percebeu: ele estava no quartel. O quartel da Legião. Todos os que estavam ao seu redor, eram jovens da sua idade, cerca de cinquenta deles.

Thor lembrava-se, vagamente de Reece mostrando-lhe o caminho, nas últimas horas da noite, e caindo sobre o monte de palha. Os primeiros raios da manhã atravessavam as janelas abertas e Thor logo percebeu que ele era o único que estava desperto. Ele olhou para baixo e viu que havia dormido completamente vestido, estendeu a mão e passou-a pelo seu cabelo oleoso. Ele daria tudo por uma chance de se banhar — embora ele não soubesse onde. Ele também faria qualquer coisa por um copo d'água. Seu estômago roncava— Ele também queria comida.

Tudo era tão novo para ele. Ele mal conhecia o lugar onde estava, mal sabia para onde a vida o conduziria logo depois, qual era a rotina ali na Legião. Mas ele estava feliz. Tinha sido uma noite deslumbrante, uma das melhores de sua vida. Ele tinha encontrado um amigo íntimo em Reece e tinha surpreendido Gwendolyn olhando para ele uma ou duas vezes. Ele havia tentado falar com ela. Mas cada vez que ele se aproximou dela, sua coragem lhe falhou. Ele sentia uma pontada de tristeza quando pensava nisso. Sempre havia muitas pessoas ao redor. Se fossem apenas os dois, ele teria ganhado coragem. Mas haveria uma próxima vez?

Antes que Thor pudesse terminar o pensamento, houve uma batida súbita nas portas de madeira do quartel e um instante depois elas foram abertas de

par em par e a luz de inundou o recinto.

“De pé, escudeiros!” Ouviu-se a ordem.

Em marcha, uma dúzia de membros do Exército Prata do Rei entrou chacoalhando suas cotas de malha e batendo nas paredes de madeira com objetos metálicos. O barulho em torno de Thor era ensurdecedor. Em seguida os outros jovens se puseram de pé.

Liderando o grupo havia um soldado em particular, com uma aparência feroz, Thor o reconheceu, ele havia estado na arena, no dia anterior, aquele atarracado, careca com a cicatriz no nariz e que Reece lhe disse que se chamava Kolk.

Ele parecia estar encrencado com Thor, levantou o dedo e apontou para ele.

“E garoto, você aí!” Ele gritou. “Ei! Eu disse para ficar de pé!”

Thor estava confuso. Ele já estava de pé.

“Mas já estou de pé, senhor.” Thor respondeu.

Kolk deu um passo à frente e esbofeteou o rosto de Thor. Thor sentiu uma pontada de indignação com isso, todos os olhos estavam postos sobre ele.

“Não responda aos seus superiores dessa maneira novamente!” Kolk repreendeu.

Antes que Thor pudesse responder, os homens se moveram, circularam pela sala, puxando um garoto após outro, obrigando-os a levantar-se e chutando nas costelas alguns que eram muito lentos para se levantar.

“Não se preocupe.” Ouviu-se uma voz reconfortante.

Ele se virou e viu Reece ali.

“Não é pessoal nem é só com você. É apenas o jeito deles. Sua maneira de quebrar-nos.”

“Mas eles não fizeram o mesmo com Vossa Alteza.” Disse Thor.

“Sim, claro, eles não me tocarão por causa do meu pai. Mas eles não serão exatamente gentis, tampouco. Eles querem que estejamos em forma, só isso. Eles acham que isso vai nos endurecer. Não preste muita atenção a eles.”

Os rapazes marcharam todos para fora do quartel e Thor e Reece com eles. Assim que eles puseram os pés fora, a luz solar atingiu Thor em cheio. Thor apertou os olhos e ergueu as mãos. De repente, ele foi inundado por uma onda de náusea virou-se, inclinou-se e vomitou.

Ele podia ouvir o riso dos garotos ao seu redor. Um guarda o empurrou e Thor tropeçou para a frente, voltando à linha com os demais, limpando a boca. Thor nunca tinha se sentido tão terrível.

Ao lado dele, Reece sorriu.

“Foi uma noite difícil, não é?” Ele perguntou a Thor, rindo abertamente e cutucando-o nas costelas com o cotovelo. “Eu disse para você parar depois da segunda taça.”

Thor se sentiu enjoado quando a luz penetrou em seus olhos, ele nunca a havia sentido tão forte como hoje. O dia já estava quente e ele podia sentir gotas de suor formando-se debaixo de seu colete de couro.

Thor tentou lembrar-se do aviso de Reece na noite anterior — mas por tudo que era mais sagrado, ele não lembrava...

“Não me lembro de nenhum conselho.” Thor retorquiou.

Reece deu-lhe um sorriso ainda mais largo. “Precisamente por que você não o escutou.” Reece riu. “E todas aquelas tentativas atrapalhadas de conversar com minha irmã.” Ele acrescentou. “Foi algo realmente patético. Não creio ter visto um rapaz com tanto medo de uma garota em minha vida inteira.”

Thor ficou vermelho quando tentou lembrar. Mas ele não podia. Era tudo muito nebuloso para ele.

“Eu não quero ofendê-lo.” Thor disse. “Por causa de vossa irmã.”

“Você não pode me ofender. Se ela escolhesse você, eu estaria muito feliz.”

Os dois marcharam mais rapidamente, quando o grupo subiu uma colina. O sol parecia ficar mais forte a cada passo.

“Porém, eu devo adverti-lo: cada mão do Reino está atrás dela. As chances de que ela escolha você, são... bem, digamos que são muito remotas.”

Enquanto eles marchavam entre as verdes colinas da corte do rei, Thor se sentia mais confiante. Sentiu-se aceito por Reece. Era incrível, mas ele continuou a sentir que Reece era mais um irmão para ele que todos os que ele já tinha tido. Enquanto eles caminhavam, Thor notou seus três irmãos de sangue marchando por perto. Um deles virou-se e lhe fez uma careta, em seguida cutucou seu outro irmão, que olhou para trás com um sorriso zombeteiro. Eles balançaram a cabeça e se viraram. Eles não tinham dirigido uma só uma palavra amável para Thor. Mas ele tampouco esperava outra coisa.

“Entre na fila, Legião! Agora!”

Thor olhou para cima e viu vários membros da multidão do Exército Prata em torno deles, empurrando a outros cinquenta deles em uma linha apertada, uma fila dupla. Um homem veio por trás e atingiu o garoto que ia à frente de Thor com uma grande vara de bambu, quebrando-a com força nas costas dele; ele gritou e se endireitou apertando-se na linha. Logo eles estavam em duas fileiras bem formadas, marchando firmemente através das terras do Rei.

“Quando vocês marcharem para a batalha, deverão marchar como se fossem um!” Exclamou Kolk, andando para cima e para baixo ao lado deles. “Este não é o quintal da casa de sua mãe. Vocês estão marchando para a guerra!”

Thor marchou e marchou ao lado de Reece, suando ao sol, querendo saber para onde eles estavam sendo conduzidos. Seu estômago ainda estava revirado pela cerveja e ele se perguntou quando tomaria o café da manhã, quando conseguiria beber algo. Mais uma vez, ele amaldiçoou-se por beber tanto na noite anterior.

Eles foram subindo e descendo as colinas, passaram por uma ponte de pedra em arco, alcançando finalmente os campos ao redor. Eles passaram por outra ponte de pedra em arco e entraram em uma espécie de coliseu. O campo de treinamento da Legião.

Diante deles havia todo tipo de alvos: para atirar lanças, flechas, disparar pedras, junto com pilhas de palha para destroçar com espadas. O coração de Thor acelerou ao ver tudo isso. Ele queria entrar ali, usar as armas, treinar.

Mas ao seguir o seu caminho em direção a área de formação, Thor repentinamente, recebeu uma cotovelada pelas costas, nas costelas e um pequeno grupo de seis garotos, a maioria deles mais jovens que Thor, foi conduzido para fora da linha principal. Ele foi separado de Reece e levado para o outro lado do campo.

“Está pensando que vai treinar?” Kolk perguntou ironicamente quando eles se afastaram dos outros, ficando longe das metas. “Hoje seu negócio é com os cavalos.”

Thor olhou e viu para onde estavam sendo levados: do outro lado do campo vários cavalos saltitavam. Kolk olhou para ele com um sorriso perverso.

“Enquanto os outros arremessam lanças e empunham espadas, hoje você vai cuidar dos cavalos e limpar seus excrementos. Todos nós temos de

começar em algum lugar. Bem-vindo à Legião.”

O coração de Thor caiu. As coisas estavam tomando um rumo completamente diferente do que ele tinha pensado.

“Você pensa que é especial, garoto?” Kolk perguntou caminhando ao lado dele, chegando bem perto do rosto dele. Thor sentiu que ele estava tentando quebrá-lo. “Só porque o Rei e seu filho se afeiçoaram a você, isso significa nada para mim. Você está sob o *meu* comando agora. Está me entendendo? Eu não me importo com qualquer truque barato que você tenha feito no campo de torneios. Você é apenas um moleque como outro qualquer. Entendeu?”

Thor engoliu saliva. Ele havia desejado tanto treinar duro.

Para piorar ainda mais as coisas, assim que Kolk se afastou para torturar alguém mais, o rapaz à frente de Thor, um garoto atarracado baixo, com um nariz chato, se virou e olhou para ele.

“Você não pertence a este lugar.” Ele disse. “Você trapaceou para entrar aqui. Você não foi selecionado. Não é um de nós. Não mesmo. Ninguém aqui gosta de você.”

O rapaz ao lado dele também se virou e olhou para Thor com desprezo.

“Nós vamos fazer tudo que pudermos para garantir que você saia da Legião.” Disse ele. “Entrar é fácil, difícil é ficar.”

Thor recuou diante de seu ódio. Ele não podia acreditar que ele já tinha inimigos e não sabia o que tinha feito para merecê-los. Tudo o que ele queria era entrar para a Legião.

“Por que não cuidam de sua vida?” Ouviu-se uma voz.

Thor olhou e viu um rapaz ruivo, alto e magro, com sardas em seu rosto e olhos verdes pequenos, defendê-lo. “Vocês dois estão metidos aqui cavando com o resto de nós.” Acrescentou. “Vocês também não são especiais. Vão buscar outra pessoa para amolar!”

“Cuide da sua vida, lacaio!” Um dos rapazes retrucou. “Ou estaremos atrás de você, também.”

“Atrevam-se.” O garoto ruivo replicou.

“Você vai falar só quando eu mandar.” Kolk gritou para um dos rapazes, dando um cocorote na cabeça dele. Os dois rapazes na frente de Thor se voltaram prontamente.

Thor mal sabia o que dizer; ele se colocou ao lado do garoto ruivo, grato a ele.

“Obrigado.” Disse Thor.

O garoto ruivo se virou e sorriu-lhe.

“Me chamo O’Connor. Eu apertaria sua mão, mas eles me destroçariam se eu fizesse isso. Então tome isso como um aperto de mão invisível.”

Ele deu um sorriso largo e Thor imediatamente gostou dele.

“Não ligue para eles.” Ele acrescentou. “Eles estão com medo. Tal como o resto de nós. Nenhum de nós sabe em que nos metemos.”

Logo seu grupo chegou ao fim do campo e Thor contou seis cavalos saltitando ali.

“Tomem as rédeas!” Kolk ordenou. “Mantenham-nas firmes e caminhem em torno da arena até que eles cedam. Façam isso já!”

Thor adiantou-se para tomar as rédeas de um dos cavalos e quando ele o fez, o cavalo recuou empinou e quase deu-lhe um coice. Thor, assustado, tropeçou para trás e os outros do grupo riram dele. Kolk lhe deu um golpe duro na parte de trás da cabeça e Thor teve vontade se voltar para revidar.

“Você é um membro da Legião agora. Você nunca retrocede. De ninguém. De nenhum homem, de nenhum animal. Agora pegue as rédeas!”

Thor ganhou coragem, deu um passo à frente e tomou as rédeas do cavalo que continuava empinando. Ele conseguiu mantê-las enquanto o cavalo fazia força e resistindo começou a levá-lo ao redor do campo poeirento, ficando alinhado com os outros. Seu cavalo fazia força, resistia, Mas Thor o puxava de volta, não desistindo tão facilmente.

“Vai melhorar, eu ouvi dizer.”

Thor se virou para ver O’Connor chegando perto dele, sorrindo. “Eles querem vencer nossa resistência, sabe?”

De repente, o cavalo de Thor parou. Sem importar o quanto Thor puxasse as rédeas, ele não se mexia. Então Thor sentiu o cheiro horrível: o cavalo estava defecando abundantemente, de um jeito que parecia não ter mais fim.

Thor sentiu uma pequena pá sendo colocada com força na palma da mão dele, quando olhou viu Kolk ao lado dele, sorrindo.

“Limpe!” Ele disse abruptamente.

CAPÍTULO DOZE

Gareth estava no mercado lotado, vestindo um manto, apesar do sol do meio-dia, suando debaixo dele e tratando de passar despercebido. Ele sempre tratava de evitar esse setor da Corte do Rei, esses becos lotados, que cheiravam a humanidade e ao homem comum. Tudo que havia ao redor dele eram pessoas regateando, vendendo, tentando tirar algo umas das outras. Gareth situou-se ao lado de uma barraca que estava em uma esquina, fingindo interesse na fruta de um vendedor, mantendo a cabeça baixa. A poucos metros de distância dele, estava Firth no final do beco escuro, fazendo o que eles tinham ido fazer ali.

Gareth colocou-se a uma distância desde onde ele pudesse ouvir a conversa, de costas, de modo que não pudesse ser visto. Firth tinha lhe contado sobre um homem, um mercenário, que lhe venderia um frasco de veneno. Gareth queria algo forte, algo que não falhasse. Ele não podia correr riscos. Afinal, sua vida estava em jogo.

Tratava-se do tipo de coisa que ele dificilmente poderia adquirir junto ao seu boticário. Ele designou essa tarefa a Firth, quem tinha lhe dado a informação depois de buscar no mercado negro. Depois de ter lhe apontado o caminho, Firth foi ao encontro dessa personagem desleixada, com quem ele agora falava furtivamente ali no final do beco. Gareth insistira em estar presente durante a transação final, para certificar-se que tudo correria bem, para certificar-se de que ele não estava sendo enganado e recebendo uma poção falsa. Além disso, ele ainda não estava completamente convencido da competência de Firth. Havia certos assuntos que ele preferia cuidar pessoalmente.

Eles haviam esperado por esse homem por uma meia hora, Gareth esbarrava nas pessoas no mercado abarrotado, rezando para que ele não fosse reconhecido. Mesmo que fosse, ele imaginou, contanto que permanecesse de costas para o beco, se alguém de alguma maneira soubesse de quem ele se tratava, ele poderia simplesmente ir embora, e ninguém iria fazer a conexão.

“Onde está o frasco?” Firth, a poucos metros de distância, pediu ao cretino.

Gareth se virou só um pouco, com cuidado para manter o rosto escondido e espiou do canto do seu manto. Frente a Firth havia um homem de aparência sinistra, desleixado, franzino, com faces encovadas e olhos negros enormes. Ele parecia um rato. Ele fitava Firth, sem piscar os olhos.

“Cadê o dinheiro?” Ele pediu.

Gareth esperava que ele manejasse bem a situação; ele sempre arranjava um jeito de arruinar tudo.

“Eu lhe darei o dinheiro quando você me der o frasco.” Firth se manteve firme.

Bem! Gareth pensou, impressionado.

Houve um momento de silêncio e então se ouviu.

“Dê-me a metade do dinheiro agora e vou lhe dizer onde o frasco está.”

“Onde está?” Firth repetiu, falando mais alto devido à surpresa. “Você disse que eu o teria.”

“Sim, eu disse que você o teria. Mas não disse que ia trazê-lo. Você pensa que eu sou trouxa? Há espiões por todas partes. Eu não sei o que você pretende — porém, eu suponho que não é algo sem importância. Depois de tudo, para que alguém compra um frasco de veneno?”

Firth fez uma pausa e Gareth sabia que ele tinha sido apanhado desprevenido.

Finalmente, Gareth ouviu o ruído característico de moedas tilintando, deu uma espiada e viu o ouro real saindo da bolsa de Firth para mão do homem.

Gareth esperou, os segundos se arrastavam por uma eternidade, cada vez mais preocupado.

“Você vai tomar o caminho para o Bosque Negro.” O homem finalmente respondeu. “Ao chegar à terceira légua, siga o caminho que leva à colina. Quando chegar ao topo da colina vire novamente, dessa vez à esquerda. Você vai passar pelo bosque mais escuro que já viu; então chegará a uma pequena clareira. À casa da bruxa. Ela estará esperando por você — com o frasco que deseja.”

Gareth espiou pelo capuz e viu que Firth se preparava para ir embora. Quando ele o fez, o homem estendeu a mão e de repente agarrou-o com força pela camisa.

“O dinheiro...” O homem grunhiu. ...“Não é suficiente.”

Gareth poderia ver o medo espalhando-se na face de Firth e se arrependeu de tê-lo enviado para esta tarefa. Essa criatura desleixada deve

ter detectado seu medo e agora tentava aproveitar-se disso. Firth não estava feito para esse tipo de coisa.

“Mas eu lhe dei exatamente o que me pediu.” Firth protestou, sua voz foi ficando mais alta. Ele soava afeminado. E isso parecia encorajar o homem.

O homem sorriu de volta, com maldade.

“Mas agora eu quero mais.”

Os olhos de Firth se arregalaram com medo e incerteza. Então, de repente, ele se virou e olhou diretamente para Gareth.

Gareth virou-se, esperando que não fosse tarde demais, esperando que ele não fosse visto. Como Firth podia ser tão estúpido? Ele rezou para que Firth não o tivesse delatado.

O coração de Gareth bateu forte enquanto ele esperava. Ele apertava uma fruta ansiosamente, fingindo estar interessado nela. Houve um interminável silêncio atrás dele enquanto ele imaginava todas as coisas, as coisas que poderiam dar errado.

Por favor, não permita que ele venha até aqui, Gareth rezava em silêncio. *Por favor. Eu farei qualquer coisa. Eu abandonarei o plano.*

Ele sentiu uma palma áspera bater em suas costas. Ele girou e olhou.

Os enormes e desalmados olhos negros do cretino fitavam os seus.

“Você não me disse que tinha um sócio.” O homem resmungou. “Ou por acaso você é um espião?”

Antes que Gareth pudesse reagir, o homem estendeu a mão e puxou para baixo o capuz que cobria a cabeça de Gareth. Ele deu uma boa olhada no rosto do Gareth e seus olhos se arregalaram em estado de choque.

“O Príncipe Real.” O homem gaguejou. “O que Vossa Alteza faz aqui?”

Um segundo depois os olhos do homem se estreitaram em reconhecimento e ele respondeu sua própria pergunta com um pequeno sorriso de satisfação, percebendo instantaneamente todo o plano. Ele era muito mais inteligente do que Gareth esperava.

“Já vejo.” Disse o homem. “Este frasco—era para Vossa Alteza, não era? Vossa Alteza planeja envenenar alguém, não é? Mas quem? Sim, essa é a questão...”

O rosto de Gareth enrubescou de ansiedade. Esse homem — Ele era muito rápido. Já era tarde demais. O seu mundo estava se espatifando em torno dele. Firth tinha arruinado tudo. Se esse homem delatasse Gareth, ele poderia ser condenado à morte.

“Vosso pai, talvez?” O homem indagou seus olhos brilhando ao perceber isso. “Sim, deve ser isso, não é? Vossa Alteza foi preterida. Vosso pai. Vossa Alteza planeja matar vosso pai.”

Gareth tinha tido o suficiente. Sem hesitar, ele avançou, puxou um punhal pequeno de dentro de sua capa e apunhalou o homem no peito. O homem arfou.

Gareth não queria que nenhum transeunte testemunhasse isso. Então ele agarrou o homem pela sua túnica e puxou-o para perto, para bem perto até que seus rostos quase se tocassem, até que ele pudesse sentir o seu hálito fedorento. Ele estendeu sua mão livre e com ela tampou a boca do homem, antes que ele pudesse gritar. Gareth sentiu o sangue do homem escorrendo pela palma de sua mão, escorrendo por seus dedos.

Firth veio para o lado dele e soltou um grito horrorizado.

Gareth segurou o homem assim, por uns bons sessenta segundos, até que, finalmente, sentiu que ele desfalecia em seus braços. Deixou-o colapsar, mole como uma trouxa no chão.

Gareth girou ao redor, se perguntando se ele tinha sido visto; Por sorte, nenhuma cabeça virou-se para ele nesse mercado lotado, nesse beco escuro. Ele removeu seu manto e jogou-o sobre o vulto sem vida.

“Estou tão triste, sinto muito, sinto tanto.” Firth repetia continuamente como se fosse uma garotinha, chorando histericamente e tremendo quando se aproximou de Gareth. “Você está bem? Você está bem?”

Gareth estendeu a mão o esbofeteou.

“Cale a boca e vamos embora daqui.” Disse ele entre dentes.

Firth deu a volta e saiu dali apressadamente.

Gareth preparou-se para sair, mas depois parou e voltou-se. Ele ainda tinha algo a fazer: ele abaixou-se, agarrou de volta o seu saco de moedas da mão do homem morto e o enfiou na cintura.

O homem não precisaria mais delas.

CAPÍTULO TREZE

Gareth atravessou rapidamente a trilha da floresta, Firth ao lado dele, seu capuz puxado sobre sua cabeça, apesar do calor. Ele quase não podia conceber que ele agora se encontrava na situação que mais tinha querido evitar. Agora, havia um cadáver, um rastro a seguir. Quem soubesse quem era aquele homem, poderia ser indagado. Firth deveria ter sido mais cauteloso em seus tratos com o homem. Agora, o rastro poderia terminar conduzindo a Gareth.

“Eu lamento muito.” Firth disse, apressando o passo para alcançá-lo.

Gareth ignorou-o acelerando a marcha, furioso.

“O que você fez foi tolo e fraco.” Gareth disse. “Você nunca devia ter olhado em minha direção.

“Eu não tive a intenção. Eu não sabia o que fazer quando ele exigiu mais dinheiro.”

Firth estava certo; havia sido uma situação complicada. O homem era um porco egoísta e ganancioso que mudou as regras do jogo e merecia morrer. Gareth não desperdiçaria uma lágrima nele. Ele apenas rezava para que ninguém houvesse testemunhado o assassinato. A última coisa de que ele precisava era deixar um rastro. Haveria um enorme escrutínio ao consumir-se o assassinato do seu pai e ele não podia dar-se ao luxo de deixar o menor rastro, nenhuma pista a seguir.

Pelo menos agora, eles estavam em Blackwood. Apesar do sol de verão, estava quase escuro ali, os imponentes eucaliptos bloqueavam cada facho de luz. Isso combinava com o seu humor. Gareth odiava esse lugar. Ele continuou a caminhada pelo caminho sinuoso, seguindo as indicações do homem morto. Ele esperava que o homem tivesse dito a verdade e que o caminho não o levasse a um paradeiro errado. A história toda poderia ser mentira. Ou poderia ser que o caminho conduzisse a uma armadilha, a algum amigo dele esperando para roubar-lhes mais dinheiro.

Gareth repreendeu a si mesmo. Ele tinha confiado muito em Firth. Ele deveria ter lidado com tudo isso sozinho. Como ele sempre fazia.

“Pelo seu bem, espero que este seja o caminho que leva à casa da bruxa e que ela tenha o veneno Gareth.” Gareth disse sarcasticamente.

Eles continuaram percorrendo cada trilha, até que chegaram a uma bifurcação, tal como o homem havia dito. Tudo parecia estar bem e Gareth estava ligeiramente aliviado. Eles seguiram pela direita, subiram a colina, e logo dobraram novamente por outra bifurcação. As instruções eram verdadeiras e diante deles realmente estava o caminho mais escuro de um bosque que Gareth havia visto. As árvores eram incrivelmente grossas e deformadas.

Gareth entrou no bosque e sentiu imediatamente um calafrio correr por sua espinha, ele podia sentir algo maligno pairando no ar e mal podia acreditar que ainda era dia.

Justo quando ele estava ficando cada vez mais assustado, pensando em dar volta, o caminho diante dele terminou em uma pequena clareira. Estava iluminado por um único fecho de luz solar que irrompia através das árvores. Em seu centro estava uma pequena casa de pedra. A casa da bruxa.

O coração de Gareth acelerou. Ele entrou na clareira, olhando ao redor para assegurar-se de que ninguém o observava, para estar seguro de que não era uma armadilha.

“Você viu? Ele estava dizendo a verdade.” Exclamou Firth com voz animada.

“Isso não significa nada!” Garrett o repreendeu. “Permaneça aqui fora e fique de guarda. Bata à porta se alguém se aproximar. E mantenha a boca fechada.”

Gareth não se preocupou em bater à pequena porta de madeira em forma de arco, diante dele. Em vez disso, agarrou a alça de ferro, abriu a porta de dois centímetros de espessura e abaixou a cabeça quando entrou, fechando a porta atrás dele.

Estava escuro lá dentro, o lugar estava iluminado apenas por umas poucas velas espalhadas. Era uma cabana com apenas um cômodo, desprovida de janelas, envolta em uma energia densa. Ele ficou parado, sufocado pelo silêncio espesso, preparando-se para o que quer que fosse. Ele podia sentir o mal ali. Isso fazia sua pele arrepiar.

Entre as sombras ele detectou movimento e em seguida, um barulho.

Mancando em sua direção, apareceu uma velha encolhida e corcunda. Ela levantou uma vela, iluminando um rosto coberto de verrugas e rugas. Ela parecia muito velha, mais velha do que as árvores retorcidas que cobriam sua cabana.

“Você usa um capuz, mesmo na escuridão.” Ela disse, exibindo um sorriso sinistro e falou novamente com sua voz de taquara rachada: “Sua missão não é inocente.”

“Eu vim buscar um frasco.” Gareth disse rapidamente, tentando soar corajoso e confiante, porém, ouvindo o tremor em sua voz. “Raiz de Sheldrake. Disseram-me que a senhora tinha.”

Houve um longo silêncio, seguido por uma gargalhada horrível que ecoou pela pequena sala.

“Se eu tenho ou não, essa não é a questão. A questão é: para que você quer isso?”

O coração de Gareth pulou no peito quando ele tentou formular uma resposta.

“Por que lhe interessaria?” Ele perguntou finalmente.

“Me diverte saber quem você deseja matar.” Disse a bruxa.

“Isso não é da sua conta. Eu trouxe dinheiro para pagar-lhe por ele.”

Gareth enfiou a mão no cós tirou dele um saco de ouro, além do saco de ouro que ele tinha tirado do homem morto e soltou os dois com força sobre a mesa de madeira pequena. O som de moedas tilintando soou pela sala.

Ele rezou para que isso a acalmasse, para que ela lhe desse o que ele queria e assim ele pudesse logo deixar aquele lugar.

A bruxa esticou um dedo com sua unha longa e curva, pegou um dos sacos e examinou-o. Gareth prendeu a respiração, esperando que ela não pedisse mais nada.

“Isso pode ser bastante para comprar o meu silêncio.” Disse ela.

Ela se virou e caminhou mancando no meio da escuridão. Ouviu-se silvo e, ao lado de uma vela Gareth podia vê-la misturando um líquido que borbulhava, em um pequeno frasco de vidro. Ela colocou uma rolha nele. O tempo parecia mais lento enquanto Gareth esperava, ficando cada vez mais impaciente. Um milhão de preocupações correram por sua mente: e se ele fosse descoberto? Justo ali, naquele instante? E se ela lhe desse o frasco errado? E se ela contasse para alguém sobre ele? Será que ela o havia reconhecido? Isso ele não poderia dizer.

Gareth estava tendo reservas crescentes sobre tudo isso. Ele não sabia quão difícil poderia ser assassinar alguém.

Depois de um silêncio que parecia interminável, a bruxa voltou. Ela entregou-lhe o frasco, ele era tão pequeno que quase desapareceu na palma da mão de Gareth, e se afastou dele.

“Este pequeno frasco.” Ele questionou. “Pode fazer o truque?”

Ela sorriu. “Você ficaria surpreso em saber quão pouco é preciso para matar um homem.”

Gareth virou-se e dirigiu-se para a porta, quando de repente sentiu um dedo frio em seu ombro. Ele não tinha ideia de como ela tinha conseguido atravessar a sala tão rapidamente e isso o aterrorizou. Ele ficou ali congelado, com medo de se virar e olhar para ela.

Ela girou em torno dele, aproximou-se e inclinou-se sobre ele — um cheiro horrível emanava dela. De repente estendeu suas mãos, agarrou suas bochechas e beijou-o, pressionando os lábios murchos duramente contra os lábios de Gareth.

Gareth estava revoltado. Essa era a coisa mais nojenta que já tinha acontecido com ele. Seus lábios eram como os lábios de um lagarto, a língua, que ela apertou contra a sua, era como a de um réptil. Ele tentou se afastar, mas ela segurou o rosto com força, puxando-o ainda mais.

Finalmente, ele conseguiu desprender-se dela e afastar-se. Ele limpou a boca com as costas da mão, quando ela se inclinou para trás e riu.

“A primeira vez que você mata um homem é a mais difícil”. Disse ela. “Você verá que será muito mais fácil da próxima vez.”

*

Gareth irrompeu da casa, de volta para a clareira, para encontrar Firth parado ali, esperando por ele.

“O que deu errado? O que aconteceu?” Perguntou Firth, preocupado. “Até parece que você foi apunhalado. Ela o machucou?”

“Gareth fez uma pausa, respirando com dificuldade, limpando a boca vez atrás vez.

Ele mal sabia como responder.

“Vamos dar o fora deste lugar.” Disse ele. “Agora!”

Quando começaram a sair da clareira em direção ao bosque escuro, o sol, de repente foi obscurecido por nuvens que corriam por todo o céu, tornando o belo dia frio e escuro. Gareth nunca tinha visto essas grossas nuvens negras aparecerem tão rapidamente. Ele sabia que o que estava acontecendo não era normal. Ele se preocupava sobre quão profundos seriam os poderes dessa bruxa ao sentir que o vento frio subia num dia de verão e soprava em sua nuca. Ele não podia evitar pensar que a bruxa de alguma forma o tinha possuído com aquele beijo, tinha lançado uma espécie de maldição sobre ele.

“O que aconteceu lá dentro?” Firth insistiu.

“Eu não quero falar sobre isso.” Gareth disse. “Eu não quero pensar mais sobre este dia – nunca mais.”

Os dois se apressaram para voltar pela trilha, colina abaixo e logo entraram no caminho principal da floresta, o qual conduzia à Corte do Rei. Justo quando Gareth estava começando a se sentir mais aliviado, preparando-se para enterrar todo o episódio no fundo de sua mente, ele ouviu, de repente, um ruído de botas. Ele se virou e viu um grupo de homens andando em direção a eles. Ele não podia acreditar.

Seu irmão Godfrey. O beberrão. Estava andando em direção a eles, rindo, rodeado pelo vilão Harry e outros dois dos seus amigos baderneiros. Esse era de todos o pior momento e lugar para encontrar-se com o seu irmão. Ali no bosque, no meio do nada. Gareth sentiu que toda sua trama estava amaldiçoada.

Gareth virou-se, puxou o capuz sobre o rosto e andou duas vezes mais rápido, rezando para que ele não tivesse sido descoberto.

“Gareth?” Gritou a voz.

Gareth não tinha escolha. Ele congelou em seus passos, puxou o capuz para trás, virou-se e olhou para o irmão, que veio dançando alegremente em sua direção.

“O que você está fazendo aqui?” Perguntou Godfrey.

Gareth abriu a boca, mas depois a fechou, tropeçando, em uma sequência atrapalhada de palavras.

“Nós estávamos indo para uma caminhada. Firth se dispôs a falar, resgatando-o.

“Uma caminhada, não é?” Um dos amigos de Godfrey zombou de Firth, com uma voz alta, afeminada. Seus amigos riram também. Gareth sabia que seu irmão e seus amigos o julgavam por sua natureza, mas ele quase não se importava com isso agora. Ele só precisava mudar de assunto. Ele não queria que eles se perguntassem o que ele estava fazendo ali.

“O que você está fazendo aqui?” Perguntou Gareth, virando a mesa.

“Uma nova taberna abriu para os lados de Southwood”. Respondeu Godfrey. “Nós só fomos experimentar. A melhor cerveja de todo o reino. Quer um pouco?” Ele perguntou, segurando um pequeno barril.

Gareth sacudiu a cabeça rapidamente. Ele sabia que tinha de distraí-lo e que a melhor maneira era mudar de assunto, repreendê-lo.

“O Pai ficaria furioso se pegasse você bebendo durante o dia.” Disse Gareth. “Eu sugiro que você se assente e que volte para a corte.”

Funcionou. Godfrey lançou-lhe um olhar furioso e ficou claro que ele já não estava pensando em Gareth, mas em seu pai e em si mesmo.

“E desde quando você se importa com as necessidades do Pai?” Ele retorqui.

Gareth já tinha tido o suficiente. Ele não tinha tempo a perder com um bêbado. Ele tinha conseguido que ele quera, distraíndo-o e agora, esperava que Godfrey não pensasse muito profundamente sobre o porquê de ele se encontrar-se ali naquele instante.

Gareth se virou seguiu rapidamente pela trilha, ouvindo as risadas zombeteiras atrás dele, enquanto se afastava. Ele já não se importava. Em breve, seria ele quem riria por último.

CAPÍTULO QUATORZE

Thor estava sentado à mesa de madeira, trabalhando com o arco e flecha dispostos em partes separadas. Ao seu lado estava sentado Reece, junto com vários outros membros da Legião. Eles estavam todos debruçados sobre suas armas, trabalhando duro talhando os arcos e apertando as cordas.

“Um guerreiro sabe como entesar seu próprio arco.” Kolk exclamou, enquanto andava para cima e para baixo ao longo dos garotos enfileirados, inclinando-se, examinando o trabalho de cada um. “A tensão deve estar em sua justa medida. Se for muito pouca sua flecha não vai chegar a sua marca. Se for excessiva sua pontaria não será certa. As armas se rompem durante as batalhas. Se rompem durante as viagens. Você deve saber como repará-las, enquanto prossegue. O melhor guerreiro também é um ferreiro, carpinteiro, um sapateiro, alguém que conserte todas as coisas rotas. E você não conhece sua própria arma até que você já a tenha consertado.”

Kolk parou atrás de Thor e se inclinou sobre o ombro dele. Ele puxou o arco de madeira fora do alcance do Thor, machucando a palma da mão dele com a corda.

“A corda não está tensa o suficiente.” Ele repreendeu. “Está torta. Use esta arma na batalha, e você certamente vai morrer. E seu parceiro vai morrer ao seu lado.”

Kolk jogou o arco sobre a mesa com violência e seguiu em frente; vários garotos riram. Thor ficou vermelho quando agarrou a corda outra vez, esticou-a tanto quanto era possível e a enrolou em volta da ponta do arco. Ele tinha estado trabalhando nisso por horas, coroadando um dia de trabalho cansativo e tarefas domésticas.

A maioria dos outros estava treinando, combatendo, lutando com espadas. Ele olhou para fora e à distância, viu seus irmãos, os três, rindo enquanto batiam suas espadas de madeira. Como de costume, Thor sentiu que eles o estavam ganhando de mão, enquanto ele estava sendo deixado para trás a sombra deles. Não era justo. Sentia cada vez mais que ele era indesejado ali, como se não fosse um verdadeiro membro da Legião.

“Não se preocupe, você vai pegar o jeito.” O’Connor disse atrás dele.

As palmas das mãos de Thor estavam machucadas de tanto tentar; Ele puxou a corda para trás, por última vez e dessa vez com toda sua força,

finalmente, para sua surpresa, ela fez um clique. A corda se encaixou perfeitamente no entalhe, Thor puxou com todas suas forças, suando. Ele sentiu uma grande sensação de satisfação com seu arco agora tão forte como deveria ser.

As sombras foram crescendo mais e mais quando Thor limpou a testa com as costas da mão imaginando por quanto tempo isso iria continuar. Ele contemplava o que significava ser um guerreiro. Ele tinha imaginado tudo de forma bem diferente. Ele havia imaginado a si mesmo unicamente treinando, todo o tempo. Porém, ele supunha que esta também era uma forma de treinamento.

“Não foi para isso que eu me alistei.” Disse O’Connor como se estivesse lendo sua mente.

Thor virou-se e foi reconfortado ao encontrar o sorriso constante do seu amigo.

“Eu venho da província do Norte.” Ele continuou dizendo. “Eu, também sonhava com unir-me à Legião por toda a minha vida. Eu creio que vislumbrava combates e batalhas e não todas estas tarefas domésticas. Mas isso melhorará. Isso tudo é porque nós somos novos. É uma espécie de iniciação. Parece haver uma hierarquia aqui. Nós também somos os mais novos. Eu não vejo os de dezenove anos de idade fazendo isso. Isso não vai durar para sempre. Além do mais, é uma habilidade útil para aprender.”

Uma buzina soou. Thor olhou e viu o resto da Legião reunir-se ao lado de um muro de pedra enorme no meio do campo. Cordas foram penduradas sobre ele, espaçadas a cada três metros. A parede deveria ter uns a trinta pés de altura e empilhados em sua base havia pilhas de feno.

“O que estão esperando?” Kolk gritou. “MEXAM-SE!”

O Exército Prata apareceu, todos ao seu redor, gritando e antes que Thor se desse conta ele e os outros saltaram de seus bancos e correram pelo campo até o muro. Logo eles estavam todos reunidos ali, de pé diante das cordas. Houve um burburinho animado no ar quando todos os membros da Legião se juntaram. Thor estava em êxtase por finalmente ter sido incluso com os outros, ele se viu gravitando ao redor de Reece, quem estava com outro amigo.

“Vocês vão descobrir no campo de batalha que a maioria das cidades são fortificadas.” Kolk explodiu olhando para os rostos dos meninos. “Penetrar nas fortificações é o trabalho de um soldado. Em um cerco típico, cordas e ganchos são usados, como os que jogaram ao longo deste muro. Escalar

uma parede é uma das coisas mais perigosas que você vai encontrar no campo de batalha. Em alguns casos, vocês estarão mais expostos, mais vulneráveis. O inimigo vai derramar chumbo derretido em vocês. Eles vão atirar flechas. Jogar pedras. Vocês não escalarão uma parede até que o momento seja apropriado. E quando fizerem isso, vocês devem subir por sua vida — não para arriscar-se a morrer.”

Kolk respirou fundo e, em seguida, gritou: “COMECEM!”

Todos os garotos ao seu redor entraram em ação, cada um avançando para uma corda. Thor correu para uma que estava livre e estava prestes a agarrá-la quando um garoto mais velho chegou primeiro, tirando-o de seu caminho. Thor correu apressadamente e agarrou a mais próxima que pôde encontrar, uma corda espessa, com nós. O coração de Thor pulava do peito quando ele começou a escalar a corda até o topo do muro.

O dia tinha ficado enevoado e os pés de Thor escorregaram na pedra. Ainda assim, ele fez um bom tempo e não pôde deixar de notar que ele tinha sido mais rápido do que muitos dos outros, quase assumindo a liderança, enquanto ele escalava muro acima. Ele estava, pela primeira vez hoje, começando a se sentir bem, começando a sentir um sentimento de orgulho.

De repente, alguma coisa dura bateu em seu ombro. Ele olhou para cima e viu os membros do Exército Prata, na parte superior do muro atirando pequenas pedras, paus e todos os tipos de escombros. O garoto da corda ao lado de Thor estendeu uma mão para bloquear o rosto, perdeu o controle e caiu para trás, para o chão. Ele desabou de uma altura de uns bons vinte pés, e aterrissou na pilha de feno abaixo.

Thor estava perdendo o controle também, mas de alguma forma conseguiu aguentar. Um pedaço de pau grosso caiu e atingiu com força as costas dele, mas ele continuou a subir. Ele estava fazendo um bom tempo e estava começando a pensar que poderia até mesmo ser o primeiro em alcançar o topo, quando de repente, sentiu um forte chute nas costelas. Ele não conseguia entender de onde tinha vindo até que olhou e viu um dos garotos ao lado dele, balançando para os lados. Antes que Thor pudesse reagir, o garoto chutou-o novamente.

Thor perdeu o controle nesse momento e viu-se jogado para trás, despencando ar. Ele caiu de costas no feno, chocado, mas ileso.

Thor tentava escalar com suas mãos e joelhos, recuperando seu fôlego e olhava ao redor. Todos os garotos a sua volta, estavam caindo das cordas

como moscas, caindo no feno, chutados ou empurrados uns pelos outros — ou então, chutados pelos membros do Exército Prata. Os que não foram chutados ou empurrados tiveram suas cordas cortadas, de modo que desabaram também. Nem um único membro alcançou o topo.

“De pé!” Gritou Kolk. Thor levantou-se e o mesmo fizeram os outros.
“ESPADAS!”

Os rapazes correram para uma prateleira enorme cheia de espadas de madeira. Thor se juntou a eles e pegou uma, chocado ao sentir como ela era pesada. Pesava duas vezes mais do que qualquer arma que ele tinha levantado. Ele mal podia segurá-la.

“Espadas pesadas, comecem!” Ouviu-se um grito.

Thor olhou para cima e viu aquele imbecil enorme, Elden, aquele que o havia atacado logo quando ele se uniu à Legião. Thor se lembrava dele muito bem, já que seu rosto estava ainda marcado com os hematomas que Elden lhe tinha causado. Ele estava caindo sobre ele, com sua espada erguida e um olhar de fúria no rosto.

Thor levantou sua espada no último momento e conseguiu bloquear o golpe de Elden, mas a espada era tão pesada que ele mal podia segurá-la. Elden, maior e mais forte, chegou perto de Thor e deu-lhe um pontapé nas costelas.

Thor caiu de joelhos com a dor. Elden girou ao redor novamente para golpear-lhe o rosto, mas Thor conseguiu estender a mão e bloquear o golpe em um momento de vantagem. Porém Elden era muito mais rápido e forte, ele virou-se e cortou a perna de Thor, derrubando-o de lado. Uma pequena multidão de meninos reuniu-se à sua volta, aplaudindo e gritando quando sua luta tornou-se o centro das atenções. Parecia que todos estavam torcendo por Elden.

Elden veio com sua espada, golpeando duro, Thor rolou para fora do caminho, o golpe quase tinha acertado suas costas. Thor tinha um momento de vantagem e o aproveitou, virou-se e golpeou o brutamontes com força na parte de trás do joelho. Era um ponto fraco e suficiente para desestabilizá-lo, fazê-lo tropeçar para trás e derrubá-lo.

Thor usou a chance para mover-se rapidamente. Elden se levantou, com o rosto vermelho, mais furioso do que nunca, e agora os dois se enfrentavam.

Thor sabia que ele não podia ficar ali parado; ele investiu e girou. Mas essa espada de prática estava feita de uma madeira estranha e muito pesada;

seus movimentos eram muito previsíveis. Elden bloqueou-a facilmente e, em seguida, espetou Thor com força nas costelas.

Tinha atingido um ponto fraco, Thor ajoelhou-se e deixou cair sua espada, sem poder respirar.

Os outros garotos gritaram de alegria. Thor ajoelhado ali, desarmado e sentindo a ponta da espada de Elden apontando para sua garganta.

“Renda-se!” Elden exigiu.

Thor olhou para ele, o sabor salgado do sangue no lábio.

“Nunca!” Disse ele, desafiante.

Elden fez uma careta, levantou a espada, disposto a golpeá-lo. Não havia nada que Thor pudesse fazer. Ele sofreria um poderoso golpe.

Enquanto a espada descia, Thor fechou os olhos e concentrou-se. Ele sentiu o mundo quase parar, sentiu-se transportado para um outro reino. De repente ele era capaz de sentir o balanço e o movimento da espada no ar, e ele daria o universo para detê-la.

Ele sentiu uma onda de calor invadir seu corpo, fazendo-o formigar e se concentrou, sentiu que algo lhe ocorria. Ele sentiu-se capaz de controlar a espada.

De repente, a espada congelou no ar. Thor de alguma forma conseguiu detê-la usando o seu poder.

Quando Elden segurava a espada, confuso, Thor então usou o poder de sua mente para comprimir e apertar o pulso dele. Ele apertava cada vez mais forte e em poucos segundos Elden gritou e deixou cair a espada.

Todos os garotos ficaram em silêncio, congelados, olhando para baixo, para Thor, os olhos arregalados de surpresa e medo.

“Ele é um demônio!” Gritou um deles.

“Um feiticeiro!” Exclamou outro.

Thor estava avassalado. Ele não tinha nenhuma compreensão do que acabara de fazer. Mas ele sabia que não era normal. Ele estava orgulhoso e envergonhado, encorajado e com medo.

Kolk avançou para dentro do círculo, ficando de pé entre Thor e Elden.

“Esse não é lugar para feitiços, rapaz, quem quer que você seja.” Ele castigou Thor. “É um lugar para a batalha. Você desafiou as regras da luta. Você vai pensar sobre o que você fez. Vou mandar você para um lugar de verdadeiro perigo e veremos o quanto seus feitiços o defenderão lá.

Apresente-se para a guarda da patrulha no Canyon.”

Houve um suspiro entre a Legião e todos eles se aquietaram. Thor não entendia exatamente o que isso significava, mas ele sabia que o que quer fosse, não poderia ser bom.

“O senhor não pode mandá-lo para o Canyon!” Reece protestou. “Ele é muito novo. Ele pode se machucar.”

“Vou fazer tudo o que eu bem entender, rapaz.” Kolk fez uma careta para Reece. “Seu pai não está aqui para protegê-lo agora. Ou ele. Eu lidero esta Legião. E é melhor cuidar a sua língua — Só porque é da realeza, não significa que possa se exceder.”

“Muito bem.” Reece respondeu. “Então eu vou acompanhá-lo!”

“Eu também!” O’Connor afirmou, dando um passo à frente.

Kolk olhou para eles e abanou lentamente a cabeça.

“Idiotas. Essa é sua escolha. Juntem-se a ele se quiserem.”

Kolk virou-se e olhou para Elden. “Não creia que você também vai sair dessa tão facilmente.” Ele disse-lhe. “Você começou essa luta. Você deve pagar o preço, também. Você irá juntar-se a eles na patrulha hoje à noite.”

“Mas senhor, não pode enviar-me para o Canyon!” Elden protestou com os olhos arregalados de medo. Era primeira vez que Thor o via ter medo de alguma coisa.

Kolk deu um passo adiante, perto de Elden, e colocou as mãos nos seus quadris.

Não posso? Perguntou ele... “Não somente eu posso enviar-lhe lá, mas também posso mandar-lhe embora para sempre da Legião e até enviá-lo aos confins do nosso reino, se você continuar a me responder dessa maneira.”

Elden desviou o olhar, muito nervoso para responder.

“Alguém quer se juntar a eles?” Kolk perguntou.

Os outros garotos, maiores, mais velhos e mais fortes, todos desviaram o olhar com medo. Thor engoliu em seco quando ele olhou a para os rostos nervosos em volta dele e se perguntou que tão ruim o Canyon poderia ser.

CAPÍTULO QUINZE

Thor caminhou ao longo da estrada de terra bem pisada, flanqueado por Reece, O'Connor, e Elden. Os quatro rapazes mal tinham trocado uma palavra entre si desde que tinham saído do quartel, ainda estavam em choque. Thor olhava para Reece e O'Connor com um sentimento de gratidão que ele jamais tinha sentido antes. Ele mal podia acreditar que eles tinham se arriscado tanto por ele. Ele sentia que havia encontrado verdadeiros amigos que eram mais como irmãos. Ele não tinha ideia do que poderia estar à sua espera lá no Canyon, sem importar o que eles tivessem de enfrentar, Thor estava feliz por tê-los do seu lado.

Thor tratava de não olhar para Elden. Thor podia vê-lo chutando pedras, ardendo de raiva, podia ver como ele estava irritado e chateado por estar ali, na patrulha, com eles. Porém, Thor não sentia pena dele. Como Kolk tinha dito, ele tinha começado a coisa toda. Bem feito para ele.

Os quatro, um grupo desorganizado, continuava descendo pelo caminho, seguindo as indicações. Haviam estado caminhando por horas e horas e já esta ficando tarde, quase anoitecendo. As pernas do Thor estavam cada vez mais cansadas. Ele também estava faminto. Ele havia almoçado apenas uma pequena tigela de guisado de cevada e esperava que houvesse algo de comer esperando-os no lugar para onde estava indo, qualquer que fosse esse lugar.

Porém, ele tinha preocupações mais importantes do que comer. Ele olhou para sua nova armadura e sabia que jamais lhe dariam uma armadura assim sem uma razão válida. Antes de serem enviados, os quatro rapazes tinham recebido as armaduras próprias de um novo escudeiro: couro, revestido de cota de malha. Também haviam recebido espadas curtas, feitas de um metal grosso — dificilmente seria o aço fino que teriam usado para forjar a espada de um cavaleiro, mas com certeza era melhor do que nada. Era bom ter uma arma em sua cintura — além de, é claro, sua funda, a qual ele ainda carregava. No entanto, ele sabia que caso eles se encontrassem em apuros à noite, as armas e armaduras que eles receberam talvez não fossem suficientes.

Ele desejava armadura e armas da mesma qualidade que as de seus companheiros na Legião: espadas médias e longas do mais fino metal,

lanças curtas, maça, punhais, alabardas. Mas essas armas pertenciam aos rapazes de fama e honra das famosas famílias que poderiam ter recursos para tais coisas. Elas não eram para Thor, o filho de um pastor simples.

Enquanto eles marchavam na estrada interminável o segundo sol se pôs, bem distante das acolhedoras portas do palácio da Corte do Rei, em direção à divisão do Canyon distante, Thor não podia evitar sentir que tudo era sua culpa. Por alguma razão, alguns dos membros da Legião pareciam ter bronca dele, como se eles se ressentissem com a sua presença. Isso não fazia sentido. E Thor se sentia desanimado. O que Thor mais tinha querido em toda sua vida era juntar-se a eles. Agora, parecia que ele tinha entrado usando truques; seria ele alguma vez realmente aceito pelos seus pares?

Ainda por cima, agora ele tinha sido escolhido para marchar a serviço da patrulha do Canyon. Isso não era justo. Ele não tinha começado a briga e quando havia usado seus poderes, — quaisquer que eles fossem — não tinha feito isso de propósito. Ele ainda não os compreendia, não sabia de onde eles vinham, como ele os invocava, ou como os desativava. Ele não deveria ser punido por isso.

Thor não tinha ideia do que poderia significar estar de serviço no Canyon, mas a partir das expressões dos outros, claramente, não era algo desejável. Perguntou-se se ele não estaria marchando para morte, se essa não seria uma maneira de forçá-lo a sair da Legião. Ele estava determinado a não desistir.

“Quanto mais longe pode estar o Canyon?” Perguntou O’Connor, rompendo o silêncio.

“Não estamos longe o suficiente.” Respondeu Elden. “Nós não estaríamos nessa confusão se não fosse por Thor.”

“Você começou a luta, lembra-se?” Interrompeu Reece.

“Mas eu lutei de forma limpa e ele não fez isso.” Elden protestou. “Além disso, ele merecia.”

“Por quê?” Thor perguntou, querendo saber a resposta que tinha estado queimando-o por dentro há tempo. “Por que eu merecia?”

“Porque o seu lugar não é aqui conosco. Você roubou sua posição na Legião. O resto de nós foi escolhido. Você forçou as coisas.”

“Mas não é disso que se trata a Legião? Força?” Reece respondeu. “Eu argumentaria que Thor merece seu lugar mais do que qualquer um de nós. Nós fomos meramente escolhidos. Ele se esforçou e lutou para ganhar o que lhe havia sido negado.”

Elden deu de ombros, sem se impressionar dizendo: “Regras são regras. Ele não foi escolhido. Ele não devia estar conosco. Foi por isso que eu lutei contra ele.”

“Bem, você não vai me fazer ir embora.” Respondeu Thor como voz trêmula, determinado a ser aceito.

“Já veremos.” Elden murmurou sombriamente.

“O que você quer dizer com isso?” O’Connor perguntou.

Elden não interveio mais na conversa, mas continuou a andar silenciosamente. Thor sentia um aperto no estômago. Ele não podia evitar pensar que já havia feito muitos inimigos. No entanto, ele não entendia por que. Ele não gostava desse sentimento.

“Não preste atenção a ele.” Reece disse a Thor, em voz alta o suficiente para ser ouvido pelos outros. “Você não fez nada errado. Eles enviaram você ao Canyon para servir na patrulha porque eles viram o seu potencial. Eles querem fortalecer o seu caráter ou então eles não se incomodariam. Você também está na mira deles porque meu pai lhe mostrou favor. Isso é tudo.”

“Mas o que significa estar de serviço no Canyon?” Ele perguntou.

Reece limpou a garganta, parecendo ansioso.

“Eu mesmo nunca estive lá. Porém, já ouvi algumas histórias: de alguns dos rapazes mais velhos e dos meus irmãos. É um serviço de patrulha. Só que do outro lado do Canyon.”

“Do outro lado?” O’Connor perguntou, com terror em sua voz.

“O que quer dizer com ‘do outro lado.’” Thor perguntou, sem entender. Reece o estudou.

“Você esteve no Canyon alguma vez?”

Thor podia sentir os olhares de todos sobre eles e abanou a cabeça, envergonhado.

“Está brincando.” Elden disse ríspidamente.

“É mesmo?” O’Connor insistiu. “Nem sequer uma vez na vida?”

Thor balançou a cabeça, corando. “Meu pai nunca nos levou a lugar nenhum. Eu apenas ouvi falar.”

“Provavelmente você nunca esteve fora de sua aldeia, rapaz.” Elden disse. “Não é mesmo?”

Thor deu de ombros, em silêncio. Era assim tão óbvio?

“Nunca esteve no Canyon.” Elden acrescentou incrédulo. “É incrível.”

“Cale a boca.” Reece disse. “Deixe-o em paz. Isso não faz com que você seja melhor do que ele.”

Elden zombou de Reece e levantou a mão brevemente para puxar a sua espada da bainha, mas então ele relaxou. Aparentemente, mesmo que ele fosse maior do que Reece, ele não desejava provocar o filho do Rei.

“O Canyon é a única coisa que mantém o nosso Reino do Anel seguro.” Reece explicou. “Nada mais se interpõe entre nós e as hordas do mundo. Se os selvagens chegassem a cruzá-lo. O Anel inteiro esperaria que nós, os homens do Rei, o protegêssemos. Temos patrulhas vigiando o tempo todo — principalmente deste lado, e em ocasiões, do outro. Há apenas uma ponte que o atravessa, a única entrada ou saída e a maior parte da elite do Exército Prata a vigia durante vinte e quatro horas.”

Thor tinha ouvido falar do Canyon toda a sua vida, tinha escutado histórias horripilantes das forças malignas que se escondiam do outro lado, do enorme império do mal que cercava o Anel, e quão perto todos eles viviam do terror. Era uma das razões pelas quais ele quis se juntar à Legião do Rei: para ajudar a proteger sua família e seu reino. Ele odiava a ideia de que outros homens estivessem lá fora constantemente protegendo-o enquanto ele vivia confortavelmente nos braços do reino. Ele queria fazer o seu trabalho e ajudar a combater as hordas do mal. Ele não podia imaginar nenhuma mostra de coragem maior do que a daqueles homens que guardavam a passagem do Canyon.

“O Canyon tem uma milha de largura e envolve todo o Anel.” Explicou Reece. “Não é fácil de transpor. Mas é claro que nossos homens não são a única coisa que mantém as hordas afastadas. Há milhões dessas criaturas lá fora e se elas quisessem invadir o Canyon, por pura força de vontade, poderiam fazer isso em um momento. Nosso pessoal só ajuda a complementar o escudo de energia do Canyon. O verdadeiro poder que os mantém a margem é o poder da Espada.”

Thor virou-se. “A Espada?”

Reece olhou para ele.

“A Espada do Destino. Você conhece a lenda?”

“Esse caipira provavelmente nunca ouviu falar dela.” Disse Elden metendo-se na conversa. “Claro que eu sei sobre ela.” Thor, rebateu à defensiva. Não somente ele sabia isso, como também havia passado muitos dias de sua vida ponderando a lenda. Ele sempre desejou vê-la. A lendária espada do destino, a espada mágica cujo campo de força protegia o Reino e

proporcionava ao Canyon uma força potente que protegia o Anel dos invasores.

“A espada se encontra na corte do rei?” Thor perguntou.

Reece acenou com a cabeça.

“Ela tem estado entre a família real durante várias gerações. Sem ela, o reino não seria nada. O anel poderia ser invadido.”

“Se estamos protegidos, então para que incomodar-se em patrulhar o Canyon de todos os modos?” Thor perguntou.

“A espada bloqueia apenas as ameaças mais importantes.” Reece explicou. “Uma criatura maligna pequena e isolada pode entrar aqui e ali. É por isso que nós precisamos de nossos homens. Uma única delas poderia atravessar o Canyon, ou até mesmo um pequeno grupo delas — poderiam muito bem atrever-se a atravessar a ponte, ou poderiam agir com discrição e descer as paredes do Canyon e subir para o outro lado. É nosso trabalho mantê-las do lado de fora. Uma única criatura é capaz de causar um dano enorme. Anos atrás, uma delas entrou e matou a metade das crianças de uma aldeia, antes de ser apanhada. A espada faz a maior parte do trabalho, mas nós somos uma parte indispensável.”

Thor entendia tudo, imaginava. O Canyon parecia tão grande, seu dever tão importante, ele mal podia acreditar que seria parte desse grande propósito.

“Mas mesmo com tudo isso, eu ainda não me expliquei muito bem.” Reece disse. “Há mais no Canyon do que apenas isso.” Ele caiu em silêncio.

Thor olhou para ele e viu algo como medo ou dúvida em seus olhos.

“Como posso explicar?” Reece disse, buscando as palavras adequadas. Ele limpou a garganta. “O Canyon é muito maior do que todos nós. O Canyon é...”

“O Canyon é um lugar para homens.” Ouviu-se uma voz retumbante.

Todos se viraram ao som da voz e do estampido de cavalos.

Olhos de Thor se arregalaram. Trotando ao lado deles, ornado com uma cota de malha completa, com armas reluzentes pendurando do lado de seu cavalo incrível, estava Erec. Ele sorriu para eles e fixou seus olhos em Thor.

Thor olhou para cima, impactado.

“É um lugar que vai fazer de você um homem.” Erec acrescentou: “Se você já não for um.”

Thor não tinha visto Erec desde sua partida no torneio e se sentiu muito aliviado com a presença dele. Ter um cavaleiro real ali, com eles, enquanto marchavam para o Canyon — e ninguém menos que o próprio Erec. Thor se sentia invencível ao tê-lo ali e rezava para que ele também estivesse indo com eles.

“O que faz aqui?” Thor perguntou. “Vossa Alteza nos acompanhará?” Ele perguntou, desejando que sua voz não soasse tão ansiosa.

Erec se inclinou e riu.

“Não se preocupe, meu jovem.” Ele disse. “Eu estou indo com vocês.”

“É mesmo?” Reece perguntou.

“É uma tradição para os membros do Exército Prata, acompanhar os membros da Legião em sua primeira patrulha. Eu me ofereci como voluntário.”

Erec se virou e olhou para Thor.

“Afinal, você me ajudou ontem.”

Thor sentiu seu coração cálido, animado pela presença de Erec. Sentiu-se também importante aos olhos de seus amigos. Ali estava ele, sendo acompanhado pelo maior cavaleiro do reino, enquanto seguia em direção ao Canyon. Muito dos seus medos estavam diminuindo.

“Claro, não vou sair para patrulhar com vocês.” Acrescentou Erec. “Mas eu vou levá-los através da ponte e para o seu acampamento. Depois disso, será o seu dever aventurar-se na patrulha, a partir daí sozinhos.”

“É uma grande honra, Senhor.” Disse Reece.

“Obrigado.” O’Connor e Elden ecoaram.

Erec olhou para Thor e sorriu.

“Afinal de contas, se você vai ser o meu primeiro escudeiro, eu não posso deixar que você morra ainda.”

“Primeiro?” Perguntou Thor, com as batidas de seu coração aceleradas.

“Feithgold quebrou a perna na partida do torneio. Ele ficará fora por pelo menos oito semanas. Você é o meu primeiro escudeiro agora. E o nosso treinamento pode muito bem começar, não é mesmo?”

“Claro, Alteza.” Respondeu Thor.

A mente de Thor estava divagando. Pela primeira vez em muito tempo, ele sentia que a sorte estava virando para o seu lado. Agora, ele era o primeiro escudeiro do melhor cavaleiro de todos. Ele sentiu como se tivesse superado todos os seus amigos.

Os cinco continuaram indo para o oeste em direção ao sol poente, Erec caminhando lentamente em seu cavalo, ao lado deles.

“Eu suponho que já estive no Canyon meu senhor?” Perguntou Thor.

“Muitas vezes.” Erec respondeu. “De fato, minha primeira patrulha ocorreu quando eu tinha a sua idade.”

“E que tal foi?” Reece perguntou.

Todos os quatro rapazes se viraram e olharam para Erec, extasiados, com atenção. Erec montou por algum tempo em silêncio, olhando para a frente, sua mandíbula rígida.

“A primeira vez é uma experiência que você nunca esquece. É difícil de explicar. É um lugar diferente, estranho, místico e lindo. Do outro lado jazem perigos inimagináveis. A ponte a cruzar é longa e íngreme. Há muitos de nós patrulhando — mas você sempre se sente sozinho. É a natureza em sua máxima expressão. Esmaga o homem estar a sua sombra. Nossos homens têm patrulhado ali por centenas de anos. É um rito de passagem. Você não entende totalmente o que é o perigo sem viver isso; você não pode se tornar um cavaleiro sem isso.”

Ele caiu em silêncio novamente. Os quatro rapazes se entreolharam, perturbados.

“Deveríamos esperar uma escaramuça no outro lado então?” Thor perguntou.

Erec deu de ombros.

“Tudo é possível, uma vez que você chega às regiões selvagens. Quase improvável. Mas possível.”

Erec olhou para Thor.

“Você quer ser um grande escudeiro e um dia, um grande cavaleiro?” Ele perguntou, olhando bem para o Thor.

O coração de Thor bateu mais rápido.

“Sim, Alteza, mais do que tudo.”

“Então deverá aprender algumas coisas.” Erec disse. “Força não é suficiente; agilidade não é suficiente; ser um grande lutador não é suficiente. Há algo mais, algo mais importante do que tudo isso.” Erec ficou em silêncio novamente e Thor não pôde aguentar mais.

“O que é?” Thor perguntou. “O que é mais importante do que tudo isso?”

“Você deve ter um espírito forte.” Erec replicou. “Nunca temer. Você deve entrar nos bosques mais tenebrosos, enfrentar a batalha mais perigosa,

com completa equanimidade. Você deve levar essa equanimidade com você sempre, aonde quer que vá. Nunca estar temeroso, sempre em guarda. Nunca descansado, sempre diligente. Você não pode dar-se ao luxo de esperar que os outros o protejam. Você já não é um cidadão. Você agora é um dos homens do Rei. As maiores qualidades de um guerreiro são coragem e equanimidade. Não tema o perigo. Espere o perigo. Mas não o procure.”

“Este Anel onde nós vivemos...” Erec acrescentou... “Nosso reino. É como se nós, com todos os nossos homens, o protegêssemos contra as hordas do mundo. Mas não é assim. Estamos protegidos somente pelo Canyon e pelos poderes mágicos que há nele. Nós vivemos no Anel de um feiticeiro. Não esqueça isso. Nós morremos e vivemos pela magia. Não existe segurança aqui rapaz, em nenhum dos lados do Canyon. Elimine o feitiço, elimine a magia, e nós não teremos mais nada.”

Eles andaram em silêncio por algum tempo, enquanto as palavras de Erec davam voltas na cabeça de Thor uma e outra vez. Era como se Erec estivesse lhe dando uma mensagem oculta, como se estivesse lhe dizendo que: qualquer que fosse o poder que ele tivesse; qualquer que fosse a magia que pudesse convocar, não havia nada do qual ele devesse sentir vergonha. Na verdade, isso era algo do qual ele deveria sentir-se orgulhoso e a fonte de toda energia no Reino. Thor se sentiu melhor. Ele sentia que havia sido enviado para o Canyon como punição por ter usando sua magia e se sentia culpado por isso; mas agora ele sentia que seus poderes, quaisquer que fossem, podiam se tornar um motivo de orgulho.

Os outros caminhavam mais à frente, Erec e Thor foram ficando para trás, Erec olhou para Thor.

“Você já deu um jeito de fazer alguns inimigos poderosos na Corte.” Ele disse com um sorriso divertido em seu rosto. “Pelo que parece, fez tantos inimigos quanto amigos.”

Thor enrubescou, envergonhado.

“Não sei como, Alteza. Eu não tive a intenção.”

“Os inimigos não se arranjam intencionalmente. Eles são muitas vezes arranjados por causa da inveja. Você deu um jeito de criar muito dela. O que não é necessariamente algo ruim. Você é o centro de muita especulação.”

Thor coçou a cabeça, tentando entender.

“Mas eu não sei por quê.”

Erec ainda parecia estar divertido.

“A rainha é líder entre seus adversários. Você, de alguma forma, fez com que ela ficasse do lado errado.”

“Minha mãe?” Reece perguntou, virando-se. “Por quê?”

“Eu tenho estando tentando responder a essa mesma pergunta.” Disse Erec.

Thor se sentia terrível. A Rainha? Uma inimiga? Que mal ele tinha feito a ela? Ele não podia conceber isso. Como poderia ele ser importante o suficiente para que ela tomasse conhecimento dele? Ele que mal sabia o que estava acontecendo ao seu redor.

De repente, algo veio à mente de Thor.

“É ela a razão pela qual eu fui enviado para o Canyon?” Ele perguntou.

Erec virou-se e olhou para a frente, seu rosto ficando cada vez mais sério.

“Pode ter sido por causa dela.” Ele disse pensativo. “Pode muito bem ter sido.”

Thor meditava sobre a extensão e profundidade dos inimigos que ele tinha feito. Ele tinha entrado em uma Corte sobre a qual não sabia nada. Ele só queria fazer parte de algo. Ele tinha apenas seguido sua paixão e seu sonho e tinha feito tudo o que podia para alcançá-lo. Ele não pensou que ao fazer isso, poderia causar inveja ou ciúme. Esses pensamentos davam voltas mais e mais em sua mente, como um enigma, mas ele não conseguia esclarecer as coisas.

Enquanto Thor estava remoendo esses pensamentos, eles chegaram ao topo de uma colina, e ao deparar-se com a vista diante deles, todos os pensamentos de Thor sobre qualquer outra coisa se desvaneceram. Ele ficou sem fôlego e não foi apenas por causa das rajadas de vento forte.

Estendendo-se diante deles, tanto quanto os olhos podiam ver, estava o Canyon. Era a primeira vez que Thor o via, e a vista o afetou tão profundamente que seus pés ficaram grudados no chão, incapazes de se mover. Era a coisa mais grandiosa e mais majestosa que ele já tinha visto. O enorme abismo na terra parecia se estender por toda a eternidade, cortado somente por uma única ponte, estreita guardada por soldados. A ponte parecia estender-se até os confins da própria terra.

O Canyon estava iluminado com verdes e azuis do segundo sol poente e os raios brilhantes ricocheteavam em suas paredes. Quando pôde sentir suas pernas novamente, Thor começou a caminhar com os outros, cada vez mais perto da ponte, até que ele foi capaz de olhar intensamente para as falésias

do Canyon; elas pareciam despencar nas entranhas da terra. Thor não podia sequer ver o fundo e não sabia se isso era porque não tinha fundo, ou se era porque ele estava coberto de névoa. A rocha que alinhava as falésias parecia ter um milhão de anos de idade, formada com o padrão que as tempestades devem ter deixado séculos antes. Era o lugar mais primordial que ele já tinha visto. Ele não tinha ideia de que seu planeta era tão vasto, tão vibrante, tão vivo.

Era como se ele tinha vindo para o início da criação.

Thor ouviu os outros ao seu redor ofegar também.

O pensamento de que os quatro patrulhariam esse Canyon parecia ridículo. Eles se sentiam diminuídos até mesmo pela visão dele. Enquanto caminhavam em direção à ponte, os soldados se perfilaram de cada lado, em posição de sentido, abrindo caminho para a nova patrulha. Thor sentiu seu coração acelerar.

“Eu não vejo como nós quatro poderíamos patrulhar isto”. Disse O’Connor.

Elden riu. “Há muitas patrulhas além de nós. Somos apenas uma engrenagem na máquina.” Enquanto caminhavam através da ponte, os únicos sons que se ouviam eram: o do vento chicoteando; o de suas botas; e do cavalo de Erec, caminhando. Os cascos faziam um som oco e reconfortante, a única coisa real a qual Thor poderia aferrar-se nesse lugar surreal.

Nenhum dos soldados, todos empertigados em atenção à presença de Erec, disseram uma palavra enquanto eles montavam guarda. Eles devem ter passado por centenas deles.

Thor não pôde deixar de notar que de cada lado deles, fincadas em estacas distribuídas a cada poucos metros ao longo da grade, estavam as cabeças de invasores bárbaros. Algumas ainda estavam frescas, ainda pingando sangue.

Thor desviou o olhar. Isso fazia a coisa toda muito real. Ele não sabia se estava pronto para isso. Ele tentou não imaginar as muitas escaramuças que deviam ter produzido aquelas cabeças; as vidas que se perderam e o que os esperava do outro lado. Ele se perguntou se eles algum dia voltariam dali. Era esse o objetivo de toda essa expedição? Matá-lo?

Ele olhou por cima da borda para as falésias cujos abismos eram infindáveis e ouviu o grito de um pássaro distante; era um som que ele

nunca tinha ouvido antes. Ele se perguntou que tipo de pássaro era aquele e que outros animais exóticos estariam à espreita, do outro lado.

Mas não eram realmente os animais o que o incomodava, nem mesmo as cabeças nas estacas. Mais que tudo, era a energia do lugar. Ele não poderia dizer se era a névoa ou o vento uivante, ou a vastidão do céu aberto, ou a luz do sol que se punha — mas havia algo sobre este lugar tão surreal que o transportava. O envolvia. Ele sentiu uma energia mágica pesada pairando sobre eles. Ele se perguntava se era a proteção da espada, ou alguma outra força milenar. Ele sentia como se ele não estivesse apenas atravessando uma massa de terra, mas uma passagem para um reino de outra existência.

Há poucos dias atrás ele tinha estado pastoreando ovelhas na sua pequena aldeia. Parecia inacreditável que agora, pela primeira vez em sua vida, ele passaria a noite, sem proteção, do outro lado do Canyon.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Enquanto o sol começava a desvanecer-se no céu — em um vermelho escuro misturado com azul que parecia envolver todo o universo — Thor caminhava com Reece, O'Connor e Elden pela trilha que levava à floresta dos selvagens. Thor nunca tinha estado tão nervoso em sua vida. Agora eram apenas eles quatro. Erec tinha ficado atrás no acampamento, e apesar de suas desavenças, Thor sentia que agora precisavam um do outro mais do que nunca. Eles tinham de se entender sem Erec. Antes que eles partissem, Erec tinha lhes dito para não se preocupar, que ele ficaria na base, atenderia seus chamados e estaria ali se precisassem dele.

Isso dava a Thor pouca tranquilidade agora.

Quando os bosques se estreitaram sobre eles, Thor olhou para esse lugar exótico, o chão da floresta repleto de espinhos e frutas estranhas. Os galhos das muitas árvores eram retorcidos e velhos, quase se tocavam, de tão perto que Thor muitas vezes precisava agachar-se. Eles tinham espinhos em vez de folhas e se projetavam em todas as direções. Trepadeiras amarelas pendiam aqui e ali e Thor tinha cometido o erro de tentar afastar um cipó de seu rosto só para perceber que era na verdade uma cobra. Ele gritou e pulou para fora do caminho a justo tempo.

Thor pensou que os demais ririam dele, porém eles também estavam desalentados de temor. Ao seu redor, tudo o que se ouvia eram ruídos estranhos, de animais exóticos. Alguns eram baixos e guturais, outros agudos e estridentes. Alguns ecoavam desde longe; outros pareciam ecoar incrivelmente perto. O crepúsculo acelerava, à medida que eles penetravam cada vez mais na floresta. Thor tinha a certeza de que em qualquer momento poderia haver uma emboscada. Quanto mais o céu escurecia, mais difícil ficava ver os rostos dos seus compatriotas. Ele agarrava o punho da espada com tanta força que os nós dos seus dedos estavam brancos, enquanto a outra mão segurava seu estilingue. Os outros garotos também seguravam suas armas com muita força.

Thor dizia para si mesmo para ser forte confiante e corajoso como um bom cavaleiro deveria ser. Tal como Erec havia lhe instruído. Era melhor para ele enfrentar a morte agora do que viver sempre com medo dela. Ele tentou levantar o queixo e caminhar corajosamente para a frente, até mesmo

acelerando o passo e seguindo uns poucos metros a frente dos demais. Seu coração batia descompassadamente, contudo ele sentia como se estivesse enfrentando os seus medos.

“O que nós estamos patrulhando realmente?” Thor perguntou.

Tão logo ele disse isso, percebeu que era uma pergunta tola, esperou então que Elden zombasse dele.

Mas para sua surpresa, havia apenas o silêncio de todos. Thor olhou e viu o branco dos olhos do Elden e percebeu que ele estava ainda assustado. Isso, pelo menos, deu a Thor alguma confiança. Thor era mais jovem e menor do que ele e mesmo assim não estava cedendo ao medo.

“Acho que o inimigo.” Reece disse finalmente.

“E quem é ele?” Thor perguntou. “Com o que ele se parece?”

“Há todo tipo de inimigos por aí fora.” Reece disse. “Agora estamos na selva. Existem nações selvagens, e toda classe de raças de criaturas do mal.”

“Mas qual é o sentido de nossa patrulha?” O’Connor perguntou. “Que diferença podemos realmente fazer aqui? Mesmo que matemos um ou dois, será que isso vai deter os milhões que estão por trás deles?”

“Não estamos aqui para deixar uma marca.” Reece respondeu. “Nós estamos aqui, em nome do nosso Rei para marcar presença. Para que eles saibam que estamos vigiando de perto o Canyon.”

“Eu creio que seria muito mais sensato esperar até que eles tentem cruzar e então lidaríamos com eles.” Disse O’Connor.

“Não.” Reece disse. “É melhor dissuadi-los de aproximar-se. Essa é a razão dessas patrulhas. Pelo menos, isso é o que diz o meu irmão mais velho.”

O coração de Thor disparava à medida que ele entrava na densa floresta.

“Que tão longe nós deveríamos seguir?” Perguntou Elden, falando por primeira vez, sua voz trêmula.

“Você não se lembra do que Kolk disse? Temos de recuperar a faixa vermelha e trazê-la de volta.” Reece disse. “Essa é nossa prova de que fomos longe o suficiente para nossa patrulha.”

“Eu não vi uma faixa em lugar nenhum.” O’Connor disse. “De fato, eu mal posso ver alguma coisa. Como se supõe que nós voltaremos?”

Ninguém respondeu. Thor estava pensando exatamente o mesmo. Como poderiam eles encontrar uma faixa no escuro da noite? Ele começou a se perguntar se esse não era apenas um truque, um exercício, outro dos jogos

psicológicos aplicados aos garotos da Legião. Ele pensou novamente nas palavras de Erec, nos seus inimigos da corte. Ele tinha um mau pressentimento sobre a patrulha. Seria tudo uma armação?

De repente houve um ruído estridente, horrível, seguido por um movimento dentro dos ramos — e algo grande atravessou seu caminho. Thor puxou sua espada e os outros também. O ruído metálico das espadas deixando as bainhas encheu o ar quando todos eles ficaram em guarda, empunhando as espadas e olhando nervosamente em cada direção.

“O que foi isso?” Elden gritou, sua voz falhando devido ao temor.

O animal mais uma vez cruzou o seu caminho, correndo de um lado a outro da floresta, e desta vez eles puderam dar uma boa olhada nele.

Os ombros de Thor relaxaram quando ele o reconheceu o animal.

“Era só um cervo.” Ele disse enormemente aliviado. “O cervo mais estranho que eu já vi na vida — mas mesmo assim era um cervo.”

Reece riu, com um som reconfortante, uma risada muito madura para sua idade. Quando Thor o ouviu, percebeu que era a risada de um futuro rei. Ele se sentiu melhor tendo seu amigo ao seu lado. E então ele riu também. Um riso nervoso, um riso à toa.

“Eu não sabia que sua voz falhava quando você cedia ao medo.” Reece zombou de Elden, rindo outra vez.

“Se eu pudesse vê-lo, eu lhe daria uma surra.” Disse Elden.

“Eu posso ver você muito bem.” Reece respondeu. “Venha, tente!”

Elden olhou para ele, mas não se atreveu a fazer nada. Em lugar disso ele pôs sua espada de volta na bainha, os outros fizeram o mesmo. Thor admirava Reece por colocar Elden em seu lugar; Elden — que zombava de todo mundo — merecia tomar um pouco de seu próprio remédio. Thor admirava a audácia de Reece ao fazê-lo, porque afinal de contas, Elden ainda era duas vezes seu tamanho.

Thor finalmente sentiu um pouco da tensão deixando seu corpo. Eles tiveram suas primeiras dificuldades, o gelo fora quebrado e eles ainda estavam vivos. Ele inclinou-se para trás e riu também, feliz por estar vivo.

“Continue rindo garoto esquisito.” Elden disse. “Nós veremos quem vai rir por último.”

Não estou rindo de você, como Reece. Thor pensou. *Eu estou apenas feliz por estar vivo.*

Mas ele não se incomodou em dizer nada; Ele sabia que nada que pudesse dizer mudaria o ódio que Elden sentia por ele.

“Vejam!” O’Connor gritou. “Ali!”

Thor olhava, mas mal conseguia enxergar para o que ele estava apontando no meio da noite que espessava cada vez mais. Então ele a viu: a faixa da Legião, pendendo de um dos galhos.

Todos começaram a correr para agarrá-la.

Elden passou correndo pelos outros, tirando-os do caminho bruscamente.

“Aquela bandeira é minha!” Ele gritou.

“Eu a vi primeiro!” O’Connor exclamou.

“Mas eu vou pegá-la primeiro e eu vou ser o único a levá-la de volta!” Elden gritou.

Thor estava furioso; Ele mal podia acreditar na atitude de Elden. Ele lembrou que Kolk tinha dito que qualquer um que tivesse a faixa seria recompensado — e percebeu porque Elden tinha corrido. Mas isso não o justificava. Supunha-se que eles eram um grupo, uma equipe — e não estavam cada um por si. Elden estava abrindo o jogo, revelando sua verdadeira natureza — nenhum dos outros havia corrido atrás da faixa, tentado ultrapassar os demais. Isso fez Thor odiar Elden ainda mais.

Elden disparou a correr e ao passar por O’Connor deu-lhe uma cotovelada, e antes que os outros pudessem reagir, ele ganhou vários metros de vantagem e arrebatou o banner.

Ao fazer isso, uma rede gigante apareceu do nada, ergueu-se do solo, fechou-se rapidamente no ar, aprisionando Elden e içando-o para o alto. Ele balançava para frente e para trás como um animal preso numa armadilha, diante dos olhos de todos, a poucos metros de distância.

“Socorro! Ajudem-me!” Ele gritava, aterrorizado.

Todos eles abrandaram enquanto caminhavam ao redor dele; Reece começou a rir.

“Bem, quem é o covarde agora?” Reece gritou com força, divertido.

“Você seu merda!” Ele gritou. “Eu vou matar você quando eu descer daqui!”

“É mesmo?” Reece retorquiu. “E quando vai ser isso?”

“Baixem-me!” Elden gritou, dando voltas, girando na rede. “Eu estou mandando!”

“Oh, você agora nos dá as ordens?” Reece disse, caindo na risada novamente.

Reece virou e olhou para Thor.

“O que você acha?” Reece perguntou.

“Eu creio que ele nos deve um pedido de desculpas.” O’Connor disse. “Especialmente a Thor.”

“Eu concordo.” Reece disse. “Eu vou lhe dizer uma coisa.” Ele disse para Elden. “Desculpe-se — e faça isso com sinceridade— e eu considerarei a possibilidade de cortar a rede.”

“Pedir desculpas?” Elden repetiu, horrorizado. “Nem em um milhão de anos.”

Reece virou-se para Thor.

“Talvez a gente devesse deixar essa trouxa, digo... esse trouxa aqui durante a noite. Seria um ótimo alimento para os animais. O que você acha?”

Thor sorriu de orelha a orelha.

“Acho que é uma ótima ideia.” Disse O’Connor.

“Esperem!” Elden gritou com uma voz estridente.

O’Connor se estirou e arrebatou a faixa que balançava nos dedos de Elden.

“Acho que você não nos venceu ao pegar a faixa depois de tudo.” O’Connor disse.

Os três viraram-se e começaram a ir embora.

“Não, esperem!” Elden gritava. “Vocês não podem me deixar aqui! Vocês não fariam isso!”

Os três continuaram a ir embora.

“Desculpem!” Elden começou a soluçar. “Por favor! Eu sinto muito!”

Thor parou, mas Reece e O’Connor continuaram a caminhar. Finalmente, Reece voltou.

“O que você está fazendo?” Reece perguntou a Thor.

“Nós não podemos deixá-lo aqui.” Thor disse. Por mais que Thor não gostasse de Elden, ele não achava que fosse correto deixá-lo ali.

“Por que não?” Reece perguntou. “Ele fez por onde.”

“Se as coisas fossem ao contrário... O’Connor disse... “Você sabe que ele deixaria você aqui sem pensar duas vezes. Por que você deveria se importar?”

“Eu entendo.” Thor disse. “Porém isso não significa que devemos atuar como ele.”

Reece colocou as mãos nos quadris e suspirou profundamente, quando se inclinou e sussurrou para Thor.

“Eu não ia deixá-lo lá a noite toda. Talvez apenas metade da noite. Mas você tem razão. Ele não foi feito para isso. Ele teria provavelmente se mijado todo ou tido um enfarte. Você é bonzinho demais. O que é um problema.” Reece disse quando pôs uma mão no ombro do Thor. “Mas foi por isso que eu o escolhi como amigo.”

“Eu também.” O’Connor disse, colocando a mão no outro ombro de Thor.

Thor virou-se, marchou em direção à rede, estendeu a mão e a cortou.

Elden caiu com um baque surdo. Levantou-se, se desvencilhou da rede e procurava freneticamente algo no chão.

“Minha espada!” Ele gritou. “Onde está?”

Thor olhou para o chão, mas estava escuro demais para ver.

“Ela deve ter voado para as árvores, quando você foi içado.” Thor respondeu.

“Seja como for, ela não está mais aqui.” Reece disse. “Você nunca a encontrará.”

“Mas, vocês não entendem.” Elden declarou. “A Legião. Tem apenas uma regra. Nunca deixe sua arma para trás. Não posso voltar sem ela. Eu seria expulso!”

Thor virou-se e procurou no chão outra vez, buscou pelas árvores, buscou por todas as partes. Mas ele não podia ver absolutamente nenhum sinal de espada do Elden. Reece e O’Connor ficaram parados, não se incomodaram em procurar.

“Lamento muito.” Thor disse. “Não a vejo.”

Elden revirou todos os lugares, até que então finalmente desistiu.

“É culpa *sua*!” Ele disse apontando para Thor. “Você nos meteu nessa confusão!”

“Não, eu não fui.” Thor replicou. “Você se meteu sozinho! Você correu para a faixa. Você nos empurrou para fora do caminho. Você não pode culpar ninguém a não ser você mesmo.”

“Eu odeio você!” Elden gritou.

Ele investiu contra Thor, agarrando-o pela camisa e jogando-o no chão. O peso dele pegou Thor desprevenido. Thor conseguiu girar sobre si, mas Elden girou novamente e o sujeitou contra o chão. Elden era muito grande e forte, e era difícil sujeitá-lo.

De repente, porém, Elden o largou e rolou. Thor ouviu o som de uma espada sendo extraída de sua bainha, ele olhou para cima e viu Reece de pé

ao lado de Elden, apontando com a espada para a garganta dele.

O'Connor se aproximou e estendeu a mão para Thor, ajudando-o a levantar-se. Thor se colocou ao lado de seus dois amigos, olhando para Elden que permanecia no chão com a espada de Reece apontando para sua garganta.

“Toque meu amigo de novo...” Reece, disse devagar com muita seriedade para Elden... “E eu lhe garanto que eu mato você.”

CAPÍTULO DEZESSETE

Thor, Reece, O'Connor, Elden e Erec todos sentados no chão, formando um círculo ao redor de um fogo ardente. Os cinco permaneciam sentados, taciturnos e silenciosos, Thor estava surpreso de que estivesse tão frio para ser uma noite de verão. Havia algo sobre esse desfiladeiro, com seus ventos frios, místicos que sopravam por ali por baixo e em volta, misturando-se com a neblina que nunca parecia ir embora e cuja umidade lhe chegava até os ossos. Ele inclinou-se e esfregou as mãos contra o calor do fogo, incapaz de aquecê-las.

Thor mastigava um pedaço de carne seca que os outros estavam repartindo; era dura e salgada, mas de alguma maneira o nutria. Erec estendeu a mão e lhe entregou algo e Thor sentiu a maciez de um odre, pressionado contra sua mão, o líquido agitava-se dentro dele. Era surpreendentemente pesado quando Thor o ergueu levou-o aos seus lábios e esguichou seu conteúdo na boca por um bom tempo. Ele se sentiu cálido pela primeira vez naquela noite.

Todo mundo estava em silêncio, olhando para as chamas. Thor ainda estava nervoso. Estar deste lado do Canyon, em território inimigo, ele ainda sentia que era como se ele devesse estar em guarda todo o tempo e maravilhava-se de ver quão calmo Erec parecia estar, era como se ele estivesse sentado casualmente em seu próprio quintal. Thor estava aliviado, pelo menos, por estar fora da selva, junto com Erec e sentado ao lado de um fogo tranquilizante. Erec vigiava a linha da floresta, atento a cada pequeno ruído, e ainda assim, confiante e relaxado. Thor sabia que se surgisse qualquer perigo, Erec os protegeria.

Thor sentia-se contente em torno das chamas; ele olhou em volta e viu que os outros pareciam contentes, também — exceto claro, Elden, triste desde que regressaram da floresta. Ele tinha perdido sua anterior arrogância naquele mesmo dia e estava sentado ali, azedo e sem sua espada. Os comandantes nunca perdoariam um erro assim. Elden iria ser expulso da Legião após o seu regresso. Ele se perguntava o que faria Elden. Ele tinha um pressentimento que ele não iria ceder tão facilmente, que ele faria algum truque, que tinha uma carta debaixo da manga. Thor presumia que qualquer que fosse, não seria nada bom.

Thor virou-se e seguiu o olhar de Erec para o horizonte distante, na direção Sul. Um fulgor fraco, uma linha infinita até onde os olhos podiam ver, iluminava a noite. Thor se perguntava.

“O que é aquilo?” Ele finalmente perguntou a Erec. “Aquele brilho? Que você olha tão fixamente?”

Erec ficou em silêncio por um longo tempo, o único som que se ouvia era o uivo do vento. Finalmente, sem se virar, ele disse: “Os Gorals.”

Thor trocou um olhar com os outros, que o olharam de volta com medo. O estômago de Thor se contraiu só de pensar. Os Gorals. Tão perto. Não havia nada entre eles e ele exceto uma floresta simples e uma vasta planície. Já não havia o grande Canyon, separando-os, mantendo-os a salvo. Toda a sua vida ele tinha ouvido contos sobre esses selvagens violentos dos confins que não tinham nenhuma ambição exceto atacar o Anel. E agora não havia nada entre eles. Ele não podia acreditar como muitos deles estavam lá. Era um exército vasto e expectante.

“Não tem medo?” Thor perguntou a Erec.

Erec abanou a cabeça.

“Os Gorals movem-se em grupo. Seu exército acampa lá fora todas as noites. Eles têm feito isso por anos. Só atacariam o Canyon mobilizando o exército e atacando em grupo. E eles não ousariam tentar. O poder da espada age como um escudo. Eles sabem que não podem penetrá-lo.”

“Então, por que eles acampam lá fora?” Thor perguntou.

“É sua forma de intimidar e de preparar-se. Houve muitas vezes ao longo da história, no tempo dos nossos pais, em que atacaram, tentaram cruzar o Canyon. Mas isso não aconteceu no meu tempo.”

Thor olhou para o céu negro, amarelo, azul e laranja coberto de estrelas cintilantes sobre o alto de sua cabeça e pensava. Esse lado do Canyon era um lugar de pesadelos e tinha sido assim desde que ele tinha dado seus primeiros passos. Esse pensamento o fez sentir-se temeroso, mas ele o afastou de sua mente. Ele era um membro da Legião, agora, e como tal, deveria atuar.

“Não se preocupe.” Erec disse como se estivesse lendo seus pensamentos. “Eles não atacarão enquanto nós tivermos A Espada do Destino.”

“Alguma vez você pôde tê-la em suas mãos?” Thor perguntou a Erec, de repente curioso. “A Espada?”

“Claro que não!” Erec retrucou bruscamente. “Ninguém tem permissão de tocá-la, exceto os descendentes do Rei.”

Thor olhou para ele, confuso.

“Eu não entendo. Por quê?”

Reece limpou a garganta.

“Posso?” Ele intercedeu.

Erec acenou de volta.

“Há uma lenda em torno da espada. Na verdade, ela nunca foi levantada por ninguém. A Lenda diz que apenas um homem, o escolhido, será capaz de erguê-la por seus próprios meios. Só o rei pode tentar, ou um dos descendentes do Rei, se for coroado Rei. Então, ela permanece ali, intocada.”

“E o nosso Rei atual? Sua Majestade, o vosso pai?” Thor perguntou. “Ele pode tentar?”

Reece olhou para baixo.

“Ele tentou uma vez. Quando foi coroado. Então ele nos contou. Ele não pôde levantá-la. Então ela permanece lá, como uma espécie de triste recordatório para ele. Ele a detesta. Ela pesa sobre ele como uma criatura vivente.

“Quando o escolhido surgir...” Reece acrescentou... “Ele livrará o Anel de todos os inimigos ao redor e nos guiará a um destino infinitamente superior ao que já tivemos. Todas as guerras cessarão.”

“Contos de fadas e bobagens.” Elden intercedeu. “Ninguém jamais erguerá aquela espada. Ela é pesada demais. Isso é impossível. E não existe nenhum ‘escolhido’. É tudo besteira. Essa lenda foi inventada apenas para calar o homem comum, para nos manter esperando o suposto ‘escolhido’. Para embravecer a linha dos MacGils. É uma lenda muito conveniente para eles.”

“Dobre a língua, garoto.” Erec retrucou. “Você sempre falará com todo o respeito do seu Rei.”

Elden olhou para baixo, humilhado.

Thor pensava em tudo isso, tentando compreender. Era muita coisa para processar de uma só vez. Toda sua vida ele tinha sonhado com ver a Espada do Destino. Ele tinha ouvido histórias sobre sua forma perfeita. Diziam que ela estava feita de um material totalmente desconhecido e se supunha que era uma arma mágica. Isso tudo fazia Thor imaginar o que aconteceria se eles não tivessem a espada para protegê-los. Seria então, o exército do rei

vencido pelo Império? Thor olhou para os fogos brilhantes no horizonte. Eles pareciam prolongar-se até a eternidade.

“Vossa Alteza já esteve lá?” Thor perguntou a Erec. “Lá fora, longe? Além da floresta? Na selva?”

Os outros se viraram e olharam para Erec, enquanto Thor esperava ansiosamente pela resposta. No silêncio espesso, Erec olhou para as chamas por um longo tempo — por tanto tempo que Thor começou a duvidar de que ele respondesse. Thor esperava que ele não tivesse sido muito intrometido; ele se sentia tão agradecido e em dívida com Erec e certamente não queria importuná-lo. Thor também já não estava tão seguro de querer saber a resposta.

Quando Thor estava desejando de alguma forma poder retirar sua pergunta, Erec respondeu:

“Sim.” Ele disse solene.

Essa única palavra pairou no ar por muito tempo, e nela, Thor percebeu a gravidade que lhe disse tudo o que ele precisava saber.

“Como são as coisa lá fora?” Perguntou O’Connor.

Thor se sentia aliviado por não ser ele o único que fazia as perguntas.

“Tudo é controlado por um império cruel.” Erec disse. “Mas a terra é vasta e variada. Lá é a terra dos selvagens. A terra dos escravos. E a terra dos monstros. Monstros diferentes de todos os que você possa imaginar. E existem desertos, montanhas e colinas, tantos quanto vocês podem ver. Existem os brejos, os pântanos e o grande oceano. Lá é a terra dos Druidas. E a terra dos dragões.”

Os olhos do Thor se arregalaram.

“Dragões?” Ele perguntou surpreso. “Eu pensava que eles não existiam.”

Erec olhou para ele, muito sério.

“Eu posso garantir que eles existem. E que aquele é um lugar ao qual você não desejará ir nunca. Um lugar temido até mesmo pelos Gorals.”

Thor engoliu em seco só de pensar. Ele mal podia imaginar aventurando-se tão profundamente naquele mundo. Ele se perguntava como Erec havia podido regressar a salvo dali. Ele fez uma nota em sua mente, para lembrar-se de fazer essa pergunta em outra ocasião.

Havia tantas perguntas que Thor queria fazer-lhe — sobre a natureza do império do mal e quem o governava; por que eles queriam atacar; quando Erec tinha se aventurado a ir ali; quando ele tinha retornado. Mas enquanto Thor olhava para as chamas, o frio e a escuridão se intensificaram e todas

essas perguntas davam volta em sua cabeça. Ele sentia seus olhos ficarem cada vez mais pesados. Esse não era o melhor momento para mais perguntas.

Em vez disso, ele se deixou embalar pelo sono e deitou sua cabeça no chão. Antes que seus olhos se fechassem por completo, ele olhou para o território estrangeiro e se perguntou quando — ou mesmo se — algum dia ele voltaria para casa novamente.

*

Thor abriu os olhos, confuso, perguntando-se onde estava e como havia chegado ali. Ele olhou para baixo e viu uma névoa grossa até sua cintura, tão grossa, que ele não podia ver seus pés. Ele se virou e viu o romper da aurora sobre o desfiladeiro diante dele. Muito longe, do outro lado, estava sua terra natal. Ele estava ainda daquele lado, do lado errado, da divisa. Seu coração acelerou.

Thor olhou para a ponte, mas estranhamente, já não havia nenhum soldado ali. O lugar inteiro parecia, de fato, desolado. Ele não conseguia entender o que estava acontecendo. Enquanto observava a ponte, suas pranchas de madeira caíram uma após outra, como as peças de um dominó. Em poucos momentos, a ponte ruiu e desabou no precipício. O abismo era tão profundo que ele nunca pôde ouvir o ruído das pranchas atingindo o fundo.

Thor engoliu saliva e virou-se, procurando os demais, porém eles não estavam à vista. Ele não sabia o que fazer. Agora ele estava isolado. Ali, sozinho, do outro lado do Canyon, sem saída. Ele não conseguia entender para onde todo mundo tinha ido.

Ao ouvir algo, ele se virou e olhou para a floresta. Ele havia detectado um movimento. Então ficou de pé e caminhou em direção ao som, seus pés afundavam no chão à medida que ele caminhava. Quando ele se aproximou, espiou e viu uma rede pendurada em um galho baixo. Dentro dela estava Elden, girando sobre si, os galhos partindo-se enquanto ele se movia.

Um falcão estava empoleirado em sua cabeça, uma criatura de aparência estranha, seu corpo era prateado e reluzente, tinha uma única listra preta correndo por sua cabeça, entre os seus olhos. Ele se inclinou, arrancou o olho de Elden, e permaneceu ali. Logo se virou para Thor, sustentando o olho em seu bico.

Thor queria desviar o olhar, mas não podia. Tal como ele estava percebendo Elden estava morto. De repente, todo o bosque criou vida.

Investindo contra ele, desde todas as direções, vinha um exército de Gorals, eram enormes: de peito imenso, musculoso; tinham três narizes dispostos em um triângulo em seus rostos; tinham duas presas afiadas, curvas longas. Vestiam apenas tangas. Eles silvavam e rosnavam, ao correr direto para ele. Era um som de arrepiar os cabelos e não havia nenhum lugar para onde Thor pudesse ir. Ele se abaixou para pegar sua espada, mas ao olhar para baixo descobriu que ela não estava ali.

Thor gritou.

Ele acordou, se sentou endireitando-se, respirava com dificuldade e olhava freneticamente em todas as direções. Tudo ao seu redor era silêncio, um silêncio vivo, de verdade, não o silêncio do seu sonho.

Ao lado dele, sob a primeira luz da aurora, Reece, O'Connor, e Erec dormiam esparramados no chão, as brasas da fogueira já apagadas perto deles. No chão, saltitando, estava um falcão. Ele virou-se e inclinou a cabeça para Thor. Era grande, prateado e distinto, com uma única listra preta que descia por sua cabeça. Ele olhou para Thor fitando-o bem nos olhos e guinchou. O som fez Thor estremecer: era o mesmo falcão do seu sonho.

Foi então que ele percebeu que o pássaro era uma mensagem — que seu sonho tinha sido mais do que isso. Que algo estava errado. Ele podia sentir isso, uma leve vibração nas costas que se entendia correndo pelos seus braços.

Ele rapidamente ficou de pé e olhou ao redor, imaginando o que poderia ser. Ele não ouviu nada de errado e nada parecia fora do lugar; a ponte ainda estava lá, os soldados estavam todos nela.

O que era aquilo? Ele se perguntava.

Então ele percebeu de que se tratava. Alguém estava faltando. Elden.

A princípio Thor se perguntava se ele não os teria abandonado, voltado e cruzado a ponte para o outro lado do Canyon. Talvez ele estivesse envergonhado por ter perdido sua espada e tinha deixado a região de uma vez por todas.

Mas então, Thor olhou para a floresta e viu marcas frescas no musgo, as pegadas indo em direção a trilha, no orvalho da manhã. Não havia dúvida de que aquelas eram as de Elden. Ele não tinha ido embora; tinha voltado para a floresta. Sozinho. Talvez para fazer suas necessidades. Ou talvez, Thor percebeu com um choque, para recuperar sua espada.

Era uma jogada estúpida, ir sozinho assim, e apenas comprovava como Elden estava desesperado. Thor sentiu logo que havia um grande perigo. A vida de Elden estava em jogo.

Naquele momento o falcão guinchou, como se quisesse confirmar os pensamentos de Thor. Então bateu asas e voou diretamente em direção ao rosto de Thor. Thor abaixou rapidamente a cabeça — as garras falharam por apenas um triz e o falcão elevou-se no ar, voando para longe.

Thor entrou em ação. Sem pensar, sem mesmo contemplar o que ele fazia e correu para fora para a floresta, seguindo as pegadas.

Thor não parou para sentir o medo enquanto ele corria sozinho, pela selva adentro. Se ele tivesse feito uma pausa para pensar na loucura que era isso, ele provavelmente teria ficado paralisado, teria se sentido invadido pelo pânico. Mas em vez disso, ele simplesmente reagiu sentindo uma necessidade imperiosa de ajudar Elden. Ele corria e corria — sozinho — entrando cada vez mais no bosque com a primeira luz matinal.

“Elden!” Ele chamava.

Ele não podia explicar, mas de algum modo sentia que Elden estava a ponto de morrer. Talvez, ele não devesse preocupar-se, dada à forma como Elden o havia tratado. Porém, ele não podia evitar sua preocupação. Se ele estivesse na mesma situação, Elden provavelmente, não iria ao seu resgate. Era uma loucura colocar sua vida em risco por alguém que jamais se preocupou minimamente por ele e de fato, estaria até mesmo feliz ao vê-lo morrer. Mas Thor não podia conter-se. Nunca sentiu uma sensação como essa antes, a qual fazia com que todos os seus sentidos o impelisses a reagir — especialmente devido a algo que ele possivelmente não conhecesse. De alguma maneira, ele estava mudando e não sabia como. Ele sentia que seu corpo parecia estar sendo controlado por novos e misteriosos poderes e isso o fazia sentir-se inquieto, fora de controle. Será que ele estava ficando louco? Estaria exagerando? Era tudo apenas parte do seu sonho? Talvez ele devesse voltar.

Mas ele não voltou. Ele deixou que seus pés o guiassem e não cedeu diante do medo ou da dúvida. Ele correu e correu até que seus pulmões começaram a arquejar.

Thor virou uma curva e o que viu o fez parar de repente no meio do caminho. Ele ficou ali, tentando recuperar o fôlego, tentando conceber a imagem diante dele, a qual não fazia o menor sentido. Era bastante para espalhar o terror em qualquer guerreiro, por mais valente que ele fosse.

Lá estava Elden, segurando a espada curta e olhando para uma criatura que era diferente de qualquer outra que Thor já tinha visto. Era horrível. Ela erguia-se sobre eles dois por pelo menos três metros de altura e era tão grande como quatro homens. Levantava seus braços musculosos, vermelhos, no final de cada mão tinha três dedos longos como puas, sua cabeça era como a de um demônio, com quatro chifres, uma mandíbula comprida, e uma testa larga. Ela tinha dois grandes olhos amarelos e dentes curvos como presas. A criatura se inclinou para trás e urrou.

Ao lado dela, uma árvore grossa, com centenas de anos rachou ao meio, com o som.

Elden ficou de pé, congelado de medo. Deixou cair sua espada, e a o chão sob seus pés ficou molhado.

A criatura babava e rosnava e avançou um passo em direção a Elden.

Thor também estava cheio de medo, mas ao contrário de Elden, o medo não o havia imobilizado. Por alguma razão, o medo aguçou-lhe os seus sentidos; o fez sentir-se mais vivo. Deu-lhe a visão de túnel; permitiu-lhe concentrar-se intensamente na criatura diante dele, em sua posição em relação a Elden, em sua largura e extensão, força e velocidade, em todos os seus movimentos. O medo também permitiu que ele se concentrasse na posição do seu próprio corpo, em suas próprias armas.

Thor entrou em ação. Ele investiu entre Elden e a besta. O monstro rugia, sua respiração tão quente, Thor podia senti-la mesmo à distância. O som o deixou de cabelo em pé e fez com que ele desejasse dar volta. Mas ele ouvia a voz de Erec em sua cabeça, dizendo-lhe para ser forte. Para não ter medo. Para reter a equanimidade. E ele se obrigou a permanecer firme.

Thor levantou sua espada bem alto, lançou-se com ímpeto, mergulhando-a nas costelas da fera, apontando para o coração. A criatura gritou em agonia, seu sangue jorrou na mão de Thor quando ele espetou a espada até o punho.

Mas para surpresa de Thor, a fera não morreu. Ela parecia invencível.

Sem perder o ritmo, a besta girou e arremeteu contra Thor com tanta força que ele pensou que suas costelas se partiriam. Thor saiu voando através da clareira, indo de encontro a uma árvore antes de cair estatelado no chão. Sua cabeça doía terrivelmente enquanto ele jazia ali.

Thor olhou para cima, tonto e confuso, o mundo girando ao seu redor. A besta se abaixou e tomou a espada da cintura de Thor. A espada parecia minúscula em suas mãos, como um palito, a besta arremeteu de volta e a

lançou; ela saiu voando por entre as árvores, derrubando galhos, e desaparecendo dentro da floresta.

Ela voltou sua atenção total para Thor e começou a investir contra ele.

Elden ficou onde estava ainda congelado de medo. Porém, quando a fera avançou contra Thor, de repente, entrou em ação. Ele atacou a besta pelas costas saltando sobre ela. Isso deteve a fera por tempo suficiente para que Thor se sentasse; a fera, furiosa, atirou os braços para trás agarrou Elden e jogou-o longe. Ele saiu voando através da clareira, colidiu com uma árvore e caiu violentamente no chão.

A besta, ainda sangrando, ofegante, voltou sua atenção novamente para Thor. Ela rosnou e alargou suas presas, uma vez que se aproximou dele.

Thor estava sem opções. Já não contava com sua espada e não havia nada entre ele e o monstro. A fera avançou contra ele e, no último segundo, Thor conseguiu rolar para fora do caminho. O monstro bateu na árvore onde Thor havia estado com tanta força que a arrancou.

A fera se aproximou, levantou o pé e se dispunha a baixá-lo sobre a cabeça de Thor. Ele, mais uma vez rolou para fora do caminho; a criatura deixou uma pegada profunda onde a cabeça de Thor tinha estado antes.

Thor se levantou de um salto, pegou sua funda a carregou e atirou.

Ele atingiu o monstro bem entre os olhos — o lance mais poderoso que ele já tinha feito — e a criatura cambaleou para trás. Thor tinha certeza de que ele a havia matado.

Mas para seu espanto, a besta não se deteve.

Thor deu tudo de si para invocar o seu poder, qualquer que fosse o poder que ele tivesse. Ele atacou a besta, saltando para a frente, desabando sobre ela com o objetivo de subjugá-la e jogá-la no chão com um poder sobre-humano. Mas para surpresa e choque de Thor, dessa vez seu poder não fez efeito. Ele era só mais um garoto. Um menino frágil, ao lado dessa enorme besta.

O animal simplesmente se abaixou, pegou Thor pela cintura e içou-o bem acima de sua cabeça. Thor balançava no ar impotente, em seguida foi jogado pelos ares. Ele saiu voando como um míssil através da clareira e mais uma vez, bateu violentamente contra uma árvore.

Thor estava lá, atordoado, sua cabeça rachando, suas costelas partindo ao meio. O animal correu para ele e Thor sabia que dessa vez estava acabado. A fera levantou sua pata vermelha e musculosa, preparando-se para baixá-la sobre a cabeça de Thor. Ele se preparou para a morte.

Então, por alguma razão, a besta congelou em pleno ar. Thor piscou, tentando entender por que.

A besta estendeu a mão e agarrou sua garganta e Thor notou a ponta de uma seta saindo dela. Um momento depois, o animal tombou morto.

Erec surgiu correndo à vista, seguido por Reece e O'Connor. Thor viu Erec olhando para ele, perguntando se ele estava bem e queria responder-lhe, mais do que qualquer coisa. Mas as palavras não saíam. Um momento depois, seus olhos se fecharam e em seguida, o seu mundo ficou escuro.

CAPÍTULO DEZOITO

Thor abriu os olhos lentamente, sentindo-se um pouco tonto a princípio, tentando descobrir onde estava. Ele estava deitado sobre palha e por um momento se perguntou se estava de volta ao quartel. Ele se apoiou em um cotovelo, em estado de alerta, procurando os outros. Ele estava em outro lugar. Dada a aparência dele, ele estava em uma sala de pedra muito elaborada. Era como se ele estivesse em um castelo. Um castelo real.

Antes que ele pudesse entender o que sucedia, uma grande porta de carvalho foi aberta e por ela entrou Reece. À distância, Thor podia ouvir o ruído abafado de uma multidão.

“Finalmente, ele vive.” Reece anunciou com um sorriso, quando se aproximou, tomou a mão de Thor e o ajudou a levantar-se.

Thor levou a mão à cabeça, tentando aliviar a dor de cabeça produzida por levantar-se tão rápido.

“Vamos lá, vamos lá, todo mundo está esperando por você.” Ele instou, puxando Thor.

“Espere um minuto, por favor.” Disse Thor, tentando recompor-se. “Onde estou? O que aconteceu?”

“Nós estamos de volta, na Corte do Rei — e você está prestes a ser celebrado como o herói do dia!” Reece disse alegremente, quando se dirigiram para a porta.

“Herói? O que está dizendo? E... como eu cheguei até aqui?” Ele perguntou, tentando se lembrar.

“Aquela besta nocauteou você. Você esteve mal por um bom tempo. Tivemos de levá-lo para o outro lado da ponte do Canyon. Muito dramático. Não era exatamente como eu esperava que você voltasse para o outro lado!” Disse ele com uma risada.

Eles saíram pelos corredores do castelo, enquanto eles seguiam, Thor podia ver pessoas de todo tipo: mulheres, homens, escudeiros, guardas, cavaleiros, todos olhando para ele, como se tivessem estado esperando que ele acordasse. Ele também viu algo novo em seus olhos, algo como respeito. Era a primeira vez que via isso. Até agora, quase todo mundo tinha olhado para ele com algo parecido com desdém, agora olhavam para ele como se ele fosse um deles.

“O que aconteceu exatamente?” Thor quebrava a cabeça, tentando se lembrar.

“Você não se lembra de nada?” Reece perguntou.

Thor tentava pensar.

“Eu me lembro de estar correndo para o bosque. Lutando contra a fera. E então...” Deu um branco na cabeça de Thor.

“Você salvou a vida de Elden.” Reece disse. “Você correu tão destemido pelo bosque, sozinho. Eu não sei por que você desperdiçou energia para salvar a vida daquele pedante. Mas você fez isso. O Rei está muito, muito satisfeito com você. Não porque ele se importe com Elden. Mas porque ele dá muito valor à bravura. Ele gosta de comemorar. É importante para ele, celebrar histórias como esta, para inspirar os outros. E isso repercute bem sobre o Rei e sobre a Legião. Ele quer comemorar. Você está aqui porque ele vai recompensá-lo.”

“Recompensar-me?” Thor perguntou, confuso. “Mas eu não fiz nada!”

“Você salvou a vida de Elden.”

“Eu só reagi. Só fiz o que senti que era natural fazer.”

“E é exatamente por isso que o rei quer recompensá-lo.”

Thor se sentiu envergonhado. Ele não achava que suas ações merecessem recompensa. Afinal, se não fosse por Erec, ele estaria morto agora. Thor pensava sobre isso, e seu coração mais uma vez enchia-se de gratidão para com Erec.

Thor esperava que um dia ele pudesse retribuir-lhe.

“E o que aconteceu com o nosso plantão na patrulha?” Thor perguntou. “Nós não o terminamos.”

Reece colocou uma mão reconfortante no ombro dele.

“Amigo, você salvou a vida do rapaz. Um membro da Legião. Isso é mais importante do que a nossa patrulha.” Reece riu. “Foi bastante para uma primeira patrulha normalmente sem ocorrências!” Ele acrescentou.

No final de mais um corredor, dois guardas abriram uma porta para eles; Thor piscava os olhos incrédulo, ao encontrar-se na câmara real. Deveria haver uns cem cavaleiros de pé pela sala. A mesma com seu teto ao estilo de uma catedral — bem elevado — vitrais, armas e armaduras penduradas por todos os lados nas paredes como troféus. A Sala das Armas. Ali era o lugar onde se encontravam os maiores guerreiros, todos os homens do Exército Prata. O coração de Thor acelerava enquanto ele examinava as paredes,

todo o famoso armamento, as armaduras dos cavaleiros heróicos e lendários. Thor tinha ouvido rumores sobre esse lugar toda a sua vida. Tinha sido seu sonho, vê-lo por si mesmo um dia. Normalmente os escudeiros não tinham permissão para ingressar ali — ninguém entrava, exceto O Exército Prata.

Ainda mais surpreendente foi quando ele entrou, cavaleiros reais se viraram olharam para ele — *ele* — de todos os lados. Todos lhe dirigiam olhares de admiração. Thor nunca tinha visto tantos cavaleiros em uma sala e nunca se sentiu tão aceito. Era como caminhar para um sonho. Especialmente porque momentos antes, ele tinha estado adormecido.

Reece deve ter notado o rosto perplexo de Thor.

“O melhor do Exército Prata se reuniu aqui para homenagear você.”

Thor sentiu-se bem com orgulho e descrença. “Homenagear-me? Mas eu não fiz nada.”

“Errado!” Ouviu-se uma voz.

Thor virou-se e sentiu uma mão pesada no ombro. Era Erec, sorrindo abertamente.

“Você demonstrou bravura, honra e coragem, muito além do que se esperava de você. Você quase desistiu de sua vida para salvar um de seus irmãos. Isso é o que procuramos na Legião e isto é o que procuramos no Exército Prata.”

“Vossa Alteza salvou a minha vida.” Thor disse para Erec. “Se não fosse assim, aquela besta teria me matado. Não sei como agradecer.”

Erec sorriu.

“Você já agradeceu.” Ele respondeu. “Não se lembra do torneio? Eu creio que agora estamos quites.”

Thor marchou até a passarela em direção do trono do rei MacGil, no fim do corredor, a um lado dele ia Reece e do outro Erec. Sentia centenas de olhos sobre ele e tudo parecia um sonho.

De pé ao redor do Rei estavam suas dezenas de conselheiros, junto com seu filho mais velho, Kendrick. Enquanto Thor se aproximava, seu coração se enchia de orgulho. Ele mal podia acreditar que o rei estava concedendo-lhe uma audiência de novo e que tantos homens importantes estavam ali para testemunhar isso.

Chegaram ao trono do Rei. MacGil ficou de pé e um silêncio enorme apoderou-se da sala. A expressão solene de MacGil deu lugar a um largo

sorriso quando ele deu três passos à frente e, para a surpresa de Thor, deu-lhe um abraço.

Um grande coro de vivas se ouviu.

Ele se afastou, tomou Thor pelos ombros e deu um sorriso largo.

“Você prestou um grande serviço à Legião.” Ele disse.

Um servo entregou ao rei uma taça, que o rei levantou. Em voz alta, ele gritou:

“À CORAGEM!”

“À CORAGEM!” gritaram de volta as centenas de homens na sala. Um burburinho alegre se ouviu a seguir, então a sala ficou em silêncio novamente.

“Em honra às suas façanhas...” O rei exclamou: “... Hoje eu lhe concedo um grande presente.”

O Rei fez um gesto e um de seus servos deu um passo à frente, portando uma longa luva preta, sobre a qual pousava um magnífico Falcão. O falcão virou-se e olhou direto para Thor — como se já o conhecesse.

Thor ficou sem fôlego. Esse era exatamente o falcão do seu sonho, com seu corpo prata e uma única listra preta correndo por sua cabeça.

“O falcão é o símbolo do nosso Reino e da nossa família real.” MacGil exclamou. “É uma ave de rapina, de orgulho e honra. Mas também é um pássaro de habilidades, de astúcia. É leal e feroz, se eleva acima de todos os outros animais. É também uma criatura sagrada. Diz-se que quem possui um falcão também é possuído por ele. Ele irá guiá-lo em todos os seus caminhos. Ele vai deixar você, mas ele sempre vai voltar. E agora, ele é seu.”

O falcoeiro avançou, colocou uma pesada luva de ferro na mão e punho de Thor e então, pôs o falcão sobre ela. Thor se sentiu eletrizado ao tê-lo sobre seu braço e mal podia se mexer. Ele ficou chocado com seu peso; era uma luta simplesmente mantê-lo imóvel enquanto o pássaro remexia em seu pulso. Ele sentiu suas garras cavando, embora, felizmente, ele só sentisse a pressão, já que estava protegido pela manopla. O pássaro se virou, olhou bem para ele e gritou. Thor sentiu que olhava em seus olhos e sentiu uma conexão mística com o animal. Ele imediatamente soube que estaria com ele pelo resto da vida.

“E como você vai chamá-lo?” O rei perguntou sob o espesso silêncio da sala.

Thor quebrava a cabeça, cujo raciocínio estava muito embotado para pensar.

Ele tratava de pensar rapidamente, convocando em sua mente os nomes de todos os guerreiros famosos do reino. Ele virou-se, examinou as paredes e viu uma série de placas com todos os nomes das batalhas, todos os lugares do Reino. Seus olhos pousaram em um lugar em particular. Era um lugar no Reino do Anel onde ele nunca havia estado, mas do qual ele sempre tinha ouvido falar, era um local místico e poderoso. Seu nome pareceu-lhe o adequado.

“Eu o chamarei Estopheles.” Thor exclamou.

“Estopheles!” A multidão ecoou, soando satisfeita.

O falcão guinchou como se estivesse respondendo.

De repente, Estopheles bateu as asas e voou para o alto, todo o caminho para o ápice do teto da catedral e para fora de uma janela aberta. Thor observou-o ir-se.

“Não se preocupe.” Disse o falcoeiro. “Ele sempre regressará para você.”

Thor virou-se e olhou para o Rei. Thor nunca havia recebido um presente antes, muito menos um dessa magnitude. Ele mal sabia o que dizer; como agradecê-lo. Ele estava avassalado.

“Meu senhor.” Ele disse, inclinando sua cabeça. “Eu não sei como agradecer a Vossa Majestade.”

“Você já o fez.” Disse MacGil.

A multidão aplaudiu e a tensão na sala foi quebrada. Uma conversa animada irrompeu entre os homens e muitos cavaleiros se aproximaram de Thor, ele mal sabia por onde sair.

“Este é Algod, da Província Oriental.” Reece disse, apresentando-o para Thor.

“E este é Kamera, dos pântanos baixos. E este, Basikold, dos fortes do Norte...”

Logo, os nomes tornaram-se confusos. Thor estava atordoado. Mal podia crer que todos esses cavaleiros desejavam conhecê-lo. Ele nunca se sentira tão aceito ou honrado em momento algum de sua vida e tinha a sensação de que um dia como esse nunca sucederia novamente. Era a primeira vez em sua vida que ele tinha um sentimento de auto-estima elevada.

E ele não pôde deixar de pensar em Estopheles.

A cada volta do caminho, Thor cumprimentava pessoas cujos nomes fluíam, nomes que ele dificilmente poderia reter. Um mensageiro dirigiu-se a ele apressadamente, deslizando-se entre os cavaleiros. Ele carregava um pequeno pergaminho, que apertou na mão de Thor. Thor o desenrolou abriu e leu a letra fina e delicada:

Encontre-me no pátio traseiro. Atrás do portão.

Thor poderia sentir uma delicada fragrância que emanava do pergaminho rosa, estava confundido ao tentar descobrir de quem era. Não havia nenhuma assinatura.

Reece se inclinou, leu o pergaminho por cima do ombro e riu-se.

“Parece que minha irmã tomou carinho por você.” Ele disse, sorrindo. “Eu iria logo se fosse você. Ela odeia que a façam esperar.”

Thor sentia que seu rosto corava.

“O pátio traseiro está passando aqueles portões. Vá depressa. Ela é conhecida por mudar de ideia rapidamente.” Reece sorriu quando ele olhou para Thor. “E eu adoraria ter você em minha família.”

CAPÍTULO DEZENOVE

Thor tentava seguir as indicações de Reece enquanto percorria o intricado caminho através do castelo lotado, não era mesmo fácil. Este castelo tinha muitas voltas e reviravoltas; muitas portas ocultas; muitos corredores muito compridos, que pareciam apenas conduzir a mais corredores.

Ele repassava as direções dadas por Reece na cabeça enquanto descia um pequeno lance de escadas e finalmente parou diante de uma pequena porta arqueada com uma maçaneta vermelha — a porta da qual Reece tinha lhe falado — e a abriu.

Thor saiu por ela e foi atingido pela luz forte do dia de verão. Era bom estar ao ar livre fora do castelo abafado, respirando ar fresco, a luz do sol em seu rosto. Seus olhos estavam entrecerrados, ajustando-se ao brilho da luz do dia, sua visão se aclarou. Diante dele se estendiam os jardins reais, os quais se divisavam até onde a vista podia alcançar; sebes aparadas perfeitamente em formas diferentes, formando fileiras perfeitas, com trilhas sinuosas em meio a elas. Havia fontes; árvores exóticas; pomares maduros com frutas do início do verão e campos de flores de todos os tamanhos, formas e cores. A vista lhe tirava o fôlego. Era como caminhar por uma pintura.

Thor procurava por todas partes um sinal de Gwendolyn, seu coração batia acelerado. O pátio traseiro estava vazio e Thor supôs que provavelmente estava reservado para a família real, apartado do público com suas altas paredes de pedra. E ainda assim, ele procurou ali por todas partes e não pôde encontrá-la.

Ele se perguntou se essa mensagem não era uma brincadeira. O que poderia muito bem ser certo. Ela provavelmente estava burlando-se dele, o caipira, se divertindo à custa dele. Depois de tudo, como poderia alguém com a posição social dela interessar-se por alguém como ele?

Thor olhou para a mensagem e a leu novamente, então a enrolou de volta, com vergonha. Pregaram uma peça nele. Que bobo ele tinha sido ao alimentar suas esperanças. Isso lhe causava um profundo sofrimento.

Thor virou-se e já se dirigia novamente para o castelo, cabisbaixo. Justo quando ele alcançou a porta, uma voz soou.

“E para onde *você* está indo?” Disse a voz alegre. Ela soava como o canto de um pássaro.

Thor se perguntava se era sua imaginação. Ele girou, procurando-a e ali estava ela, sentada à sombra de uma muralha. Ela sorriu de volta, vestida com suas roupas mais finas, um vestido com camadas de cetim branco e terminações em rosa. Ela se via ainda mais bonita do que ele a recordava.

Era ela. Gwendolyn. A jovem com quem Thor tinha estado sonhando desde o dia em que eles se conheceram, com seus olhos azuis amendoados, longo cabelo ruivo e um sorriso que iluminava o coração dele. Ela usava um chapéu de abas largas branco e rosa que a protegia do sol, debaixo dele os olhos dela brilhavam. Por um momento ele sentiu vontade de virar-se para certificar-se de que ali não havia ninguém mais atrás dele.

“Hã...” Thor começou. “Eu... hã... não sei. Eu... eu... estava indo para dentro.”

Novamente, ele se encontrava atrapalhado em presença dela, achando difícil organizar seus pensamentos e expressá-los claramente.

Ela riu, e o seu riso era o mais belo som que ele já tinha escutado.

“E por que faria isso?” Ela perguntou brincalhona. “Você acabou de chegar.”

Thor estava atrapalhado. Sua língua atada.

“Eu... hum ... não podia encontrá-la.” Ele disse embaraçado.

Ela riu novamente.

“Bem, eu estou bem aqui. Você não vem por mim?”

Ela ofereceu-lhe a mão; Thor correu para mais perto dela, abaixou-se e tomou sua mão. Ele estava eletrizado pelo contato com sua pele, tão macia e suave, sua mão tão delicada, encaixando-se perfeitamente na dele. Ela olhou para ele e deixou a sua mão permanecer por um momento, antes de retirá-la. Ele amou a sensação dos dedos dela sobre a palma de sua mão e desejou que ele nunca os retirasse.

Ela retirou sua mão, então passou seu braço pelo dele, entrelaçando-o. Ela começou a caminhar, guiando-o por uma série de caminhos sinuosos. Eles caminharam ao longo de um caminho de pequenos paralelepípedos e logo eles estavam dentro de um labirinto de sebes, protegidos da vista externa.

Thor estava nervoso. Talvez, ele, um plebeu, se meteria em problemas caminhado assim com a filha do Rei. Ele sentiu um leve suor brotar na testa dele e não sabia se era devido ao calor ou devido ao toque dela.

Ele não estava certo do que dizer.

“Você causou um grande rebuliço aqui, não é?” Ela disse com um sorriso. Ele estava agradecido por ela ter rompido o silêncio.

Thor deu de ombros. “Eu sinto muito. Eu não tive a intenção.”

Ela riu. “E por que você não deveria ter? Não é bom sacudir um pouco as coisas?”

Thor estava frustrado. Ele mal sabia como responder. Parecia que ele dizia sempre a coisa errada.

“Este lugar é tão abafado e chato mesmo!” Ela disse. “É tão bom ter um visitante. Meu pai parece ter tomado muito gosto por você. E o meu irmão também.”

“Humm...obrigado.” Thor replicou.

Ele estava chutando a si mesmo, morrendo por dentro. Ele sabia que deveria dizer algo mais, e desejava fazer isso. Ele só não sabia o que dizer.

“Vossa Alteza...” Ele começou, quebrando a cabeça em busca da coisa certa a dizer: ...“Gosta daqui?”

Ela se inclinou para trás e riu.

“Se eu gosto daqui?” Ela perguntou. “Certamente eu deveria. Eu vivo aqui!”

Ela riu novamente e Thor sentiu-se avermelhar. Ele sentiu que estava realmente estragando as coisas. Porém, ele não tinha sido criado em companhia de garotas, nunca tinha tido uma amiga ou namorada em sua aldeia, e simplesmente não sabia o que dizer para ela. O que ele podia perguntar-lhe? De onde você é? Ele já sabia de onde ela era. Ele começou a perguntar-se por que ela lhe prestava atenção, seria por diversão?

“Por que Vossa Alteza gosta de mim?” Ele perguntou.

Ela olhou de volta para ele e fez um ruído engraçado.

“Você é um garoto presunçoso.” Ela riu. “Quem foi que disse que eu gosto de você?” Ela perguntou com um sorriso largo. Era óbvio que tudo o que ele dizia a divertia muito.

Thor agora sentia que havia se metido em problemas mais sérios.

“Desculpe-me. Eu não queria dizer isso. Eu estava apenas imaginando. Quero dizer... Eu...Eu sei que Vossa Alteza não gosta de mim.”

Ela riu com vontade.

“Você é engraçado. Eu tenho de admitir isso. Pelo que eu vejo, você nunca teve uma namorada, não é?”

Thor olhou para baixo e balançou a cabeça, humilhado.

“Presumo que nem irmãs também?” Ela insistiu.

Thor sacudia a cabeça.

“Eu tenho três irmãos.” Ele exclamou. Finalmente, ele tinha conseguido pelo menos dizer algo normal.

“É mesmo?” Ela perguntou. “E onde eles estão? Lá na sua aldeia?”

Thor sacudiu a cabeça. “Não, eles estão aqui na Legião, comigo.”

“Bem, isso deve ser reconfortante.”

Thor sacudiu a cabeça.

“Não, não é. Eles não gostam de mim. Eles desejariam que eu nunca estivesse aqui.”

Foi a primeira vez que ela deixou de sorrir.

“E por que eles não gostariam de você?” Ela perguntou, horrorizada. “Seus próprios irmãos?”

Thor deu de ombros. “Quem dera eu pudesse saber.”

Eles caminharam um pouco mais em silêncio. De repente, ele estava com medo de estar arruinando o clima agradável do momento.

“Mas não se preocupe, isso não me incomoda. Sempre foi assim. Na verdade, eu conheci bons amigos aqui. Mais amigos que eu já tive antes.”

“Meu irmão? Reece?” Ela perguntou.

Thor assentiu.

“Reece é uma boa pessoa.” Ela disse. “Ele é o meu favorito em muitas coisas. Eu tenho quatro irmãos, você sabe. Três são legítimos e um não é. O mais velho é filho de meu pai com outra mulher. Meu meio-irmão. Você o conhece, Kendrick?”

Thor assentiu. “Eu devo muito a ele. E a ele agradeço o fato de ter um posto na Legião. Ele é um homem de bem.”

“É verdade. Ele é um dos melhores no Reino. Eu o amo tanto quanto um verdadeiro irmão. E depois há Reece, quem eu amo de igual maneira. Os outros dois ... Bem ... Você sabe como as famílias são. Nem todos se dão bem. Às vezes pergunto-me como é possível que todos nós provenhamos das mesmas pessoas.”

Agora Thor estava curioso. Ele queria saber mais sobre quem eles eram, sobre sua relação com eles, porque eles não se davam bem. Ele queria perguntar-lhe, mas não queria intrometer-se. Ela parecia não querer se preocupar com isso também. Ela parecia ser uma pessoa feliz, uma pessoa que gostava de se concentrar apenas em coisas felizes.

Quando eles terminaram a trilha do labirinto, o pátio abriu-se para um novo jardim, onde a grama estava aparada e perfeitamente projetada em formas. Era um enorme tabuleiro de algum tipo de jogo, que se alastrava por pelo menos cinquenta pés em cada sentido, com enormes peças de madeira, mais altas do que Thor, colocadas por toda parte.

Gwen gritou de alegria.

“Vamos jogar?” Ela pediu.

“Que jogo é esse?” Ele perguntou.

Ela se virou, seus olhos estavam arregalados de incredulidade.

“Você nunca jogou Damas?” Ela perguntou.

Thor sacudiu a cabeça, envergonhado, sentindo-se mais do que nunca um caipira.

“É o melhor jogo que existe!” Ela exclamou.

Ela estendeu as suas duas mãos e tomou as dele, arrastando-o para o campo. Ela saltitava de alegria e ele não podia deixar de sorrir consigo mesmo. Mais do que tudo; mais do que o campo; mais do que aquele belo lugar, era a sensação das mãos dela sobre as dele, que o eletrificava. A sensação de ser querido. Ela *queria* que ele fosse com ela. Ela *queria* passar mais tempo com ele. Por que alguém se importaria com ele? Especialmente alguém como ela? Para ele era como se isso tudo fosse um sonho.

“Fique ali.” Disse ela. “Por trás dessa peça. Você tem de movê-la, e você tem apenas dez segundos para fazer isso.”

“O que quer dizer com movê-la?” Perguntou Thor.

“Escolha uma posição, rápido!” Ela gritou.

Thor pegou o enorme bloco de madeira e ficou surpreso com o seu peso. Ele levou-o por vários passos e colocou-o em outro quadrado.

Sem hesitar, Gwen empurrou sua própria peça. Ela esbarrou na peça de Thor que caiu no chão.

Ela gritou de satisfação.

“Aquela foi uma jogada muito ruim!” Ela disse. “Você se meteu justo em meu caminho! Você perdeu!”

Thor olhou para as duas peças no chão, perplexo. Ele não entendia esse jogo de jeito nenhum.

Ela riu tomando seu braço enquanto continuava a levá-lo pelas trilhas.

“Não se preocupe, Eu ensinarei você.” Ela disse.

O coração dele subiu com suas palavras. *Ela o ensinaria*. Ela queria vê-lo novamente. Passar tempo com ele. Ele estaria imaginando tudo isso?

“Então me diga, o que você acha deste lugar?” Ela perguntou, enquanto o levava para outra série de labirintos. Esse estava decorado com flores, tinha aproximadamente três metros de altura, estava repleto de cores e insetos estranhos pairando sobre sua parte superior.

“É o lugar mais lindo que já vi.” Thor respondeu com sinceridade.

“E por que você quer ser um membro da Legião?”

“É tudo o que sempre sonhei, ele respondeu.

“Mas por quê?” Ela perguntou. “É porque você quer servir a meu pai?”

Thor pensava sobre isso. Ele nunca realmente tinha se perguntado o porquê — ele simplesmente tinha querido isso desde sempre.

“Sim.” Respondeu. “Eu quero. E ao Anel também.”

“Mas e a sua vida?” Ela perguntou. “Você não deseja ter uma família? Terras? Uma esposa?”

Ela parou e olhou para ele, isso o abalou. Ele estava fragilizado. Ele nunca tinha considerado essas coisas antes, e mal sabia como responder. Seus olhos brilhavam quando ela olhou para ele.

“Humm... Eu... Eu não sei. Eu realmente nunca pensei sobre isso.”

“E o que sua mãe diria sobre isso?” Ela perguntou com um jeito brincalhão.

O sorriso de Thor murchou.

“Eu não tenho mãe.” Ele disse.

O sorriso dela fechou novamente.

“O que aconteceu com ela?” Gwendolyn perguntou.

Thor estava prestes a responder-lhe, a contar-lhe tudo. Essa seria a primeira vez em sua vida que ele falava sobre sua mãe para alguém. E o mais estranho era que ele desejava fazer isso. Ele desejava desesperadamente abrir-se com ela, essa estranha, e revelar-lhe seus sentimentos mais profundos.

Mas quando ele abriu a boca para falar, de repente, uma voz áspera apareceu do nada.

“Gwendolyn!” Gritava a voz estridente.

Os dois giraram para ver a mãe dela, a Rainha, vestida com as melhores roupas, acompanhada de suas servas, marchando direto para sua filha. Seu rosto estava lívido.

A rainha caminhou diretamente até Gwen, se aproximou e agarrou pelo braço e a puxou.

“Você vai voltar para dentro agora. O que eu disse a você? Não quero que fale com ele novamente. Você me entendeu?”

O rosto de Gwen avermelhou-se e, em seguida, transformou-se com raiva e orgulho.

“Solte-me!” Ela gritou para sua mãe. Mas não adiantou, a mãe continuou a arrastá-la e suas servas a rodearam também.

“Eu disse para me soltar!” Gwen gritou. Ela olhou de volta para Thor com um olhar desesperado, triste, um olhar de súplica.

Thor entendida o sentimento. Era algo que ele também sentia. Queria chamá-la e sentiu seu coração partir-se enquanto a observava sendo arrastada. Era como assistir a uma vida futura sendo roubada dele, bem diante de seus olhos.

Depois ela que desapareceu de vista, ele ficou ali por muito tempo, olhando, grudado no lugar, sem fôlego. Ele não queria ir embora, não queria esquecer tudo isso.

Acima de tudo, ele não queria imaginar que não poderia vê-la novamente.

*

Thor caminhava de volta ao castelo enquanto ainda se recuperava do seu encontro com Gwen. Ele mal estava consciente do seu entorno. Sua mente estava invadida pela presença dela; ele não podia deixar de ver o seu rosto. Ela era magnífica. A pessoa a mais bela, gentil, doce, terna e engraçada que ele conhecia. Ele precisava vê-la novamente. Ele realmente sofria com a ausência dela. Não entendia seus sentimentos por ela e isso o assustava. Ele mal a conhecia e ainda assim, sabia que já não poderia estar sem ela.

Ainda ao mesmo tempo, ele pensava na Rainha, arrastando Gwen para longe dele e seu estômago encolheu ao pensar nas forças poderosas que se interpunham entre os dois. Forças que, por alguma razão, não desejavam que eles estivessem juntos.

Quando ele tentava chegar ao fundo dessa questão, de repente, sentiu uma mão forte em seu peito, impedindo-o de seguir seu caminho.

Ele olhou para cima para ver um jovem; talvez um par de anos mais velho que ele; alto e magro; vestido com as roupas mais caras que ele já tinha visto — sua vestimenta era feita com seda real púrpura, verde e escarlate, ele usava com um chapéu de penas — com cara de poucos amigos. O rapaz parecia ser um melindroso, mal criado, como se tivesse

sido criado em berço de ouro, suas mãos eram suaves e suas sobrancelhas arqueadas demonstravam todo o seu desdém.

“Eu me chamo Alton.” Ele começou a falar. “E sou filho de Lord Alton, primo legítimo do Rei. Nós temos sido Lordes do Reino por sete séculos. O que por direito faz de mim um Duque e de você, por outro lado, um plebeu.” Ele disse quase como se cuspiasse a palavra. “A Corte Real é para a realeza. Para homens de alta posição social. Não para gente do seu tipo.”

Thor estava parado ali, sem ter a menor ideia de quem era esse rapaz ou o que ele tinha feito para perturbá-lo.

“O que você quer de mim?” Thor perguntou.

Alton riu com ironia.

“Claro, Você não saberia. Você provavelmente não sabe nada, não é? Como você ousa se meter aqui e fingir ser um de nós!” Ele cuspiu.

“Eu não estou fingindo nada.” Thor disse.

“Bem, eu não quero saber em que você anda metido. Eu só quero advertir-lhe, antes que você abrigue mais fantasias em sua cabeça, que Gwendolyn é minha.”

Thor olhou de volta para ele chocado. *Dele?* Ele simplesmente não sabia o que dizer.

“Nosso casamento foi arranjado desde o nascimento.” Alton continuou. “Nós somos da mesma idade e do mesmo nível social. Os planos já estão em andamento. Não se atreva nem por um instante, a pensar que as coisas serão diferentes.”

Thor sentia que lhe faltava o ar; ele não tinha forças nem mesmo para responder.

Alton deu um passo mais perto e fitou Thor.

“Veja só...” Ele disse em voz baixa: “Eu permito que Gwen tenha seus flertes. Ela tem muitos. De vez em quando, ela vai ter pena de um plebeu, ou talvez de um servo. Ela irá permitir que eles sejam o seu entretenimento, sua diversão. Você pode ter chegado à conclusão de que é algo mais. Mas isso é tudo o que significa para ela. Você é apenas mais um conhecido, outro divertimento. Ela os coleciona como se fossem bonecas. Eles não significam nada para ela. Ela está animada com o novo plebeu e depois de um ou dois dias, ela ficará entediada. Ela o deixará rapidamente. Você não é nada para ela, realmente. E no final do ano, nós vamos nos casar. Para sempre.”

Os olhos de Alton se abriram, mostrando sua determinação feroz.

Thor sentiu seu coração partir-se com essas palavras. Eram verdadeiras? Será que ele realmente não significava nada para Gwen? Agora, ele estava confuso; ele mal sabia no que acreditar. Ela parecia tão genuína. Mas será que Thor que não estaria apenas tirando conclusões precipitadas?

“Você está mentindo.” Thor finalmente respondeu.

Alton fez um gesto zombeteiro e então levantou um dedo mal criado, espetando-o no peito de Thor.

“Se eu vir você perto dela novamente, eu vou usar minha autoridade para chamar a guarda real. Eles irão prendê-lo!”

“Sob qual acusação?!” Thor perguntou.

“Eu não necessito uma. Eu gozo de prestígio aqui. Eu inventarei uma, e será em mim que eles acreditarão. Quando eu terminar de caluniar você, a metade do Reino vai acreditar que você é um criminoso.”

Alton sorriu satisfeito; Thor sentia-se enojado.

“Você não tem honra.” Thor disse, sem compreender como alguém poderia agir com tal indecência.

Alton deu uma risada aguda.

“Para começar, eu nunca tive.” Ele disse. “Honra é para os tolos. Eu tenho o que eu quero. Você pode ficar com sua honra. E eu fico com Gwendolyn.”

CAPÍTULO VINTE

Thor atravessou com Reece o portão em arco da Corte do Rei, em direção à estrada rural que conduzia ao quartel da Legião. Os guardas estavam em posição de sentido para eles quando passaram e Thor abrigava um grande sentimento de pertencer ao lugar; era como se ele já não fosse mais um estranho. Ele voltou a pensar em como apenas alguns dias antes, um guarda o tinha expulsado dali. O quanto tudo tinha mudado e tão rapidamente.

Thor ouviu o guincho de uma ave e olhou para cima para ver, lá no alto Estopheles voando em círculos, olhando para baixo. Ele mergulhou e Thor, animado, estendeu-lhe o pulso, ainda usando a luva de metal. Mas ele se levantou novamente e voou alto, cada vez mais alto, embora nunca ficasse completamente fora de vista. Thor imaginava. Ele era um animal místico e Thor sentia uma conexão tão intensa com ele que era difícil de explicar.

Thor e Reece continuaram em silêncio, mantendo um ritmo acelerado em direção ao quartel. Thor sabia que seus irmãos estariam esperando por ele e se perguntou que tipo de recepção ele iria receber. Estariam com inveja ou ciúmes dele? Estariam furiosos por ele ter obtido toda essa atenção? Será que eles zombariam dele por ter sido levado para o outro lado do desfiladeiro? Ou será que eles finalmente o aceitariam?

Thor esperava que fosse a última das opções. Ele estava cansado de lutar contra o resto da Legião e queria, mais do que tudo, pertencer a ela. Ser aceito como um deles. O quartel apareceu ao longe, e a mente de Thor começou a preocupar-se com outra coisa.

Gwendolyn.

Thor não sabia o quanto ele poderia falar com Reece sobre isso, já que Gwendolyn era sua irmã. Mas ele não podia tirá-la de sua mente. Ele não conseguia parar de pensar sobre seu encontro com o ameaçador real, Alton, e se perguntava quanto do que ele tinha dito poderia ser verdade. Uma parte dele temia discutir o assunto com Reece, não querendo arriscar-se a aborrecê-lo e de alguma forma perder seu novo amigo por causa de sua irmã. Mas outra parte dele tinha de saber o que Reece pensava.

“Quem é Alton?” Thor finalmente perguntou hesitante.

“Alton?” Reece repetiu. “Por que pergunta por ele?”

Thor deu de ombros, inseguro quanto ao que dizer.

Afortunadamente, Reece continuou.

“Ele não passa de um ameaçador, da realeza inferior. Primo do Rei em terceiro grau. Por quê? Ele anda atrás de você por alguma razão?” Em seguida, Reece estreitou os olhos. “Gwen? Não é? Eu devia ter lhe avisado.”

Thor se virou e olhou para Reece, ansioso para ouvir mais.

“Como assim?”

“Ele é um grosso. Tem estado atrás da minha irmã desde que ela podia andar. Ele tem a certeza de que os dois vão se casar. Minha mãe parece pensar assim, também.”

“Vai mesmo se casar?” Thor perguntou surpreso com a ansiedade em sua própria voz.

Reece olhou para ele e sorriu.

“Minha nossa! Você está apaixonado por ela, não é?” Ele riu. “Isso foi rápido.”

Thor enrubesceu, esperando que não fosse tão óbvio.

“Se eles vão se casar ou não, dependerá dos sentimentos da minha irmã por ele.”

Reece finalmente respondeu. “A menos que a obriguem a se casar. Mas eu duvido que meu pai faça isso.”

“E o que ela sente por ele?” Thor insistiu, com medo de que ele estivesse sendo muito intrometido, mas ele precisava saber.

Reece deu de ombros. “Você teria de perguntar a ela, eu suponho. Eu nunca falo com ela sobre isso.”

“Mas seu pai a forçaria a casar-se?” Thor insistiu. “Ele realmente poderia fazer isso?”

“Meu pai pode fazer qualquer coisa que ele quiser. Porém isso é entre ele e Gwen.”

Reece se virou e olhou para Thor.

“Por que todas essas perguntas? De que se tratou tudo isso?”

Thor corou incerto sobre o que dizer.

“Nada.” Ele disse finalmente.

“Nada!” Reece riu. “Isso pareceu qualquer coisa, menos um ‘nada’!”

Reece riu com gosto e Thor estava envergonhado, se perguntando se ele estava apenas imaginando que Gwen gostava dele. Reece estendeu a mão e colocou-a com firmeza no ombro dele.

“Escute velho companheiro...” Reece disse... “a única coisa que você pode saber com certeza sobre a Gwen é que ela sabe o que quer. E ela sempre consegue o que quer. Esse tem sido o caso desde sempre. Ela é tão teimosa como meu pai. Ninguém pode forçá-la a fazer nada — e menos com alguém — que ela não queira. Então não se preocupe. Se ela escolher você, confie em mim, Ela vai lhe avisar. Ok?”

Thor assentiu com a cabeça, se sentindo melhor, como sempre sucedia depois que ele falava com Reece.

Thor olhou para a frente e viu os enormes portões do quartel da Legião antes dele. Ele ficou surpreso ao ver vários dos rapazes de pé no portão, como se esperassem por eles, ainda mais surpreso ao vê-los sorrindo e em seguida, exclamando em coro vivas ao vê-lo. Eles correram em sua direção; o agarraram pelos ombros; o levantaram e o levaram e sobre seus braços para o interior do quartel. Thor estava espantado por como ele tinha sido varrido para dentro pelos outros, em um abraço de boa vontade.

“Conte-nos sobre o Canyon. Como é lá do outro lado?” Perguntou um deles.

“Como era a criatura? A que você matou?” Perguntou outro.

“Eu não a matei.” Thor protestou. “Erec fez isso.”

“Ouvi dizer que você salvou a vida de Elden.” Disse um deles.

“Ouvi dizer que atacou a criatura, sozinho. Sem quaisquer armas reais.”

“Você é um de nós agora!” Um deles gritou forte e os outros rapazes o ovacionaram, guiando-o, como se ele fosse seu irmão perdido.

Thor mal podia acreditar. Quanto mais ele ouvia suas palavras, mas ele percebia que talvez eles tivessem razão. Talvez ele tivesse sido corajoso afinal. Ele nunca tinha pensado sobre isso. Pela primeira vez em muito tempo, ele estava começando a se sentir bem consigo mesmo. Acima de tudo, porque agora, finalmente, ele sentia que seu lugar era ali com aqueles rapazes. Ele sentiu a tensão liberando-se de seus ombros.

Thor foi conduzido para o campo de treinamento principal, diante dele estavam dezenas de soldados da Legião, junto com dezenas de soldados do Exército Prata. Eles, também, o aclamaram ao vê-lo. Todos eles vieram para a frente e deram-lhe muitos tapinhas nas costas.

Kolk deu um passo à frente, os demais ficaram em silêncio. Thor preparou-se, visto que Kolk sempre havia mostrado ter desprezo por ele. Mas agora, para a surpresa de Thor, ele o olhava com uma expressão diferente. Apesar de ainda não ser capaz de abrir um sorriso, ele tampouco

estava zombando dele, nem estava carrancudo. E Thor podia jurar que havia detectado algo de admiração nos olhos dele. Kolk deu um passo à frente, trazendo um distintivo com o desenho de um falcão negro e o colocou no peito de Thor.

O emblema da Legião. Thor havia sido aceito. Finalmente, ele agora era um deles.

“Thorgrin do Sul da Província do Reino Ocidental.” Kolk disse solenemente. “Nós lhe damos as boas-vindas à Legião.”

Os rapazes soltaram um grito, então todos correram, puseram seus braços ao redor de Thor e o balançaram para um lado e para outro.

Thor não podia processar o que estava acontecendo em sua mente. Ele tentou não fazê-lo. Ele só queria aproveitar esse momento. Agora, finalmente, havia um lugar ao qual ele pertencia.

Kolk virou-se e encarou os outros rapazes.

“Ok, rapazes, acalmem-se.” Ordenou ele. “Hoje é um dia especial. Nada de trabalho forçado, polimentos ou cocô de cavalo para vocês. Agora é hora de realmente treinar. É dia de armas.”

Os rapazes responderam-lhe com um grito animado e o seguiram enquanto ele caminhava rápido através do campo de treinamento, em direção a um enorme edifício circular feito de carvalho, com portas de bronze, reluzentes. Thor caminhava com o grupo, enquanto eles se aproximavam com um animado burburinho no ar. Reece estava ao seu lado e O’Connor veio e uniu-se a eles.

“Nunca pensei que eu iria vê-lo vivo novamente.” O’Connor disse, sorrindo e batendo em seu ombro. “Da próxima vez, deixe-me acordar primeiro, sim?”

Thor lhe devolveu o sorriu.

“Que edifício é aquele?” Thor perguntou a Reece, quando eles se aproximaram. Havia rebites de ferro imensos por toda a porta e o lugar tinha uma presença imponente.

“O Quartel das Armas.” Reece respondeu. “É onde guardam todas as nossas armas. De vez em quando nos deixam dar uma espiada, ou até mesmo treinar com algumas delas. Tudo depende da lição que eles queiram ensinar.”

O estômago de Thor ficou apertado quando ele viu Elden vindo até eles. Thor se preparou, esperando receber alguma ameaça — porém, dessa vez, para espanto de Thor, Elden o olhava com um olhar de agradecimento.

“Eu tenho de agradecer-lhe.” Ele disse, olhando para baixo humildemente. “Por salvar minha vida.”

Thor estava perplexo; ele jamais havia esperado por essa reação.

“Eu estava errado sobre você.” Elden acrescentou. “Amigos?” Ele perguntou.

Ele estendeu a mão.

Thor, que não era de guardar nenhum rancor, alegremente estendeu a mão e apertou a mão de Elden.

“Amigos.” Disse Thor.

“E leve minhas palavras a sério.” Elden disse. “Eu sempre protegerei você. Eu lhe devo uma.”

Com isso, ele se virou e correu de volta para a multidão.

Thor mal sabia o que pensar disso. Ele estava espantado com a rapidez com que as coisas tinham mudado.

“Acho que no fim, ele não é um completo idiota.” O’Connor disse. “Talvez ele seja legal depois de tudo.”

Eles chegaram ao Quartel das Armas. As portas imensas se abriram e Thor entrou com atitude reverenciosa. Ele andava devagar, o pescoço esticado, examinando o lugar em um amplo círculo, processando tudo. Havia ali centenas de armas, armas que ele sequer reconhecia, penduradas nas paredes. Os outros rapazes avançaram em uma animada corrida, correndo para as armas, pegando-as, manipulando-as, examinando-as. Thor seguiu seu exemplo, sentindo-se como um garoto em uma loja de brinquedos.

Ele correu para uma alabarda grande, tomou a haste de madeira com as duas mãos e sentiu seu peso. Era enorme, bem lubrificada. A lâmina estava desgastada e com marcas, ele se perguntou se ela tinha matado algum homem em batalhas.

Ele a baixou e pegou um mangual, uma bola de metal com puas presa a um mango curto, por uma longa corrente. Ele segurou o cabo de madeira cravejado e sentiu as puas do metal balançando na extremidade da corrente. Reece manuseava um machado de batalha e O’Connor testava o peso de um longo pique, apontando para o ar contra um inimigo imaginário.

“Ouçam!” Kolk exclamou, e todos eles se viraram.

“Hoje vamos aprender sobre a luta contra seu inimigo, à distância. Alguém pode me dizer que tipos de armas podem ser usados? O que pode matar um homem a trinta passos de distância?”

“Um arco e flecha.” Alguém gritou.

“Sim!” Kolk respondeu. “O que mais?”

“Uma lança!” Alguém gritou.

“O que mais?” Há muito mais do que apenas essas. “Vamos ouvi-las.”

“Uma funda.” Thor acrescentou.

“O que mais?”

Thor quebrava a cabeça, mas estava ficando sem opções.

“Facas de arremesso.” Reece exclamou.

“O que mais?”

Os outros garotos hesitaram. Ninguém mais tinha ideias.

“Podem arremessar maçãs.” Kolk gritava. “E atirar machados. E está a balestra. Podem ainda atirar piques. E também temos a espada.”

Kolk dava voltas pela sala, olhando para os rostos dos rapazes, que permaneciam escutando absortos.

“Isso não é tudo. Uma simples pedra no chão pode ser ‘seu melhor amigo’. Eu vi um homem, grande como um touro, um herói de guerra, morto no lugar pelo arremesso de uma rocha, feito por um soldado habilidoso. Soldados muitas vezes não percebem que a armadura também pode ser usada como uma arma. A luva pode ser retirada e jogada na cara do inimigo. Isso pode atordoá-lo desde vários metros de distância. Nesse momento, você pode matá-lo. Seu escudo pode ser lançado também.”

Kolk fez uma pausa para respirar.

“É fundamental que quando você aprenda a lutar, não aprenda apenas a lutar a uma curta distância entre você e o seu oponente. Você deve expandir sua luta para uma distância muito maior. A maioria das pessoas luta a uma distância de três passos. Um bom guerreiro luta a trinta passos. Entendido?”

“Sim senhor!” Os rapazes gritaram em coro.

“Muito bem. Hoje, vocês vão melhorar suas habilidades de arremesso. Vasculhem a sala e peguem todas as armas que vocês vejam que possam ser arremessadas. Cada qual pegue uma e esteja lá fora em trinta segundos. Mexam-se!”

O quarto entrou em erupção em uma corrida, Thor correu para a parede, buscando algo para pegar. Ele esbarrava em outros rapazes e foi empurrado por eles durante todo o caminho, todos estavam eufóricos, até que ele finalmente viu o que queria e o tomou. Era um pequeno machado de arremesso. O’Connor tomou uma adaga, Reece uma espada e os três correram para fora com os outros garotos, para o campo.

Eles seguiram Kolk até o lado mais distante do campo e lá estavam, alinhados, uma dúzia de escudos fixos em postes.

Todos os rapazes, segurando suas armas, reuniram-se em torno de Kolk expectantes.

“Permaneçam aqui.” Ele exclamou, apontando para uma linha de terra no chão. “Apontem para aqueles escudos enquanto atiram suas armas. Vocês então vão correr para os escudos, recuperar uma arma diferente e praticar atirando-a. Nunca escolham a mesma arma. Apontem sempre para o escudo. Aqueles que errarem o escudo terão de correr uma volta ao redor do campo. Comecem!”

Os rapazes se alinharam, ombro a ombro atrás da linha de terra e começaram a atirar as suas armas contra os escudos, os quais estavam a uns trinta metros de distância. Thor se alinhou com eles. O rapaz ao lado dele se abalçou e jogou sua lança, errando por um fio.

O garoto virou-se e começou a correr em torno da arena. Enquanto ele fazia isso, um membro dos homens do Rei correu ao lado dele e jogou um pesado manto de cota de malha sobre seus ombros, incrementando o seu peso.

“Corra com isso, rapaz!” Ele ordenou.

O rapaz, sobrecarregado, já suando, continuou a correr no calor.

Thor não queria errar o alvo. Ele se inclinou para trás, concentrou-se, puxou seu machado de arremesso e o jogou. Ele fechou os seus olhos e esperou que ele acertasse o escudo, ficou aliviado ao ouvir o som dele, enterrando-se no escudo de couro. Ele quase havia falhado, atingindo a esquina inferior. Mas pelo menos ele não tinha errado. A redor dele, vários rapazes haviam falhado, e começaram a dar voltas. Os poucos que haviam acertado correram para os escudos para tomar uma nova arma.

Thor alcançou os escudos, extraindo de um deles uma fina adaga de arremesso e correu de volta para a linha de tiro.

Eles continuaram a arremessar por horas, até que o braço do Thor o estava matando e ele mesmo também tinha dado muitas voltas pelo campo. Ele estava banhado de suor, tal como os outros ao seu redor. Era um exercício interessante: atirar toda sorte de armas; acostumar-se com a sensação e o peso de todos os diferentes punhos e lâminas. Thor sentia-se cada vez melhor, mais prático a cada lançamento. Mas mesmo assim, o calor era opressivo e ele estava ficando exausto. Havia apenas uma dúzia de rapazes ainda de pé diante dos escudos, com a maioria deles correndo em

volta. Era muito difícil acertar tantas vezes, com tantas armas diferentes. Além disso, todas as voltas e o calor afetavam a precisão da pontaria. Thor estava ofegante e não sabia por quanto mais tempo ele poderia continuar. Justo quando ele estava a ponto de colapsar, de repente, Kolk deu um passo à frente.

“Basta!” Ele gritou.

Os rapazes voltaram de suas voltas e colapsaram sobre a grama. Eles ficaram deitados lá, ofegantes, respirando com dificuldade, removendo os casacos pesados de malha que tinham sido postos neles. Thor também se sentou na grama, o braço exausto, o suor escorrendo pelo corpo. Alguns dos homens do rei trouxeram baldes de água e os deixaram sobre a grama. Reece estendeu a mão, pegou um, bebeu dele e em seguida, entregou-o a O’Connor, que bebeu e logo entregou a Thor. Thor bebeu e bebeu, a água escorrendo pelo seu queixo e pelo seu peito. A água estava incrível. Ele respirou fundo e devolveu o balde para Reece.

“Por quanto tempo mais isso vai prosseguir?” Ele perguntou.

Reece balançou a cabeça, ofegante. “Eu não sei.”

“Juro que eles estão tentando nos matar.” Ouviu-se uma voz. Thor se virou e viu Elden, quem tinha vindo e sentado ao lado dele. Thor ficou surpreso ao vê-lo ali e se deu conta de que Elden verdadeiramente queria fossem amigos. Era estranho observar essa mudança em seu comportamento.

“Rapazes!” Kolk gritou, caminhando lentamente entre eles. “Mais de vocês estão errando seus alvos agora, no final do dia. Como podem ver, é mais difícil ser preciso quando você está cansado. Esse é o ponto. Durante a batalha, você não vai estar disposto. Você estará esgotado. Algumas batalhas podem durar dias. Especialmente se você estiver atacando um castelo. E é quando você estiver mais cansado que deverá fazer o seu lance mais preciso. Muitas vezes você será forçado a lançar qualquer arma que estiver à sua disposição. Você deve ser especialista em todas as armas e em cada estado de exaustão. Entendido?”

“SIM SENHOR!” Eles gritaram de volta.

“Alguns de vocês podem lançar uma faca, ou uma lança. Mas essa mesma pessoa falha com um martelo ou machado. Você acha que pode sobreviver por atirar com apenas uma arma?”

“NÃO SENHOR!”

“Vocês acham que isso é só um jogo?”

“NÃO SENHOR!”

Kolk fazia caretas enquanto passeava, chutando os garotos pelas costas quando entendia que não estavam sentados de maneira correta.

“Já descansaram o suficiente.” Ele disse. “De pé novamente!”

Thor se esforçava para pôr-se de pé junto com os outros, suas pernas estavam cansadas, ele não tinha certeza de quanto mais tempo poderia resistir.

“Há dois lados para lutar à distância.” Continuou Kolk. “Você pode arremessar — mas o seu inimigo também pode. Ele pode não estar seguro a trinta passos de distância e você também não. Vocês devem aprender a defender-se a uma distância de trinta passos. Entenderam?”

“SIM SENHOR!”

“Para defender-se de um objeto arremessado, você vai precisar não só estar atento e ser rápido com seus pés, abaixar-se, rolar, ou esquivar-se — mas também ser adepto a proteger-se com um grande escudo.”

Kolk fez um gesto e um soldado trouxe um escudo enorme, pesado. Thor estava admirado — era quase o dobro do seu tamanho.

“Um voluntário?” Kolk Pediu.

O grupo de rapazes estava quieto, hesitante e Thor, sem pensar, levado pela emoção do momento, levantou a mão.

Kolk acenou com a cabeça e Thor correu para a frente.

“Muito bem!” Kolk disse. “Pelo menos um de vocês é burro o suficiente para se oferecer. Eu gosto do seu espírito rapaz. Uma decisão estúpida. Mas boa.”

Thor estava começando a se perguntar se ele realmente tinha tomado uma decisão estúpida, quando Kolk entregou-lhe o escudo de metal enorme. Ele o fixou a um braço e não podia acreditar quão pesado ele era. Ele mal podia levantá-lo.

“Thor, sua missão é correr pelo campo de um lado até outro, ileso. Vê esses cinquenta garotos à sua frente?” Disse Kolk para Thor. “Todos eles vão lançar armas em você. Armas reais. Você entendeu? Se você não usar seu escudo para proteger-se, poderá morrer antes de chegar ao o outro lado.”

Thor olhou em descrença. A multidão de garotos ficou ainda mais silenciosa.

“Isto não é um jogo.” Kolk continuou. “Isto é muito sério. As batalhas são algo sério. É questão de vida ou morte. Ainda está seguro de que quer

ser voluntário?”

Thor assentiu paralisado demais pelo terror para dizer alguma coisa. Ele dificilmente voltaria atrás nesse momento, não na frente de todo mudo.

“Muito bem.”

Kolk gesticulou para um servo, que deu um passo à frente e tocou uma buzina.

“Corra!” Kolk gritou.

Thor levantou o escudo pesado com as duas mãos, agarrando-o com todas as forças. Quando ele fez isso, ele sentiu um golpe retumbante, tão grave que retiniu em seu crânio. Deve ter sido um martelo de metal. Não perfurou o escudo, porém mandou um choque horrível a todo seu sistema. Ele quase deixou cair o escudo, mas obrigou-se a agarrá-lo e seguir em frente.

Thor começou a correr com muita dificuldade, o mais rápido que ele podia com o pesado escudo. Enquanto as armas e mísseis voavam ao redor dele, Thor obrigou-se a se abrigar dentro do escudo da melhor maneira possível. O escudo era a sua tábua de salvação. Enquanto ele corria aprendeu a estar atrás dele.

Um a flecha voou bem perto dele, não o acertou por um triz, ele baixou o queixo, mantendo-o apertado. Outro objeto pesado bateu contra o escudo, atingindo-o com tanta força que ele cambaleou para trás alguns metros e caiu no chão. Mas Thor voltou a ficar de pé e continuou a correr. Com um esforço supremo e respirando com dificuldade, ele finalmente cruzou o campo.

“Renda-se!” Kolk gritou.

Thor deixou cair o escudo, banhado de suor. Ele estava mais do que grato por ter alcançado o outro lado; ele não sabia se poderia segurar o escudo por muito mais tempo.

Thor dirigiu-se rápido para os outros rapazes, muitos dos quais lhe deram olhares de admiração. Ele se perguntava como tinha sobrevivido.

“Bom trabalho.” Reece sussurrou-lhe.

“Algum outro voluntário?” Kolk exclamou.

Havia um silêncio mortal entre os rapazes. Depois de observar Thor, ninguém mais desejava tentar.

Thor se sentia orgulhoso de si mesmo. Ele não estava seguro se teria se oferecido caso soubesse tudo o que isso implicava, mas agora que tudo havia terminado, ele estava feliz de ter feito isso.

“Muito bem. Então eu decidirei por vocês.” Kolk gritou. “Você! Saden!” ele exclamou, apontando para alguém.

Um rapaz mais velho e magro deu um passo à frente sentindo-se aterrorizado.

“Eu?” Saden disse com sua voz sumindo.

Os outros garotos riram dele.

“Claro que é você. Quem mais?” Kolk disse.

“Sinto muito senhor, mas eu prefiro não ir.”

Um suspiro horrorizado surgiu entre a Legião.

Kolk aproximou-se dele, fazendo uma careta.

“Você não vai fazer o que você quer.” Kolk rosnou. “Você vai fazer o que eu mandar.”

Saden ficou imóvel, olhando, morrendo de medo.

“Ele não deveria estar aqui.” Reece sussurrou para Thor.

Thor virou-se e olhou para ele. “O que você quer dizer?”

“Ele vem de uma família nobre e eles o colocaram aqui. Mas ele não quer estar aqui. Ele não é um lutador. Kolk sabe disso. Eu acho que eles estão tentando quebrá-lo. Eu acho que eles querem que ele saia da Legião.”

“Sinto muito senhor, mas não posso.” Saden disse, soando aterrorizado.

“Você pode.” Kolk gritou. “E você vai!”

Houve um impasse tenso, congelante.

Saden olhou para o chão cabisbaixo e envergonhado.

“Eu lamento senhor. Dê-me alguma outra tarefa e eu a farei com prazer.”

Kolk ficou vermelho de raiva e correu em direção a ele até ficar a apenas centímetros do seu rosto.

“Eu *vou* lhe dar outra tarefa garoto. Eu não quero nem saber quem é sua família. De agora em diante, você vai correr. Você vai correr em torno deste campo até entrar em colapso. Você não voltará até que se ofereça para levantar este escudo. Está entendendo?”

Saden parecia estar prestes a explodir em lágrimas quando ele assentiu com a cabeça.

Um soldado veio e o envolveu com uma cota de malha, logo outro soldado veio com outra cota de malha e a colocou sobre a ele. Thor não conseguia entender como ele podia suportar o peso delas. Ele mesmo mal tinha podido correr com uma.

Kolk inclinou-se para trás e chutou com força o traseiro de Saden, ele saiu cambaleando para frente, começando sua longa e lenta corrida em volta

do campo. Thor se sentia mal por ele. Enquanto Thor o observava, não podia deixar de imaginar se o garoto iria sobreviver à Legião.

De repente, uma buzina soou e Thor se virou para ver um grupo de homens do rei chegando a cavalo, com eles vinha também uma dúzia de homens do Exército Prata, segurando lanças longas e usando capacetes adornados com penas. Eles pararam diante da Legião.

“Em homenagem ao dia do casamento da filha do rei e em homenagem ao solstício de verão, o Rei declarou o resto do dia, um dia de caça!”

Todos os garotos ao redor de Thor irromperam em uma enorme alegria. Eles começaram a correr em grupo, seguindo os cavalos enquanto eles se viravam e avançavam através do campo.

“O que está acontecendo?” Thor perguntou a Reece, quando ele começou a correr junto aos outros.

Reece exibia um enorme sorriso no rosto.

“É uma dádiva de Deus!” Disse. Estamos de folga por hoje! Nós vamos a caçar!”

CAPÍTULO VINTE E UM

Thor correu pela trilha da floresta com os outros, segurando a lança que tinha sido entregue a ele para a caça. Ao lado dele estavam Reece, O'Connor e Elden, junto com eles estavam pelo menos outros cinquenta membros da Legião. Na frente deles, cavalgava uma centena de oficiais do Exército Prata vestidos com armaduras leves, alguns levavam lanças curtas, mas a maioria levava arcos e flechas pendurados nas costas. Entre eles, dezenas de escudeiros e servos marchavam a pé.

Montando adiante estava o Rei MacGil, como sempre se via enorme e orgulhoso, com um sorriso animado no rosto. Ele estava acompanhado por seus filhos, Kendrick e Gareth, e Thor ficou surpreso ao ver, até mesmo Godfrey junto a eles. Dezenas de pajens corriam entre eles, alguns deles se inclinando para trás e soprando cornetas feitas de longas presas de marfim; outros puxavam cães que latiam e corriam ansiosamente para acompanhar os cavalos. Era uma loucura completa. Assim que o grupo enorme avançou pela floresta, eles começaram a dividir-se em todas as direções e Thor mal sabia para onde estavam indo, ou a qual grupo a seguir.

Erec cavalgava por perto, Thor e os outros decidiram seguir seu rastro. Thor corria ao lado de Reece.

“Para onde estamos indo?” Ele perguntou a Reece, enquanto corria sem fôlego.

“Bosque adentro.” Reece respondeu. “Os homens do rei almejam trazer de volta o valor dos dias de jogo.”

“Por que alguns do Exército Prata estão a cavalo e outros estão a pé?” O'Connor perguntou a Reece.

“Os que estão a cavalo estão caçando a presa mais fácil, como veados e aves.” Reece respondeu. “Eles usam seus arcos. Os que estão a pé buscam os animais mais perigosos. Como o javali de cauda amarela.”

Thor estava ao mesmo tempo animado e nervoso com a menção do animal. Ele tinha visto um em sua infância. Era uma criatura desagradável e perigosa, conhecida por rasgar um homem em dois sem precisar muita pouca provocação.

“Os guerreiros mais antigos tendem a ir a cavalo, atrás de veados e aves.” Erec acrescentou, olhando -o. “Os mais jovens normalmente vão a pé

e buscam o jogo mais duro. Você tem de estar em sua melhor forma para isso, é claro.”

“É por isso que nós permitimos que vocês participem dessa caçada, rapazes!” Gritou Kolk quem ia correndo com os outros não muito longe: “É um treinamento para vocês também. Vocês vão ter de ir a pé durante toda a caçada e manter-se em ritmo com os cavalos. À medida que seguirem, vocês vão dividir-se em pequenos grupos e cada um seguirá o seu próprio caminho; cada qual caçará seu próprio animal; vocês vão encontrar o animal mais cruel que vocês puderem e lutarão até a morte. Estas são as mesmas qualidades que fazem de vocês bons soldados: resistência, destemor e não recuar diante de seu adversário, sem importar quão grande ou traiçoeiro ele for. Agora sigam!” Ele exclamou.

Thor corria mais rápido, assim como todos os seus camaradas, acelerando para poder acompanhar os cavalos, enquanto eles penetravam na floresta. Ele mal sabia para onde ir, mas pensava que se ele ficasse perto de Reece e O’Connor, ele estaria bem.

“Uma flecha, rápido!” Erec gritou.

Thor irrompeu em ação, correndo ao lado do cavalo de Erec, pegando uma flecha da aljava sobre a sela e entregando-a para ele. Erec a colocou em seu arco enquanto cavalgava, diminuiu a velocidade apontou firmemente para alguma coisa na floresta.

“Os cães!” Erec gritou.

Um dos atendentes do rei soltou um cachorro que latia nervosamente, ele mergulhou no meio dos arbustos. Para a surpresa de Thor, uma grande ave saiu voando dali e assim que ela saiu, Erec lhe disparou com uma flecha. Foi um tiro perfeito, direto ao pescoço da ave, que caiu morta. Thor ficou impressionado com a forma como Erec tinha detectado a ave.

“A ave!” Erec exclamou.

Thor correu, pegou o pássaro morto, quente, com o sangue escorrendo pelo seu pescoço e correu de volta para Erec. Ele atirou a ave sobre a sela de Erec deixando-a pendurada lá enquanto ele cavalgava.

Todos em torno de Thor, muitos cavaleiros a cavalo, estavam fazendo o mesmo, perseguindo as aves e abatendo-as para que os seus escudeiros as recuperassem. A maioria usava flechas; alguns usavam lanças. Kendrick puxou para trás a sua lança, fez pontaria e a atirou em um cervo. Foi um ataque perfeito direto a garganta do animal e ele caiu também.

Thor estava espantado com a abundância de jogos no bosque, com a quantidade de prêmios de caça que estariam levando para casa. Seria suficiente para alimentar a Corte do Rei por dias.

“Você já esteve em uma caçada antes?” Thor gritou para Reece, mal conseguindo evitar ser pisoteado por um dos homens do Rei enquanto corriam. Era difícil de ouvir com os latidos dos cães, as cornetas soando e os gritos dos homens rindo vitoriosos, pois derrubavam um animal depois do outro.

Reece tinha um grande sorriso em seu rosto quando saltou sobre um tronco e continuou correndo.

“Muitas vezes! Mas só por causa do meu pai. Eles não nos permitem nos juntar às caçadas até certa idade. É uma coisa emocionante — embora ninguém tenda a sair dela ileso. Mais de um homem foi ferido ou morto, perseguindo um javali.”

Reece ofegava enquanto corria. “Mas eu sempre fui a cavalo”. Ele acrescentou. “Eu nunca tinha sido autorizado a estar a pé antes, com a Legião, nunca tive permissão para caçar um javali. É a primeira vez para mim!”

A floresta de repente mudou, com dezenas de trilhas que se estendiam diante deles, cada uma se dividia em uma dúzia de caminhos. Outra buzina soou e o enorme grupo começou a dividir-se em grupos menores.

Thor permanecia perto de Erec. Logo Reece e O’Connor se juntaram a eles; todos dobraram por um caminho estreito que se curvava acentuadamente para baixo. Eles corriam sem parar. Thor segurou sua lança apertadamente enquanto saltava um pequeno riacho. Seu pequeno grupo estava composto por: Erec e Kendrick a cavalo; Thor, Reece, O’Connor e Elden a pé, perfazendo seis deles e ao virar-se Thor notou mais dois membros da Legião correndo atrás deles, juntando-se a eles. Eles eram grandes e fortes; com cabelos ondulados cor de areia que caíam sobre os olhos e de sorriso largo. Eles pareciam ser um par de anos mais velhos do que Thor e eram gêmeos idênticos.

“Eu sou Conval.” Um deles disse a Thor.

“E eu Conven.”

“Nós somos irmãos.” Conval disse.

“Gêmeos!” Conven acrescentou.

“Eu espero que vocês não se incomodem se nos juntamos a vocês.” Conval disse para Thor.

Ele estava feliz em conhecer novos membros, especialmente os membros que eram amigáveis com ele.

“Feliz por ter vocês.” Thor exclamou.

“Quanto mais mãos, melhor.” Reece ecoou.

“Ouvi dizer que os javalis neste bosque são enormes.” Conval comentou.

“E mortais.” Acrescentou Conven.

Thor olhou para as longas lanças que os gêmeos transportavam, três vezes mais longas do que a sua, e ficou pensando. Ele notou que os gêmeos olhavam para a sua lança curta.

“Essa lança não será longa o suficiente.” Conval disse.

“Os javalis têm presas grandes. Você precisa de algo maior.” Conven disse.

“Pegue a minha.” Elden disse correndo para Thor e oferecendo a lança dele.

“Eu não posso ficar com ela.” Disse Thor. “O que você usaria?”

Elden deu de ombros. “Eu estarei bem.”

Thor foi tocado por sua generosidade e ficou maravilhado ao perceber quão diferente a sua amizade era agora.

“Tome uma das minhas.” Ordenou uma voz.

Thor olhou para cima e viu Erec andar ao lado dele, apontando para a sela, que carregava duas longas lanças.

Thor estendeu a mão e pegou uma lança longa da sela, grato por tê-la. Ela era mais pesada e era mais complicado correr com ela, mas ele se sentia mais protegido e tudo indicava que ele iria precisar dela.

Eles corriam e corriam, até que o ar nos pulmões de Thor queimava e ele não sabia se poderia ir mais longe. Ele estava alerta, olhando em volta para captar qualquer sinal de um animal. Sentia-se protegido com todos esses homens ao seu redor e invencível com uma longa lança. Mas ele ainda estava muito nervoso. Ele nunca tinha caçado um javali antes e não tinha ideia do que esperar.

Seus pulmões queimavam quando a floresta se abriu em uma clareira e, felizmente, Erec e Kendrick pararam os seus cavalos para descansar. Thor supôs que concediam permissão para que eles parassem também. Todos eles estavam ali: os oito na clareira da floresta; os rapazes a pé arquejando e Erec e Kendrick desmontando de seus cavalos. Os cavalos ofegantes, porém tranquilos. O único som era o do vento nas árvores. O barulho das centenas

de outros homens correndo pela floresta agora havia desaparecido e Thor percebeu que eles deviam estar muito longe dos outros.

Ele olhou ao redor da clareira, ofegante.

“Não vi nenhuma pegada de animais.” Thor disse para Reece. “E Vossa Alteza?”

Reece abanou a cabeça.

“O javali é um animal astuto.” Erec disse, dando um passo à frente. “Ele não vai sempre se mostrar. Às vezes será ele quem estará observando você. Ele pode esperar até que você esteja desprevenido e então ele vai atacar. Sempre mantenha a guarda.”

“Vejam!” O’Connor gritou.

Thor virou-se e de repente um grande animal entrou na clareira com uma enorme comoção; Thor recuou, pensando que eles estavam sendo atacados por um javali. O’Connor gritou e Reece virou-se e atirou uma lança contra ele. Ele falhou e o animal voou pelos ares. Foi então que Thor percebeu que era apenas um peru desaparecendo de volta no bosque.

Todos riram, rompendo a tensão. O’Connor ficou vermelho e Reece colocou uma mão reconfortante no ombro.

“Não se preocupe, amigo.” Disse ele.

O’Connor desviou o olhar, envergonhado.

“Não há nenhum javali aqui.” Disse Elden. “Nós escolhemos um caminho ruim. A única coisa que anda por este caminho são aves. Vamos voltar de mãos vazias.”

“Talvez isso não seja uma coisa ruim.” Disse Conval. “Ouvi dizer que uma luta de javali pode ser questão de vida ou morte.”

Kendrick calmamente examinou o bosque; Erec fez o mesmo. Thor podia ver nos rostos dos dois homens que algo estava lá fora. Ele poderia dizer a partir de sua experiência e sabedoria que eles estavam alerta.

“Bem, a trilha parece acabar aqui.” Reece disse. “Então se continuarmos, o bosque não estará demarcado. Não vamos encontrar nosso caminho de volta.”

“Mas se voltarmos, nossa caçada acabou.” O’Connor Disse.

“O que aconteceria se retornássemos de mãos vazias?” Thor perguntou. “Sem um javali?”

“Nós seríamos motivo de chacota para os outros.” Disse Elden.

“Não, não seríamos.” Reece disse. “Não é qualquer um que encontra um javali. Na verdade, há menos probabilidades de encontrá-lo do que o

contrário.”

O grupo ficou ali em silêncio, respirando com dificuldade, observando a floresta, Thor de repente percebeu que ele tinha bebido muita água. Ele tinha estado se aguentando durante toda a caçada e agora ele tinha uma dor na sua bexiga, mal conseguia conter.

“Com licença!” Ele disse e começou a fazer seu caminho para a floresta.

“Para onde está indo?” Erec perguntou cauteloso.

“Necessito urinar. Eu volto em seguida.”

“Não vá muito longe.” Erec recomendou.

Thor, coibido, correu para a floresta e se distanciou uns vinte passos dos outros, até que encontrou um lugar fora da vista.

Justo quando ele terminou de aliviar sua bexiga, ouviu de repente, o ruído de um graveto quebrando. Era alto e diferente e ele sabia — ele sabia — que não provinha de nenhum ser humano.

Ele virou-se lentamente, sua nuca arrepiada. Adiante, talvez a uns dez passos, havia outra pequena clareira com uma rocha em seu centro. E ali, ao pé da rocha, houve um movimento. Era um pequeno animal, Thor não sabia dizer que animal era.

Thor estava indeciso entre voltar para o seu grupo e ver que animal era aquele. Sem pensar, ele se arrastou para a frente. Qualquer que fosse o animal, ele não queria perdê-lo, e se ele voltasse para o grupo, o animal poderia ter ido embora antes que ele voltasse.

Thor se aproximou, sua pele ficou totalmente arrepiada ao ver a floresta ficar mais densa e haver cada vez menos espaço de manobra. Não conseguia ver nada além da mata espessa, o sol atravessando-a em ângulos agudos. Finalmente, ele chegou à clareira. Quando se aproximou, ele afrouxou o aperto sobre a sua lança e baixou-a até seu quadril. E enorme foi a sua surpresa com o que viu à sua frente na clareira, sob um fecho de luz do sol.

Ali, se contorcendo na grama ao lado da rocha, havia um pequeno filhote de leopardo. Ele ficou ali, se contorcendo e ganindo, apertando os olhos para o sol. Parecia que tinha acabado de nascer, tinha apenas um trinta centímetros de comprimento, era pequeno o suficiente para caber dentro da camisa de Thor.

Thor ficou ali, espantado. O filhote era todo branco e ele sabia que devia ser o filhote de leopardo branco, o mais raro de todos os animais.

Ouviu um ruído repentino de folhas atrás dele, virou-se para ver o grupo inteiro correndo em sua direção, Reece liderava o grupo, olhando preocupado. Em momentos, eles estavam com ele. “Para onde você tinha ido?” Ele exigiu. “Nós pensamos que você estava morto.”

Quando todos eles vieram ao lado dele e olharam para o filhote, Thor pôde ouvi-los suspirar em estado de choque.

“Um presságio memorável.” Disse Erec para Thor. “Você encontrou o achado de uma vida. O mais raro de todos os animais. Ele foi abandonado. Não tem ninguém para cuidar dele. Isso significa que é seu. É sua obrigação criá-lo a partir de agora.”

“Meu?” Thor perguntou perplexo.

“É seu dever.” Kendrick acrescentou. “Você o encontrou. Ou, digamos que ele encontrou você.”

Thor estava aturdido. Ele havia cuidado das ovelhas, porém nunca havia criado um animal em sua vida e ele não tinha ideia do que fazer.

Mas ao mesmo tempo, ele já sentia uma forte afinidade com o animal. Seus olhos azuis claros e pequenos abriram-se e pareciam olhar somente para ele.

Ele aproximou-se dele, abaixou-se e pegou-o em seus braços. O animal estendeu a pata e lambeu seu rosto.

“Como é que se cuida de um filhote de leopardo?” Thor perguntou, atrapalhado.

“Eu suponho que da mesma maneira que você cuida de um animal qualquer.” Erec disse. “Alimentando-o quando ele estiver com fome.”

“Você deve dar-lhe um nome.” Disse Kendrick.

Thor ponderou, espantado por notar que essa era a segunda vez que nomeava um animal em tão poucos dias. Ele se lembrou de uma história da infância, sobre um leão que havia aterrorizado uma aldeia.

“Krohn.” Disse.

Os outros assentiram com a cabeça em aprovação.

“Como a lenda.” Reece disse.

“Eu gosto.” O’Connor disse.

“Krohn será então.” Erec disse.

Quando Krohn pôs sua cabeça no peito de Thor, Thor sentiu uma conexão mais forte com ele do que com qualquer coisa que ele tinha tido. Ele não podia evitar sentir que era como se ele já conhecesse Krohn toda sua vida, quando o animal se contorceu e grunhiu para ele.

De repente ouviu-se um som distinto, que arrepiou todo o pescoço de Thor, fazendo-o girar rapidamente e olhar para o céu.

Bem acima dele, estava Estopheles. De repente, ele mergulhou bem baixo direto para a cabeça de Thor, guinchando como sempre o fazia, antes de elevar-se no último segundo.

A princípio, Thor se perguntou se ele não estaria com ciúmes de Krohn. Mas, em seguida, com uma fração de segundo de vantagem, Thor percebeu: seu falcão estava dando-lhe um aviso.

Um momento depois, ouviu-se um barulho distinto do outro lado do bosque. Foi um barulho, seguido de uma investida tudo aconteceu muito rápido.

Por causa da advertência, Thor tinha uma vantagem, ele viu o animal chegando e saltou para fora do caminho um segundo antes que um javali enorme investisse direto contra ele. O animal falhou por um triz.

O caos apoderou-se da clareira. O javali investiu contra os outros, feroz, balançando suas presas em todas as direções. Com um golpe, conseguiu cortar o braço de O'Connor e o sangue jorrou quando ele o apertava, gritando.

Era como tentar lutar contra um touro, mas sem as armas adequadas. Elden tentou espetá-lo com a sua longa lança, porém o javali simplesmente virou a cabeça, apertou o cerco sobre ele com sua enorme boca e em um só movimento mordeu a lança partindo-a ao meio. Em seguida, o javali se virou e atacou Elden, atingindo-o pelas costelas; felizmente para Elden, já que por pouco ele não foi dilacerado pelas presas do javali.

Esse javali era imparável. Tinha sede de sangue e claramente não iria deixá-los em paz até não saciá-la.

Os outros se reuniram e entraram em ação. Erec e Kendrick sacaram suas espadas, assim como Thor, Reece e os demais.

Todos eles cercaram a besta, mas era difícil acertá-la, especialmente devido a suas três presas de trinta centímetros de comprimento que os impediam de aproximar-se dela. O animal corria em círculos, perseguindo-os ao redor da clareira, à medida que cada um se revezava atacando. Erec aplicou-lhe um golpe certo, ferindo-o de lado, mas esse javali devia estar feito de aço, porque simplesmente continuava atacando.

Foi quando tudo mudou. Por um breve momento, algo chamou a atenção de Thor, ele se virou e olhou para a floresta. Ele podia jurar que havia um homem com uma capa preta com capuz, ao longe, escondido atrás das

árvores; que tinha visto o homem levantar um arco e flecha e apontá-lo direto para a clareira. Ele parecia estar apontando não para o javali, mas para todos os homens.

Thor se perguntou se ele estaria vendo coisas. Poderiam estar sob ataque? Ali? No meio do nada? Por quem?

Thor permitiu que seus instintos tomassem o controle. Ele sentiu que os outros estavam em perigo e correu para eles. Ele viu o homem apontando seu arco para Kendrick.

Thor agachou-se e empurrou Kendrick. Ele abordou-o com força, derrubando-o no chão e quando ele fez isso, um momento depois, a flecha passou por ele, falhando por um triz.

Thor imediatamente olhou de volta para a floresta, à procura de sinais do atacante. Porém ele havia ido embora.

Mas Thor não tinha tempo para pensar; o javali ainda estava correndo loucamente pela clareira, a poucos metros de distância deles. Agora, ele vinha em sua direção e Thor não tinha tempo de reagir. Ele se preparou para o impacto que as longas presas afiadas teriam diretamente sobre ele.

Um momento depois, ouviu-se um grito estridente; Thor se virou para ver Erec pulando sobre as costas do animal; erguendo alto sua espada com ambas as mãos, e desferindo um poderoso golpe na parte de trás do seu pescoço. A fera rugiu, esguichando sangue de sua boca, quando dobrou os joelhos e em seguida desabou no chão, Erec em cima dela. A besta parou a poucos metros de distância de Thor.

Todo mundo ficou petrificado no lugar, olhando um para o outro e se perguntando o que diabos tinha acontecido.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Thor, levando Krohn dentro de sua camisa, ficou atordoado pelo ruído quando Reece abriu a porta da taberna. Um grupo enorme, membros da Legião e soldados, amontoados lá dentro, os esperava recebendo-os com um grito. Estava abafado e quente ali dentro e Thor foi imediatamente imprensado entre seus camaradas, amontoados ombro a ombro. Tinha sido um longo dia de caça e todos eles estavam reunidos ali, naquela taberna no fundo da floresta, para comemorar. O Exército Prata tinha liderado o caminho e Thor, Reece e os outros o seguiram.

Atrás de Thor, os gêmeos, Conval e Conven levavam sua mais valiosa possessão e prêmio; o maior javali de todos os que haviam caçado, em uma longa vara sobre seus ombros. Eles tiveram de deixá-lo do lado de fora das portas da taberna antes de entrar. Thor deu-lhe uma última olhada; parecia tão feroz, era difícil conceber que eles o haviam matado.

Thor sentiu algo contorcer-se dentro de sua jaqueta e olhou para baixo para ver o seu novo companheiro, Krohn. Ele mal podia acreditar que estava realmente carregando um filhote de leopardo branco. Ele olhou para Thor com seus olhos de cristal azul e grunhiu. Thor percebeu que ele estava com fome.

Thor foi empurrado para dentro da taberna, detrás deles, se moviam dezenas de homens, ele entrou no local pequeno e lotado, a temperatura devia estar uns vinte graus mais quente ali — senão mais úmido. Ele seguiu Erec e Kendrick e por sua vez foi seguido por Reece, Elden, os gêmeos e O'Connor, cujo braço ferido pelo javali estava enfaixado, mas finalmente tinha parado de sangrar. O'Connor parecia mais atordoado do que dolorido. Seu bom ânimo havia retornado e todo o seu grupo arrastou-se até o fundo da sala.

Estava lotado, todos estavam apinhados, tão apertados que mal havia espaço para até mesmo virar-se. Havia bancos longos e alguns homens estavam de pé, enquanto outros estavam sentados, cantando canções sobre bebidas e batendo suas canecas nas de seus amigos ou batendo-as sobre a mesa. Era um ambiente barulhento, festivo e Thor nunca tinha visto nada assim.

“Primeira vez na taberna?” Elden perguntou, praticamente gritando para ser ouvido.

Thor assentiu com a cabeça, sentindo-se como um caipira, mais uma vez.

“Aposto que você nunca tomou uma jarra de cerveja, não é?” Perguntou Conval, batendo-lhe no ombro com uma risada.

“Claro que eu tomei.” Thor revidou à defensiva.

No entanto, ele estava corando e esperava que ninguém notasse, porque na verdade, ele nunca tinha realmente tomado cerveja, além do pequeno gole no dia do casamento. Seu pai nunca havia permitido cerveja em casa. E mesmo que permitisse, Thor tinha certeza de que era um luxo ao qual não podiam dar-se.

“Muito bem, então!” Gritou Conval. “Taberneiro, dê-nos uma rodada de sua cerveja mais forte. O Thor aqui é um bebedor veterano!”

Um dos gêmeos colocou uma moeda de ouro sobre o balcão. Thor ficou surpreso com o dinheiro que esses rapazes transportavam; ele se perguntou de que família eles provinham. Aquela moeda poderia ter sustentado sua família por um mês em sua aldeia.

Um momento depois, dezenas de canecas de cerveja espumante foram distribuídas pela taberna e os rapazes abriam caminho para agarrá-las; uma caneca foi empurrada na mão de Thor. A espuma escorria sobre sua mão e seu estômago se contorceu em antecipação. Ele estava nervoso.

“À nossa caça!” Reece exclamou.

“À NOSSA CAÇA!” Todos repetiram em coro.

Thor seguiu os outros, tentando agir com naturalidade enquanto levava o líquido espumante aos lábios. Ele tomou um gole e odiou o gosto, mas viu os outros engolindo goela abaixo, não removendo a caneca de seus lábios até que eles terminassem. Thor se sentiu obrigado a fazer o mesmo, ou então ficar marcado como um covarde. Obrigou-se a beber, engolindo o mais rápido que podia, até que, finalmente, ao beber a metade, ele afastou a jarra, tossindo.

Os outros olharam para ele e caíram na risada. Elden deu-lhe um tapinha nas costas.

“É sua primeira vez, não é?” Ele perguntou.

Thor ficou vermelho enquanto limpava espuma de seus lábios. Felizmente, antes que ele pudesse responder, houve um grito na sala e todos se viraram para ver vários músicos abrindo seu caminho. Eles começaram a

tocar alaúdes, flautas e a percutir címbalos e a atmosfera agitada se intensificou.

“Meu irmão!” Ouviu-se uma voz.

Thor se virou para ver um garoto um pouco mais velho do que ele, um pouco barrigudo, ombros largos e barba ainda por fazer, sua aparência era um pouco desleixada. Ele deu um passo à frente e abraçou Reece, foi um abraço desajeitado. Ele estava acompanhado por três amigos, os quais se viam igualmente desleixados.

“Nunca pensei que encontraria você aqui!” Ele acrescentou.

“Bem, de vez em quando eu preciso seguir os passos do meu irmão, não é?” Reece gritou de volta com um sorriso. “Thor, você conhece meu irmão, Godfrey?”

Godfrey virou-se e apertou a mão de Thor e Thor não pôde deixar de notar quão lisa e suave ela era. Não era a mão de um guerreiro.

“Claro que conheço o recém-chegado.” Godfrey disse, chegando muito perto e falando com a língua enrolada. “O reino inteiro está comentando sobre ele. Um bom guerreiro, eu ouvi dizer.” Ele disse para Thor. “Que pena. Que desperdício de talento para a taberna!”

Godfrey se inclinou para trás e caiu na gargalhada e seus três companheiros se juntaram a ele. Um deles, uma cabeça mais alto do que os outros; com uma enorme barriga; bochechas vermelhas brilhantes e já cheio da bebida, inclinou-se e colocou a mão sobre o ombro de Thor.

“A bravura é uma boa qualidade. Porém ela o manda para o campo de batalha e mantém você com frio. Estar bêbado é bem melhor: mantém você a salvo e quente — e garante uma mulher cálida ao seu lado!”

Ele caiu na gargalhada, assim como os outros, logo o taberneiro trouxe jarras de cerveja fresca para todos eles. Thor esperava que não o convidassem para beber; ele já podia sentir a cerveja subindo à sua cabeça.

“Hoje foi sua primeira caçada!” Reece gritou para o irmão.

“Foi mesmo?” Godfrey replicou. “Bem isso pede um drinque não é?”

“Ou dois!” Seu amigo replicou.

Thor olhou para baixo quando outra caneca foi empurrada para a palma da sua mão.

“ÀS PRIMEIRAS VEZES!” Godfrey exclamou.

“ÀS PRIMEIRAS VEZES!” Os outros repetiram em coro.

“Que sua vida seja preenchida com muitas primeiras vezes.” O mais alto exclamou. “Com exceção da primeira vez que estiver sóbrio!”

Todos eles riam escandalosamente enquanto bebiam.

Thor tomou um gole, então em seguida, tentou se safar baixando a caneca, mas Godfrey o pegou.

“Esse não é o jeito de se beber, menino!” Godfrey gritou. Ele deu um passo à frente, pegou a caneca, colocou-a nos lábios de Thor e todos os homens riram quando Thor engoliu tudo. Ele baixou a jarra vazia e então eles aplaudiram.

Thor sentiu tonturas. Ele estava começando a se sentir fora de controle e era mais difícil se concentrar. Ele não gostava da sensação.

Thor sentiu outro movimento em sua camisa, foi quando Krohn pôs a cabeça para fora.

“Bem, o que nós temos aqui?!” Godfrey gritou com admiração.

“É um filhote de leopardo.” Thor disse.

“Nós o encontramos caçando.” Reece acrescentou.

“Ele está com fome.” Thor disse. “Eu não sei bem como alimentá-lo.”

“Como?... Com cerveja, é claro!” O homem alto gritou.

“Tem certeza?” Thor perguntou. “Isso é bom para ele?”

“Claro!” Godfrey gritou. “É apenas lúpulo, garoto!”

Godfrey estendeu a mão, mergulhou seu dedo na espuma e o estendeu; Krohn se inclinou para a frente e o lambeu. Ele lambeu o dedo de Godfrey uma e outra vez.

“Está vendo?... Ele gosta!”

Godfrey de repente, puxou o dedo com um grito. Ele mostrou o sangue.

“Ele tem dentes afiados!” Godfrey exclamou — e os outros caíram na risada.

Thor abaixou-se, acariciou a cabeça de Krohn e inclinou sua caneca com o pouco que restava de sua bebida na boca do leopardo que a lambeu avidamente, então Thor resolveu conseguir-lhe uma comida mais apropriada. Ele esperava que Kolk permitisse que Khron ficasse no quartel e que ninguém da Legião se opusesse.

Os músicos mudaram sua canção e apareceram mais amigos de Godfrey. Eles se aproximaram; se juntaram a eles em uma nova rodada de bebidas e levaram Godfrey de volta para a multidão.

“Vejo você mais tarde, rapaz.” Godfrey disse para Reece, antes de partir. Então ele se virou para Thor: “Tomara que você passe mais tempo na taberna!”

“Tomara que você passe mais tempo no campo de batalha.” Kendrick replicou.

“Eu duvido muito que isso aconteça!” Godfrey disse e riu estrondosamente com o resto de seus compatriotas, enquanto desaparecia na multidão.

“Eles sempre celebram assim?” Thor perguntou a Reece.

“Godfrey? Ele tem estado nas tabernas desde que ele se entende por gente. Uma decepção para meu pai. Mas ele é feliz consigo mesmo.”

“Não, eu me refiro aos homens do Rei. A Legião. Há sempre uma excursão para a taberna?”

Reece balançou a cabeça.

“Hoje é um dia especial. A primeira caçada e o solstício de verão. Isso não acontece muitas vezes. Aproveite enquanto dura.”

Thor estava se sentindo cada vez mais desorientado enquanto olhava ao redor da sala. Esse não era o lugar onde ele desejava estar. Ele queria estar de volta ao quartel, treinando. Seus pensamentos derivaram mais uma vez para Gwendolyn.

“Conseguiu dar uma boa olhada nele?” Kendrick perguntou quando veio para o lado de Thor.

Thor olhou para ele perplexo.

“O homem na floresta, o que atirou a flecha.” Kendrick acrescentou.

Os outros se amontoaram perto deles, tentando ouvir à medida que ficavam sérios.

Thor tentou lembrar novamente, mas não podia. Tudo estava confuso.

“Quem dera.” Ele disse. “Tudo aconteceu tão rápido.”

“Talvez fosse apenas um dos outros homens rei, atirando em nossa direção, por acidente.” Disse O’Connor.

Thor abanou a cabeça.

“Ele não estava vestido como os outros. Ele usava uma capa toda preta com capuz. E ele só atirou uma flecha, apontou-a direto para Kendrick, então desapareceu. Eu lamento. Eu gostaria de ter podido ver.”

Kendrick balançou a cabeça, tentando pensar.

“Quem desejaria ver você morto?” Reece perguntou a Kendrick.

“Seria um assassino?” O’Connor perguntou.

Kendrick deu de ombros. “Eu não tenho inimigos, não que eu saiba.”

“Mas o Pai tem muitos.” Disse Reece. “Talvez alguém queira matar você para poder chegar a ele.”

“Ou talvez alguém o queira fora do caminho do trono.” Elden sugeriu.

“Mas isso é um absurdo! Eu sou um filho ilegítimo! Eu não posso herdar o trono!”

Enquanto todos eles balançavam a cabeça, tomando pequenos goles de cerveja e tentando desvendar o mistério, houve outro grito na sala e toda a atenção dos homens se dirigiu à escada que conduzia ao andar de cima. Thor olhou e viu uma fila de mulheres sair de um corredor superior, colocar-se ao lado do corrimão e olhar para a sala abaixo delas. Elas estavam seminuas e usavam uma maquiagem muito pesada.

Thor enrubesceu.

“Bem, olá rapazes!” chamou a mulher da frente, ela tinha um busto grande e vestia uma roupa de renda vermelha.

Os homens aplaudiram.

“Quem tem dinheiro para desfrutar a noite ?” Ela perguntou.

Os homens aplaudiram novamente.

Os olhos do Thor se arregalaram de surpresa.

“Isso aqui também é um bordel?” Ele perguntou.

Os outros se viraram e olharam para ele em silêncio, então caíram na risada.

“Meu Deus, como você é ingênuo!” Conval disse.

“Você vai me dizer que nunca esteve num bordel?” Conven disse.

“Aposto que ele nunca esteve com uma mulher!” Elden disse.

Thor sentiu que todos olhavam para ele e sentiu seu rosto ficar vermelho como um tomate. Ele queria desaparecer. Eles estavam certos: Ele nunca tinha estado com uma mulher. Mas ele nunca admitiria isso. Ele se perguntava se isso era tão muito óbvio.

Antes que ele pudesse responder, um dos gêmeos estendeu a mão, deu-lhe uma palmada firme nas costas e atirou uma moeda de ouro para a mulher que estava na escada.

“Eu acho que você já tem o seu primeiro cliente!” Ele gritou.

A sala aplaudiu e Thor, apesar de sua resistência, foi empurrado; puxando; e sentiu-se empurrado para a frente por dezenas de homens, através da multidão, escada acima. À medida que prosseguia, sua cabeça era invadida com o pensamento em Gwen. Quanto ele a amava. Como ele não queria estar com outra pessoa, além dela.

Ele queria dar volta e correr. Mas literalmente, não havia escapatória. Dezenas dos maiores homens que já tinha visto o empurravam para a frente

e não lhe permitiriam bater em retirada. Antes que ele percebesse, estava subindo os degraus no alto da escada, olhando para uma mulher mais alta do que ele, ela usava muito perfume e sorriu-lhe, o que fez apenas as coisas piorar. Thor estava bêbado. A sala estava girando, tudo absolutamente fora de controle e ele sentiu que em poucos segundos entraria em colapso.

A mulher se aproximou, puxou-o pela camisa e o levou com determinação para um quarto, batendo a porta detrás deles. Thor estava determinado a *não* ficar com ela. Ele mantinha em sua cabeça o pensamento em Gwen, trazendo-o para a frente. Não era assim que ele desejava viver sua primeira vez.

Mas sua mente não estava ouvindo. Ele estava tão bêbado. Ele mal conseguia ver agora. A última coisa de que ele lembrava-se, antes de desmaiar, era que ele estava sendo conduzido pela sala, até a cama da mulher e esperando alcançá-la antes de cair no chão.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

MacGil entreabriu os olhos, desperto devido às incessantes batidas em sua porta e imediatamente desejou que ele não tivesse acordado. Sua cabeça estava partindo. A forte luz solar brilhava através da janela do castelo aberto, ele percebeu que seu rosto estava enfiado em seu cobertor de pele de carneiro. Desorientado, ele tentou se lembrar. Ele estava em casa, em seu castelo. Ele tentou recordar a noite anterior. Lembrou-se da caça. Depois, de uma taberna na floresta. Havia bebido demais. De alguma maneira ele havia manejado as coisas de modo a chegar até ali.

Ele olhou para o lado e viu sua esposa, a Rainha, dormindo ao lado dele, debaixo das cobertas e despertando lentamente.

A batida ouviu-se novamente, seguida pelo barulho horrível de uma aldrava de ferro batendo.

“Quem poderia ser?” Ela perguntou, zangada.

MacGil estava pensando a mesma coisa. Ele lembrava-se de ter dado instruções específicas aos seus servos, para não despertá-lo — especialmente depois da caçada. Eles pagariam caro por isso.

Provavelmente era seu mordomo, com outro assunto financeiro insignificante.

“Parem de bater essa maldita porta!” MacGil finalmente rugiu, rolando para fora da cama, sentado com os cotovelos sobre os joelhos, as mãos na cabeça. Ele passou suas mãos pela barba e pelos cabelos desgrenhados e logo pelo seu rosto, em uma tentativa de despertar-se. A caçada e a bebida haviam tirado o melhor dele. Ele não era tão ágil como costumava ser. Os anos tinham cobrado seu tributo; ele estava exausto. Nesse momento, sentia vontade de deixar de beber para sempre.

Com um esforço supremo, obrigou-se a ficar de pé. Vestido apenas com seu robe, ele atravessou rapidamente a sala e finalmente chegou até a porta de trinta centímetros de espessura, agarrou o seu trinco de ferro e a abriu.

Ali estava seu maior general, Brom, ladeado por dois tenentes. Os tenentes inclinaram a cabeça em deferência, mas o general olhou bem para ele, um olhar triste no rosto. MacGil odiava quando ele lhe dava aquele olhar. Ele sempre significava notícias sombrias. Era em momentos como esse que ele odiava ser o Rei. O dia anterior tinha sido tão bom, uma

excelente caçada que lhe havia trazido lembranças do tempo em que ele era jovem e despreocupado. Especialmente de quando passava as noites na taberna. Agora, ser acordado assim, abruptamente, havia lhe roubado a ilusão de paz que ele tinha abrigado.

“Meu senhor, Eu lamento despertá-lo.” Brom disse.

“Você deveria mesmo.” MacGil rosnou. “Mais vale que haja sido por uma razão importante.”

“E é realmente.” Ele disse.

O Rei MacGil detectou a seriedade no rosto de Brom e virou-se e olhou para trás por cima do ombro para a sua rainha. Ela tinha voltado a dormir.

MacGil fez um gesto para que eles entrassem e então os levou por seu quarto vasto e através de outra porta em arco, os conduziu a uma câmara lateral, fechando a porta detrás dele de modo a não perturbar o descanso da Rainha. Às vezes, quando ele não tinha vontade de usar a Sala de Audiências, ele usava aquela pequena sala, com sua grande janela de vitrais e algumas cadeiras bastante confortáveis. A extensão da sala não chegava a vinte passos em cada direção.

“Meu senhor, os nossos espiões nos informaram sobre um contingente de homens de McCloud de cavalgando para o Leste, para o mar de Fabian. E os nossos informantes do Sul, relataram sobre uma caravana de navios do Império indo para o Norte. Eles certamente devem estar indo lá para reunir-se com os McClouds.”

MacGil tentou processar esta informação, seu cérebro dele movia-se muito lentamente em seu estado de embriaguez.

“E?” Ele espetou, impaciente, cansado. Ele estava tão exausto com as intermináveis maquinações e especulações e subterfúgios de sua corte.

“Se os McClouds realmente, estiverem se reunindo com o Império, só pode ser com um propósito.” Brom continuou. “Conspirar para cruzar o Canyon e derrubar o Anel.”

MacGil olhou para seu velho comandante, um homem que lutou ao lado dele por trinta anos e pôde ver a seriedade mortal em seus olhos. Também via o temor. Isso o perturbou; esse não era um homem que ele tinha visto mostrar temor diante de alguma coisa.

MacGil levantou-se lentamente até ficar totalmente de pé, sua altura era bastante considerável, ele virou-se; caminhou através da sala; foi até a janela e olhou para fora examinando a corte vazia no início da manhã e

meditou. Ele sabia, sempre soube, que um dia como esse ocorreria. Ele só não esperava que tivesse ocorrido tão cedo.

“Isso foi rápido.” Ele disse. “Até parece que foi ontem que minha filha casou-se com um dos seus príncipes. E agora você acha que eles já conspiram para nos derrubar?”

“Eu acho, Majestade.” Brom respondeu sinceramente. “Eu não vejo outra razão. Tudo indica que é um encontro pacífico. Não um encontro militar.”

MacGil lentamente balançou a cabeça.

“Mas não faz sentido. Eles não podem deixar o Império entrar. Por que fariam isso? Mesmo que por algum motivo eles conseguissem ajudar a baixar o escudo do nosso lado e abrissem uma brecha, então o que aconteceria? O Império estaria tão vulnerável quanto nós. Eles tampouco estariam a salvo. Eles com certeza sabem disso.”

“Talvez eles vão chegar a um acordo.” Brom retorquiu. “Talvez eles vão deixar o Império entrar, apenas em troca de seu apoio para nos atacar, assim os McClouds podem controlar o Anel.”

MacGil balançou a cabeça.

“Os McClouds são inteligentes o suficiente para isso. Eles são astutos. Eles sabem que o Império não é confiável.”

O general deu de ombros.

“Talvez eles queiram tanto controlar o Anel, que estão dispostos a arriscar-se a isso. Especialmente agora que eles têm a sua filha como sua rainha.”

MacGil pensava sobre isso. Sua cabeça latejava. Ele não queria lidar com isso agora. Não de manhã tão cedo.

“Então, o que propõe?” Ele perguntou já farto, cansado de toda a especulação.

“Nós poderíamos nos antecipar a isso Majestade e atacar os McClouds. O momento é esse.”

MacGil ficou boquiaberto.

“Logo depois que eu dei a minha filha para um deles em um casamento? Eu não creio.”

“Se nós não atacarmos...” Brom rebateu... “estaremos cavando nossas próprias sepulturas. Com certeza eles vão atacar-nos. Se não agora, então mais tarde. E se eles se juntarem com o Império, nós estaremos acabados.”

“Eles não podem cruzar as Highlands tão facilmente. Controlamos todos os pontos de difícil acesso. Seria um massacre. Mesmo com o apoio do Império.”

“O Império tem milhões de homens de sobra.” Brom respondeu. “Eles podem dar-se ao luxo de serem massacrados.”

“Mesmo com o escudo neutralizado...” MacGil disse “... Não seria tão fácil marchar com milhões de soldados pelo Canyon — ou através das Highlands, ou ainda aproximar-se de barco. Nós detectaríamos toda essa mobilização com antecedência. Teríamos um alarme.”

MacGil pensou.

“Não, nós não atacaremos. Mas por enquanto, nós daremos um passo prudente: redobraremos nossas patrulhas nas Highlands. Reforçaremos nossas fortalezas. E duplicaremos o número de espiões. Isso será tudo.”

“Sim, Majestade.” Brom disse, virando-se e deixando a sala rapidamente junto com os tenentes.

MacGil voltou-se para a janela, sua cabeça latejava. Ele palpava a guerra no horizonte, vindo a ele com a inevitabilidade de uma tormenta de inverno. Ele sentia, ademais, que não teria forma de evitá-la. Ele olhou ao seu redor, para seu castelo, para as pedras, para a impecável corte real que se espalhava diante de si e não pôde evitar pensar em quanto tempo tudo isso duraria.

O que ele não daria por uma bebida agora.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Thor sentiu um pé cutucando-o em suas costelas e lentamente abriu os olhos. Ele estava deitado de bruços sobre um monte de palha e por um momento não tinha ideia de onde estava. Sua cabeça parecia que pesava uma tonelada; sua garganta estava mais seca do que alguma vez tinha estado; seus olhos e cabeça estavam matando-o. Ele sentiu como se tivesse caído de um cavalo.

Ele foi empurrado novamente e quando ele se sentou, o quarto girou violentamente. Ele se inclinou e vomitou, engasgando uma e outra vez.

Um coro de risadas irrompeu a sua volta e ele olhou para cima para ver Reece, O'Connor, Elden e os gêmeos de pé ao seu redor observando-o.

“Finalmente a bela adormecida desperta!” Reece exclamou sorrindo.

“Não pensamos que você iria levantar-se.” O'Connor disse.

“Você se sente bem?” Elden perguntou.

Thor sentou-se, limpando a boca com as costas da sua mão, tentando processar tudo. Quando ele fez isso, Krohn, deitado a pouca distância, choramingou e correu para ele, pulando em seus braços e enterrando sua cabeça na camisa. Thor ficou aliviado ao vê-lo e feliz de tê-lo ao seu lado. Ele tentou se lembrar.

“Onde eu estou?” Thor perguntou. “O que aconteceu ontem à noite?”

Os três amigos riram.

“Eu tenho medo que você tenha bebido demais, meu amigo. Algumas pessoas não podem tolerar sua cerveja. Você não se lembra? A taberna?”

Thor fechou os olhos, esfregou suas têmporas e tentava lembrar-se de alguma coisa. As coisas vinham em ondas. Ele se lembrava da caçada... De entrar na taberna... Das bebidas. Lembrou-se de estar sendo levado pelas escadas acima... Do bordel. Depois disso, tudo era negro.

Seu coração acelerou quando ele pensou em Gwendolyn. Teria ele feito algo estúpido com aquela garota? Tinha ele arruinado suas chances com Gwen?

“O que aconteceu?” Ele perguntou insistentemente a Reece, sério, apertando seu pulso. “Por favor, me diga. Diga-me que eu não fiz nada com aquela mulher.”

Os outros riram, mas Reece olhou para seu amigo sério, percebendo quão chateado ele estava.

“Não se preocupe, amigo.” Ele respondeu. “Você não fez nada de errado, de jeito nenhum. Exceto vomitar e desmaiar no chão!”

Os outros riram novamente.

“Foi demais para ser a primeira vez.” Elden disse.

Mas Thor se sentiu profundamente aliviado. Ele não tinha ofendido Gwen.

“Essa foi a última vez que você pagou para ter uma mulher!” Disse Conval.

“Um perfeito desperdício de dinheiro.” Disse Conven. “Ela não iria mesmo devolvê-lo!”

Os garotos riram novamente. Thor foi humilhado, mas estava aliviado por não ter arruinado tudo.

Ele tomou o braço de Reece e puxou-o de lado. “Sua irmã”... Ele sussurrou, com urgência... “Ela não sabe sobre nada disso, não é?”

Reece abriu um sorriso lento quando ele colocou um braço em volta do ombro de Thor..

“Seu segredo estaria seguro comigo, mesmo que você tivesse feito algo. Ela não sabe. Agora eu posso ver o quão profundamente você se importa com ela e aprecio isso.” Ao dizer isso, o seu rosto assumiu uma expressão séria. “Eu posso ver agora que você realmente se importa com ela. Se você tivesse dormido com aquela prostituta, não seria o tipo de cunhado que eu gostaria de ter. De fato, me pediram para entregar-lhe esta mensagem.”

Reece enfiou um pequeno rolo na palma de Thor, que o olhou confuso. Ele viu o selo real sobre ele, o papel cor de rosa e soube. Seu coração acelerou.

“Da minha irmã.” Reece acrescentou.

“Opa!” Ouviu-se um coro de vozes..

“Alguém recebeu uma carta de amor!” O’Connor disse.

“Leia-a para nós!” Elden gritou.

Os outros riram.

Mas Thor, querendo privacidade, dirigiu-se apressado para um lado do quartel, longe dos outros. Sua cabeça latejava e a sala ainda girava — mas ele não se importava mais. Ele desenrolou o pergaminho delicado e leu a nota com as as mãos trêmulas.

“Encontre-me em Forest Ridge ao meio dia. Não se atrase. “Seja discreto, não atraia a atenção.”

Thor meteu a nota em seu bolso.

“O que a carta diz, pombinho?” Conven exclamou.

Thor se aproximou de Reece, sabendo que podia confiar nele.

“A Legião não tem nenhuma prática hoje?” Thor perguntou.

Reece abanou a cabeça. “Claro que não. É um feriado.”

“Onde fica Forest Ridge?” Thor perguntou.

Reece sorriu. “Ah, o lugar favorito de Gwen.” Ele disse. “Pegue a estrada que sai da corte em direção ao Leste e siga-a, suba a colina, ela fica logo após o segundo morro.”

Thor olhou para Reece.

“Por favor, não quero que ninguém saiba.”

Reece sorriu.

“Tenho certeza de que ela tampouco quer isso. Se a minha mãe descobrisse, ela mataria ambos. Ela iria trancar minha irmã em seu quarto e você seria exilado para o extremo Sul do reino.”

Thor engoliu em seco ao pensar nisso.

“Sério?” Ele perguntou.

Reece assentiu de volta com a cabeça.

“Ela não gosta de você. Não sei por que, mas ela já pôs isso na cabeça. Vá rápido e não conte a ninguém. E não se preocupe.” Ele disse apertando sua mão. “Eu tampouco direi nada.”

*

Thor caminhou rapidamente na manhã adiantada, tentando fazer o possível para não ser visto, Krohn corria ao lado dele. Thor seguiu as instruções de Reece da melhor maneira possível, repetindo-as em sua cabeça enquanto se apressava ao passar pelos arredores da corte real, até chegar a uma pequena colina, ao longo da borda de uma floresta densa. À sua esquerda, o chão se abria abaixo dele, deixando-lhe como caminho uma trilha estreita na borda de um cume íngreme com um penhasco à sua esquerda e a floresta à sua direita. Forest Ridge. Ela lhe disse para encontrá-la ali. Será que ela estava falando sério? Ou ela estava apenas brincando com ele?

Será que aquele pomposo do Alton estava certo? Thor era apenas uma diversão para ela? Será que ela se cansaria dele em breve? Ele esperava, mais do que qualquer coisa, que esse não fosse o caso. Ele queria acreditar

que os sentimentos dela por ele eram verdadeiros; mas ele ainda tinha dificuldades para conceber como esse poderia ser o caso. Ela mal o conhecia. E era da realeza. Que interesse ela poderia ter nele? Sem falar que ela era um ou dois anos mais velha e nunca antes uma menina mais velha tinha se interessado por ele; na verdade, nenhuma garota tinha demonstrado interesse por ele. Tampouco havia muitas meninas para escolher em sua pequena aldeia.

Thor nunca tinha pensado muito em garotas. Ele não fora criado com nenhuma irmã e havia poucas garotas de sua idade na sua aldeia. Na sua idade, nenhum dos outros meninos parecia muito preocupado. A maioria dos meninos parecia casar-se em torno de seu décimo oitavo ano, em casamentos arranjados, que realmente eram mais como acordos comerciais. Os homens de alto escalão que não estavam casados em seu vigésimo quinto ano tinham o seu Dia de Seleção: eles eram obrigados a optar entre uma noiva local ou sair e encontrar uma fora. Mas isso não se aplicava a Thor. Ele era pobre e as pessoas de sua posição geralmente se casavam buscando uma união que beneficiasse as famílias. Era como negociar com gado.

Mas quando Thor viu Gwendolyn, tudo isso mudou. Pela primeira vez, ele havia sido atingido por algo, um sentimento tão profundo, forte e urgente que não lhe permitia pensar em mais nada. Cada vez que ele a tinha visto, esse sentimento tinha ficado mais profundo. Ele mal podia entendê-lo e lhe doía estar longe dela.

Thor dobrou o ritmo ao longo do cume, procurando por ela em todos os lugares, perguntando-se exatamente onde ela iria encontrá-lo — ou se ela iria se encontrar com ele depois de tudo. O primeiro sol ficou mais alto e a primeira gota de suor formou-se em sua testa. Ele ainda se sentia doente e enjoado com efeitos da noite anterior. Quando o sol cresceu ainda mais e sua busca por ela estava se mostrando inútil, ele começou a se perguntar se ela realmente estava indo ao seu encontro. Ele também começou a se perguntar a que perigo eles estavam se expondo. Se a sua mãe, a Rainha, realmente estivesse contra isso, ela realmente o mandaria expulsar do reino? Da Legião? De tudo o que ele tinha vindo a conhecer e amar? Então, o que ele faria?

Enquanto pensava sobre isso, ele decidiu que tudo ainda valia à pena, simplesmente pela chance de estar com ela. Ele estava disposto a arriscar tudo por essa chance. Ele só esperava que ele não estivesse sendo feito de

bobo, ou tirando conclusões precipitadas sobre o quão forte eram os sentimentos dela por ele.

“Você ia passar por mim e me deixar de lado?” Ouviu-se uma voz, seguida de uma risada.

Thor pulou, pego de surpresa, então parou e se virou. De pé, à sombra de um enorme pinheiro, sorrindo de volta, estava Gwendolyn. Seu coração se elevou com aquele sorriso. Ele podia ver o amor nos olhos dela e todas as suas preocupações e medos se dissiparam instantaneamente. Ele repreendeu a si mesmo pela forma como ele tinha sido tão estúpido por interpretar mal as intenções dela.

Krohn deu um pequeno grunhido com a visão dela.

“E o que nós temos aqui?!” Ela gritou deleitada.

Ela ajoelhou-se e Krohn veio correndo até ela, pulando em seus braços com um gemido; Ela o pegou e o segurou, acariciando-o.

“Ele é tão lindo!” Ela disse, abraçando-o apertadamente. Ele lambeu o rosto dela. Ela riu e beijou-o de volta.

“E qual é seu nome, amiguinho?” Ela perguntou.

“Krohn.” Thor disse. Finalmente, desta vez, sua língua não travou como antes.

“Krohn.” Ela repetiu, olhando nos olhos do filhote. “E é todo dia que você viaja com um amigo leopardo?” Ela perguntou a Thor com um riso.

“Eu o encontrei.” Thor disse, sentindo-se constrangido ao lado dela, como ele sempre se sentia. “No bosque — durante a caçada. Seu irmão disse que eu devia mantê-lo, porque eu o encontrei. Porque isso estava destinado.”

Ela olhou para ele e sua expressão se tornou séria.

“Bem, ele está certo. Os animais são coisas muito sagradas. Você não os encontra. Eles encontram você.”

“Espero que não se importe se ele se juntar a nós.” Thor disse.

Ela riu.

“Eu ficaria triste se ele *não* se juntasse.” Ela respondeu.

Ela olhou para ambos os lados, como se quisesse estar certa de que não estava sendo observada. Então estendeu a mão, agarrou a mão de Thor e puxou-o para o bosque.

“Vamos.” Ela sussurrou. “Antes que alguém nos veja.”

Thor estava eufórico com a sensação do seu toque, quando ela guiou-o para a trilha da floresta. Dirigiram-se rapidamente para lá, o caminho

torcendo e serpenteando entre pinheiros gigantes. Ela soltou a mão dele, mas ele não esqueceu a sensação dela na sua.

Ele estava começando a se sentir mais confiante de que ela realmente gostava dele; era óbvio que ela não queria ser vista também. Provavelmente por sua mãe. Estava claro que ela levava tudo muito a sério, já que ela também corria riscos ao encontrar-se com ele.

Então, novamente, Thor pensou: talvez ela apenas não quisesse ser vista por Alton — ou por quaisquer outros rapazes com quem ela pudesse estar. Talvez Alton estivesse certo. Talvez ela tivesse vergonha de ser vista com Thor.

Thor sentia todas essas emoções misturadas girarem como um redemoinho dentro dele.

“O gato comeu sua língua, foi?” Ela perguntou, finalmente rompendo o silêncio.

Thor se sentiu partir; ele não queria se arriscar a estragar tudo lhe dizendo o que passava por sua cabeça — mas ao mesmo tempo, ele sentia que precisava acabar com suas preocupações. Ele precisava saber quais eram os sentimentos dela. Ela já não pôde mais aguentar e falou.

“Depois que nos vimos anteriormente, quando nos separamos, eu me encontrei com Alton. Ele me confrontou.”

A expressão de Gwendolyn ficou sombria; seu ânimo de repente, ficou arruinado — e Thor imediatamente se sentiu culpado por ter trazido isso à tona. Ele estimava sua boa natureza, sua alegria e desejou que ele pudesse voltar atrás. Ele quis parar, mas era tarde demais. Agora não tinha como retirar o que ele tinha dito.

“E o que ele disse?” Ela perguntou. Sua voz lhe falhava.

“Ele me disse para ficar longe de você. Ele me disse que você não gosta de mim de verdade. Ele me disse que eu era apenas um objeto de diversão para você. Que você se cansará de mim em um dia ou dois. Ele também disse que vocês iam casar-se e que seu casamento já foi arranjado.”

Gwendolyn soltou uma risada zombeteira.

“Então ele disse isso?” Ela espetou. “Esse garoto é a criatura mais chata, arrogante e insuportável do mundo.” Ela acrescentou com bronca. “Ele tem sido uma pedra em meu sapato desde que eu comecei a caminhar. Só porque nossos pais são primos, ele pensa que é parte da família real. Nunca conheci ninguém que merecesse menos esse direito do que ele. Para piorar as coisas, ele pôs na cabeça que de alguma maneira nós estamos destinados a casar-

nos. Como se seu concordasse com tudo o que os meus pais me forçassem a fazer. Nunca. E certamente não com ele. Eu não aguento nem mesmo vê-lo.”

Thor se sentiu tão aliviado com suas palavras, sentiu-se uma tonelada mais leve; ele tinha vontade de cantar bem alto. Eram exatamente as palavras que ele tinha desejado ouvir. Agora ele sentia pena porque que ele a havia chateado, sem razão. Mas ainda não estava completamente satisfeito; Thor notou que ela ainda não tinha dito nada sobre se ela realmente gostava dele.

“Para que *você* saiba...” Ela disse, olhando para ele rapidamente e logo desviando o olhar... “Eu mal conheço você. O que eu menos preciso agora é ser pressionada sobre meus sentimentos. Mas eu diria que eu não acho que passaria tempo com você se eu o odiasse tanto. Claro que é meu direito mudar de ideia quando eu quiser; eu posso ser inconstante — mas não quando se trata de amor.”

Isso era tudo o que Thor precisava ouvir. Ele estava impressionado por sua seriedade e ainda mais impressionado com a palavra que ela escolheu: “amor.” Ele se sentia renovado.

“E casualmente, eu também espero o mesmo de você.” Ela disse, virando o jogo. “De fato, acho que tenho muito mais a perder do que você. Afinal, sou da realeza e você é plebeu. Eu sou mais velha e você é mais jovem. Você não acha que de nós dois, *eu* deveria ser a mais reservada?”

Chegaram a mim, na corte, rumores sobre suas atividades, sua ascensão social, de que você está apenas me usando, que está ávido de prestígio. Rumores sobre seu desejo de obter o favor do Rei. Deveria eu, acreditar em tudo isso?”

Thor ficou horrorizado.

“Não, minha senhora! Jamais. Essas coisas nunca passaram por minha cabeça. Estou com Vossa alteza, simplesmente porque não posso pensar em estar em qualquer outro lugar. porque eu quero apenas estar ao seu lado. Somente porque quando não estou com Vossa alteza, eu não penso em nada mais.”

Um pequeno sorriso brincava nos lábios dela e ele podia ver a sua expressão começando a iluminar-se.

“Você é novo aqui.” Ela disse. “Você é novo na corte do rei, na vida real. Você precisa de tempo para ver como as coisas realmente funcionam. Aqui, ninguém diz as coisas como elas são. Todo mundo tem planos ocultos. Todo

mundo está querendo poder — ou posição social, ou riqueza, ou riquezas ou títulos. Ninguém é o que aparenta ser. Todo mundo tem seus próprios espiões, facções e planos. Quando Alton disse que meu casamento já foi arranjado, por exemplo, o que ele realmente estava fazendo, era tentar descobrir quão unidos você e eu somos. Ele se sente ameaçado. E ele pode estar informando a alguém. Para ele, o casamento não significa amor. É uma união, puramente por vantagens financeiras, por prestígio, por propriedades. Em nossa corte real, nada é o que parece.”

De repente, Krohn passou por eles correndo pela a trilha da floresta e chegou a uma clareira.

Gwen olhou para Thor e deu uma risadinha; Ela estendeu a mão, agarrou a mão dele e correu com ele.

“Vamos!” Ela gritou, animada.

Os dois percorreram a trilha e penetraram na enorme clareia, rindo. Thor foi surpreendido pela visão: era uma pradaria bonita preenchida com flores silvestres de todas as cores possíveis, que cresciam até os seus joelhos. Pássaros e borboletas de todas as cores e tamanhos dançavam e voavam no ar e o prado estava vivo com o som dos pássaros chilreando. O sol brilhava e o lugar se parecia a um esconderijo, um lugar secreto, oculto ali em meio a um bosque alto e escuro.

“Alguma vez você brincou de cabra-cega?” Ela perguntou com um risinho.

Thor abanou a cabeça e antes que ele pudesse responder, ela tomou um lenço de seu pescoço, estendeu a mão e vendou-lhe olhos. Ele não podia ver e ela riu alto em seu ouvido.

“Você é a cabra-cega!” Ela disse.

Então ele a ouviu sair correndo pela grama.

Ele sorriu.

“E agora o que eu faço?” Ele exclamou.

“Encontre-me!” Ela respondeu.

Sua voz já estava bem longe.

Thor, vendado, começou a correr atrás dela, tropeçando enquanto a seguia. Ele escutava atentamente o farfalhar do vestido, tentando seguir sua direção. Era difícil e ele correu com as mãos estendidas para a frente, pensando sempre que ele poderia esbarrar em uma árvore, mesmo sabendo que era um prado aberto. Em pouco tempo, ele estava desorientado, e sentia como se estivesse correndo em círculos.

Mas ele continuou a ouvir, ouvir o som da sua risada longe, e continuou correndo para ela. Algumas vezes parecia estar mais perto, logo mais longe. Ele estava começando a ficar tonto.

Ele ouvia Krohn, correndo ao lado dele, uivando e em vez dela, ele escutava Krohn, seguindo seus passos. Quando ele fez isso, a risadinha de Gwen ficou mais alta e Thor percebeu que Krohn estava guiando-o até ela. Ele estava espantado com a inteligência de Krohn, ao unir-se a eles no jogo.

Em breve, ele podia ouvi-la a poucos metros; ele a perseguia, ziguezagueando por cada um dos caminhos através do campo. Ele estendeu a mão e ela gritou de alegria quando ele pegou o canto do seu vestido. Quando ele a agarrou, tropeçou e os dois caíram no campo macio. Thor girou no último segundo, de modo que ele pudesse cair primeiro amortecendo a queda dela quando ela caísse sobre ele. Quando Thor caiu no chão, Gwen caiu sobre ele, ela deu um gritinho de surpresa. Ela ainda estava rindo quando estendeu a mão e puxou o lenço para trás.

O coração de Thor estava batendo com força quando ele viu o rosto dela a apenas alguns centímetros do dele. Ele sentiu o peso do corpo dela em seu vestido de verão fino, sobre o dele. Sentia cada contorno do seu corpo. Todo o peso dela pressionado sobre ele. Ela não fez nenhum movimento para resistir. Ela olhava nos olhos dele, respirando debilmente e não desviou o olhar. Ele tampouco. O coração de Thor batia tão rápido. Ele estava com dificuldades para focar-se.

De repente, ela se inclinou e colocou seus lábios sobre os de Thor. Eles eram mais suaves do que ele poderia imaginar e quando eles se encontraram, pela primeira vez em sua vida, ele sentiu-se verdadeiramente vivo.

Ele fechou os olhos e ela fechou os dela, eles não se moviam, seus lábios se encontrando, por quanto tempo ele não sabia. Ele queria congelar este momento.

Finalmente, lentamente, ela se afastou. Ela ainda sorria quando abriu os olhos lentamente. Ela ainda estava deitada ali, o corpo sobre o dele.

Eles ficaram deitados assim por muito tempo, olhando nos olhos um do outro.

“De onde você veio?” Ela perguntou, suavemente, sorrindo.

Ele sorriu de volta. Ele não sabia como responder.

“Eu sou só um garoto normal.” Ele disse.

Ela balançou a cabeça e sorriu.

“Não, você não é. Eu posso senti-lo. Eu suspeito que você esteja longe, muito longe de ser isso.”

Ela se inclinou e beijou-o novamente, seus lábios encontraram os dela, dessa vez, por muito mais tempo. Ele estendeu a mão e passou-a pelos cabelos dela e ela devolveu-lhe o gesto carinhoso. A mente dele não podia parar de voar.

Ele já se perguntava como isso acabaria. Poderiam eles estar juntos, com todas as forças entre eles? Seria possível que eles chegassem a ser realmente um casal?

Thor esperava, mais do que tudo em sua vida, que eles pudessem. Ele queria estar com ela agora, muito mais do que ele queria estar na Legião.

Enquanto ele estava imerso nesses pensamentos, se ouviu um ruído repentino na grama e os dois, assustados, se viraram. Krohn pulou através da grama a apenas metros de distância, logo ouviram outro ruído indistinto. Krohn ganiu, logo rosnou — e depois eles ouviram um ruído sibilante. Finalmente, se fez o silêncio.

Gwen rolou, saindo de cima de Thor, ambos se sentaram e olharam. Thor saltou, protegendo Gwen, imaginando o que poderia ser. Ele não viu ninguém. Mas alguém — ou algo — devia estar ali, a poucos metros de distância, na erva alta.

Krohn apareceu diante deles e em sua boca, em seus pequenos dentes afiados, balançava uma cobra branca enorme, mole. Devia ter três metros de comprimento, era grossa como um grande galho de árvore e sua pele era brilhante e branca.

Thor em um instante percebeu o que tinha acontecido: Krohn tinha poupado os dois de um ataque desse réptil mortal. Seu coração batia apressado cheio com gratidão para com o filhote.

Gwen engasgou.

“Uma cobra das costas brancas.” Ela falou. “O réptil mais letal de todo o Reino.”

Thor olhou para ela com assombro.

“Pensei que essa cobra não existisse. Eu pensei que era apenas uma lenda.”

“É muito rara.” Gwen disse. “Eu tinha visto apenas uma em minha vida. No dia em que o meu avô morreu. Isso é um presságio.”

Ela se virou e olhou para Thor.

“Isso significa que a morte está vindo. A morte de alguém muito próximo.”

Thor sentiu um calafrio na espinha. Uma brisa fria repentina percorreu o prado nesse dia de verão e ele soube, com certeza absoluta, que ela tinha razão.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Gwendolyn caminhava sozinha pelo castelo, tomando a escada em caracol, dando as voltas em seu caminho para a ala superior. Sua mente em disparada com o pensamento em Thor. De sua caminhada. Do seu beijo. E então, da serpente.

Ela ardia com tantas emoções contraditórias. Por um lado, Ela tinha sido muito feliz com ele; por outro, ela estava aterrorizada por aquela cobra, pelo presságio de morte que ela trazia. Mas ela não sabia para quem e não podia tirar isso de sua cabeça. Ele temia que fosse alguém de sua família. Poderia ser um de seus irmãos? Godfrey? Kendrick? Poderia ser a mãe dela? Ou, ela estremeceu até mesmo de pensar, o pai dela?

A visão da cobra tinha projetado uma sombra sinistra no seu dia alegre e abalou totalmente o seu bom humor, eles tinham sido incapaz de recuperá-lo. Eles fizeram o caminho de volta para a corte, por caminhos separados, antes de sair do bosque, de modo a não serem vistos. A última coisa que ela queria era que sua mãe os pegasse. Mas Gwen não iria desistir de Thor tão facilmente e ela encontraria uma forma de combater a mãe; ela precisava de tempo para criar sua estratégia.

Tinha sido doloroso despedir-se de Thor; pensando nisso, ela se sentiu mal. Ela queria perguntar-lhe se ele iria vê-la novamente, tinha intenção de fazer planos para outro dia. Mas ela tinha estado em um torpor, tão perturbada pela visão da cobra, que tinha esquecido. Agora, ela temia que ele pensasse que ela não gostava dele.

Assim que ela chegou à Corte do Rei, os servos de seu pai a convocaram. Ela estava subindo degraus desde então, seu coração batendo, se perguntando por que ele queria vê-la. Tinha ela tinha sido flagrada com Thor? Não poderia haver nenhuma outra razão para que seu pai desejasse vê-la com tanta urgência. Será que ele também, iria proibi-la de ver Thor? Ela mal podia imaginar que ele fizesse isso... Ele sempre estava do lado dela.

Gwen, quase sem fôlego, finalmente chegou ao topo. Ela correu pelo corredor, passou pelos atendentes, que a cumprimentaram com uma reverência e abriram-lhe a porta para os aposentos do seu pai. Outros dois servos, esperando do lado de dentro, se inclinaram diante da presença dela.

“Deixem-nos a sós.” Seu pai disse para eles.

Eles se curvaram e deixaram o quarto, fechando a porta atrás deles com um eco reverberante.

O pai dela levantou-se de sua mesa, um grande sorriso no rosto e seguiu em direção do outro lado da vasta câmara. Ela se sentiu à vontade, como sempre, ao vê-lo e se sentiu aliviada ao não ver nenhuma raiva em sua expressão.

“Minha Gwendolyn.” Ele disse.

Ele estendeu os braços e deu-lhe um grande abraço. Ela abraçou-o de volta e ele dirigiu-a para duas cadeiras enormes, colocadas em um ângulo ao lado da lareira. Vários cães de grande porte, cães de caça, a maioria dos quais ela conhecia desde a infância, saíram do seu caminho enquanto caminhavam em direção ao fogo. Dois deles seguiram-na e apoiaram suas cabeças no colo dela. Ela estava feliz pelo fogo: o clima tinha se tornado extraordinariamente frio para um dia de verão.

O pai dela se inclinou em direção ao fogo, olhando as chamas, enquanto elas estalavam diante deles.

“Você sabe por que eu a convoquei?” Ele perguntou.

Ela procurou o seu rosto, Mas ainda não tinha certeza.

“Não sei Pai.”

Ele a olhou com surpresa.

“Nossa discussão do outro dia. Com seus irmãos. Sobre a realeza. Isso é o que eu queria discutir com você.”

O coração da Gwen cresceu com alívio. Isso não se tratava de Thor. Tratava-se de política. Política estúpida, com a qual ela não podia importar-se menos. Ela suspirou de alívio.

“Você parece aliviada.” Ele disse. “O que pensava que íamos discutir?”

Seu pai era tão perceptivo; ele sempre tinha sido. Ele era uma das poucas pessoas que poderiam lê-la através dela como a um livro. Ela tinha de ser cuidadosa perto dele.

“Nada, Pai.” Ela disse rapidamente.

Ele sorriu novamente.

“Então, diga-me. O que acha da minha escolha?” Ele perguntou.

“Escolha?” Ela perguntou.

“De minha herdeira! Para o Reino!”

“O senhor quer dizer, eu?” Ela perguntou.

“Quem mais?” Ele riu.

Ela corou.

“Pai, eu estava no mínimo surpresa, por assim dizer. Eu não sou o primogênito. E eu sou uma mulher. Eu não sei nada de política. E não me interessa por isso — ou por governar um reino. Eu não tenho nenhuma ambição política. Não sei por que o senhor me escolheu.”

“Foi precisamente por essas razões.” Ele disse com uma expressão bastante séria. “Foi porque você não aspira ao trono. Você não quer a realeza. E porque você não sabe nada de política.”

Ele respirou profundamente.

“Mas você conhece a natureza humana. Você é muito perspicaz. Você herdou isso de mim. Você tem a sagacidade de sua mãe e minha habilidade com as pessoas. Você sabe como julgá-las; você pode ver através delas. E é disso que um rei precisa. Conhecer a natureza dos outros. Não se precisa de mais nada. O resto é artifício. Conhecer o seu povo. Entendê-lo. Ser bom para ele. Confiar em seus instintos. Isso é tudo.”

“Certamente, deve-se requerer mais para governar um reino que isso.” Ela disse.

“Não necessariamente.” Ele disse. “Tudo se deriva disso. As decisões vão derivar-se disso.”

“Mas pai, o senhor está esquecendo que, primeiro, não tenho vontade de governar, em segundo lugar, você não vai morrer. Essa é apenas uma tradição tola, ligada ao dia do casamento do seu filho mais velho. Por que apegar-se a isso? Eu preferiria nem falar nisso, ou pensar nisso. Eu desejo que esse dia nunca chegue — o dia em que tenha de vê-lo passar o trono. Então tudo isso é irrelevante.”

Ele limpou a garganta, se via sério.

“Eu falei com Argon, ele vê um futuro escuro para mim. Eu mesmo o sinto assim. Eu devo preparar-me.” Ele disse.

Gwen sentiu seu estômago apertar.

“Argon é um tolo. Um feiticeiro. Metade do que ele diz não chega a acontecer. Ignore-o. Não ceda aos seus presságios bobos. O senhor está bem. O senhor viverá para sempre.”

Mas ele abanou lentamente a cabeça e ela podia ver a tristeza em seu rosto, Ela sentiu seu estômago apertar ainda mais.

“Gwendolyn, minha filha, Eu a amo. Eu necessito que você esteja preparada. Eu quero que você seja o próximo governante do Anel. Eu estou falando sério. Isso não é um pedido. É uma ordem.”

Ele olhou para ela com tal seriedade, seus olhos escurecendo, isso a assustou. Ela nunca tinha visto aquele olhar no rosto do seu pai antes.

Ela sentiu seus olhos cheios d'água, estendeu a mão e secou uma lágrima.

“Desculpe-me se eu a perturbei.” Ele disse.

“Então pare de falar nisso.” Ela disse chorando. “Eu não quero que você morra.”

“Desculpe-me, mas eu não posso. Eu necessito que você me responda.”

“Pai, eu não quero insultá-lo.”

“Então diga que sim.”

“Mas como eu poderia realmente governar?” Ela argumentou.

“Não é tão difícil quanto você pensa. Você estará rodeada de assessores. A primeira regra é não confiar em nenhum deles. Confie em si mesma. Você pode fazer isso. Sua falta de conhecimento, sua ingenuidade — isso é o que fará você grande. Você tomará decisões genuínas. Prometa-me.” Ele insistiu.

Ela olhou nos seus olhos e viu o quanto isso significava para ele. Ela desejava mudar de assunto, com o objetivo de simplesmente apaziguar sua morbidade e animá-lo.

“Está bem. Eu lhe prometo.” Ela disse apressadamente. “Isso faz com que se sinta melhor?”

Ele se inclinou para trás e ela pôde vê-lo muito mais aliviado.

“Sim.” Ele disse. “Obrigado.”

“Bom, agora podemos falar de outras coisas? Coisas que realmente podem acontecer?” Ela pediu.

O pai dela inclinou-se para trás e riu estrondosamente; ela havia tirado um enorme peso de seus ombros.

“É por isso que eu a amo.” Ele disse. “Sempre tão feliz. Sempre capaz de me fazer rir.”

Ele a examinou... E ela podia sentir que ele estava à procura de algo.

“Você parece extraordinariamente feliz.” Ele disse. “Há um garoto no cenário?”

Gwen corou. Ela se levantou e caminhou até a janela, ficando de costas para ele.

“Desculpe-me Pai, mas esse é um assunto privado.”

“Não é privado se você vai governar o meu Reino.” Ele disse. “Porém eu não vou me intrometer. No entanto, sua mãe solicitou uma audiência com

você e presumo que ela não será tão branda. Vou deixar passar. Mas prepare-se.”

Ela sentiu um aperto no estômago e voltou-se olhando pela janela. Ela odiava aquele lugar. Ela desejava poder estar em outra parte. Em uma aldeia simples, em uma fazenda simples, vivendo uma vida simples com Thor. Longe de tudo isso, de todas essas forças que tentavam controlá-la.

Ela sentiu uma mão suave em seu ombro e se virou para ver o seu pai ali, sorrindo.

“Sua mãe pode ser feroz. Mas seja o que for que ela decidir, você sabe que eu estarei do seu lado. Em matéria de amor, deve ser permitido escolher livremente.”

Gwen estendeu a mão e abraçou o pai. Naquele momento, ela o amava mais que tudo. Ela tentou empurrar o presságio da cobra de sua mente, rezando, com toda sua alma para que não estivesse dirigido ao seu pai.

*

Gwen deu a volta e seguiu corredor após corredor, passou pelo conjunto de vitrais, indo em direção à sala da mãe. Ela detestava ser convocada pela mãe, odiava sua maneira controladora. Em muitos aspectos, a mãe dela era realmente quem governava o Reino. Ela era mais forte do que o pai em muitas maneiras, era mais firme, cedia menos facilmente. Claro que o Reino não tinha ideia; ele aparentava ser forte, parecia ser o sábio.

Mas quando ele voltava para o castelo, atrás de portas fechadas, era a ela a quem ele recorria em busca de conselho. Ela era a mais sábia. A mais fria. A mais calculista. A mais durona. A mais destemida. Ela era uma rocha. Governava sua grande família com punho de ferro. Quando queria alguma coisa, especialmente quando metia na cabeça que isso seria para o bem da família, ela se assegurava de consegui-la.

E agora a vontade de ferro da mãe estava prestes a girar em sua direção; ela já estava preparando-se para o confronto. Ela sentiu que tinha algo a ver com sua vida amorosa e temia que ela tivesse sido flagrada com Thor. Mas ela estava resolvida a não desistir — sem importar a que custo. Se ela tivesse que deixar esse lugar, ela o faria... A mãe seria capaz de colocá-la no calabouço para proteger tudo o que mais lhe importasse.

Quando Gwen se aproximou dos aposentos de sua mãe, a enorme porta de carvalho foi aberta por seus servos, os quais abriram caminho para que ela passasse, ela entrou e fechou a porta atrás de si.

A sala da mãe dela era muito menor que a do seu pai, mais íntima, com grandes tapetes; uma pequena mesa com um jogo de chá e uma mesa de jogos ao lado de uma lareira, várias cadeiras de um delicado veludo, amarelo estavam dispostas ao lado dela. A mãe sentou-se em uma das cadeiras, de costas para Gwen, apesar de haver estado esperando-a. Ela olhava para o fogo, enquanto sorvia seu chá e moveu uma das peças do tabuleiro de jogo. Atrás dela, havia duas damas de companhia, uma cuidando dos seus cabelos e a outra apertando os laços da parte de trás do vestido.

“Venha criança!” Ouviu-se a voz séria da mãe chamá-la.

Gwen odiava quando sua mãe fazia isso — manter a pose na frente de seus servos. Ela desejava que a mãe os dispensasse, tal como o seu pai fez enquanto eles conversavam. Era o mínimo que ela podia fazer pela privacidade e decência. Mas a mãe nunca agia assim. Gwen concluiu que era um jogo de poder, mantendo seus servos em torno dela, escutando, assim ela mantinha a Gwen em seu devido lugar.

Gwen não teve escolha senão atravessar a sala e sentar-se em uma das cadeiras de veludo, em frente da sua mãe, ao lado do fogo. Outro dos jogos de poder da mãe: manter sua companhia aquecida também, com a guarda baixa pelo calor das chamas.

A rainha não olhou para ela; em lugar disso, ela olhou para o jogo de tabuleiro, empurrando uma das suas peças de marfim do intrincado jogo.

“Sua vez.” Disse sua mãe.

Gwen olhou para o tabuleiro; ela ficou surpresa de que sua mãe ainda tivesse essa partida sem terminar. Ela lembrou que ela tinha as peças marrons, mas não tinha jogado este jogo com a mãe em semanas. A mãe dela era boa com os peões — porém Gwen era melhor ainda. Sua mãe odiava perder e ela claramente, tinha estado analisando esse tabuleiro por um bom tempo, esperando fazer a jogada perfeita. Agora que Gwen estava ali, ela fez sua jogada.

Ao contrário de sua mãe, Gwen não precisava estudar o tabuleiro. Bastou dar uma olhadela e Gwen visualizou a jogada em sua cabeça. Ela estendeu a mão e moveu uma das peças marrons para um lado e por todo o caminho através do tabuleiro. Colocando sua mãe em uma posição que a levaria a perder.

A mãe olhou para o tabuleiro, o rosto sem expressão exceto por um movimento leve de sobrancelha, o qual Gwen sabia, indicava desânimo.

Gwen era mais inteligente e sua mãe nunca iria aceitar isso.

Sua mãe limpou a garganta, estudando o jogo, ainda sem olhar para ela.

“Eu sei tudo sobre suas aventuras com aquele plebeu.” Ela disse irritada. “Você está me desafiando.” Sua mãe olhou para ela. “Por quê?”

Gwen respirou fundo, sentindo o estômago apertar-se, tentando elaborar a melhor resposta. Ela não iria ceder. Não desta vez.

“Minha vida privada não lhe incumbe.” Gwen respondeu.

“É mesmo? Incumbe-me e muito. Sua vida privada afeta a realeza. O destino desta família. O destino do Anel. Sua vida privada é política — tanto quanto você gostaria de esquecer. Você não é uma plebeia. *Nada* é privado no seu mundo. E nada é privado para mim.”

A voz da mãe era fria e inflexível e Gwen se ressentia a cada momento com essa visita. Não havia nada que ela pudesse fazer além de sentar lá e esperar que sua mãe terminasse. Ela sentia-se presa.

Finalmente, a mãe limpou sua garganta e falou:

“Já que você se recusa a me escutar, eu terei de tomar as decisões por você. Você não verá esse rapaz nunca mais. Se você o vir, eu farei com que ele saia da Legião, saia da Corte do Rei e volte para sua aldeia. Então terei de colocá-lo em um tronco — junto com toda a sua família. Ele vai cair em desgraça e você nunca vai saber dele novamente.”

A mãe olhava para ela, o lábio inferior tremendo de raiva.

“Está me entendendo?”

Gwen respirava agitadamente, pela primeira vez compreendia o mal que a mãe dela era capaz de fazer. Ela odiou a mãe mais do que era capaz de expressar. Gwen também captou os olhares nervosos dos servos. Era tão humilhante.

Antes que ela pudesse responder, a mãe continuou.

“Além disso, para evitar mais de seu comportamento imprudente, eu tenho tomado medidas para organizar uma união racional para você. Você se casará com Alton, no dia primeiro do próximo mês. Pode começar os preparativos do casamento. Prepare-se para viver como uma mulher casada. Isso é tudo.” Sua mãe disse displicentemente, voltando-se para o tabuleiro do jogo como se ela tivesse tratado o mais trivial dos assuntos.

Gwen estava enfurecida, queimava por dentro e quis gritar.

“Como se atreve.” Gwen respondeu; sua raiva aumentando. “Acaso pensa que eu sou uma marionete, para ser manipulada pela senhora? Acha mesmo que vou casar com qualquer um que me disser?”

“Eu não acho.” Sua mãe replicou. “Eu *sei*. Você é minha filha e você responde a mim. Você vai se casar exatamente com quem eu disser.”

“Não, eu não vou!” Gwen gritou em resposta. “E a senhora não poderá me obrigar! Meu pai disse que não poderá me obrigar!”

“Casamentos arranjados ainda são o direito de todos os pais neste Reino — e são certamente, o direito do rei e da rainha. É a postura de seu pai, mas você sabe tão bem quanto eu que ele sempre cede à minha vontade. Eu tenho os meus truques.”

A mãe olhou para ela fixamente.

“Então, como você vê, ele fará o que eu digo. Seu casamento é um fato. Nada pode detê-lo. Prepare-se para ele.”

“Eu não farei isso.” Gwen respondeu. “Nunca. E se me falar sobre isso outra vez, nunca falarei com a senhora novamente.”

A mãe olhou para cima e sorriu para ela, um sorriso frio e feio.

“Não me importo se você nunca mais falar comigo. Eu sou sua mãe, não sua amiga. E eu sou sua Rainha. Esse pode muito bem ser o nosso último encontro. Não importa. De todos os modos, você vai fazer o que eu digo. E vou ver você de longe, enquanto você vive a vida que planejei para você.”

A mãe voltou-se de volta para o seu jogo.

“Está dispensada.” Ela disse com um aceno, como se Gwen fosse mais uma de suas servas.

Gwen fervia com tanta raiva, que não pôde aguentar mais a situação. Ela deu três passos, marchou até a mesa de jogos, agarrou-a com as duas mãos e derrubou-a violentamente, espatifando as peças e o tabuleiro de marfim.

A mãe saltou em choque.

“Eu odeio você.” Gwen disse entre dentes.

Com isso, Gwen se virou, vermelha como um tomate e saiu da sala caminhando pesadamente, apartando-se das mãos das servas, determinada a fazer sua própria vontade — e a nunca mais ver o rosto da mãe novamente.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Thor andou por horas através das trilhas sinuosas da floresta, pensando sobre seu encontro com Gwen. Ele não podia tirá-la da cabeça. O tempo que passaram juntos havia sido mágico, muito além de suas expectativas. Ele já não se preocupava com a profundidade dos sentimentos dela por ele. Havia sido um dia perfeito — exceto claro, pelo que aconteceu no final de seu encontro.

Aquela serpente branca, tão rara e aquele mau presságio. Foi uma sorte para eles não terem sido mordidos. Thor olhou para Krohn, andando lealmente ao lado dele, feliz como sempre e se perguntava o que teria acontecido se ele não estivesse ali, se não tivesse matado a serpente e salvado suas vidas. Estariam mortos agora? Ele estava eternamente grato a Krohn e sabia que tinha nele um companheiro confiável, ao longo da vida.

Ainda assim, o presságio o perturbava: aquela cobra era excessivamente estranha e nem sequer poderia ser encontrada naquela parte do Reino. Ela vivia mais ao Sul, nos pântanos e brejos. Como ela poderia ter viajado de tão longe? Por que teve de vir a eles justo naquele momento? Era místico demais e ele sentia-se absolutamente certo de que era um sinal. Como Gwen, ele sentia que era um mau presságio, o augúrio de uma morte vindoura. Mas a morte de quem?

Thor queria forçar a imagem para fora de sua mente para esquecê-la, para pensar em outras coisas — porém ele não podia. Isso o assolava, não lhe deixava em paz. Ele sabia que devia voltar para o quartel, mas não tinha sido capaz de fazê-lo. Hoje ainda era um dia de folga e apesar de ter andado por horas, circulando pelas trilhas da floresta, tentando limpar sua mente, Thor tinha a certeza de que a serpente trazia uma mensagem poderosa dirigida a ele e que ele deveria alguma coisa a respeito com urgência.

Para piorar as coisas, sua despedida de Gwen havia sido muito abrupta. Quando eles chegaram à borda da floresta, logo tomaram caminhos separados, mal trocaram uma palavra. Ela parecia perturbada. Ele supôs que era por causa da serpente, mas não podia estar seguro. Ela não fez nenhuma menção de encontrar-se com ele de novo. Teria ela mudado de ideia sobre ele? Será que ele tinha feito algo errado?

O pensamento assolou Thor. Ele mal sabia o que fazer e vagou em círculos por horas. Ele precisava conversar com alguém que entendesse dessas coisas, alguém que pudesse interpretar sinais e presságios.

Thor parou em seus passos. Claro. Argon. Ele seria perfeito. Ele poderia explicar tudo para ele e tranquilizar sua mente.

Thor olhou à distância. Ele estava de pé na extremidade norte do cume mais distante e a partir dali, tinha uma vista arrebatadora da cidade real abaixo dele. Ele estava perto de uma encruzilhada. Ele sabia que Argon morava sozinho, em uma casa de pedra na periferia norte das Planícies Rochosas. Ele sabia que se virasse à esquerda, distanciando-se da cidade, uma dessas trilhas o levaria até ele. Ele começou sua jornada.

Seria uma longa jornada e havia uma boa chance de que Argon nem sequer estivesse lá quando Thor chegasse. Mas ele tinha de tentar. Ele não poderia descansar até que tivesse as respostas.

Thor andava com um novo ritmo em seus passos, andando duas vezes mais rápido, indo em direção às planícies. A manhã havia se transformado em tarde enquanto ele andava e andava. Era um belo dia de verão e a luz brilhava intensamente sobre os campos ao seu redor. Krohn saltava junto dele, parando de vez em quando para dar o bote em um esquilo, que agora ele carregava triunfantemente em sua boca.

A trilha se tornou mais íngreme, ventosa, e o prado desapareceu, dando lugar a uma paisagem desolada de pedras e pedregulhos. Logo, a trilha também, desapareceu. O clima tornou-se mais frio e ventoso ali em cima, as árvores escassearam e a paisagem se tornou rochosa, íngreme. Era estranho ali, não havia mais do que pequenas pedras, poeira e rochas até onde a vista alcançava. Thor sentiu como se estivesse viajando por uma terra devastada. Quando a trilha desapareceu completamente, Thor se viu andando sobre puro cascalho e pedra.

Ao lado dele, Krohn começou a ganir. Havia uma sensação arrepiante no ar e Thor também a sentia. Não era necessariamente má; era apenas diferente. Como um nevoeiro espiritual.

Justo quando Thor estava começando a se perguntar se estava indo na direção certa, ele viu no horizonte, no alto de uma colina, uma pequena casa de pedra. Era perfeitamente redonda, em forma de um anel, construída com rochas sólidas, escuras e rente ao chão. Não possuía janelas, somente uma porta em forma de arco — que estranhamente não tinha trinco nem aldrava.

Poderia Argon viver em um lugar desolado assim? Ele iria ficar aborrecido com o fato de que Thor tinha vindo sem ser convidado?

Thor estava começando a ter dúvidas, mas obrigou-se a seguir o caminho. Quando ele se aproximou da porta, sentiu a energia no ar, tão espessa que ele mal conseguia respirar. Seu coração batia mais rápido, com ansiedade, quando ele estendeu a mão para bater à porta.

Antes que ele pudesse tocá-la, a porta abriu-se sozinha, uma fresta. Parecia estar escuro lá dentro e Thor não poderia dizer se havia sido somente o vento que tinha empurrado e aberto a porta. Estava tão escuro, ele não podia ver se alguém estava lá dentro.

Thor estendeu a mão, gentilmente abriu a porta e colocou a cabeça para dentro.

“Olá?” Ele chamou.

Ele abriu um pouco mais a porta. Estava completamente escuro ali, salvo por um brilho suave em um lado distante da sala.

“Olá?” Ele exclamou com força. “Argon?”

Ao lado dele, se lamentou Krohn. Parecia óbvio para Thor que essa era uma má ideia, que Argon não estava em casa. Mas ainda assim, ele se obrigou a olhar. Ele deu dois passos para dentro e assim que fez isso, a porta fechou atrás dele.

Thor girou e, de pé próximo a parede mais distante, estava Argon.

“Peço desculpas por tê-lo incomodado.” Disse Thor, seu coração batendo agitado.

“Você veio sem ser convidado.” Argon disse.

“Perdoe-me.” Thor disse. “Não quis me intrometer.”

Thor olhou ao redor, ajustando seus olhos à escuridão e viu várias velas, colocadas em círculo, em torno das paredes de pedra. O quarto estava iluminado simplesmente por um único raio de luz, o qual entrava por uma pequena abertura circular no teto. Esse lugar era perturbador, austero e surreal.

“Poucas pessoas estiveram aqui.” Argon replicou. “Claro, você não estaria aqui agora se eu permitisse. Essa porta só se abre para quem está destinado a entrar. Ela jamais abrirá para quem não está destinado — nem mesmo usando toda a força do mundo.”

Thor se sentia melhor e ainda assim, também se perguntava como Argon sabia que ele estava vindo. Tudo sobre esse homem era misterioso para ele.

“Tive um encontro que eu não entendi.” Thor disse, precisando desabafar e ouvir a opinião de Argon. “Havia uma serpente. Uma cobra das costas brancas. Ela quase nos atacou. Fomos salvos por meu leopardo, Krohn.”

“Nós?” Argon perguntou.

Thor corou, percebendo que havia falado demais. Ele não sabia o que dizer.

“Eu não estava sozinho.” Ele disse.

“E com quem você estava?”

Thor mordeu a língua, não sabendo o quanto dizer. Afinal, esse homem era íntimo do pai, o Rei e talvez ele lhe contasse.

“Não vejo como isso se relaciona com a cobra.”

“É inteiramente relevante. Não se pôs a pensar por que a serpente apareceu, para começar?”

Thor foi apanhado completamente desprevenido.

“Não entendo.” Ele disse.

“Nem todo presságio que você vê destina-se a você. Alguns são destinados a outros.”

Thor examinou Argon na luz tênue, começando a entender. Gwen estava destinada a alguma coisa má? E se assim fosse, ele poderia impedi-la?

“É possível mudar o destino?” Thor perguntou.

Argon virou-se lentamente e cruzou a sala.

“Claro que é a pergunta que tenho feito durante séculos.” Argon replicou. “É possível mudar o destino? Por um lado, tudo está destinado, tudo está escrito. Por outro, nós temos livre arbítrio. Nossas escolhas também determinam nosso destino. Parece impossível para esses dois — o destino e o livre arbítrio — viver juntos, lado a lado, e ainda assim eles o fazem. É onde esses dois intercedem — onde o destino se encontra com o livre-arbítrio — que o comportamento humano entra em jogo. O destino não pode ser vencido sempre, mas às vezes ele pode ser dobrado, ou até mesmo alterado, por um grande sacrifício e uma grande força de vontade. No entanto, na maioria das vezes, o destino é firme. Na maior parte do tempo, nós somos apenas espectadores, postos aqui para vê-lo jogar. Achamos que podemos desempenhar um papel nisso, mas geralmente não. Somos principalmente observadores, não participantes.”

“Então, por que o universo nos incomoda enviando-nos presságios, se não há nada que possamos fazer a respeito deles?” Thor perguntou.

Argon se virou e sorriu.

“Você é rápido rapaz, eu lhe dou crédito por isso. Nós recebemos presságios para preparar-nos. Nosso destino é revelado para que nos preparemos. Algumas vezes, mais raramente, recebemos presságios para que sejamos capazes de tomar medidas para mudar o que estava destinado. Porém esse caso é muito raro.”

“É verdade que a cobra das costas brancas anuncia a morte?”

Argon examinou-o.

“Sim.” Ele disse, finalmente. “Sem falhar.”

O coração de Thor bateu forte com a resposta, diante da confirmação de suas suspeitas. Ele também ficou surpreso com a resposta direta de Argon.

“Eu encontrei uma hoje.” Thor disse. “Mas eu não sei quem vai morrer. Ou se há alguma ação que eu possa realizar para impedi-lo. Eu quero tirar isso da minha mente, mas eu não posso. Sempre está a imagem da cabeça da cobra, comigo. Por quê?”

Argon examinou-o por um tempo muito longo e suspirou.

“Porque seja quem for que morrer, afetará você diretamente. Afetará o seu destino.”

Thor estava cada vez mais agitado; ele sentia que cada resposta gerava mais perguntas.

“Mas não é justo.” Thor disse. “Eu preciso saber quem é que vai morrer. Eu preciso avisar a essa pessoa!”

Lentamente, Argon balançou a cabeça.

“Pode não ser bom que você saiba.” Ele respondeu. “E se você souber, há muito pouco que você possa fazer a respeito. A morte encontra sua vítima — mesmo que ela seja advertida.”

“Então isso foi revelado?” Thor perguntou atormentado. “E por que isso não sai da minha cabeça?”

Argon deu um passo à frente, bem perto, estava a poucos centímetros; a intensidade dos olhos dele queimava, brilhando nesse lugar escuro, isso assustava Thor. Era como olhar para o sol e de todos os modos ele não podia deixar de olhar. Argon levantou a mão e a colocou no ombro de Thor. Era gelada ao toque e Thor sentiu um calafrio percorrendo seu corpo.

“Você é jovem.” Argon disse, lentamente. “Você ainda está aprendendo. Você sente as coisas muito profundamente. Ver o futuro é uma grande recompensa. Mas também pode ser uma grande maldição. A maioria dos seres humanos que ignoram seu destino não tem nenhuma consciência disso. Às vezes a coisa mais dolorosa é estar consciente do seu destino, do

que ele será. Você ainda nem começou a entender seus poderes. Mas você irá. Um dia. Depois de entender de onde você é.”

“De onde eu sou?” Thor perguntou confuso.

“A casa de sua mãe. Longe daqui. Além do Canyon, na parte exterior da selva. Há um castelo, alto no céu. Sobre um penhasco e para alcançá-lo, você andará ao longo de uma estrada sinuosa feita de pedra. É um caminho mágico — como se estivesse subindo para o céu. É um lugar de enorme poder. É dali que você provém. Antes de visitar esse lugar, você nunca entenderá completamente. Uma vez que você chegue ali, todas as suas perguntas serão respondidas.”

Thor piscou e quando abriu os olhos, para seu espanto, ele já se encontrava do lado de fora da casa de Argon. Ele não tinha ideia de como tinha chegado ali.

O vento chicoteava através do penhasco rochoso, Thor entrecerrou os olhos sob a forte luz do sol. Ao lado dele seguia Krohn, choramingando.

Thor voltou à porta de Argon e bateu com toda força. Não houve nada além de silêncio.

“Argon!” Thor gritou.

Ele foi respondido apenas pelo assobio do vento.

Ele tentou a porta, forçando-a com o ombro — mas ela nem se moveu.

Thor esperou muito tempo — ele não sabia por quanto tempo — até que finalmente foi ficando cada vez mais tarde. Finalmente, ele percebeu que seu tempo ali havia acabado.

Ele se virou e começou a andar descendo a encosta rochosa, pensando. Sentia-se mais confuso do que nunca e também sentia ainda mais a certeza de que a morte estava chegando — ainda mais impotente para detê-la.

Enquanto ele percorria aquele lugar desolado, começou a sentir frio nos tornozelos e viu uma névoa espessa formando-se. Ela se elevava, espessando-se mais a cada momento Thor não entendia o que estava acontecendo. Krohn choramingava.

Thor tentou acelerar para continuar o caminho de volta para descer a montanha, mas em instantes o nevoeiro ficou tão espesso, ele mal conseguia enxergar. Ao mesmo tempo, ele sentiu que suas pernas ficavam mais pesadas e como se fosse por mágica, o céu escureceu. Ele sentia que ficava cada vez mais cansado. Ele não podia dar outro passo e se enrolou como uma bola no chão, exatamente onde ele estava, envolto na névoa espessa.

Ele tentou abrir seus olhos, tentou mover-se, mas não pôde. Em poucos instantes adormeceu.

*

Thor viu-se em pé no topo de uma montanha, olhando para fora ao longo de todo o Reino do Anel. Diante dele estavam: a corte do rei, o castelo, as fortificações, os jardins, as árvores e colinas ondulantes, até onde a vista podia alcançar — tudo na flor do verão. Os campos estavam repletos de frutas e flores coloridas e ouvia-se o som de música e festas.

Mas quando Thor virou-se lentamente, examinando tudo, a grama começou a ficar preta. As frutas caíram das árvores. Então as próprias árvores murcharam até extinguir-se. Todas as flores se esturricaram e para o horror dele, um edifício após outro se desintegrou, até que todo o reino não era mais que desolação, mais que montes de entulho e pedra.

Thor olhou para baixo e de repente viu uma enorme cobra das costas brancas deslizando entre seus pés. Ele ficou ali, indefeso quando ela se enrolou ao redor de suas pernas, logo em sua cintura, seguindo para seus braços. Ele se sentia sufocar, a vida sendo espremida dele, quando a serpente enrolada ao redor olhava para ele diretamente para seu rosto, a poucos centímetros, sempre chiando, sua língua longa quase tocando as bochechas de Thor. Então ela abriu sua boca, revelando enormes caninos, inclinou-se para a frente e engoliu a cara de Thor.

Thor gritou e em seguida, encontrou-se sozinho no interior do castelo do rei. Estava completamente vazio, nenhum trono estava onde costumava estar. A Espada do Destino jazia no chão, intocada. As janelas estavam despedaçadas, os pedaços de vitrais espatifados no chão. Ele ouviu uma música distante, virou-se em direção ao som e caminhou por uma sala vazia atrás da outra. Finalmente ele alcançou as enormes portas duplas com seus cem pés de altura e abriu-as com toda sua força. Thor ficou na entrada do salão de banquete real. Diante dele, duas mesas de banquete abarrotadas de comida se estendiam pela sala, apesar de não haver ninguém. No fim do corredor, havia um homem. O Rei MacGil. Ele estava sentado no seu trono, olhava diretamente para Thor. Ele parecia tão distante.

Thor sentiu que tinha de chegar até ele. Ele começou a andar pela grande sala em direção a ele, entre as duas mesas de banquete. Enquanto ele seguia, toda a comida em ambos os lados dele começou a estragar, apodrecendo a cada passo que ele dava, ficando negra imediatamente e

coabrindo-se de moscas. Moscas zumbiam e enxameavam ao redor dele, acabando com a comida.

Thor andava mais rápido. Estava chegando mais perto do Rei agora, a uma distância de apenas três metros, quando um servo apareceu de uma câmara lateral carregando um enorme, cálice dourado com vinho. Era um cálice distintivo, feito de ouro maciço e coberto de linhas de rubis e safiras. Enquanto o Rei não estava olhando, Thor viu o servo deslizar um pó branco no cálice. Thor percebeu que era veneno.

O servo o estendeu ao Rei MacGil que inclinou-se e agarrou-o com ambas as mãos.

“Não!” Thor gritou.

Thor atirou-se para a frente, tentar jogar o vinho para longe do rei.

Mas ele não foi rápido o suficiente. MacGil bebia o vinho em grandes goles. Ele derramava pelo seu rosto, pelo seu peito, enquanto terminava de bebê-lo.

MacGil virou-se e olhou para Thor e seus olhos se esbugalharam. Ele estendeu a mão e agarrou a garganta até que engasgou, virou-se e caiu de seu trono; ele caiu para o lado, pousando sobre o duro chão de pedra. A coroa rolou pelo chão de pedra com um barulho metálico, rolou por vários metros.

Ele estava ali, imóvel, com os olhos abertos, morto.

Estopheles desceu e pousou na cabeça de MacGil. Sentou-se ali, olhou direto para Thor e guinchou. O som era tão estridente, enviou um calafrio para a espinha de Thor.

“Não!” Thor gritou.

*

Thor acordou gritando.

Ele sentou-se, olhando ao redor, suando, respirando com dificuldade, tentando descobrir onde estava. Ele ainda estava deitado no chão, na montanha de Argon. Ele deve ter dormido ali. A névoa se foi e quando ele olhou para cima, viu que estava amanhecendo. Um sol vermelho-sangue estava raiando no horizonte, iluminando o dia. Ao lado dele, Krohn choramingou, pulou em seu colo, e lambeu seu rosto.

Thor abraçou Krohn com uma mão enquanto ele respirava forte, tentando descobrir se estava acordado ou dormindo. Demorou um tempo para perceber que só tinha sido um sonho. Tinha parecido ser tão real.

Thor ouviu um grito e se virou para ver Estopheles empoleirado em uma rocha a apenas meio metro. O grande pássaro olhou bem para ele e guinchou, uma e outra vez.

O som enviou um arrepio para espinha de Thor. Era o mesmo grito de seu sonho e naquele momento ele sabia, com cada grama do seu corpo, que o sonho tinha sido uma mensagem.

O rei ia ser envenenado.

Thor ficou de pé e sob a luz que rompia a madrugada, correu para baixo da montanha, em direção à Corte do Rei. Ele tinha de chegar até o Rei. Ele tinha de avisá-lo. O Rei poderia pensar que ele estava louco, mas ele não tinha escolha, ele faria tudo o que pudesse para salvar a vida do Rei.

*

Thor correu pela ponte levadiça, correndo para porta exterior do castelo e felizmente, os dois guardas o reconheceram como um membro da Legião. Eles o deixaram passar sem pará-lo e ele continuou correndo junto a Krohn.

Thor correu pelo pátio real, passou pelas fontes e correu até a porta interna do castelo do Rei. Lá estavam quatro guardas que bloqueavam seu caminho.

Thor parou, tentando recuperar o fôlego.

“Qual é o seu propósito, rapaz?” Perguntou um deles.

“Você não entende, você tem de me deixar entrar.” Thor engasgou. “Eu preciso ver o Rei.”

Os guardas se entreolharam, céticos.

“Eu sou Thorgrin, da Legião do rei. Deixe-me entrar.”

“Eu sei quem ele é.” Um guarda disse para o outro. “Ele é um de nós.”

Mas o guarda principal manifestou.

“Que negócio tem você com o Rei?” Ele pressionou.

Thor ainda lutou para recuperar o fôlego.

“Assunto muito urgente. Tenho de vê-lo de uma vez.”

“Bem, ele deve não estar à espera, porque você está mal informado. Nosso Rei não está aqui. Ele saiu com sua caravana horas atrás, por assuntos da corte. Ele não vai voltar até hoje à noite, até o banquete real.”

“Festa?” Thor perguntou seu coração batendo. Ele se lembrou de seu sonho, as mesas de banquete e estranhamente sentiu que todas cobravam vida.

“Sim, um banquete. Se você é da Legião, tenho certeza que você vai estar lá. Mas agora ele se foi, e não há nenhuma maneira de que você possa

vê-lo. Volte hoje à noite, com os outros.”

“Mas tenho de dar-lhe uma mensagem!” Thor insistiu. “Antes da festa!”

“Se quiser pode deixar o recado comigo. Mas eu não posso entregá-lo mais cedo do que você.”

Thor não queria deixar uma mensagem com um guarda; ele percebeu que parecia loucura. Ele mesmo tinha de entregá-la, esta noite, antes da festa. Ele apenas orou para que não fosse tarde demais.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Thor voltou apressado para o quartel da Legião, no raiar do dia, felizmente, chegou antes de começar o treino do dia. Ele estava sem fôlego quando chegou com Krohn ao seu lado. Ele encontrou os outros rapazes, quando eles estavam despertando, começando a enfileirar-se para cumprir as tarefas do dia. Ele estava ali, ofegante, mais perturbado do que nunca. Ele mal sabia como conseguiria realizar o treino do dia; ele estaria contando os minutos até o banquete da noite, até que pudesse avisar o rei. Sentiu que o presságio tinha vindo a ele para que ele pudesse dar o aviso. O destino do Reino repousava sobre os seus ombros.

Thor corria ao lado de Reece e O'Connor quando eles se dirigiam ao campo, se via exausto quando entrou na fila.

“Onde você esteve ontem à noite?” Reece perguntou.

Thor desejou que ele soubesse como responder — mas ele mesmo não sabia onde havia estado. O que se supunha que ele deveria dizer? Que ele tinha adormecido e caído no chão, nas montanhas de Argon? Isso não fazia sentido, nem mesmo para ele.

“Eu não sei.” Ele respondeu, sem saber bem o que dizer para eles.

“O que quer dizer com ‘eu não sei’?” O'Connor perguntou.

“Eu me perdi.” Thor disse.

“Perdeu-se?”

“Bem, você tem sorte de ter conseguido voltar depois de ter se perdido.” Reece disse.

“Se você tivesse voltado tarde para as tarefas do dia, eles não aceitariam você de volta na Legião.” Elden acrescentou, aproximando-se deles, batendo em seu ombro com sua mão musculosa. “É bom ver você. Sentimos sua falta ontem.”

Thor ainda estava chocado com a diferença na maneira como Elden o tratava depois da vez em que haviam estado do outro lado do Canyon.

“Como estiveram as coisas com minha irmã?” Reece perguntou, num tom moderado.

Thor corou, estava inseguro sobre como responder.

“Você a viu?” Reece espetou.

“Sim, eu a vi.” Ele começou. “Nós passamos muito bem. Embora tivéssemos de ir embora abruptamente.”

“Bem.” Reece continuou quando todos eles se alinharam lado a lado diante de Kolk e dos homens do rei. “Você verá um pouco mais dela hoje à noite. Vista suas melhores roupas. É o banquete do rei.”

O estômago de Thor se fechou. Ele pensou em seu sonho, parecia que o destino estava dançando diante de seus olhos e que ele estava impotente, destinado a não fazer nada, mais do que apenas vê-lo se desdobrar.

“SILÊNCIO!” Gritou Kolk quando começou a andar diante dos rapazes.

Thor se perfilou com os outros enquanto ficaram em silêncio.

Kolk caminhava lentamente subindo e descendo as linhas, examinando a todos.

“Vocês se divertiram ontem. Agora estão de volta ao treinamento. E hoje, vocês vão aprender a antiga arte de cavar uma trincheira.”

Um resmungo coletivo ouviu-se entre os rapazes.

“SILENCIO!” Ele gritou.

Os rapazes ficaram quietos.

“Cavar trincheiras é um trabalho duro.” Kolk continuou. “Porém é um trabalho importante. Um dia você vai encontrar-se lá no deserto, protegendo nosso Reino, sem ninguém para ajudá-lo. O tempo vai congelar, vai estar tão frio, que você não poderá sentir os dedos dos pés no escuro da noite e você fará tudo para manter-se aquecido. Ou então, você pode se encontrar em uma batalha, na qual você precisará ter cobertura para salvar-se das flechas inimigas. Pode haver um milhão de razões pelas quais você precisa de uma trincheira. Uma trincheira pode ser seu melhor amigo.

“Hoje.” Ele continuou, limpando sua garganta. “Vocês passarão o dia cavando, até que suas mãos estejam vermelhas e com calos; suas costas estejam se partindo e vocês não possam aguentar mais. Então, no dia da batalha, isso não parecerá tão ruim assim.

“SIGAM-ME!” Kolk gritou.

Ouviu-se outro gemido de desapontamento quando os rapazes romperam as filas, formaram duplas e começaram a marchar através do campo, seguindo Kolk.

“Grandioso.” Elden disse. “Cavar trincheiras. Exatamente como eu queria passar o dia.”

“Podia ser pior.” O’Connor disse. “Poderia estar chovendo.”

Eles olharam para o céu e Thor viu nuvens ameaçadoras sobre suas cabeças.

“É bem provável.” Reece disse. “Não dê azar.”

“THOR!” Ouviu-se um grito.

Thor virou-se para ver Kolk a um lado, olhando-o. Thor correu para ele, imaginando o que ele tinha feito de errado.

“Sim senhor.”

“Seu cavaleiro convocou você.” Ele disse secamente. “Apresente-se a Erec nas dependências do castelo. Você tem sorte: você está de folga hoje. Você vai servir o seu cavaleiro em vez disso, como é o dever de todo bom escudeiro. Mas não pense que está liberado de cavar trincheiras. Quando você retornar amanhã, você cavará as valas, sozinho. Agora vá!” Ele gritou.

Thor se virou e viu os olhares invejosos dos outros, então correu para fora do campo, indo para o castelo. O que poderia Erec querer dele? Teria isso algo a ver com o rei?

*

Thor percorria a corte do rei, tomando um caminho que ele nunca tinha tomado antes — em direção ao quartel do Exército Prata. Suas instalações eram muito maiores do que aquelas da Legião, seus edifícios dobravam em tamanho, forrados com cobre e suas vias estavam pavimentadas com pedras novas. Para chegar lá, Thor teve de passar por um grande portão em arco, onde uma dúzia de homens do rei estava de guarda. O caminho então se alargava, estendendo-se através de um enorme campo aberto e culminando em um complexo de edifícios de pedra, rodeado por uma cerca e guardado por dezenas de cavaleiros. Era uma vista imponente, mesmo dali.

Thor correu pelo caminho, podia ser visto com facilidade em campo aberto. Os cavaleiros já estavam preparados para sua abordagem, mesmo enquanto ele estava ainda bem longe. Deram um passo à frente, cruzaram suas lanças e olhavam para a frente, ignorando-o enquanto bloqueavam o seu caminho.

“Que tipo de negócio você tem aqui?” Um deles perguntou.

“Eu estou me apresentando para o serviço.” Thor respondeu. “Eu sou o escudeiro de Erec.”

Os cavaleiros trocaram um olhar desconfiado, mas outro cavaleiro se adiantou e assentiu com a cabeça. Eles deram um passo atrás, descruzaram suas armas e o portão foi aberto lentamente, seus espigões de metal rangendo. O portão era imenso, tinha pelo menos sessenta centímetros de

espessura e Thor pensou que esse lugar era ainda mais fortificado, até mais do que o castelo do Rei.

“O segundo edifício à direita.” O cavaleiro gritou. “Você vai encontrá-los nos estábulos.”

Thor se virou e correu pelo caminho através do pátio, passou por um complexo de edifícios de pedra e processava tudo. Tudo estava brilhando ali, tudo era imaculado, perfeitamente mantido. Todo o lugar exalava uma aura de força.

Thor encontrou o edifício e estava deslumbrado com a visão diante dele: dezenas dos melhores e mais belos cavalos que ele já tinha visto estavam amarrados em fileiras organizadas fora do edifício, a maioria deles coberto por uma armadura. Os cavalos reluziam. Tudo ali era maior, mais grandioso.

Cavaleiros reais trotavam em todas as direções, carregando várias armas, atravessando o pátio em seu caminho para dentro ou para fora dos portões. Era um lugar ocupado e Thor podia sentir a presença da batalha ali. Aquele lugar não era destinado ao treinamento; era destinado à guerra. À vida e à morte.

Thor passou por uma pequena entrada em forma de arco, um corredor de pedra escura e apressado passava por estábulo após estábulo, procurando Erec. Thor chegou ao fim deles, mas ele estava longe de ser encontrado.

“À procura de Erec, não é?” Um guarda perguntou.

Thor virou-se e acenou com a cabeça.

“Sim, senhor. Eu sou seu escudeiro.”

“Você está atrasado. Ele já está lá fora, preparando seu cavalo. Mova-se rápido, então.”

Thor correu pelo corredor e saiu dos estábulos entrando em campo aberto. Ali estava Erec, diante de um garanhão gigante e valente, um cavalo preto reluzente com um focinho branco. O cavalo bufou quando Thor chegou e Erec se virou.

“Sinto muito, Alteza.” Thor disse, sem fôlego. “Eu vim tão rápido quanto pude. Eu não tive a intenção de chegar atrasado.”

“Você chegou na hora.” Erec disse com um sorriso gracioso. “Thor, este é Lannin.” Ele acrescentou apontando para o cavalo.

Lannin bufou e pavoneou-se, como se estivesse dando uma resposta. Thor se aproximou, estendeu a mão e acariciou-lhe o focinho; ele relinchou suavemente em resposta.

“Ele é o meu cavalo de viagens. Um cavaleiro de categoria tem muitos cavalos, como você aprenderá. Há um para torneios, um para a batalha e um para uma longa e solitária viagem. É com esse que você forja a amizade mais íntima. Ele gosta de você. Isso é bom.”

Lannin inclinou-se e enfiou o focinho na palma da mão do Thor. Thor estava avassalado pela magnificência dessa criatura. Ele podia ver a inteligência brilhando em seus olhos. Era surreal; Ele sentiu que o cavalo entendia tudo.

Mas algo que Erec disse sacudiu Thor.

“Vossa Alteza disse, uma viagem?” Ele perguntou surpreso.

Erec parou de apertar os arreios, virou-se e olhou para ele.

“Hoje é o dia do meu nascimento. Eu cumpri meu vigésimo quinto ano. É um dia especial. Você sabe sobre o Dia da Seleção?”

Thor abanou a cabeça. “Muito pouco, Alteza; sei apenas o que os outros contaram.”

“Nós cavaleiros do Anel devemos sempre continuar, geração após geração.” Erec começou. “Temos até nosso vigésimo quinto ano para escolher uma noiva. Se ela não for escolhida até essa data, então a lei dita que temos de encontrar uma. Nós temos um ano para encontrá-la e trazê-la. Se voltarmos sem ela, então o Rei nos dará uma e nós perderemos o nosso direito de escolha.

“Por isso, hoje devo embarcar em minha jornada para encontrar minha noiva.”

Thor olhou em volta, sem palavras.

“Mas, Alteza, está partindo? Por um ano?”

O estômago de Thor se apertou ao pensar nisso. Ele sentiu seu mundo desmoronar-se ao redor. Até esse momento ele não tinha percebido o quanto ele havia se afeiçoado a Erec; de certa forma, Erec tinha se tornado um pai para ele — certamente melhor que o pai que ele tinha tido.

“Mas então a quem devo servir como escudeiro?” Thor perguntou. “E para onde Vossa Alteza vai?”

Thor lembrou o quanto Erec tinha sido um apoio para ele, como ele tinha salvado sua vida. O coração dele afundou-se com a ideia de sua saída.

Erec riu um riso despreocupado.

“Que pergunta quer que responda primeiro?” Ele disse. “Não se preocupe. Você foi designado a um novo cavaleiro. Você será escudeiro dele até que eu regresse. Kendrick, o filho mais velho do Rei.”

O coração de Thor se alegrou ao ouvir isso; Ele sentiu um apego igualmente forte por Kendrick, quem, afinal, havia sido primeiro a olhar por ele e garantir-lhe um lugar na Legião.

“Quanto durará minha viagem...” Erec continuou, “... Eu ainda não sei. Eu sei que irei em direção ao Sul, ao reino do qual eu provenho e buscarei uma noiva naquelas proximidades. Se não encontrar uma dentro do Anel, então eu posso até mesmo atravessar o mar por meu próprio reino para procurar por uma noiva lá.”

“Seu próprio reino, Alteza?” Thor perguntou.

Thor percebeu que ele não sabia muito sobre Erec, de onde ele vinha. Ele tinha sempre presumido que Erec era oriundo do Anel.

Erec sorriu. “Sim, muito longe daqui, do outro lado do mar. Mas é uma história para outro momento. Será uma jornada distante, muito longa e eu devo preparar-me. Então me ajude agora. O tempo é curto. Sele o meu cavalo e carregue-o com todos os tipos de armas.”

A cabeça de Thor estava girando quando ele entrou em ação, correndo para o arsenal dos cavalos e retirou uma distinta armadura preta e prata que pertencia a Lannin. Ele corria de volta com uma parte de cada vez, primeiro colocando a cota de malha nas costas do cavalo, estirando-a para armá-la ao redor de seu corpo enorme. Em seguida, Thor adicionou a testeira, o fino metal moldado para proteger a cabeça do cavalo.

Lannin relinchou quando ele fez isso, mas parecia que ele gostava. Ele era um cavalo nobre, um guerreiro, Thor podia dizer isso e ele parecia tão confortável na armadura quanto um cavaleiro.

Thor correu de volta trazendo as esporas douradas de Erec e ajudou a colocar uma em cada pé quando Erec montou o cavalo.

“De que armas vai precisar, Alteza?” Thor perguntou.

Erec olhou para baixo, ele parecia enorme desde essa perspectiva.

“É difícil prever que tipo de batalhas eu poderia encontrar ao longo de um ano. Mas eu preciso ser capaz de caçar e me defender. Então, é claro, eu preciso de minha espada longa. Eu também devo levar minha espada curta; um arco; uma aljava de flechas; uma lança curta; uma maça, um punhal e meu escudo. Eu creio que com isso basta.”

“Sim, Alteza.” Thor disse e entrou em ação. Ele correu para a prateleira de armas de Erec, ao lado do estábulo de Lannin e olhou para as dezenas de armas. Havia um arsenal impressionante de armas para escolher.

Ele retirou cuidadosamente todas as armas que Erec havia solicitado, levando uma de cada vez e entregando-as a Erec ou colocando-os de forma segura no equipamento dele.

Enquanto Erec estava ali sentado ajustando suas luvas de couro, preparando-se para ir embora, Thor não suportava vê-lo ir-se.

“Alteza, Sinto que é meu dever acompanhá-lo nesta viagem.” Thor disse. “Depois de tudo eu sou seu escudeiro.”

Erec abanou a cabeça.

“É uma viagem que eu devo fazer sozinho.”

“Então posso pelo menos acompanhá-lo até a primeira parte da travessia?” Thor insistiu. “Se está indo para o Sul, aqueles são caminhos que eu conheço bem. Eu sou do Sul.”

Erec olhou para baixo, ponderando.

“Se você quiser acompanhar-me até ao primeiro cruzamento está bem, não vejo mal nenhum nisso. Mas é uma viagem dura, de um dia, então devemos partir agora. Tome o cavalo de meu escudeiro, na parte de trás do estábulo. O marrom com a crina vermelha.”

Thor correu de volta para o estábulo e encontrou o cavalo. Quando ele o montou, Krohn espichou a cabeça para fora da sua camisa, olhou para cima e gemeu.

“Está tudo bem Krohn.” Thor o tranquilizou.

Thor inclinou-se para a frente, instigou o cavalo e saiu do estábulo. Erec mal tinha esperado por ele e já se encontrava longe com Lannin a galope. Thor se esforçou para alcançá-lo e o seguiu o melhor que pôde.

Eles cavalgaram juntos para fora da corte do Rei, passaram pelo portão, quando vários guardas o levantaram e abriram passo para eles. Vários membros do Exército Prata estavam alinhados, observando, esperando, quando Erec passou por eles, elevaram seus punhos com uma saudação.

Thor estava orgulhoso de andar ao lado dele, de ser seu escudeiro e emocionado por acompanhá-lo, mesmo que fosse apenas até o primeiro cruzamento.

Havia tantas coisas que Thor tinha desejado poder dizer a Erec, tantas coisas que queria perguntar-lhe — e tantas outras pelas quais ele queria agradecer. Mas não havia tempo. Eles galopavam em direção ao Sul, irrompendo por entre as planícies, o terreno em constante mudança enquanto seus cavalos percorriam as estradas do Rei sob o sol da manhã. Quando eles passaram por uma colina, à distância, Thor pôde ver todos os

membros da Legião em um campo, arrebentando as costas enquanto cavavam. Thor estava feliz por não estar entre eles. Enquanto Thor observava, viu um deles parar e levantar o punho no ar em direção a ele. Era difícil ver devido ao sol, mas ele tinha certeza de que era Reece saudando. Thor levantou o punho em resposta enquanto eles cavavam.

As estradas bem pavimentadas deram lugar a precárias estradas rurais: mais estreitas e mais irregulares e finalmente elas não eram mais do que caminhos bem trilhados cortando a zona rural. Thor sabia que era perigoso para o povo comum a andar por essas estradas, sozinho — especialmente à noite — com todos os ladrões que espreitavam sobre elas, mas Thor se preocupava pouco com isso, especialmente com Erec ao seu lado. Na verdade, se um ladrão os confrontasse, Thor temia mais pela vida do ladrão. Claro, seria uma loucura para qualquer ladrão tentar parar um membro do Exército Prata.

Eles cavaram todo o dia, quase sem parar, até que Thor estava exausto, sem fôlego. Ele mal podia acreditar na resistência de Erec — mas ele não ousou demonstrar seu cansaço, ele não queria parecer um fraco.

Eles passaram por uma importante encruzilhada e Thor a reconheceu. Ele sabia que se eles a seguissem bem, ela iria levá-los para a sua aldeia. Por um momento, Thor se sentiu invadido pela saudade e parte dele queria pegar a estrada, para ver seu pai, ver sua aldeia. Thor se perguntou o que seu pai estaria fazendo naquele momento; quem estaria cuidando das ovelhas; quão irado seu pai devia ter ficado quando ele não havia retornado. Não que ele se importasse muito com isso. Ele apenas tinha perdido momentaneamente o que lhe era familiar. Ele estava, de fato, aliviado por ter escapado daquela pequena aldeia e outra parte dele queria nunca mais voltar.

Eles continuaram galopando mais e mais em direção ao Sul, por territórios onde nem mesmo Thor tinha estado antes. Ele tinha ouvido falar da passagem do Sul, embora ele nunca a tivesse visitado. Era um dos três principais cruzamentos que levavam a parte Sul do Anel. Havia sido um bom meio dia de passeio a partir da corte do Rei e o sol já estava ficando alto no céu. Thor, suave, estava com falta de ar e estava começando a se perguntar com ansiedade, se ele iria voltar a tempo para o banquete do Rei à noite. Teria ele cometido um erro ao acompanhar Erec tão longe?

Eles rodearam uma colina e finalmente, Thor viu, lá no horizonte: o sinal inconfundível da primeira travessia. Ele estava marcado por uma grande

torre estreita, com a bandeira do Rei colocada nela em todas as quatro direções e os membros do Exército Prata montavam guarda no topo de seus parapeitos. Ao ver Erec, o cavaleiro do topo da torre tocou a sua trombeta. Lentamente, o portão subiu.

Eles estavam a apenas algumas centenas de metros de distância e Erec diminuiu o ritmo do cavalo para um passeio. Thor tinha um nó no estômago ao perceber que esses eram seus últimos minutos com Erec até quem sabe por quanto tempo. Quem poderia dizer, até mesmo, se ele voltaria. Um ano era um longo tempo e tudo podia acontecer. Thor estava feliz, pelo menos, por ter tido a oportunidade de acompanhá-lo. Sentiu que ele tinha cumprido o seu dever.

Os dois cavalgavam lado a lado, ofegantes, seus cavalos também respiravam com dificuldade quando eles se aproximaram da torre.

“Eu não poderei vê-lo por muitas luas.” Erec disse. “Quando eu voltar, eu trarei uma noiva comigo. As coisas poderão mudar. Sem importar o que acontecer, sei que você sempre será meu escudeiro.”

Erec respirou fundo.

“Antes que eu parta, Há algumas coisas que eu quero que você recorde. Um cavaleiro não é forjado pela força — mas pela inteligência. A coragem não é o único que faz de alguém um cavaleiro, mas a coragem, a honra e a sabedoria juntas. Você deve trabalhar sempre para aperfeiçoar o seu espírito, sua mente. A cavalaria não é passiva — é ativa. Você deve trabalhar nela, melhorar a si mesmo, cada momento de cada dia.

“Durante estas luas, Você vai aprender todos os tipos de armas, todos os tipos de habilidades. Mas lembre-se: há ainda outra dimensão para nossas lutas. A dimensão de feiticeiro. Procure Argon. Aprenda a desenvolver seus poderes ocultos. Eu os senti em você. Você tem um grande potencial. Não há nada do que se envergonhar. Você me entende?”

“Sim, Alteza.” Thor respondeu, enchendo-se de gratidão por sua sabedoria e entendimento.

“Optei por abrigá-lo debaixo da minha asa, por uma razão. Você não é como os outros. Você tem um destino maior. Maior, talvez, até que mesmo do que o meu. Mas ele ainda está por cumprir-se. Você não deve dá-lo por sentado. Você deve trabalhar nele. Para ser um grande guerreiro, Você não deve apenas ser destemido e qualificado. Você também deve ter o espírito de um guerreiro e seguir sempre o seu coração e sua mente. Você deve estar disposto a dar sua vida por outros. O maior cavaleiro não busca riquezas,

honra, fama ou glória. O maior cavaleiro segue em busca do mais difícil de tudo: segue em busca de se tornar uma pessoa melhor. Todos os dias, você deve se esforçar para ser melhor. Não só melhor do que outros — mas melhor que você mesmo. Você deve buscar assumir a causa daqueles que são inferiores a você. Você deve defender aqueles que não podem defender a si mesmos. Não é uma missão para a um coração fraco. É uma busca de heróis.”

A mente de Thor girava enquanto ele processava tudo, ponderando as palavras de Erec cuidadosamente. Ele estava cheio de gratidão para com ele e mal sabia como responder. Ele sentiu que seria preciso muitas luas para que a mensagem completa dessas palavras assentasse.

Eles alcançaram o portão do primeiro cruzamento e quando fizeram isso, vários membros do Exército Prata saíram para cumprimentar Erec. Eles se dirigiram para ele com sorrisos largos em seus rostos e quando ele desmontou lhe deram muitos tapas nas costas, como velhos amigos.

Thor apeou, tomou as rédeas de Lannin e levou-o ao guardião no portão, para que o alimentasse e o escovasse. Thor ficou ali de pé aguardando até que Erec virou-se e olhou para ele, pela última vez.

Em seu último adeus, havia muitas coisas que Thor queria dizer. Ele queria agradecer-lhe. Mas ele também queria contar-lhe tudo. Sobre o presságio. Sobre seu sonho. Sobre seus temores com respeito ao Rei. Ele pensou que talvez Erec pudesse entender.

Mas ele não teve oportunidade. Erec já estava rodeado de cavaleiros e Thor temia que Erec — e todos eles — pensassem que ele estava louco. Então ele ficou parado ali, a língua atada, foi quando Erec estendeu a mão e apertou o seu ombro uma última vez.

“Proteja o nosso Rei.” Erec disse firmemente.

As palavras provocaram um calafrio na espinha de Thor, era como se Erec tivesse lido sua mente.

Erec virou-se, atravessou o portão com os outros cavaleiros e quando eles o cruzaram, de costas para Thor, os espigões de metal lentamente baixaram atrás dele.

Erec havia partido agora. Thor sentiu um buraco no estômago. Podia passar um ano inteiro, para que se vissem novamente.

Thor montou seu cavalo, tomou as rédeas e esporou forte. A tarde já havia chegado e ele tinha uma viagem de meio dia para levá-lo de volta

para a festa. Ele ouvia as últimas palavras de Erec reverberando sua cabeça, como um mantra.

Proteja nosso Rei.

Proteja o nosso rei.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Thor cavalgava rápido na escuridão, correndo até o portão final da Corte do Rei, mal, retardando seu cavalo quando ele saltou respirando com dificuldade e entregou as rédeas para um servo. Ele havia estado cavalgando todo o dia, o sol tinha se posto horas antes e ele pôde ver imediatamente pela luz de todas as tochas lá dentro; por todo o burburinho que ele ouvia por trás dos portões, que a festa do rei estava em pleno andamento. Ele estava mal consigo mesmo por estar fora por tanto tempo e simplesmente rezava para que não fosse muito tarde.

Ele correu para o servo mais próximo.

“Está tudo em ordem lá dentro?” Ele perguntou ansioso. Ele tinha de averiguar se o Rei estava bem — já que estava claro que ele não podia perguntar diretamente se ele tinha sido envenenado.

O servo olhou para ele, perplexo.

“E por que não haveria de estar? Tudo está em ordem, exceto pelo fato de que você está atrasado. Os membros da Legião do rei devem ser sempre pontuais. Suas roupas estão imundas. Você vai causar má impressão entre seus companheiros. Lave as mãos e entre.”

Thor correu através do portão, suando, colocou as mãos em uma pequena pia de pedra cheia de água, espirrou-a sobre seu rosto e passou-a pelo seu cabelo comprido. Ele tinha estado em constante movimento desde a manhã cedo e estava coberto com a poeira da estrada, parecia que ele tinha vivido dez dias em um só. Ele respirou fundo, tentou acalmar-se e melhorar seu aspecto, depois correu rapidamente por um corredor após outro, em direção às enormes portas do salão de banquetes.

Quando ele ingressou ali, através dos arcos das enormes portas, sentiu como se estivesse em um sonho: diante dele havia duas mesas de banquete de pelo menos uns trinta metros de extensão, no fim das quais, encontrava-se o rei à frente de sua própria mesa, rodeada de homens. O ruído da sala atingiu Thor como uma coisa viva, o salão estava absolutamente repleto de pessoas. Ali, não estavam somente os homens do Rei, os membros do Exército Prata e da Legião sentados às mesas de banquete, mas também centenas de outros, bandas de músicos viajantes, grupos de dançarinos, de

bobos da corte, dezenas de mulheres dos bordéis... Havia também servos de todos os tipos, guardas, cachorros correndo. Era uma loucura.

Homens bebiam enormes taças de vinho e cerveja e muitos deles estavam cantando canções celebrando a bebida, de braços uns com outros, chocando as taças. Havia abundância de comidas dispostas nas mesas, com javali, cervos e todos os tipos de coisas assando em espetos diante da lareira. Metade da sala se fartava, enquanto a outra metade se misturava pela sala. Olhando para o caos na sala, vendo quão bêbados os homens estavam. Thor percebeu que se ele tivesse chegado mais cedo, quando tudo começou, ela teria estado mais ordenada. Agora, a essa hora tardia, a festa parecia ter evoluído para mais uma bebedeira.

A primeira reação de Thor, além de estar atordoado, era de profundo alívio ao ver que o Rei continuava vivo. Thor deu um suspiro de alívio. O rei estava bem. Thor se perguntou novamente se o presságio não significava nada; se o seu sonho não significava nada; se ele não estaria exagerando suas fantasias, fazendo as coisas em sua cabeça parecerem mais graves do que deveriam ser. Mas ainda assim, ele não podia afastar o sentimento. Ele ainda sentia a urgência de alcançar o rei, para avisá-lo.

Proteja nosso rei.

Thor abriu caminho entre a multidão, tentando percorrer o longo caminho até o Rei. Ia devagar. Os homens estavam bêbados e desordenados, apinhados ombro a ombro e MacGil estava sentado a muitos metros de distância.

Thor conseguiu passar pela multidão até o meio do caminho quando ele parou repentinamente ao ver Gwendolyn. Ela estava sentada a uma das mesas pequenas, afastada do corredor, a um lado da sala, rodeada por suas damas de companhia. Ela parecia triste, o que era raro nela. Sua comida e bebida estavam intocadas e ela se sentava a parte, separada dos outros membros da família real. Thor se perguntava o que estaria acontecendo de errado.

Thor se afastou da multidão e foi até ela.

Ela olhou para ele e o viu chegar, mas em vez de sorrir, como ela sempre fazia, o rosto dela ficou sombrio. Pela primeira vez, Thor via raiva nos olhos dela.

Gwen deslizou a cadeira, se levantou, virou as costas e começou a retirar-se.

Thor sentia como se uma faca tivesse sido enfiada em seu coração. Ele não conseguia entender a reação dela. Teria ele feito algo errado?

Ele correu em volta da mesa, aproximando-se dela e tomou seu pulso gentilmente.

Ela o surpreendeu por desvencilhar-se dele bruscamente, virar-se e olhar feio para ele.

“Não me toque!” Ela gritou.

Thor deu um passo atrás, chocado com a reação dela. Essa era a mesma Gwendolyn que ele conhecia? “Eu lamento.” Ele disse. “Eu não queria lhe fazer dano. Nem faltar-lhe o respeito. Eu queria apenas falar com Vossa Alteza.”

“Eu não tenho nada para falar com você.” Ela fervia, seus olhos brilhavam com fúria.

Thor mal podia respirar; Ele não tinha ideia do que tinha feito de errado.

“Minha senhora, por favor, me diga, o que eu fiz para ofendê-la? O que quer que tenha sido — eu peço desculpas.”

“O que você fez está além de ser remediado. Nenhuma desculpa seria suficiente. Trata-se de quem você é.”

Ela começou a andar de novo e uma parte de Thor pensou que ele deveria deixá-la; mas outra parte dele não podia ir simplesmente embora, não depois do que eles tinham tido. Ele tinha de saber — ele tinha de saber a razão pela qual ela o odiava tanto.

Thor correu na frente dela, bloqueando seu caminho. Ele não podia deixá-la ir-se. Não daquele jeito.

“Gwendolyn, por favor. Simplesmente, me dê uma chance de ao menos saber o que foi que eu fiz. Por favor, dê-me isso.”

Ela olhou para ele, fervendo de raiva, as mãos nos quadris.

“Acho que você sabe. Acho que você sabe muito bem.”

“Eu não sei.” Thor declarou sinceramente.

Ela olhou, como se o estivesse examinando e finalmente parecia que acreditava nele.

“À noite antes que você me visse. Disseram-me que você tinha estado em um bordel. Que tinha estado com muitas mulheres. E que você as desfrutou durante a noite toda. Então, quando o sol raiou, você veio a mim. Isso lhe ajuda a lembrar? Eu estou enojada por seu comportamento. Enojada de ter conhecido você, de que você até mesmo tenha me tocado.

Espero nunca mais ver seu rosto. Você me fez de boba — e *ninguém* me faz de boba!”

“Minha senhora!” Thor gritou, tentando detê-la, desejando explicar. “Isso não é verdade!”

Mas uma banda de músicos se interpôs entre eles e ela os esquivou, deslizando entre a multidão tão rápido que ele não pôde encontrá-la. Em poucos minutos, ele perdeu completamente o rastro dela.

Thor estava queimando por dentro. Ele não podia acreditar que alguém tinha ido até ela, tinha dito todas essas mentiras sobre ele, e virado-a contra ele. Ele se perguntava quem estaria por trás disso. Isso pouco importava, suas chances com ela agora estavam arruinadas. Ele estava morrendo por dentro.

Thor virou-se e começou a cambalear através da sala, lembrando-se do Rei, sentindo-se vazio, como se ele não tivesse razão para viver.

Antes que avançasse alguns metros, Alton apareceu de repente, bloqueou seu caminho, e zombou dele com um sorriso satisfeito. Ele usava calças de seda, um blazer de veludo e um chapéu de penas. Ele olhou para Thor, com seu nariz e queixo compridos, com a máxima arrogância, cheio de si.

“Muito bem, muito bem.” Ele disse. “Se não é o plebeu. Ainda não encontrou sua futura noiva? É claro que não. Acho que os rumores das suas façanhas no bordel se espalharam por todas partes.” Ele sorriu e inclinou-se para bem perto, revelando dentes pequenos e amarelos. “Na verdade, tenho certeza disso”.

“Você sabe o que dizem: ‘onde há fumaça, há fogo’. Encontrei essa fumaça. E agora sua reputação está arruinada, rapaz.”

Thor, fervendo de raiva, não pode aguentar mais. Ele lançou-se contra Alton e deu-lhe um soco no ventre, fazendo com que ele se dobrasse de joelhos.

Momentos depois, homens estavam sobre ele, colegas membros da Legião, soldados, todos se interpondo em seu caminho, apartando-os.

“Você passou dos limites, rapaz!” Alton gritou bem alto, apontando para ele, sobre as pessoas. “Ninguém toca um nobre! Você vai ficar pendurado no tronco pelo resto da vida! Eu farei com que você seja arrestado! Esteja certo disso! À primeira luz do dia, eles virão por você!” Alton gritou, virou-se e se retirou pisando com força.

Thor não poderia se importar menos com Alton, ou com seus guardas. Ele pensava apenas no Rei. Ele se desvencilhou dos membros da Legião e

virou-se em direção de MacGil. Ele empurrava as pessoas para fora de seu caminho enquanto seguia apressado para a mesa do Rei. Sua mente estava voando com as emoções e ele mal podia acreditar no giro que os eventos deram. Assim eram as coisas, sua reputação havia subido, só para ser arruinada por uma serpente maligna, para ter sua amada enganada e longe dele. E agora, a ameaça de ser enviado à prisão no dia seguinte. E como a Rainha estava aliada à luta contra ele, Thor temia que a ameaça se cumprisse.

Mas Thor não se importava com nada disso agora. Tudo o que lhe importava era proteger o Rei.

Ele empurrava mais forte à medida que abria seu caminho através da multidão, esbarrando em um bobo da corte, irrompendo seu ato e finalmente, depois de empurrar três servos mais, conseguiu chegar à mesa do rei.

MacGil sentou-se no centro da mesa, um grande odre de vinho em uma mão, suas bochechas estavam coradas, ele ria divertido. Ele estava rodeado por todos os seus melhores generais e Thor estava diante deles, tentando chegar até o assento, até que, finalmente, o rei reparou nele.

“Majestade!” Thor gritou, ouvindo o desespero em sua própria voz. “Eu devo falar com Vossa Majestade! Por favor!”

Um guarda veio afastar Thor, mas o Rei levantou uma mão.

“Thorgrin!” MacGil rugiu em sua voz profunda e real, bêbado com o vinho. “Meu garoto. Por que você se aproximou de nossa mesa? A mesa da Legião está lá.”

Thor curvou-se em uma reverência.

“Meu Rei. Eu peço desculpas. Mas eu devo falar com Vossa Majestade.”

Um músico bateu os címbalos perto do ouvido de Thor e finalmente, MacGil lhe fez um gesto indicando-lhe que parasse.

A música silenciou e todos os generais se viraram e olharam para Thor. Thor podia sentir toda a atenção sobre ele.

“Bem, jovem Thorgrin, Agora você tem a palavra. Fale! O que é tão importante que não pode esperar até amanhã?” MacGil disse.

“Majestade.” Thor começou e então parou. O que ele poderia dizer exatamente? Que ele tinha tido um sonho? Que ele tinha visto um presságio? Que ele se sentiu que o Rei seria envenenado? Soaria tudo tão absurdo?

Mas ele não tinha escolha. Ele tinha de insistir.

“Majestade, eu tive um sonho.” Ele começou. “Era sobre Vossa Majestade. Neste salão de banquete, neste lugar. O sonho era... que Vossa Majestade não deve beber.”

O rei inclinou-se, os olhos se arregalaram.

“Que eu não devia beber?” Ele repetiu, lentamente e em voz alta.

Então, depois de um momento de silêncio perturbador, MacGil inclinou-se para trás e rugiu com o seu riso, fazendo tremer a mesa inteira.

“Que eu não devia beber!” MacGil repetia. “Que sonho é esse?! Eu deveria chamá-lo um pesadelo!”

O Rei inclinou-se volta e rugiu, e todos os seus homens se juntaram. Thor enrubesceu, mas ele não podia recuar.

MacGil fez um gesto e um guarda adiantou-se e agarrou Thor e começou a levá-lo embora, mas Thor se desvencilhou dele bruscamente. Ele estava determinado. Ele tinha de dar essa mensagem ao Rei.

Proteja o nosso rei.

“Majestade, eu exijo que me escute...!” Thor gritava; o rosto vermelho, avançando e batendo na mesa com o punho.

A mesa sacudiu e todos os homens se viraram e olharam para Thor.

Houve um silêncio terrível, quando o rosto do Rei fechou-se em uma carranca.

“VOCÊ exige?” MacGil gritava. “Você não exige nada de mim, rapaz!” Ele gritou, aumentando sua raiva.

A mesa silenciou ainda mais e Thor sentiu seu rosto corar com a humilhação.

“Meu rei, me perdoe. Eu não pretendo desrespeitá-lo. Mas estou preocupado com a sua segurança. Por favor. Não beba. Eu sonhei que Vossa Majestade era envenenado! Por favor. Eu me importo muito com Vossa Majestade. Essa é a única razão para que eu diga tudo isso.”

Lentamente, a carranca de MacGil dissipou-se. Ele olhou profundamente nos olhos de Thor e respirou fundo.

“Sim, eu posso ver que você se importa. Mesmo que você seja um garoto tolo. Eu perdoo o seu desrespeito. Vá em frente agora. E não me deixe ver seu rosto novamente até a manhã.”

Ele gesticulou para os guardas e dessa vez eles puxaram Thor mais fortemente. A mesa retomou lentamente sua alegria quando todos eles voltaram a beber.

Thor ardia de indignação enquanto era arrastado por vários metros. Ele temia pelo que tinha feito ali naquela noite e tinha a sensação de que no dia seguinte iria pagar um alto preço por isso. Talvez até mesmo fosse convidado a deixar aquele lugar para sempre.

Quando os guardas lhe deram um último empurrão, Thor viu-se na mesa da Legião, talvez a seis metros de distância do Rei. Ele sentiu uma mão em seu ombro e virou-se para ver Reece pé ali.

“Procurei por você o dia todo. O que aconteceu com você?” Reece perguntou. “Até parece que viu um fantasma!”

Thor estava muito perturbado para responder.

“Venha sentar-se comigo — guardei um lugar para você.” Reece disse.

Reece puxou Thor para o lado dele, para uma mesa reservada para a família do Rei. Godfrey tinha uma bebida em cada mão e sentado ao lado dele estava Gareth, observando com olhos maliciosos. Thor esperava além da esperança que Gwendolyn pudesse estar lá também, mas ela não estava.

“O que foi tudo isso, Thor?” Reece espetou, quando ele se sentou ao lado dele. “Você olha para essa mesa, como se ela fosse morder você.”

Thor abanou a cabeça.

“Se eu lhe contasse, você não acreditaria em mim. Então é melhor eu ficar de boca fechada.”

“Diga-me. Você pode me dizer alguma coisa.” Reece instou com intensidade.

Thor viu o olhar sério de Reece e percebeu que, finalmente, alguém o estava levando a sério. Ele respirou fundo e começou a falar. Ele não tinha nada a perder.

“No outro dia, na floresta, com a sua irmã, nós vimos a cobra das costas brancas. Ela disse que era um presságio de morte e eu acredito que é. Eu fui até Argon e ele confirmou que haveria uma morte iminente. Logo depois, eu sonhei que o seu pai seria envenenado. Aqui. Hoje à noite. Nesta sala. Eu sinto isso em meus ossos. Ele vai ser envenenado. Alguém está tentando assassiná-lo.” Thor disse.

Ele disse tudo isso de uma só vez e se sentiu bem ao desabafar. Era bom ter alguém que realmente sabia escutar.

Reece estava tranquilo quando ele o olhou nos olhos por um longo tempo. Finalmente, ele falou.

“Você parece genuíno. Não tenho dúvidas. E agradeço seu carinho por meu pai. Eu acredito em você. Realmente. Mas os sonhos são coisas

complicadas. Nem sempre são o que pensamos.”

“Eu disse ao Rei.” Thor disse. “E todos riram de mim. Claro, ele vai beber hoje à noite.”

“Thor, eu acredito que você sonhou isso. E eu acredito que você sente isso. Mas eu tive sonhos terríveis também, toda a minha vida. Na outra noite eu sonhei que era empurrado para fora do castelo e acordei com a sensação tudo era muito real. Mas não era assim. Você me entende? Os sonhos são coisas estranhas. E Argon fala por enigmas. Você não deve levar isso tão a sério. Meu pai está bem. Eu estou bem. Nós estamos todos bem. Tente sentar tranquilo, beber e relaxar. E desfrutar.”

Com isso, Reece se recostou em sua cadeira, coberta de peles e bebeu. Ele fez um gesto para um servo, que colocou uma enorme porção de carne de veado diante de Thor, juntamente com um cálice de bebida.

Mas Thor ficou sentado, olhando sua comida. Ele sentia que toda a sua vida estava dissolvendo-se em torno dele. Ele não sabia o que fazer.

Ele ainda, não conseguia pensar em nada mais que em seu sonho. Era como estar em um pesadelo, sentado lá, vendo todo mundo beber e o banquete ao redor dele. Tudo que ele podia fazer era observar todas as bebidas, todas as taças que iam para o Rei. Observava atentamente cada servo, cada cálice de vinho. Cada vez que o rei bebia, Thor vacilava.

Thor estava obcecado. Ele não podia desviar o olhar. Ele observava e observava pelo que lhe pareceram horas. Finalmente, Thor avistou um servo em particular que se aproximou do rei com um cálice bem diferente dos outros. Era grande, feito de ouro fino, coberto com uma linha de rubis e safiras.

Era o cálice exato do sonho de Thor.

Thor, com o coração batendo acelerado no peito, assistia com horror como o servo se aproximava do rei. Quando ele estava a poucos metros de distância, Thor já não pode suportar. Todo o seu corpo gritava que aquele era o cálice envenenado.

Thor pulou da mesa dele, abriu caminho aos empurrões pela multidão de gente apinhada, acotovelando todo mundo com força durante seu trajeto.

Justo quando o rei tomou o cálice em suas mãos, Thor saltou sobre sua mesa, estendeu a mão e derrubou o cálice das mãos do rei.

Um suspiro horrorizado apoderou-se da sala quando o cálice voou pelo ar e caiu sobre o chão de pedra com um forte tilintar.

A sala inteira ficou envolta em um silêncio mortal. Cada músico, cada malabarista, parou. Centenas de homens e mulheres só se viraram e olharam.

O rei lentamente levantou-se e olhou furiosamente para Thor.

“Como se atreve!” Gritou o Rei. “Você menino insolente! Vou colocar você no tronco por isso!”

Thor ficou horrorizado. Ele sentiu o mundo inteiro desabar sobre ele. Ele só queria desaparecer.

De repente, um cão caminhou até a poça de vinho agora formada no chão e o lambeu. Antes que Thor pudesse responder, antes que todos na sala pudessem mover-se outra vez, todos os olhos foram para o cão, que começou a fazer ruídos horríveis, terríveis.

Um momento depois, o cão enrijeceu e caiu de lado, morto. Toda a sala olhou para o cão com um suspiro horrorizado.

“Você sabia que a bebida estava envenenada!” Gritou uma voz.

Thor se virou e viu o príncipe Gareth ali, aproximando-se do rei, apontando acusadoramente para Thor.

“Como você poderia realmente saber que estava envenenada? A menos que você fosse a pessoa que fez isso! Thor tentou envenenar o rei!” Gareth gritou forte.

A multidão inteira gritou de indignação.

“Levem-no para a masmorra.” O rei ordenou.

Um momento depois, Thor sentiu os guardas agarrando-o com força por trás, arrastando-o pelo corredor. Ele se contorcia e tentava protestar.

“Não!” Ele gritava. “Vocês não entendem!”

Mas ninguém lhe escutava. Ele foi arrastado através da multidão cada vez mais rápido e enquanto ele se afastava de todos. Toda a sua vida desapareceu dele. Atravessaram o corredor e saíram por uma porta lateral, a porta bateu ao fechar atrás deles.

Estava tranquilo ali. Um momento depois, Thor sentiu que descia. Ele estava sendo empurrado para baixo por várias mãos, por uma escada de pedra, do tipo caracol. Estava ficando cada vez mais escuro e logo ele pôde ouvir os gritos dos presos.

A porta de ferro de uma cela foi aberta e ele percebeu para onde ele estava sendo levado. O calabouço.

Ele se contorcia, tentando protestar, se libertar.

“Vocês não entendem!” Ele gritou.

Thor olhou para cima e viu um guarda avançar até ele, um homem grande e bruto, com a barba por fazer e os dentes amarelos.

Ele zombou de Thor.

“Oh, Eu entendo muito bem.” Ele disse com sua voz áspera.

Ele lançou o braço e a última coisa que Thor viu foi seu punho, descendo direto para a cara dele.

Em seguida, seu mundo era a escuridão.

AGORA DISPONÍVEL!

UMA MARCHA DE REIS
(Livro #2 O ANEL DO FEITICEIRO)



“O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e florescentes relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia.”

--*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

UMA MARCHA DE REIS nos leva um passo adiante na jornada épica de Thor à sua maturidade, quando ele começa a discernir mais sobre quem ele é, quais são seus poderes, quando ele embarca para se tornar um guerreiro.

Depois de escapar do calabouço, Thor fica horrorizado ao saber de outra tentativa de assassinato ao Rei MacGil. Quando MacGil morre, o reino entra em um caos total. Como todos competem pelo trono, na Corte do Rei abundam mais do que nunca: os dramas familiares, as lutas pelo poder, ambição, inveja, violência e traições. Um herdeiro deve ser escolhido de entre os filhos e a antiga Espada do Destino, a fonte de toda a sua energia, dará a chance de ser erguida por alguém novo. Mas tudo isso pode ser derrubado: a arma do crime é recuperada e o cerco se fecha em torno do assassino. Simultaneamente, os MacGils enfrentam uma nova ameaça por parte dos McClouds, que se preparam para atacar novamente no Anel.

Thor luta para reconquistar o amor de Gwendolyn, porém talvez não haja tempo: ele recebe a ordem de empacotar suas coisas, e preparar-se com seus

camaradas para O Centenar: cem dias esgotantes do inferno ao qual devem sobreviver todos os membros da Legião. A Legião terá de atravessar o desfiladeiro mais além da proteção do Anel, entrar na selva, navegar pelo Mar Tartúvio, até a Ilha da Névoa — da qual dizem que é patrulhada por um dragão — para sua iniciação à maturidade.

Poderão eles regressar? O Anel sobreviverá durante sua ausência? E Thor finalmente aprenderá o segredo de seu destino?

Com sua ambientação em um mundo sofisticado e sua caracterização de época, UMA MARCHA DE REIS é um conto épico sobre amigos e amantes, rivais e pretendentes, sobre cavaleiros e dragões, intrigas e maquinações políticas, sobre atingir a maioria, corações partidos, mentira, ambição, e traição. É uma história de honra e coragem, de destinos, de feitiçaria. É uma fantasia que nos leva a um mundo que nunca esqueceremos e que vai interessar a todas as idades e gêneros.

UMA MARCHA DE REIS

(Livro #2 O ANEL DO FEITICEIRO)



[Baixe agora os livros de Morgan Rice na Amazon !](#)

THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals





[Ouça](#) o audiobook O ANEL DO FEITICEIRO!

Agora disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTunes](#)

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
- UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
- ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro #1)
- AMADA (Livro #2)
- TRAÍDA (Livro #3)
- DESTINADA (Livro #4)
- DESEJADA (Livro #5)
- PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)
- JURADA (Livro #7)
- ENCONTRADA (Livro #8)
- RESSUSCITADA (Livro #9)
- SUPLICADA (Livro #10)
- DESTINADA (Livro #11)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série de Best-seller #1 - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); a série número um de vendas, O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, checo e eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Amazon!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar www.morganricebooks.com faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter, permaneça em contato!